

Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME I

ANTÔNIO O GRANDE A MARCOS O ASCETA

Tradução do grego

Jacques TOURAILLE

Abbaye de BELLEFONTAINE

Sob supervisão do

Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução

Luis KEHL



MMIX

*A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.*

***AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.***

INTRODUÇÃO À ESPIRITUALIDADE FILOCÁLICA

por Olivier CLEMENT

I PARA SITUAR A FILOCALIA

Esta introdução não tem outro objetivo, aliás modesto, senão o de estabelecer um vocabulário e de permitir sentir a atualidade de um pensamento. Para entender a música secreta da *Filocalia*, é preciso nos reportar ao belo posfácio de Jacques Touraille, que não apenas foi o grande artesão da sua tradução, como também, sob muitos aspectos, um “homem filocalico”.

A palavra *filocalia* significa “amor à beleza”, esta beleza divino-humana da qual diz Denis Areopagita “suscitar toda comunhão”. Porém, na época em que a obra foi composta, este termo indicava mais prosaicamente uma antologia ou florilégio. De fato, trata-se de uma vasta coletânea, não de extratos, mas de tratados integralmente transcritos e que constituem a “escola mística da prece interior¹”. Tratava-se de sugerir a ação e a contemplação com o objetivo de “descobrir “o reino de Deus em si mesmo, o tesouro escondido no campo do coração²”, alusão à parábola evangélica que descreve um homem que, tendo encontrado um tesouro no campo, vende tudo o que possui para adquiri-lo.

A *Filocalia* foi publicada – em grego – em Veneza em 1782, pois livros cristãos não podiam ser impressos no Império Otomano. Sua redação está

¹ Prefácio de Nicodemo o Hagiorita.

² Ibidem.

ligada a uma clara renovação espiritual que se produzia então no mundo helênico e na Moldávia, e está fundamentada numa retomada de consciência da teologia, da espiritualidade e da vida sacramental ortodoxas. Macário de Corinto, que selecionou os textos, e Nicodemos o Hagiorita³, que os introduziu, haviam publicado uma obra recomendando a comunhão freqüente (ela se tornara rara tanto no Oriente como no Ocidente) e Nicodemos editava as principais obras dos grandes teólogos de Bizâncio.

O que mais uma vez vem à luz com a *Filocalia*, é a tradição hesiquiasta⁴, que está no coração da espiritualidade monástica original, jamais interrompida no Oriente. Ao que parece, Macário descobriu na biblioteca do mosteiro de Vatopédi, “uma antologia sobre a união do espírito com Deus, recolhida dos escritos dos antigos Padres graças aos cuidados de monges piedosos de antanho; ele encontrou também outros livros sobre a oração de que ele nunca ouvira falar⁵”, sem dúvida porque a língua na qual foram escritos havia envelhecido até se tornar irreconhecível.

Pouco conhecida no mundo grego, aonde só seria reeditada em 1893 e depois em 1957, a *Filocalia* espalhou-se principalmente na Rússia. O estaroste Païssi Velitchkovsky, instalado na Moldávia, traduziu-a para o eslavo e a fez imprimir na Rússia já em 1793. Uma nova edição surgiu em 1822. A *Filocalia* traduzida para o russo por Teófano o Recluso, e publicada em 1877, foi reimpressa quatro vezes até as vésperas da guerra. Ela penetrou tanto os meios intelectuais como o povo. A “filosofia religiosa” russa foi, por um lado, uma tentativa de conceituar a experiência filocalica. No século XX, na Romênia, aonde a tradição hesiquiasta é muito antiga, o Padre Dumitru Staniloae publicou uma *Filocalia* ainda mais extensa, com quatro volumes entre 1946 e 1948 e mais seis de 1976 a 1981.

Os textos da *Filocalia* estão dispostos em ordem cronológica: textos monásticos originais, com predominância do pensamento de Evagrio o

Pôntico, síntese conclusiva da grande época patrística quando Máximo o Confessor deu o tom, movimento carismático do ano mil a meados do século XII em que um autor pouco conhecido, Pedro Damasceno, está longamente representado (ele sabe unir indicações concretas e profundidade espiritual), síntese do século XIV – um quarto da obra – dominada pela teologia experimental de São Gregório Palamas; enfim, para encerrar, sete tratados breves mais recentes, escritos em linguagem popular.

A obra, como sublinha Nicodemos em seu prefácio, é destinada “aos monges e leigos juntos”. Todos são chamados a “se unificar” interiormente unindo-se a Deus e através disto, em Cristo, com todos os homens, segundo a oração sacerdotal citada por Nicodemos: “que todos sejam um, como nós somos um⁶.”

Os mestres da *Filocalia*, inquietos com a influência crescente da *Aufklärung* sobre os gregos cultos, quiseram opor à Enciclopédia francesa das “luzes” uma espécie de enciclopédia da Luz incriada. Porém, como Païssi que levou a obra do mundo grego para os mundos eslavo e romeno, eles trabalharam eficazmente com os métodos da erudição ocidental. Do mesmo modo, em nossa época, o Padre Staniloae contemplou proveitosamente as aquisições científicas do Ocidente, mas ainda tentou criar correspondências, em numerosas notas, com as interrogações e descobertas desta, citando tanto Heidegger como Maurice Blondel.

Ora, e o fato é significativo, é na Europa ocidental da segunda metade do século XX que a *Filocalia* parece ser mais conhecida e esperada. Surgiram extratos nos anos 50, e no final dos anos 80 e começo dos anos 90, traduções integrais na Inglaterra, Itália e França. Afinal de contas, entre os descendentes deste *Aufklärung* que assustou Macário e Nicodemos, a busca de liberdade exige agora uma libertação da morte, e é a mesma inteligência que mergulha mais e mais na interioridade depois de ter explorado o mundo exterior.

A *Filocalia* não é uma obra confessional. Ao apresentar os textos de Gregório Palamas, às vezes furiosamente anti-latinos, Macário e Nicodemos deixaram de lado as passagens polêmicas⁷. Com a *Filocalia* e a tradição hesiquiasta –

³ Hagiorita significa “da Montanha Santa”, ou seja, do Monte Athos.

⁴ Do grego *hēsychia*: paz, silêncio da união com Deus.

⁵ A. E. Tachiaos, *Païssi Velitchkovsky et son école ascétique et philologique*, Tessalônica, 1964. O próprio Païssi, quando de sua estada em Athos, anterior à de Macário, disse ter conhecido estas coleções e que começou a traduzi-las para o eslavo. Tratava-se, segundo Tachiaos, dos *Cod. Vatop.* 650 (séc. XIII) e *Cod. Vatop.* 262 (séc. XV).

⁶ João XVII, 22.

⁷ Nicodemo também adaptou para o grego diversas obras católicas.

como é próxima a *hésychia* da *pax* beneditina! – a Igreja ortodoxa traz o testemunho da Igreja indivisa em que estão enraizadas todas as confissões cristãs. A *Filocalia*, de fato, é fundamentalmente cristã e eclesial, revelando todo o alcance da iniciação batismal. Mas ela assume métodos imemoriais, que encontramos da Índia à China: numa perspectiva, é bem verdade, não de fusão, mas de comunhão, em que o indivíduo ocidental, longe de se perder, se realiza ao se tornar uma existência plenamente pessoal. Como sublinharam em nosso século um estaroste Silouane, do monte Athos, um Dumitru Staniloae, um “Monge da Igreja do Oriente”⁸ – cuja obra breve e profunda intitulada *La prière de Jésus* recomendamos –, a eclesialidade da *Filocalia* engloba toda a humanidade e todo o universo⁹.

II

O HOMEM, IMAGEM DE DEUS

O homem, diz a Escritura, é feito à imagem de Deus. É claro que ele é modelado pela matéria do mundo e multiplamente condicionado por sua existência cósmica e social. Mas, em última instância, ele escapa a toda definição, pois tem sua raiz num “alhures”, ele é livre, de uma liberdade que pode ser negada pelo ódio ou realizada no respeito e na comunhão. O Deus do qual ele é imagem não é um déspota longínquo, que então seria responsável por todos os males que nos assolam. Ele é um oceano de luz, “mar de limpidez” como dizem alguns, um abismo sem fundo que só pode ser evocado negativamente. Mas este abismo não é impessoal: ele tem em seu bojo como que uma pulsação de amor, um Outro no Um, uma Palavra que nasce do Silêncio e é transportada por um Sopro imenso. Deus se “extasia” neste Sopro e é a beleza de sua criação; este Outro-em-Um vem a nós para

⁸ Recomendamos a curta mas profunda obra *La Prière de Jésus* (Chevetogne, Livre de vie no. 122).

⁹ Nesta introdução tentamos expressar numa linguagem moderna, para homens e mulheres cuja vida espiritual não pode ser exclusivamente monástica, as intenções essenciais da *Filocalia*. Não hesitamos em pesquisar em toda a tradição patrística e hesiquiasta, inclusive nos textos que Macário e Nicodemos não incluíram em sua coletânea porque haviam sido editados (são Isaac o Sírio, em sua versão grega de 1770), ou porque viriam a ser editados por eles mesmos.

nos arrancar do nada perverso que perfura de caos e horror a criação boníssima. Em todas as religiões, como em todos os ateísmos, trabalha o Espírito¹⁰, manifesta-se o Verbo, desenhando sua encarnação no esplendor das coisas e nas revelações da história, no cosmos e nas leis que constituem seus textos fundadores.

O cosmos e a história encontram seu pleno sentido em Jesus de Nazaré, um homem, decerto, um rosto, um amigo, mas também o Verbo feito carne, uma existência no Espírito, portanto em comunhão sem limites. Aquele que, mergulhando por livre amor na morte e no inferno de que somos cúmplices, libertou a humanidade e o universo para transformá-los em oferta de eternidade. Ele realiza secretamente, sacramentalmente, e nos oferece – pois a imagem significa vocação – toda a condição real (no sentido da majestade) do homem, criador criado; ele realiza secretamente, sacramentalmente, e torna possíveis para nós as sínteses de que fala São Máximo o Confessor: do masculino e do feminino, da terra tornada opaca e de uma transparência a um tempo final e original, do carnal e do espiritual que devem simbolizar-se mutuamente, do criado e do incriado que ele une sem separação nem confusão. A salvação significa o transbordamento de uma vida luminosa, de uma vida pura enfim liberada da morte (pois a própria morte biológica se inverte e torna-se uma “páscoa”, no sentido próprio da “passagem”). A cruz, nova Árvore da Vida, eixo do mundo, significa que Deus conhece humanamente toda a tragédia de nossa condição – Deus, por um instante ateu: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?” – e que subitamente a descortina sobre a ressurreição. “Era preciso que Deus se encarnasse e morresse para que nós pudéssemos reviver”, escreve Gregório de Nazianze¹¹. Daí para frente, o homem é chamado a unir sua liberdade às energias do Espírito para fazer chegar a ressurreição a todas as coisas.

A Cruz, diz Máximo o Confessor, julga e condena todos os julgamentos. A contemplação de Deus sofredor, do Deus crucificado sobre todo o mal do mundo, quebra o coração mais revoltado, abre-o para a graça que não é outra coisa que a própria vida do “Senhor-Amor”, como o chamava o “Monge da Igreja do Oriente”. O Cristo médico vem não para os saudáveis, mas para os enfermos, ele se senta à mesa dos pecadores. O dono da casa chama para o

¹⁰ Tanto o hebraico *ruah* como o grego *pneuma* significam “sopro”.

¹¹ Gregório de Nazianze, Discurso 45 sobre a Páscoa, 28, PG 36,661.

banquete do Reino “os estropiados, os cegos, os bêbados” e todos aqueles que andam “pelos caminhos e ao longo dos muros¹²”. Sem outra condição que de vestir seu coração com uma roupa de festa, a vestimenta da gratidão e da alegria.

No Corpo de Cristo em que entramos pela iniciação batismal, aonde encontramos – trata-se da eucaristia – “a vida em seu mais alto grau de intensidade¹³”, a existência na morte se transforma em existência no espírito, que o Credo define como aquele “que dá a vida”. “O Verbo, escrevia santo Atanásio de Alexandria, se fez portador da carne para que pudéssemos ser portadores do Espírito¹⁴. E este, na medida de nossa confiança, de nossa humildade, de nossa criatividade também, intensifica em nós, pouco a pouco, a imagem em uma semelhança que é participação nas energias divinas. “O coração se parte e se renova, ele se faz nos mistérios do Espírito (...), ele aprende, ele é cumulado de forças místicas até atingir as alturas do amor e até que a felicidade more nele.¹⁵”

Então o homem pode realizar sua condição de “fronteira” entre o invisível e o visível, entre o espiritual e o carnal, condição propriamente crística. Ele compreende que todos os homens, de todos os tempos, de todos os lugares, são “consustanciais”, compõem um só ser em Cristo, Adão último, Adão único, e que cada qual se torna incomparável, um rosto de ícone, na medida de sua inserção nesta imensa unidade. Participação da humanidade no “movimento imóvel do amor” do divino. Ele compreende também – e esta compreensão se torna dever, ação – que é chamado a tomar sobre si todo o universo, a revelar nele o dom e a linguagem de Deus.

O homem unificador unifica-se: “Não é apenas a alma, nem apenas o corpo, que define a pessoa; eles estão integrados nela.¹⁶” O homem unificador se realiza superando-se: ele se deifica pouco a pouco, vale dizer, ele se torna capaz de amar.

¹² Lucas XIV, 21-23.

¹³ Nicolas Cabasilas, *La vie en Christ*, ed. Chevetogne, 1960, pg. 187-188.

¹⁴ *De l'Incarnation* 8, PG 29,996C.

¹⁵ Isaac o Sírio, *Carta* 4.

¹⁶ João Damasceno, *A fé ortodoxa*, PG 94, 616.

III

A GUARDA DOS MANDAMENTOS E A GRAÇA BATISMAL

Gratuidade da salvação: é neste contexto que devemos entender a afirmação, frequente nesses textos, de que Cristo se entrega a nós primeiro por intermédio dos seus “mandamentos”. Estes estão contidos fundamentalmente no Sermão da Montanha e, sobretudo, nas Bem-aventuranças, das quais vêm em primeiro lugar, como o veremos, as lágrimas e a pureza do coração. A pessoa de Cristo é a síntese dos “mandamentos”. Tentar observá-los equivale a estreitar com ele uma relação de pessoa a pessoa, de sorte que sua vida ressuscitada cresce aos poucos em nós e que, depois de termos sido seus servidores, nos tornaremos seus amigos. Pois “a essência de todas as virtudes é nosso Senhor Jesus Cristo¹⁷”.

Orígenes e Máximo o Confessor sustentam que a “guarda dos mandamentos” designa na realidade um misterioso percurso de Cristo em nós, de seu nascimento até a paixão, de sua transfiguração até sua ressurreição. Nem um só instante ele nos abandona, e mesmo nossas agonias, assumidas pela sua, se tornam caminhos de ressurreição. Segundo Máximo o Confessor, Cristo “sofre misteriosamente conosco por todo o tempo até o fim do mundo por causa de sua doçura e de um modo análogo ao sofrimento que se encontra em cada um de nós.¹⁸” Ele é a um tempo nosso “lugar” e nosso companheiro, combatendo conosco contra o mal, participando com seu Sopro vivificante em nossas aspirações criadoras, “preferindo cada um”, como dizia o patriarca Athenágoras¹⁹.

A vinda de Cristo em nós se faz mais especificamente pela iniciação cristã, do batismo à crisma e daí à eucaristia. A *Filocalia* insiste antes de tudo sobre a graça batismal, que é preciso reencontrar e libertar das profundezas do nosso ser. Assim poderemos descobrir “a graça perfeita do santíssimo Espírito, que o Senhor, pelo batismo, espalhou em nossos corações como uma semente

¹⁷ Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91,1081

¹⁸ PG 91, 713.

¹⁹ Cf. Olivier Clement, *Dialogue avec le Patriarche Athénagoras*, Paris 1976, pg. 149.

divina²⁰”. “Raiz de nossa ressurreição, o batismo nos faz morrer para nossa própria morte e ressuscitar com Cristo”. Ele inaugura um processo por meio do qual esta morte-ressurreição torna-se a própria “cifra” de nossa existência, transformando nossas mortes parciais, tanto as do destino como as da ascese, em indispensáveis rupturas de nível. A *Filocalia* fala bastante menos da eucaristia, mas gosta de citar uma palavra atribuída a São João Crisóstomo: “O coração absorve o Senhor e o Senhor absorve o coração.”

Se a via hesiquíasta recusa energeticamente toda imaginação, tida como ilusória, o homem em oração acha-se muitas vezes diante de um ícone e chega a acontecer que ele sinta brotar dali a chama que abrasa seu coração. A “guarda dos mandamentos” não é assim a tensão moralista que não pode levar senão ao aprofundamento da ferida que se quer curar (a derrota, por exemplo, torna-se glotoneria, depois esta se torna vampirização das almas...), mas ela define uma relação: a meditação das Bem-aventuranças e o ícone atingem nosso centro mais central, o coração, a partir do qual a vida de Cristo invade todo nosso ser e, se soubermos descartar as peles mortas, o transforma “desde dentro”. É assim que, no século VI, no deserto de Gaza, o “grande ancião” Barsanúfio estabelece um “contrato” com seu discípulo Doroteu que era atormentado pelo pecado da carne: que Doroteu não mais se preocupasse com isto, pois era uma falta que Barsanúfio tomava para si, mas que ele reforçasse sua relação com Cristo pelo exercício da humildade, da caridade, da prece confiante, do humilde serviço ao próximo. Assim foi feito, e o coração do discípulo se transformou, e com ele, pouco a pouco, toda sua vida. É por isso que a *Filocalia* não se detém jamais nas observâncias, nas práticas, na “obra exterior”, mas insiste, antes de mais nada, no despertar do “homem interior”, na tomada de consciência do “reino de Deus em vocês, o tesouro escondido no campo do coração²¹”.

IV AS PAIXÕES

²⁰ Prefácio de Nicodemo o Hagiorita.

²¹ Prefácio de Nicodemo o Hagiorita.

A primeira etapa da vida espiritual é a “prática” (*práxis*) que visa liberar o homem das paixões para torná-lo capaz de amar.

Para a *Filocalia*, a **paixão fundamental é a morte**. Imagem de Deus, o homem deseja a eternidade, mas paradoxalmente sofre a morte. “A angústia oculta da morte”, sua recusa (e seu fascínio), constitui a primeira paixão que todas as demais não fazem senão valorar. O homem busca o esquecimento, ou a divinização ilusória, na dominação, na fusão, no ódio. Ele tem necessidade de escravos (ou de sê-lo) e de inimigos (até odiar a si mesmo). São Paulo distingue “a tristeza pela morte” da “tristeza por Deus”. Pelo esquecimento ou pela ignorância desta, o homem, mordido pela “tristeza pela morte”, refugia-se nas paixões. Existe uma grandeza das paixões, que Péguy celebrava quando dizia que somente os pecadores mais trágicos poderiam “banhar-se na graça”. A paixão é marcada com o selo do infinito, ela exprime o desejo de infinito de nossa alma. Simon Frank notava que “em Dostoiévski, o mal tem sempre uma origem espiritual... A revolta, o orgulho, a zombaria, a crueldade, o ódio, a sensualidade (...) provêm para ele da tendência que a alma tem de vingar sua santidade profunda ultrajada e humilhada, a afirmar os direitos desta, nem que de uma maneira tola e perversa²²”.

Seja como for, entretanto, o objeto da paixão não pode corresponder a este desejo, a esta santidade secreta. Com efeito, ele próprio permanece contingente: absolutizá-lo, equivale a ignorar sua humilde verdade e finalmente destruí-lo. “Eu amei de mais, por isso matei”, diz o amante assassino.

Ávido de infinito, ignorante do infinito, o homem se ama e se odeia infinitamente, ele se pretende soberano e se descobre escravo. Ele procura o absoluto e encontra o nada. A paixão parece exaltá-lo, ela se estende como uma doença enganadora e, quando ela se vai, não resta mais do que amargura. É um estranho “inflar” e “desinflar” do nada, dizem os ascetas. Sede jamais estancada, ela atira o homem nos ciclos do paroxismo e da depressão, do prazer e da dor, da tensão e do desânimo. Ela perverte o intelecto e os sentidos que só querem conhecer aquilo que lhe corresponde. É uma droga e o intelecto diante dela oscila entre a revolta (cada vez menos) e a justificativa

²² *La crise de l'humanisme du point de vue de Dostoiévski*, Hochland 28, ano X, pg.

irracional e encarnçada (cada vez mais).

A inteligência então se dispersa, as relações entre os homens se desintegram. O espírito dissocia-se do “coração”, e o coração profundo envolve-se em trevas e lodo, um lodo que endurece de sorte que o coração se torna de pedra. O esquecimento, um esquecimento metafísico reina, como sublinhou Marcos o Asceta²³: o homem se torna insensível, ele já não sabe amar nem admirar, por toda parte ele não vê senão cio e violência; a humanidade, diz são Máximo, “divide-se em incontáveis fragmentos e nós, que entretanto constituímos uma única natureza, devoramos uns aos outros como serpentes furiosas²⁴”. “Quem não desejou a morte de seu pai?”, pergunta Dostoievski em *Os irmãos Karamazov*. A paixão desemboca assim na pergunta desesperada: “Onde está o bem?”, ao constante desânimo e desgosto: “Tudo me é igual”. No limite surge a acídia, a morna desesperança que se apodera do homem espiritual, talvez porque este tenha se orgulhado de sua ascese, talvez porque ele *quis ver* (a luz do Tabor, por exemplo, esquecendo-se que ela irradia de um rosto).

A *Filocalia* enumera, numa lista clássica desde as origens do monaquismo, sete ou oito paixões: a gula, a cupidez, a avareza, a cólera (que engloba a raiva e a inveja), a tristeza (pela morte), a preguiça (como pesandez espiritual), a vanglória e o orgulho.

Dentre essas paixões, duas parecem ser as “mães” fecundas das demais: a cupidez, que permanece mais dentro dos limites do corpo, e o orgulho, no espírito. Assim estabelecem-se dois circuitos, que finalmente se identificam. A gula aparenta-se à cupidez, que é uma gula dos corpos, e ambas desembocam na avareza: no primeiro grau para saciar-se mais profundamente substituindo o ser pelo haver; assim vem a tristeza (pois o ter é sempre ilusório), a inveja (o “desejo mimético” analisado por René Girard), a cólera, a violência contra o outro, por exemplo contra aquele que adquiriu primeiro um bem que se quer ter.

O orgulho, esta centralidade fechada e possessiva, suscita a vanglória, um desfile de riquezas e de seduçções, provoca a cólera e o despeito quando não se

²³ Carta a Nicolas.

²⁴ Questões a Thalassius, PG 90,256.

obtem a admiração incondicional dos outros, etc.

Na realidade, a cupidez e o orgulho exprimem o mesmo cativo fundamental, o enrolamento do mundo ao redor do ego, esta filúcia de que fala Máximo o Confessor para dizer que o homem tende a se tornar seu próprio ídolo²⁵.

Muitos autores da Filocalia analisaram com sutileza o nascimento, o desenvolvimento e o enraizamento de uma paixão²⁶. O “ataque” ou “sugestão” designa a aparição na consciência de uma obsessão em estado germinativo. A “cumplicidade” mostra o intelecto que brinca, depois se enreda e a seguir começa a justificar a paixão nascente. Na fase de “adesão”, chega a vez de a vontade consentir. Assim vêm a “realização” e o “hábito”, gosto e desgosto, fausto e tristeza.

Mas a admiração dos “padres népticos” pela grandeza e bondade do homem é tal que eles costumam ver na paixão, claro que com nossa livre e plena cumplicidade, uma espécie de possessão. “Satanás caiu e foi destruído, [mas] nossa inteligência não o faz menos forte e ele se orgulha de nós²⁷.” Nas *Homílias macarianas*, quando se comenta o relato simbólico da queda no Gênesis, “a serpente enganadora fez sua morada no homem, e é como se este tivesse recebido uma outra alma ao lado da sua própria alma... No homem existe um assassino, ou seja, uma força inimiga, que é invisível e se opõe a ele²⁸.” Realidade ou alucinação, pergunta-se Ivan Karamazov, gaiola de espelhos aonde o homem se multiplica e se desagrega – pois o demônio expulso do possesso geraseno confessa que ele é “legião²⁹” –, perversidade do mal que não é apenas uma tendência da criação na direção do nada de onde ela foi extraída, mas que corresponde a um igual número de perspectivas do homem secretamente aguilhoado pela morte, tomado pela “força inteligente do adversário que age secretamente no seu interior³⁰”. Dialética do interior e do exterior, que seria presunção desembaraçar, pois “somente aqueles que

²⁵ Centúrias sobre o amor III, 4.

²⁶ P. ex., Hesíquio de Bathos, *Capítulos sobre a sobriedade e a vigilância*, 44-46.

²⁷ Gregório o Sinaíta, 137 sentenças diversas, 70.

²⁸ Homílias espirituais de são Macário XV, 48-49.

²⁹ Marcos V, 9; Lucas VIII, 30.

³⁰ Homílias espirituais de são Macário XV, 48-49.

obtiveram a paz de Cristo e sua luz sabem de onde ela provém³¹”.

Antecipemos: a impassibilidade (*apatheia*) à qual se chega pela ascese não é insensibilidade, mas liberdade interior, capacidade de conhecer e de amar com toda nossa força de paixão transfigurada pelo “amor louco” de Deus pelo homem. “A impassibilidade é o objetivo da práxis... ela precede e permite o amor, e o amor permite o conhecimento³².”

V

FÉ, TEMOR A DEUS, LEMBRANÇA DA MORTE

Para a Filocalia, e é o que lhe dá seu caráter propriamente cristão, a fé constitui o primeiro e o último passo da vida espiritual. Toda plenitude “está concentrada no interior da fé”, diz Máximo o Confessor³³. Somente a fé, não como “crença”, mas como relação, como confiança fundamental em Alguém, pode nos abrir o caminho para a vida ressuscitada que transformará em “virtudes” a energia usurpada pelas paixões.

A fé é um encontro, ela aprofunda-se em uma “sinergia”, uma colaboração entre o Espírito de Deus e a liberdade do homem; através das “virtudes” que são outras tantas modalidades da “vida em Cristo”, ela permite a paz, o silêncio interior, o amor verdadeiro.

Em suas *Centúrias*, Inácio e Calisto Xanthopouloi mostram que a fé está ligada à invocação fervente de Jesus; aquele a quem amamos, em quem depositamos nossa confiança, a este não cessamos de chamar, pois ele disse: “Sem mim vocês nada podem fazer³⁴”. Eles acrescentam que “a fé celebra entre Deus e os santos a liturgia dos mistérios inefáveis” aos quais antecipa-se a última³⁵.

Agora o intelecto e o coração (cuja ligação fundamental aparece cada vez

³¹ *Ibidem*

³² Evagro o Pôntico, *Tratado prático*, 53.

³³ *Questões a Thalassius*, 55.

³⁴ João XV, 5. Inácio e Calisto Xanthopouli, *Centúria espiritual* 8.

³⁵ *Ibidem*, 16B

mais) se invertem na metanóia, um termo que, mais do que arrependimento, designa uma reviravolta de toda nossa compreensão do real. Verdadeira revolução copernicana que substitui o mundo do narcisismo pelo da alteridade, o mundo do homem destinado à morte pelo Deus-homem e nele do homem-em-comunhão destinado à ressurreição.

A passagem não é alegria, mas crise, e muitas vezes crise terrível, como o amor. A fé nos faz entrar na luz de uma presença, uma luz infinitamente doce, mas também infinitamente lúcida (em todos os sentidos do termo), na qual nossa consciência julga a si mesma, como às vezes ela o faz num olhar de criança. O homem sai então de seu sonambulismo e de suas ilusões para conhecer, estreitamente imbricados, o “temor a Deus” e a “lembrança da morte”.

O “temor a Deus”, uma expressão que é quase impossível empregar hoje em dia, não implica assim uma concepção terrorista do divino, nem uma obsessão malsã da culpabilidade individual. “Deus é amor”, e ele nos chama a tomar consciência tanto da condição humana real como de nossa responsabilidade para com esta condição.

O “temor a Deus” nos faz tomar consciência, numa grande convulsão, da morte espiritual que nos soterra e da angústia não apenas psicológica: existem médicos para esta, não tão metafísica que se enrodilha no mais profundo de nós. Sentimos que “este mundo” de “ vaidade”, como diz são Paulo³⁶, ou seja, de vazio, de nada, vai nos absorver. E nós sufocamos neste vazio. Mas a angústia, quando se abre sobre o nada, abismo e platitude é insuportável, e nós nos desembaraçamos dela, como sugerimos, avaliando-a em termos de necessidades e medos, medos, a cada vez, como diz Heidegger em *O ser e o tempo*, “de alguma coisa do mundo”, este mundo no qual fomos jogados como naufragos perdidos. “É notável como, quando passa a angústia, dizemos de bom grado: não era nada – e é justamente este nada que nos angustiava.”

“Temor a Deus” e “lembrança da morte” desnudam por sob tantas preocupações, acusações, justificativas, até mesmo sob tanta agitação piedosa, esta angústia fundamental. Esta recusa em nos identificarmos com o jogo mortal deste mundo, com suas drogas, suas importâncias, com a

³⁶ Romanos VIII, 20.

impessoalidade da espécie que faz nascer apenas para matar, desperta nossa responsabilidade: por nossa cegueira, faltamos ao outro, e em nosso destino pessoal, faltamos a Deus! A angústia designa a ausência de Deus, ou antes, *minha* ausência em relação a Deus, e eis, por instantes, na vida mais cotidiana, o que se pode bem chamar de inferno.

Hoje em dia o teatro do absurdo, os aforismas da insignificância, aliás muito inspirados por romenos marcados pela literatura ascética da Ortodoxia, como Ionesco e Cioran, orquestram na cultura mais profana uma gigantesca “lembrança da morte”. Entretanto, esta, na perspectiva da ascese, no grito *de profundis* da fé, não participa desta vertigem. Ela descobre que Alguém, que desceu vitoriosamente ao inferno e continua sempre a descer, interpõe-se definitivamente entre o nada e nós.

Então a “lembrança da morte” se torna “lembrança de Deus”. Não de qualquer imagem de Deus, mas do Deus humilhado, crucificado, ressuscitado e que nos ressuscita. A angústia, com todo seu peso, se torna confiança. E docemente, sem franzir o cenho, os olhos ficam marejados. É o *penthos*, o coração de pedra que se parte, o luto dos monges orientais em seus trajes negros sobre quê, nos mais avançados, estão representados os instrumentos da Paixão. É a nostalgia do Adão que somos todos nós quando nos descobrimos exilados do paraíso. Tão próximo este paraíso, num olhar, num sorriso, num jardim onde, à noite, canta o rouxinol, e, no entanto, sempre perdido diante do triunfo inelutável do horror. No jardim está o túmulo de Narciso, e fechamos os olhos que nos iluminavam.

Então repetimos o *Kyrie eleison* e, com “lágrimas ascéticas”, entramos no mistério da Agonia no Jardim das Oliveiras, na “fonte de lágrimas” aberta pela lança no flanco oferecido do Bem-amado.

Mas Maria de Magdala descobre, junto ao túmulo, o jardineiro. O paraíso se reabre, as lágrimas de amargura e de cumplicidade se transformam em lágrimas de alegria: “pneumáticas”, espirituais. As lágrimas se identificam à água do batismo, tornam ativa a graça batismal. Nelas se “liquefaz” o coração, dissolve-se a crosta que o encerrava. Lágrimas de morte e de ressurreição, água batismal, sem dúvida também as águas primordiais sobre as quais pairava o Espírito. “Aquele que se revestiu de lágrimas bem-aventuradas como um traje nupcial conhece o sorriso espiritual da alma”,

escreve São João Clímaco³⁷, aludindo à parábola do festim para o qual os bons e os maus foram convidados sem outra condição justamente que a de vestir-se com seus trajes de núpcias.

Léon Chestov, nas *Revelações da morte*, lembra a lenda russa segundo a qual Deus envia o anjo da morte para carregar a alma de um agonizante. Mas às vezes acontece que no último instante o anjo seja chamado e o homem sobreviva. Mas o anjo tem as asas cobertas de olhos. Ao se ir, ele substitui os olhos do homem por olhos que ele tem sobre as asas. Daqui em diante, o homem enxergará de outro modo, com a “lembrança da morte”, com a “lembrança de Deus”, com um desembaraço infinitamente aprazível e uma ternura em todo o seu ser. Nós vimos este olhar, na Rússia, entre os prisioneiros libertados dos campos, estes campos da morte que foram verdadeiros mosteiros em nosso século.

O “temor a Deus” agora é transfigurado pelo amor. Ele não é mais do que o espanto diante do “oceano de limpidez”, em cujo horizonte o céu e a água refletem um ao outro, como, em Cristo, o divino e o humano.

“O puro temor não cessará jamais... ele expressa a estupefação do homem diante da glória de Deus³⁸.”

VI AS VIRTUDES, FORÇAS DIVINO-HUMANAS

Quando deixamos a vida ressuscitada crescer em nós, ela instaura pouco a pouco a pessoa em sua verdadeira natureza que, segundo a *Filocalia*, é inseparável da graça. Em Cristo, as forças do humano são vivificadas pelas energias divinas, pelos Nomes divinos que elas refletem. Criado à imagem de Deus, o homem esconde, com efeito, forças que o levam a ele e se desdobram na irradiação de sua essência. As “virtudes” do homem – seria melhor, fora de qualquer moralismo, evocar suas forças, suas energias (de resto, este é o

³⁷ A escada santa VIII, 41.

³⁸ Máximo o Confessor, *op. cit.*, 10,289.

sentido etimológico da palavra virtude, pois *virtus*, em latim, designa a força viril) – são participações às energias divinas, ao modo de ser de Deus revelado por Cristo. O homem é chamado a manifestar a beleza, a bondade, a sabedoria, a forte mansidão que são como que raios disto que são João denomina “a luz da vida”. Estes Nomes divinos, que Denis o Areopagita comentou com incomparável poesia, são muitas vezes aplicados pela Escritura e pelos Padres ao Espírito Santo, “que dá a vida”: “Espírito de sabedoria”, “de força”, “de glória”, “de liberdade”; o homem “à imagem do Espírito”, dizem as *Homilias Macarianas*³⁹, é coroado por uma chama de Pentecostes. “A glória de Deus é ‘o homem vivo’, dizia santo Irineu de Lyon, precisando: É somente onde está o Espírito Santo que existe o homem vivo e verdadeiro⁴⁰”. Podemos ainda citar um dos grandes poetas de nosso século, Rainer-Maria Rilke, que dizia em seu leito de morte: “Não se esqueçam de que viver é glória”.

As “virtudes” aparecem assim numa relação antinômica com as “paixões”: elas libertam e transfiguram a energia que as “paixões” desviam, confiscam, bloqueiam. O ímpeto da natureza, usurpado nos descaminhos do nada, provoca as “paixões” que desagregam a pessoa. Tomado, reforçado, iluminado pelo dinamismo da ressurreição, ele suscita as “virtudes”: ele unifica e exalta a pessoa no “mistério de Cristo”. São Máximo o Confessor compara esta metamorfose a afiar uma espada: retirar a ferrugem equivale a permitir que a luz do aço brilhe⁴¹.

A cólera, perversão do ardor (o *thymos* que reside no peito, segundo a velha tripartição indo-européia retomada pelos Padres), torna-se, no cadinho da graça, domínio e mansidão, a mansidão dos fortes. O desejo das entranhas – a *epithymia* – pode da mesma forma se transformar em *eros* por Deus: “Que o amor carnal, diz João Clímaco, nos sirva de modelo para nosso desejo por Deus. Nada impede de tomar exemplos para as virtudes naquilo que lhes é contrário⁴²”. E o *nous*, a inteligência da cabeça, pode encontrar sua raiz no coração.

³⁹ *Homilias* 46, 5-6.
⁴⁰ *Adv. Haer.* V, 9, 163.
⁴¹ *Disp. Pyrrhus*, PG 91,312A.
⁴² *A escada santa* XXVI, 34.

Máximo o Confessor, nas suas *Centúrias sobre o amor*, nota que “no homem cujo intelecto (*nous*) se volta para Deus, mesmo a concupiscência (*epithymia*) dá forças ao amor ardente por Deus, mesmo a violência da cólera (*thymos*) se põe no mesmo movimento em direção ao amor divino. Pois, a longo prazo, a participação na luz divina (...) unindo toda a força de suas potências, a transforma em um amor ardente, insaciável⁴³”. Sem dúvida, apenas Denis o Areopagita soube dar a chave desta metamorfose que entranha nos espirituais um estranho respeito das “paixões”: “Aquele que deseja a pior das vidas, diz ele (...) por seu próprio desejo tem parte no Bem”.

Tudo é levado pela humildade e tudo, por intermédio da paciência, da esperança e da “impassibilidade” desemboca no amor, no amor desinteressado e criador.

Para se reencontrarem Deus e o homem saem cada qual de si mesmo: esta humilhação de Deus “até a morte, e morte na cruz⁴⁴”, a partir do momento em que o homem se conforma com isto pelo laço infinitamente confiante da humildade, permite a verdadeira comunicação da vida divina. “Aprendam comigo que sou manso e humilde de coração⁴⁵”, diz Jesus. A “escada” das virtudes, tantas vezes comentada e representada de uma maneira quase estóica, é na realidade um mergulho na humildade. Santificar-se significa tornar-se um pecador consciente, e com isto abrir-se para a graça. Os mais rudes, os mais severos consigo mesmos não se enganaram nisto e é justamente em sua *Escada santa* que João do Sinai anotou: “Não foi dito: eu jejei, eu velei, eu dormi sobre o chão duro, mas: eu me humilhei e logo o Senhor me salvou⁴⁶”. A humildade é esta despossessão de si, este abandono ativo que permite a Deus nos iluminar.

A humildade está ligada à “ruptura” em relação ao mundo, tipicamente monástica mas que todo cristão pode experimentar por meio de um discreto, quase imperceptível, distanciamento. Ela permite a paciência nas vicissitudes da vida, esta paciência da qual os espirituais dizem que vale, para os que permanecem no século, por todas as disciplinas monásticas de abstinência. A

⁴³ *Centúrias sobre o amor* II, 48.
⁴⁴ *Filipenses* II, 8.
⁴⁵ *Mateus* XI, 29.
⁴⁶ XXV, 14.

paciência nos configura à de Deus, figura maior de sua Paixão, pois este não tem ideia do mal⁴⁷ e o recebe em plena face como Cristo recebe as bofetadas com os olhos tapados. “A face de Deus verte sangue na sombra”, dizia Léon Bloy e Serge Boulgakov escreveu páginas maravilhosas sobre esta paciência-paixão do Pai⁴⁸.

Da humildade e da paciência nasce uma nova relação com o tempo que é designada pela virtude da esperança. Para Heidegger, a estrutura fundamental da temporalidade, sua “existencial”, é a angústia. Para o cristão, é a esperança. Como a angústia, a esperança mira o devir, mas este não é o nada, mas o Reino. O futuro suposto pela angústia dá medo, e é por isso que os homens multiplicam ridículamente seguros e garantias de segurança. O futuro suposto pela esperança triunfa sobre a usura do tempo, atravessa-o em direção à eternidade. É por isso que os mártires morrem num êxtase de ressurreição e os monges, que interiorizam o martírio, puderam criar o adágio: “Dê seu sangue e receba o Espírito”. Em seus pequenos tratados, Marcos o Asceta escreve que “A esperança alarga o coração, enquanto a angústia o encolhe...”⁴⁹ E também: “O coração em que habita Cristo desde o batismo não pode ser aberto (...) senão pela esperança que abarca tudo”⁵⁰.

Assim as “virtudes” - fé, temor a Deus, humildade, paciência e mansidão, esperança – culminam na “impassibilidade” (*apathéia*). Esta não tem nada de negativo, mas designa uma paz profunda (*hésychia*) que não se compraz absolutamente em si mesma, mas, penetrada pelo silêncio de Deus, se abre ao infinito sobre os seres e as coisas. A alma não ignora as “paixões”, ela as vê lucidamente nascer e fenecer, mas não se deixa perturbar por elas. A *apathéia* sintetiza todas as “virtudes”: “A coroa de um rei não é feita de uma única pedra preciosa, e a impassibilidade não atinge sua perfeição se negligenciarmos uma única virtude, seja lá qual for”⁵¹. É assim que podemos ver ascetas que praticam *quase* todas as virtudes abandonarem-se de repente a uma paixão desenfreada, com uma violência que pecadores humildes desconhecem, e tornarem-se, por exemplo, fanáticos atroz.

⁴⁷ Cf. J-M Garrigues, *Dieu sans l'idée du mal*. Limoges, 1984.

⁴⁸ Epílogo a seu tratado *Le Paraclet*, trad. fr. Paris, 1946, pg.343s.

⁴⁹ *Dos que pensam ser justificados...* 114.

⁵⁰ *Do batismo*.

⁵¹ João Clímaco, *A escada santa* XXIX, 12.

A impassibilidade une o homem e a obra ao amor divino pela criação, este “amor louco” de que falam Máximo o Confessor e Nicolas Cabasilas. O homem pode então amar com um amor que não mais sujeita – nem a ele nem ao outro – mas liberta. “A impassibilidade não exclui absolutamente o amor, mas o engendra”⁵². Aquele que sabe, com todo seu ser, que Cristo ressuscitou e que tudo, definitivamente, vive nele, este pode amar mesmo seu inimigos e “derrubar o muro de separação que nós mesmos construímos”⁵³. A “impassibilidade” afina os sentimentos, permite sentir os seres e as coisas como que do interior, torna as intuições, pensamentos e atos, infinitamente mais delicados e mais atentos. Simultaneamente, algo de real se define no homem: “Seja como um rei em seu coração, sobre o trono da humildade. Você ordenará ao riso que venha, e ele virá. Ordenará às lágrimas que venham, e elas virão. Ordenará ao corpo, não mais tirano, mas servidor: fala isto, e ele fará”⁵⁴.

VII

O SENTIDO DA ASCESE A A GUARDA DO CORAÇÃO

A Filocalia abre um caminho de liberdade. Ela não detalha as observâncias da ascese, mas extrai o sentido desta.

Ascese significa “exercício”, “combate”, “o combate interior, mais duro que a batalha dos homens”, dizia Rimbaud.

A ascese cristã não é, contrariamente a um preconceito tenaz, uma questão de masoquismo e de mortificação. “Não nos é pedido que arranquemos de nós e neguemos as atividades naturais da alma, mas que as purifiquemos”⁵⁵, diz Orígenes. Ou antes, seu verdadeiro objetivo é o de mortificar em nós a morte e vivificar a vida. Trata-se de eliminar ou de metamorfosear os germes da

⁵² Máximo o Confessor, *Centúrias sobre o amor* I, 2.

⁵³ *A escada santa* XXIX, 13.

⁵⁴ *Ibidem* VII, 43.

⁵⁵ 22a. *Homília sobre Josué*.

morte que parasitam nossa existência, a fim de deixar crescer em nós a vida de Cristo, o ímpeto do Sopro, “que dá a vida”, as forças da ressurreição que libertam nossa verdadeira natureza.

A ascese é uma “física do corpo de glória”, ela permite uma visão transfigurante do universo. É uma marcha da cruz em direção à ressurreição, da morte para a não-morte, ou seja, para a alegria pascal. Ela transforma o “corpo de morte” em corpo litúrgico, corpo de celebração, corpo-igreja como diz Máximo o Confessor em sua *Mystagogia*, igreja cujo coração-espírito constitui o altar. Ela nos liberta “deste mundo” como rede de hipnoses e de ilusões para nos fazer descobrir o mundo de Deus, esta linguagem que deve se tornar diálogo, estes “vivos” a quem devemos “nomear”⁵⁶. Ela derruba o “muro da separação” entre os homens e também entre as coisas e nós, este muro opaco e impuro de que falam Hipólito⁵⁷ e Sartre. Cada rosto, cada pedra e até os veios e os nós da madeira sobre minha mesa se tornam caminhos de luz. Como disse Jacó depois de seu sonho, “este lugar é santo e eu não sabia”⁵⁸, por toda parte se ergue a escada dos anjos. A ascese alivia o olhar, seca a concupiscência, permite ver a beleza de uma mulher ou ouvir músicas profanas com maravilhamento e gratidão.

A ascese se define como jejum, castidade e vigilância (ou vigília).

Num sentido geral, o jejum é a limitação voluntária das necessidades para devolver o desejo ao seu impulso natural, ou seja, para Deus e para a criação de Deus. O jejum exorciza as duas “paixões-mãe” que são, como dissemos, a avidez e o orgulho. As expressões populares “mastigar qualquer coisa”, “o que cai sob os sentidos” sugerem nossa relação mortífera com o mundo. O jejum nos liberta das imagens carnívoras, nos ajuda a descobrir a infinita profundidade dos seres e que cada um merece atenção e respeito. É a um tempo retiro e abertura, leveza interior e acolhimento.

Bem entendido, o jejum de alimentos não tem sentido se não estiver ligado ao “jejum de paixões”. É preciso aprender a jejuar do amor ao poder, do fascínio

pelas riquezas, dos raciocínios vãos e das “palavras vãs”. E, sobretudo, da maledicência, que tantas vezes os jejuadores de alimentos praticam de bom grado.

Podemos dizer que hoje em dia o jejum se situa no inverso da publicidade, que tende a investir (e portanto a ocultar) o desejo de infinito do homem na multiplicação indefinida das necessidades. Também ao contrário da fabricação do imaginário por simulacros, as imagens, os ruídos incessantes de uma cultura midiática que povoa de sonhos pré-fabricados nosso sonambulismo e jamais deixa lugar ao silêncio.

Ao jejum está ligada a castidade que é a unificação da alma e do corpo no impulso de comunhão. As forças inicialmente caóticas e dispersantes da vida são pacificadas e se integram numa relação fiel: ou bem segundo a verdade do amor humano – pois não devemos imaginar que a via filocalica seja reservada aos monges: Dumitru Staniloae, mestre de obra e testemunho (até a prisão) da Filocalia romena, era casado; ou bem, e mais habitualmente, para o monge, com a consumação do *eros* no *agapè* divino, de sorte que os outros, para ele, não passem de rostos e que ele esteja “separado de todos e unido a todos”. Jejum e castidade (que pode ser vista como um jejum no qual o desejo é transfigurado) favorecem a vigília, a espera vigilante do Noivo que vem no meio da noite, iluminando de um modo pascal as trevas, *Logos* que faz flamejar como uma sarça ardente os *logoi* das coisas, suas essências espirituais. Onde, entre os monges orientais, a prática do sono interrompido e das vigílias noturnas (que também são parcialmente litúrgicas). A vigília, que é vigilância, atenção, choque de maravilhamento fora de qualquer torpor, é especialmente celebrada pela Filocalia, obra, como o sublinha o título, elaborada pelos “Padres népticos”, do termo *nèpsis* que significa vigília.

Numa forma mais aguda de ascese, os “Padres népticos” praticam a “guarda do coração”. Atravessando o terreno pantanoso da inconsciência, que o separa daquele, o intelecto se separa do fluxo psíquico de pensamentos, imagens e associações que o atravessam sem cessar. *Logismo* que ele esmaga, como os “filhos da Babilônia” do salmo, contra o rochedo do Nome de Jesus. Surgindo do infraconsciente, os “pensamentos” devem ser perscrutados antes que se consolidem e cancerizem: sua carga obsessiva é desintegrada pela invocação acelerada do Nome de Jesus (ou simplesmente o apelo ao *Kyrie eleison*), seu

⁵⁶ Cf. *Gênese* II, 19.

⁵⁷ Em *O idiota* de Dostoievski.

⁵⁸ *Gênese* XXVIII, 17.

nó psíquico oferecido como um jovem animal de sacrifício, como diz Marcos o Asceta⁵⁹. A um “pensamento” ambíguo santo Isaac o Sírio recomenda nem expulsar nem aceitar, mas orar ardentemente até que Cristo “mostre de onde ele vem⁶⁰”. E se preciso for, refugiar-se em Deus, humildemente, pelo Nome de Jesus⁶¹.

Quanto à percepção – respirar, comer, caminhar, ver um escorpião ou uma serpente – ela deve ser desembaraçada de sua carga de temor ou de concupiscência, de toda interpretação complexa, e reconduzida à simplicidade imediata da sensação que o Nome reveste e abençoa. É preciso, com efeito, “circunscrever o incorpóreo no corpóreo”, sempre com o mesmo objetivo de uma consciência da consciência, à luz da ressurreição. E o corpo é a cela estreita do hesiquíasta. Assim o coração-espírito decanta como uma água calma. A alma se reveste de silêncio e “o amigo do silêncio se torna próximo de Deus. Em segredo ele recebe a sua luz⁶²”.

Para a Filocalia, herdeira sob este aspecto da antropologia bíblica, o coração aparece como o centro propriamente pessoal do homem aonde todos os sentidos e todas as faculdades deste se reúnem e se harmonizam abrindo-se para a transcendência. O coração profundo, propriamente espiritual, do qual o coração físico é como que um símbolo, é investido pela graça batismal. É um abismo de luz, mas que permanece fechado a maior parte do tempo, inconsciente, mais exatamente “supraconsciente” no sentido que a “psicanálise da existência” dá ao termo. No entanto, algumas fulgurações lhe escapam, em especial na infância, e, mais tarde, quando sua envoltória de lama endurecida (o “coração de pedra”) racha sob certas situações-limite ligadas ao amor, à morte ou à beleza. Parece que os ascetas chamam também de “coração” ao abismo sombrio do infraconsciente, este inconsciente a um tempo individual (no sentido freudiano), coletivo e pan-humano (no sentido junguiano), até mesmo cósmico (no sentido que lhe atribui o filósofo romeno Lucien Blaga). Daí as expressões que foram reprovadas nas *Homílias Macarianas*, mas que reencontramos em Dostoievski, sobre o coração como campo de batalha entre luz e trevas. Se chegarmos a entreabrir e depois abrir

o coração superior, a penetrar cada vez mais profundamente em suas “moradas” (que sem dúvida correspondem às “estações” da mística sufi), de um lado o intelecto se iluminará (“é do templo oculto do coração aonde habita Cristo que o intelecto recebe os bons e belos impulsos que irão transformar toda a nossa existência⁶³”), de outro lado esta luz atingirá o abismo do coração inferior, purificando-o, levando-o à consciência e, portanto, à consciência do perdão, e a partir daí começará a transfigurar também tanto o corpo como o ambiente social e cósmico.

A Filocalia é dominada pelo pensamento de Evagrio o Pôntico⁶⁴, que coloca a ênfase no *nous*, quanto ao intelecto na sua dimensão espiritual. Mas ela também é penetrada pela sensibilidade macariana⁶⁵ (através da versão de Simeão Metafraste) que vê no coração o órgão último do conhecimento, um conhecimento inseparável do amor. O acordo entre estas duas perspectivas se faz pela descoberta de que a “essência” do conhecimento reside no coração, enquanto que o *nous* é sua “energia”. Este recurso ao vocabulário aristotélico não deve esconder a vitória da concepção bíblica sobre um certo intelectualismo grego. No interior do “coração” iluminado pelo “raio” do Sol divino, a racionalidade da cabeça, o ardor do peito e o desejo das entranhas se equilibram e se transformam, abrindo-se para o infinito.

VIII O “MÉTODO”

Os monges orientais estabeleceram um “método” para sustentar o intelecto em seu esforço de interiorização e de despojamento. Este “método” utiliza posições e ritmos do corpo, bem como uma breve invocação no mais das

⁵⁹ Marcos o Monge, *Tratados espirituais e teológicos, Do Batismo*.

⁶⁰ *Obras espirituais, 34o. Tratado*.

⁶¹ *Ibidem, 33o. Tratado*.

⁶² João Clímaco, *A escada santa* XI, 5.

⁶³ Marcos o Monge, *op. Cit., Do Batismo*

⁶⁴ *Evagrio o Pôntico (346-399), grande letrado que se retirou para o deserto do Egito, conceituou a experiência monástica original, não sem influência de uma certa gnose intelectualista.*

⁶⁵ O pseudo-Macário (ao redor do ano 400) é o autor das *Homílias Espirituais* marcadas por um poderoso retorno às fontes na sensibilidade bíblica e evangélica, sobretudo joanina.

vezes centrada no Nome de Jesus, e pretende responder à ordem escriturária de “orar sem cessar”. Ela é flexível, aberta, mesmo quando tentada à mecanização nos lugares em que se torna a única via de oração e mesmo objeto de orgulho.

O corpo do homem está destinado, diz são Paulo, a se tornar “templo do Espírito Santo”. Ao ritmo do coração deve se acomodar o da respiração, mais fácil, senão de dominar (o que parece ser estranho ao espírito filocalico: não se trata de um *yoga*), pelo menos de oferecer. Segundo o Gênese, vivamente comentado sob este ponto por santo Irineu de Lyon, o homem é barro cósmico manufaturado pelas mãos de Deus e animado por seu sopro: “Quando o Senhor formou o homem do pó do chão e insuflou em suas narinas um sopro de vida, o homem se tornou vivo⁶⁶”. Quando utiliza sua respiração para rezar, o homem reconhece que seu sopro lhe vem de Deus, que ele é sustentado pelo Sopro divino. Ainda mais: por toda eternidade, no mistério do Verbo trinitário, o Sopro do Pai carrega sua Palavra: “o espírito é o anunciador do Verbo”, diz são João Damasceno⁶⁷. Assim, quando o sopro humano anuncia o Nome do Verbo encarnado, ele se une ao próprio Sopro de Deus. E é este sopro humano penetrado pelo Espírito que irá abrir o “coração” profundo. O ritmo de nossa respiração, que é o mesmo de nossa caminhada, torna-se o de nossa peregrinação, exterior e sobretudo interior, em direção ao “lugar do coração”, que é também o “lugar de Deus”.

O Nome, na Bíblia, não é subjugado por uma força, como é frequentemente o caso nas magias arcaicas, mas revelação velada-desvelada do segredo da pessoa, num caminho de comunhão. Não se segura, não se manipula o Inacessível. Ninguém mais, de resto, sabe vocalizar o Tetragrama. Mas, para os cristãos, e segundo uma expressão profunda do Padre André Scrima, *Ieoschouah* é um nome-verbo que significa “Deus salva, liberta, afasta” - para as lonjuras do Espírito. A Cruz pascal manifesta Deus como amor libertador, como Comunhão – alteridade total ao mesmo tempo em que unidade total – que se comunica a nós. Quando se diz: “Senhor Jesus, Filho de Deus”, é o mistério trinitário que está sendo invocado por intermédio do mistério de Cristo: a palavra “Senhor” atesta a divindade de Jesus, a palavra “Deus”, como em todo o cristianismo original, designa o Pai, fonte da divindade, a

⁶⁶ Gênese II, 7.

⁶⁷ Da fé ortodoxa 8.

palavra “Cristo”, Messias, Ungido, se refere à unção do Espírito, ao Espírito como unção. O Espírito repousa no Filho por toda eternidade e constitui a unção messiânica de Jesus.

A ordem de “orar sem cessar”, ordem de Jesus retomada por Paulo, supõe que a prece representa o próprio ser do homem, a relação que o constitui, a resposta ao apelo que o torna “imagem de Deus”. Com certeza isto vale parcialmente também para o cosmo, mas este, como dizia Orígenes, é um *logos alogos*, e é ao homem que cabe expressar sua celebração sussurrada.

O “método” remonta provavelmente ao monaquismo original, podemos dizer aos primeiros tempos do cristianismo por ser muito antigo, sem dúvida evangélico, símbolo do peixe assim como as iniciais das palavras que o compõem. *Ichthus*, peixe, sugere com efeito *Iésous Christos Théou Uios Soter* ou *Sôson*, ou seja, “Jesus Cristo Filho de Deus Salvador ou Salve (a nós)”. Desde os primeiros tempos do monaquismo encontramos a repetição de fórmulas curtas: “Senhor, como quiseses e como sabes: tem piedade”, “Glória a ti, Senhor”, ou a frase de um salmo, como por exemplo o que recomenda Cassiano: “Meu Deus, vem em meu auxílio, apressa-te em me socorrer⁶⁸”. Comum também é o *Kyrie Eleison*, “Senhor, tem piedade”, com a palavra *eleison* evocando não a comiseração, mas presença, carinho, misericórdia.

Perguntaram ao abade Macário: como orar? Ele respondeu: “Primeiro, não há necessidade de se perder em palavras. Basta estender os braços e dizer: “Senhor, como queres e como sabes, tem piedade”. Se o combate os oprimir, digam apenas: Socorro! Deus sabe o que lhes convém e terá piedade de vocês⁶⁹”.

A partir do século V com Diádoco de Foticeia, mais tarde no deserto de Gaza, depois no mosteiro do Sinai, o Nome de Jesus se introduz na fórmula de imploração até que se chegue, durante a Idade Média, em Athos, à fórmula que se tornou clássica: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim, pecador”, na qual estão amalgamados os apelos evangélicos do publicano e do cego.

⁶⁸ Salmo LXX, citado por João Cassiano em suas *Conferências* X, 8 e 10.

⁶⁹ *Sentenças dos Padres do deserto*, Macário 19.

A utilização de uma fórmula breve para pacificar e concentrar o intelecto é universal: encontramos-a por exemplo na Índia (o *japa-yoga*), no amidismo japonês (o *nembutsu*), no *dhikr* dos sufis muçulmanos (que sem dúvida o emprestaram dos monges do cristianismo oriental). É por isso que um Augieras pode dizer que os monges athonitas não são propriamente cristãos mas preservam um segredo imemorial⁷⁰. Esta ilação não deixa de ser feita dentro de uma perspectiva fundamentalmente cristã. A multiplicidade das fórmulas empregadas originalmente e muitas vezes ainda hoje mostra que não se trata de um *mantra* mas de uma relação, e que a prece não significa a passagem do eu ao Si, mas antes uma comunhão do si “pecador” com o Outro. Apelo ao socorro, celebração confiante, selo de bênção, a oração se torna em nós um impulso do Espírito que nos faz dizer que Jesus é o Senhor e, neste, com ele, ousar chamar o Pai, *Abba*, o Inacessível.

Os textos do monaquismo antigo já sugerem uma ligação da prece com a respiração. “(Antônio) chamou seus companheiros e lhes disse: Respirem sempre a Cristo⁷¹”. “Que a memória de Jesus se una inteiramente à sua respiração e você conhecerá o significado do silêncio⁷²”. Chamar a Jesus equivale a tomar pouco a pouco consciência de sua presença nas “moradas” do “coração”: “Mantenhamos sempre os olhos no fundo de nosso coração com uma lembrança incessante de Deus”, escrevia no século V Diádoco de Foticeia⁷³.

No entanto, o “método” não foi escrito – e sempre de um modo incompleto – senão nas épocas mais perturbadas, quando a transmissão de mestre a discípulo estava comprometida. Isto equivale aos séculos XIII e XIV, quando da agonia do Império Bizantino, e ao final do século XVIII quando a renovação filocalica encerrou um longo período de decadência.

Os textos de que dispomos⁷⁴ recomendam sentar-se num local afastado,

⁷⁰ F. Augieras, *Lettres du Mont Athos*, ed. Fata Morgana, 1994, pg. 26.

⁷¹ São Atanásio de Alexandria, *Vida de Antonio* 91.

⁷² João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 2a. Parte, 26.

⁷³ Cem capítulos espirituais 56.

⁷⁴ Essencialmente o *Methodos* (século XII?), o tratado *Sobre a sobriedade, a vigilância e a guarda do coração* de Nicéfora o solitário (segunda metade do século XIII), as obras de Gregório o Sinaíta e Gregório Palamas (primeira metade do século XIV), a *Centúria* de Calixto e Inácio Xanthopouloi (segunda metade do século XIV) e o *Enchiridion* (*Manual*) de

calmo, silencioso (enquanto que os ofícios litúrgicos e a salmódia são rezados em pé). A postura recomendada consiste numa inclinação da cabeça, curvando as espáduas, com o olhar interior fixado no coração. Às vezes a curvatura se acentua como a de Elias que, depois de ter confundido os profetas de Baal e posto fim à seca, longe de se orgulhar, “subiu ao cume do monte Carmelo e, inclinando-se para o chão, colocou seu rosto entre os joelhos⁷⁵”. Utilizando uma respiração lenta, pacificada, unimos a ela o intelecto que, prolongando o movimento do ar, tenta penetrar “dentro do coração”. Esta é a união do intelecto com o coração, tão importante na tradição filocalica (mas que não implica forçosamente o uso destas técnicas corporais). A invocação, primeiro alternada, docemente oral, docemente mental, depois unicamente mental, se torna cada vez mais breve e silenciosa. Segundo Calixto e Inácio Xanthopouloi, depois Nicodemo o Hagiorita, a fórmula, a partir do momento em que nos persuadimos da presença e do amor de Cristo, se desvencilha do “tem piedade de mim, pecador”, abrevia-se em “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus” e finalmente em “Jesus, Jesus, meu Deus amado” (Nicodemo), e depois de tudo apenas no Nome de Jesus. Ela se torna então monológica, ou seja, constituída por uma única palavra. Simultaneamente, instantes de silêncio, como uma espécie de “planar interior⁷⁶”, prolongam a invocação que acaba por fundir-se no silêncio para se tornar como que sua pulsação.

No mais das vezes o coração espiritual é identificado ao coração físico, mas encontramos, de um lado no século XII e de outro no final do século XVIII, indicações um pouco diferentes, sem dúvida complementares. No *Methodos* (“Método da santa prece e atenção”), texto que por muito tempo foi atribuído a Simeão o Novo Teólogo, mas tardio ao que tudo indica, trata-se de encontrar o “lugar do coração” no “interior das entranhas”: trata-se da “onfaloscopia” que foi ridicularizada e acabou por desaparecer dos textos mais tardios. No século XIV são Gregório Palamas explicou que se tratava de dominar o desejo, de “remetê-lo à sua origem” a fim de que ele “se lançasse para Deus”. Podemos também nos perguntar se esta indicação do *Methodos* não está fundamentada numa antropologia e numa simbólica bíblicas, mais

Nicodemo o Hagiorita (fim do século XVIII).

⁷⁵ I Reis XVIII, 42.

⁷⁶ A expressão é de “um monge da Igreja do Oriente” em *La Prière de Jésus*, Livre de Vie, 122.

tarde ocultadas, não sem temor. Sabemos que na Bíblia a misericórdia se exprime, entre outras formas, pelo plural enfático de *rehem*, o útero. Encontrar o coração nas entranhas, localização atestada também pelos Salmos, equivale talvez a despertar o feminino interior da alma, uma compaixão maternal, “uterina”, pelo próximo, uma oferenda marial ao Espírito...

Na segunda metade do século XVIII, um estaroste ucraniano baseado na Moldávia, Basílio de Poiana-Marului (da Clareira das Ameixeiras), situou o “coração” espiritual um pouco acima e à direita do coração físico que para ele era ligado ao *thymos*, ao ardor, sobre o qual deve reinar o coração espiritual. Como Nicodemo o Hagiorita, Basílio colocava em relação com a Trindade a reunião no “coração” das três “partes” da alma, mas também, e este é uma característica sua, a comunhão do homem com seus irmãos, pois a prece descobre, em Cristo, o Adão único e intercede por todos os homens.

Nenhum desses textos explica realmente como acertar a pronúncia das palavras da prece, nem o ritmo da respiração. Gregório o Sinaíta aconselha, para evitar uma certa mecanização, alternar entre “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim” e “Filho de Deus, tem piedade de mim”. Somente Nicodemo o Hagiorita, em seu *Enchiridion* (Manual) propõe que se diga toda a oração em uma longa inspiração seguida de uma certa retenção, rejeitando-se a seguir o ar rapidamente, pois a expiração, diz ele, dispersa a atenção.

Somente no século XIX, no célebre *Relatos de um Peregrino Russo*, escrito entre 1855 e 1860 e que, sob sua aparente simplicidade, denota um marcante conhecimento da via hesiquiasta, encontramos a indicação que todos, ou quase todos, utilizam hoje em dia: dizer “Senhor Jesus Cristo” (ou “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”) na inspiração, e “tem piedade de mim (pecador)” na expiração. O *Peregrino* recomenda também de sincronizar cada sílaba com uma batida do coração...

Podemos agora antecipar algumas conclusões. O “método” corporal não é absolutamente visto como necessário pelos mestres da tradição filocalica. As diferenças e imprecisões que observamos relativizam estas práticas e lhes retiram o caráter sistemático e detalhado que observamos no *yoga* e na

“meditação transcendental”. Trata-se de meios não mais do que auxiliares. E nada seria pior o que os objetivar fora da relação que eles favorecem. Entretanto, quando ensaiamos “agarrar” por um longo tempo a prece de Jesus ou, pobre leigo atirado de um lado para outro pelo século, recorrer a ela de tempos em tempos, constatamos que ela se liga naturalmente ao ritmo respiratório. Ao contrário, a utilização sistemática, voluntária, dos batimentos cardíacos é atualmente desaconselhado aos Ocidentais: a desapareição das civilizações monástico-rurais, duras mas sempre penetradas de silêncio e lentidão, o estado frequente de tensão e esgotamento nervoso, a exasperação cerebral e sexual enquanto o coração profundo segue ignorado, tudo isto explica que tal prática apresente o risco de perturbar definitivamente os caminhos que conduzem ao “lugar do coração”. Devemos nos contentar, portanto, como já aconselhava Nicéforo o Solitário, em rezar como respiramos, ou seja, no ritmo da respiração. O braseiro batismal, se o Espírito quiser soprar sobre ele, despertará o coração, o abraçará, o fará “balançar”.

Isto não quer dizer que se deva diminuir, ou mesmo esquecer as indicações relativas ao método corporal. No entanto é o que tentaram fazer, no século XIX, os mestres da *Filocalia* russa, Inácio Briantchaninov e Teófilo o Recluso, mas eles não obtiveram mais do que um afadigamento pietista. Vale mais, me parece, para além de qualquer técnica, ajudar o homem moderno a se religar ao mistério com os próprios ritmos de seu corpo. Na liturgia, uma beleza luminosa pacífica, ilumina os sentidos e as faculdades e, por intermédio deles, eventualmente desperta o coração. Na prece filocalica dá-se o inverso: o despertar do coração comunica paz e luz às faculdades e aos sentidos. Por estas duas aprendizagens complementares, o homem sente sua respiração alargar-se, não apenas para conter os “espaços do mundo”, como diz o poeta, mas, através deles, além, para penetrar no espaço infinito do Espírito, aonde pode se desenvolver nossa liberdade criadora. Quanto aos batimentos do coração, ao invés de serem sentidos na angústia de sua precariedade, eles atestam a vida concedida e perdoada, eles nos permitem “cantar com o tamborim e a harpa⁷⁷”, tamborim do coração, vibração do sangue, líquido como as águas primigênicas, salgado como o oceano de onde nasceram os “vivos”, vermelho como o fogo do Espírito abrasando a água nas bodas de Caná!

IX

PRIMEIRAS CONTEMPLAÇÕES

Segundo são Máximo o Confessor, “se o homem pretende avançar sem erro sobre a via direta que conduz a Deus, duas coisas lhe são indispensáveis: a interpretação espiritual das Escrituras e a contemplação espiritual das coisas da natureza⁷⁸”. Sobre o monte da Transfiguração, a brancura resplendente das vestes de Cristo designam a um tempo, diz ele, a Escritura e o cosmo, quando estes se tornam transparentes à luz divina⁷⁹. É que a Encarnação do Verbo, que recapitula tudo, foi preparada, rascunhada por sua incorporação nas essências espirituais das coisas e depois por sua incorporação na Torá.

Hoje em dia, como pressentir o mistério senão através da beleza do mundo! O verdadeiro milagre, dizia Wittgenstein, é que as coisas sejam. Para a *Filocalia*, já contemplamos a Deus por um certo olhar sobre o mundo: é a *theoria physikè*, a “contemplação da natureza”. Esta, se a livrarmos das ilusões que nossas paixões projetam sobre ela, é um caminho que conduz a Deus e que devemos tomar. “Em seu caminho de união com Deus, escrevia Vladimir Lossky, o homem não rejeita as criaturas, mas reúne em seu amor o cosmos desconjuntado pelo pecado a fim de que ele seja finalmente transfigurado pela graça⁸⁰”. O homem tem uma missão em relação ao universo. Ele deve manifestar, liberar seu segredo louvor, ao invés de se atirar sobre ele como um predador. O olhar de Cézanne sobre a maçã não é o mesmo do guloso que só pensa em se satisfazer.

Tudo tem sua origem no Verbo⁸¹, tudo tende para a plenitude no Espírito Santo. A encarnação do Verbo liberta sacramentalmente o mundo de sua magia noturna, e nos ordena trabalhar nesta libertação. A árvore da Cruz, tornada a nova e definitiva Árvore da Vida, redime com toda evidência a sacralidade da matéria. No Cristo da Encarnação e da Ascensão, a “morada do mundo” encontra sua integralidade pela união do sensível com o inteligível,

⁷⁸ *Ambigua*, PG 91.1128C.

⁷⁹ *Ibidem*, PG 1128AB, 1160CD.

⁸⁰ *Théologie mystique de l'Église d'Orient*, Paris, 1944, pg. 100.

⁸¹ *Colossenses* I, 16.

do mundo material com os mundos angélicos. Podemos dizer que o Verbo se encarna não apenas no humano mas no cósmico. Para o filósofo russo Lossiev, cujo destino foi alterado pelo stalinismo, o universo é uma escada de muitos degraus de “veracidade”: “O homem é uma palavra, o animal é uma palavra, um objeto inanimado é uma palavra. Pois tudo isto é Sentido e sua expressão⁸²”. São Máximo o Confessor considera o mundo como uma eucaristia: as essências das coisas visíveis são o “corpo” de Cristo e as dos mundos espirituais são seu “sangue⁸³”.

O Verbo, o Logos é o sujeito divino de todos os *logoi*, palavras essenciais que as coisas carregam. O homem *logikos*, imagem pessoal do Logos, é chamado a se tornar seu sujeito humano. Ele se torna plenamente isto em Cristo, revelando em si suas essências, não para se apropriar delas mas para oferecê-las depois de as ter – pessoal e coletivamente – “nomeado”, ou seja, marcado com seu gênio criador. “Tudo ora, tudo canta a glória de Deus”, escrevia o *Peregrino Russo*; “assim eu aprendi o que a *Filocalia* denomina “o conhecimento da linguagem da criação” e vi como é possível conversar com as criaturas de Deus⁸⁴”. O homem cuja força passional foi crucificada e transfigurada irradia uma paz paradisíaca. Ao redor dele as feras se amansam “pois elas sentem, vindo dele, o perfume que Adão exalava antes da queda⁸⁵”.

A “contemplação da natureza” pode proporcionar, já, humildemente, um sabor espiritual às nossas existências. Basta um pouco de atenção amorosa para que a própria evidência das coisas revele seu segredo, ou melhor, para que se segredo as torne evidentes.

Este conhecimento espiritual, que exige uma certa maturação ascética, pode afinar e aprofundar o conhecimento racional do qual ele não se diferencia senão por uma maior abundância de luz.

A escritura constitui outra incorporação do Verbo e seu sentido pleno não se revela senão na Paixão e Ressurreição de Cristo, quando o Verbo, para

⁸² A-F Lossiev, *Filosofia imeni*, Moscou, 1927; N. Losski, *Histoire de la philosophie russe*, Paris, 1954., pg.308.

⁸³ *Questões a Thalassius* 35.

⁸⁴ *Relatos de um Peregrino Russo*.

⁸⁵ Issac o Sírio, *20o. Tratado*.

usarmos um jogo de palavras, se livra do livro e a eucaristia nos permite compreendê-lo verdadeiramente. É somente em Cristo, com efeito, que a Bíblia deixa de ser sombra e segredo (*skiagraphia* e *cryptographia*). A leitura orante da Escritura passa a ter ela também um sabor eucarístico. Tudo, nos textos que podemos chamar de divino-humanos, se torna, para a *Filocalia*, “figura” de Cristo, e portanto do Espírito, da Trindade, de sua Mãe e de sua Igreja. Corpo do Verbo, a Escritura, lida apenas ao pé da letra, remete às vestes de Cristo. É preciso buscar além o Sentido, ou seja o próprio corpo de Verbo. O mesmo Espírito age na profundidade da Escritura, na da história e no coração batismal do homem. A hinografia litúrgica, os comentários patrísticos constituem uma hermenêutica eclesial que devemos saber atualizar e prolongar utilizando as pesquisas contemporâneas da exegese. A meditação das Escrituras nos permite revelar o trabalho do Espírito em nossa historicidade pessoal, tanto quanto na história dos homens. Progredimos na inteligência da história à medida em que avançamos na da Bíblia, do *Bereschit* do Gênesis ao *en archè* do Prólogo de João, até a revelação da nova Jerusalém no Apocalipse. Temas imensos, a um tempo cósmicos e históricos, a água, o fogo, a montanha, a travessia do mar Vermelho, o cântico dos três jovens na fornalha, o Servidor sofrido, o Cordeiro, compõem a sinfonia de nosso destino que encontra em Cristo seu sentido. Toda a liturgia da Igreja é um imenso *midrash*, e os textos da Quaresma, por exemplo, não fazem senão comentar a parábola do filho pródigo. O Antigo Testamento relata o Verbo, o Novo não cessa de relatar sua Páscoa.

Fora da “prece de Jesus”, o único método de oração indicado na *Filocalia* é portanto a leitura orante da Escritura e mais especificamente dos Salmos. O monge se apropria deles, eles se tornam o grito a Deus de seus desesperos e de seus fervores. “Penetrados pelos mesmos sentimentos nos quais os Salmos foram compostos, é como se nos tornássemos seus autores... A alma se derrama a Deus com gemidos inenarráveis⁸⁶”. Quando uma frase, uma palavra, fazem tremer o coração, devemos nos deter, deixar que se irradie na alma esta “intuição de Deus”. Na história, os hesiquistas foram reticentes diante da superabundância da hinografia ou da recitação quantitativa dos Salmos: “Mais vale uma única palavra na intimidade do que mil no distanciamento⁸⁷”, dizia Evagrio, e “a excelência da oração não consiste na

⁸⁶ João Cassiano, *Conferências* X, 11.

⁸⁷ *Parênétique*, ed. Frankenberg, pg. 561.

quantidade, mas na qualidade, como o prova esta sentença: Quando rezarem, não multipliquem as palavras⁸⁸”. A porta de ferro que se abre diante de Pedro para que ele possa sair da prisão é nosso coração endurecido que se parte⁸⁹. O mundo, “primeira Bíblia, a Escritura já corpo do Verbo, este corpo liberto no batismo e na eucaristia, consiste na Sabedoria construindo sua morada misturando seu vinho e pondo sua mesa⁹⁰”.

X APÓFASES

Pouco a pouco, o intelecto compreende que Deus escapa a toda tentativa de agarrá-lo, que ele está sempre além. “Supra-essencial”, ou seja, além do ser, diz Denis o Areopagita. *Hyperthéos*, diz ainda, ou seja, além de todas as nossas concepções de Deus. Assim começa o primeiro momento da “apófase”, ou seja, da “subida” em direção ao Inacessível. Aqui a apófase se identifica com a teologia negativa, da qual devemos precisar que não se trata de um jogo intelectual mas de uma purificação do intelecto e da linguagem. O intelecto, por uma captação intuitiva, pressente o abismo divino, compara a este rosnar do silêncio as imagens e os conceitos que empregava a respeito de Deus e constata sua impotência, seu caráter quase risível. O Ilimitado ultrapassa todo limite conceitual. A teologia negativa rejeita toda tentativa de se apropriar de Deus, toda teologia abstrata, puramente conceitual. Deus não apenas é infinito mas também é outra coisa e a linguagem atola nesta alteridade impronunciável. Chamá-lo de Deus, Vida ou Essência não designa mais do que “potências” que descem dele para nos deificar, nos vivificar, nos permitir ser. O “Segredo supra-essencial” nos escapa sempre⁹¹. Já um São Basílio, um São Gregório de Nisse sublinhavam que os nomes que damos a Deus não se referem senão às suas operações⁹². É somente pelo “desconhecimento”, “além de toda inteligência”, longe do “mundo onde

⁸⁸ Mateus VI, 7 in *Capítulos sobre a prece* 151.

⁸⁹ Marcos o Asceta, *A lei espiritual* 21.

⁹⁰ Cf. *Provérbios* IX, 1-2.

⁹¹ Denis o Areopagita, *Nomes divinos* II, 7.

⁹² Basílio de Cesaréia, *Contra Eunomo* I, 5; *Carta* 234; Gregório de Nisse, *Contra Eunomo*, livro 12 e 6a. *Homília sobre as Beatitudes*.

vemos e somos vistos”, em que o sujeito se opõe ao objeto, que pressentimos o Segredo, quando a linguagem perde o pé, diz Palamas, em uma “superabundância” de luz⁹³.

Mas é preciso ultrapassar também as negações, ou seja toda manobra intelectual, num impulso existencial no qual a pessoa se recolhe e se lança para além de si mesma, para além de sua natureza, como disse Vladimir Lossky. Ela chega então ao segundo momento da apófase: o silêncio em que se ora para além mesmo da prece, aquilo que a tradição filocalica denomina “prece pura”. O intelecto se concentra no “coração”, se torna “simples”, “nu”, “sem forma”, um lago absolutamente calmo onde o Nome de Jesus não é mais do que uma onda imperceptível, um lago calmo como um espelho. Ou como uma tumba, mas uma tumba vazia.

Intervém então o terceiro momento em que a apófase se torna antinômica: a tumba se enche de luz, luz incriada, treva transluminosa irradiando uma presença – Simeão o Novo Teólogo fala de uma voz. Compreendemos então da maneira mais concreta o que significa a distinção entre a essência e as energias, esboçada pelos Padres capadóciotes e por Denis o Areopagita (que emprega um outro termo: *dynameis*, as potências) e plenamente definida no século XIV por São Gregório Palamas. Deus é inacessível, mas, pela loucura do amor, ele se dá. Em Cristo, suas energias participáveis quase se identificam ao Espírito Santo e se comunicam a nós no interior do encontro ao qual se oferece a “prece pura.

A essência (ou supra-essência) inacessível e as energias participáveis não são duas coisas, não dividem a divindade. São, de certo modo, as modalidades da existência pessoal absoluta que se reserva sem recusar e se entrega sem se confundir. O Deus vivo transcende sua própria transcendência para se unir realmente a nós. Pois ele é ao mesmo tempo Segredo e Amor. “Todo inteiro ele se manifesta e todo inteiro ele não se manifesta... Todo inteiro ele participa e todo inteiro ele permanece imparticipável⁹⁴”. *Energeia* é um termo aristotélico que significa ação, operação. O Deus inacessível age para se dar, a ação é também doação que vem da essência: do Princípio a seu Outro, a seu Sopro, luz comunicando-se ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

⁹³ Da luz santa, Coisl. 100, fo. 179v.

⁹⁴ Da participação a Deus, Coisl. 99, fo. 22.

São Gregório Palamas, com efeito, prefere à noção de energia a de luz, como um dado da experiência. Esta luz preencheu o céu e a terra quando de sua criação, mas os homens, por uma cegueira parcial, têm a tendência seja de ocultá-la, seja de idolatrá-la. Somente na humanidade de Cristo ela se concentra e irradia sem ser desnaturada, revelando-se sobre o monte no momento da Transfiguração, preenchendo nosso coração pela iniciação batismal, antecipando na eucaristia a renovação do céu e da terra pois, diz Palamas, a Luz do Tabor “tem o valor da segunda vinda de Cristo⁹⁵”.

Toda a *Filocalia* implica esta teologia palamita. Não é por acaso que os autores do século XIV ocupam um quarto da obra e que Nicodemo o Hagiorita preparou uma edição integral das obras de Palamas, edição que foi impedida pela polícia austríaca! A *Filocalia* insiste a um tempo na aproximação negativa do mistério e na realidade da “deificação”, uma palavra empregada seis vezes por Nicodemo na primeira página de seu prefácio.

As energias divinas penetram o universo de sorte que a antinomia em que culmina a apófase abre o espaço para uma aproximação simbólica desta. É preciso, escreve Denis, “louvar todo o conjunto da divina Origem por não possuir nenhum nome e por possuir a todos... Esta causa de tudo que ultrapassa tudo, é a um tempo o anonimato que lhe convém e todos os nomes, de todos os seres...” Pois “esta Origem divina está ao mesmo tempo no seio do universo e além do céu, Sol, Estrela, Fogo, Água, Sopro, Orvalho, Nuvem, Rochedo absoluto, (...) em uma palavra tudo o que é e nada do que é⁹⁶”. A Páscoa interior confirma e aprofunda a “contemplação da natureza” e a dos *logoi* de Deus na história. A apófase funda uma cosmologia de encarnação e uma espantosa filosofia da comunhão dos homens entre si, pois a distinção-identidade entre essência e energias, entre segredo e amor, aplica-se igualmente às pessoas humanas. “O eu, escreve Serge Boulgakov, deve ser sugerido de maneira antinômica, ao modo da teologia negativa (...). A palavra “eu” constitui para cada qual um signo a um tempo místico e inteligível que nos guia para um abismo inefável, para uma treva de onde jorram sem cessar gotas de luz⁹⁷”.

⁹⁵ Defesa dos santos hesiquistas, trad. Meuendorff, Louvain, 1959.

⁹⁶ Nomes divinos I, 1, 6.

⁹⁷ Die tragödie der Philosophie, Darmstadt. pg. 130-142.

XI DEIFICAÇÃO

Podemos ler, nos Apotegmas, que um irmão, indo à cela do abade Arsênio, ao entreabrir a porta “viu o abade inteiramente como um fogo”⁹⁸.

A deificação não é a abolição do humano mas seu cumprimento na graça, pois “Deus é ele próprio a vida daqueles que participam dele”⁹⁹.

O lugar da deificação é Cristo. Nele, o Espírito comunica aos homens uma filiação divina renovada. O homem, arrastado pelos espaços trinitários, participa do nascimento eterno do Filho, ou seja, do mistério, em Deus mesmo, da unidade na alteridade e da alteridade na unidade.

O mundo das “energias” é o Reino dos céus onde Deus inteiro se une a nós ao mesmo tempo em que permanece inteiramente inacessível. É por isso que o mundo comporta um número infinito de “moradas”.

O Reino é e será cada vez mais uma visão face a face: na luz do Espírito está o rosto de Cristo e, como ele disse, “quem me viu, viu o Pai”¹⁰⁰.

Daqui de baixo, o homem se torna um ressuscitado. É a “pequena ressurreição” de que fala Evagrio. Ela reúne, para além do retorno à origem, a última parúsia, o último retorno de Cristo sobre a terra, pois Cristo é o alfa e o ômega.

Os santos são os germes da ressurreição. Eles fazem subir à superfície da história “o fogo escondido e como que sufocado sob as cinzas deste mundo”¹⁰¹.

⁹⁸ Sentenças dos Padres do deserto, Arsênio 27.

⁹⁹ Irineu de Lyon, *Adv. Haer.*, V, 7,1.

¹⁰⁰ João XIV, 9.

¹⁰¹ Gregório de Nysse, *Contra Eunomo* 5.

Na “prece pura”, o intelecto unido ao coração vê “sua própria luz”¹⁰², ele “vê seu estado semelhante à safira ou à cor do firmamento”¹⁰³. Entretanto a alma cristã, diferentemente do que acontece talvez nas ascèses asiáticas, não se dissolve nesta luz interior. Ela morre para reencontrar a alteridade de Deus – e do próximo. Ela morre ao esplendor cristalino de sua própria interioridade que, fechada sob si mesma, poderia, num regime bíblico (as experiências de outras tradições não correm este risco), se tornar luciferiana. A gnose, aqui, se torna amor e primeiro morte por amor.

Então a graça vem como uma embriaguez. Ela arranca a alma de si mesma, de sua própria transparência, de sua própria complacência talvez. O homem sente em si forças divinas, mas, com o espanto e a gratidão daquele que compreende que elas vêm de fora. As energias de Deus o acumulam, mas ele está consciente de recebê-las pela misericórdia do Inacessível, pela mediação do Crucificado. É por isso que a deificação implica uma *metanoia* sempre renovada.

As energias de Deus acumulam a alma aguçando seu desejo. Quanto mais Deus enche a alma, mais ela pende para a fonte sempre além de si, para receber ainda mais e desejar mais ainda, indefinidamente. Pois o homem, passando de “imagem” a “semelhança” assimila-se cada vez mais a Deus sem poder jamais identificar-se a ele. Esta é a “*epektasis*” de Gregório de Nysse: o prefixo *epe* denota a presença, o prefixo *ek* a tensão. Assim se vai “de começo em começo, por começo que nunca têm fim pois jamais aquele que sobe detém seu desejo naquilo que já conhece; mas, elevando-se de um desejo maior a um maior ainda, ele segue sua rota pelo infinito através de ascensões cada vez mais altas”¹⁰⁴. “O amor é um abismo de luz, uma fonte de fogo, escreveu são João Clímaco. Quanto mais jorra, mais queima aquele que tem sede (...) É por isso que o amor é uma progressão eterna”¹⁰⁵.

Salvo alguns raros, é por lampejos que sentimos aqui em baixo as aproximações da deificação. Toques de fogos discretos, infinitamente doces, no coração. Ou um grande balançar deste, quando, tornando-se “olho de

¹⁰² Diádoco de Foticeia, *Cem capítulos espirituais* 40.

¹⁰³ Evagrio o Pôntico, in Bousset, *Apophthegmata*, Tübingen, 1923., pg. 316.

¹⁰⁴ Gregório de Nysse, *8a. Homilia sobre o Cântico dos Cânticos*.

¹⁰⁵ *A escada santa* XXX, 18.

fogo”, é invadido pela luz.

“É fácil saber como e sob quais aspectos a doçura espiritual derruba a alma. Às vezes, uma alegria inefável e grandes impulsos (...) Às vezes, toda a alma desce e se mantém oculta nos abismos de silêncio (...) Às vezes, enfim, ela chega a este ponto cheia de uma dolorosa doçura que somente as lágrimas conseguem aliviar¹⁰⁶...”

Apenas um critério, o da humildade e do amor.

“Senhor Jesus Cristo, meu Deus, dê-me o arrependimento total, o coração contrito¹⁰⁷...”, e a visão – e o serviço – do mundo em Cristo como uma sarça ardente, de todos os homens em Cristo como um Adão único, “membros uns dos outros”, na imensa “consustancialidade” humana¹⁰⁸.

Ao mesmo tempo, cada um é único.

“Irmão, eu lhe recomendo o seguinte: que em você o peso da compaixão faça pender a balança, até que você sinta em seu coração a própria compaixão que Deus tem pelo mundo¹⁰⁹”.

Deificado, portanto capaz de amar, de servir.

Deificado, portanto crucificado. Crucificado, portanto ressuscitado.

“Ele se levanta em mim, dentro de meu pobre coração, qual um sol¹¹⁰”.

“Eu sei que não morri, porque estou dentro da vida e tenho toda a vida que jorra dentro de mim¹¹¹”.

¹⁰⁶ João Cassiano, *Conferências IX*, 27.

¹⁰⁷ Isaac o Sírio, *34o. Tratado*.

¹⁰⁸ Cf. *Sentenças dos Padres do deserto*, cap. XXI, *Dos que envelheceram na ascese* 24.

¹⁰⁹ Isaac o Sírio, *34o. Tratado*.

¹¹⁰ Simeão o Novo Teólogo, *Hino I*.

¹¹¹ Idem, *Hino 13*.

PREFÁCIO DE NICODEMO O HAGIORITA

Deus, a Natureza benevolente, a perfeição mais que perfeita, a Origem melhor e mais bela, criadora de tudo o que há de bom e belo, tendo decidido por toda a eternidade, em seu princípio teárquico, deificar o homem, e, tendo colocado previamente, desde o começo, este objetivo em si mesmo, criou o homem no tempo que considerou bom. Ele tomou da matéria para fazer o corpo, e de sua própria natureza para colocar nele uma alma. Neste pequeno mundo do corpo, ele a pôs como um grande mundo pelo número de potências e por sua eminência. Assim ele fez dele um guardador da criação sensível e um iniciado da criação inteligível, segundo Gregório o grande teólogo. Com efeito, que era o homem? Na verdade, nada além de uma imagem e um ícone cheio de todas as graças, criado por Deus. Tendo Deus a seguir lhe dado a lei de sua ordem, como uma prova de sua liberdade, ele soube que deveria daí em diante retirar-se na presença desta lei. Como diz o Eclesiástico¹¹², ele foi deixado ao seu próprio discernimento, livre para escolher conforme lhe parecesse bom o que lhe fosse apresentado. Se ele mantivesse a ordem, ele deveria receber como recompensa a graça anipostática da deificação, tornar-se Deus e irradiar a mais pura luz, na eternidade.

Mas – ó perversidade do ciúme! – aquele que introduziu o mal desde o começo não suportou que a deificação fosse posta em marcha. Ele concebeu o ciúme contra o Criador e contra a criatura, como diz são Máximo. Contra o Criador, para que não fosse reconhecida a celebrada potência da bondade que, com sua energia, deifica o homem. Contra a criatura, para que não lhe fosse possível participar, pela deificação, a tamanha glória sobrenatural. O maligno, em suas intrigas, enganou o infeliz homem. Por meio de sugestões aparentemente preciosas, ele fez de tal modo que o homem transgrediu a ordem divina. Ao destacá-lo da glória de Deus, aparentemente o rebelde venceu como queria, uma vez que ele conseguiu evitar a cumprimento das eternas recomendações de Deus.

Mas segundo o oráculo divino, o conselho de Deus referente à deificação da natureza humana permanece na eternidade, e os pensamentos de seu coração passam de geração em geração¹¹³. As razões da Providência e, portanto, as razões do Juízo, que tendem para este objetivo, sempre acompanharam imutavelmente o século presente, bem como o século futuro, como explica são Máximo. No final dos dias, nas entranhas de sua misericórdia, ele pediu ao Verbo do Pai, à divina Origem, de anular as recomendações dos príncipes das trevas, e de ir mais longe para colocar em prática a recomendação antiga e verdadeira, que ele estabelecera no princípio. Assim tendo se encarnado pela bem-aventurança do Pai e a sinergia do Espírito Santo, ele tomou em si toda a natureza e a deificou. Depois, tendo nos confiado a obra divina de seus salutares mandamentos, e tendo nos concedido por meio do batismo a graça perfeita do Espírito Santo, ele semeou nos corações como que uma semente divina. Segundo o Evangelista, a nós que levamos nossa vida segundo seus mandamentos vivificantes e as passagens espirituais de uma idade a outra, a nós que por meio deste exercício guardamos a graça inextinguível, ele permitiu ao final carregarmos os frutos, tornarmo-nos por esta graça filhos de Deus¹¹⁴, e sermos deificados, alcançando o homem perfeito, na medida da plenitude de Cristo¹¹⁵.

Tal era, em uma palavra, a finalidade, a conclusão de toda a economia do Verbo ao nosso respeito. Mas aqui temos motivo para gemer amargamente,

¹¹³ Salmo XXXIII, 11.

¹¹⁴ Cf. João I, 12.

¹¹⁵ Cf. Efésios IV, 13.

como diz João Crisóstomo. Porque teríamos usufruído de tamanha graça, teríamos sido dignos de tal nobreza, que nossa alma, purificada pelo Espírito no batismo, brilharia mais do que o sol, pois teríamos recebido como crianças este esplendor semelhante a Deus. Ora, cegos que fomos pela ignorância, mas acima de tudo pela noite escura das preocupações da existência, apagamos de tal modo graça sob as paixões, que estávamos a ponto de extinguir em nós totalmente o Espírito de Deus, quase como aqueles que responderam a Paulo que sequer haviam escutado que havia um Espírito Santo¹¹⁶, e que estávamos como que na partida, quando ainda não começara nossa graça. Ora essa, como somos fracos, incapazes de fazer desaparecerem a malícia e nossa tendência intempestiva para o sensível! O espantoso é que, quando ouvimos dizer que a graça age em outros, ficamos enciumados, e não acreditamos que a energia da graça seja capaz de operar no século atual.

O que acontece com eles? Primeiro o Espírito, que acumulou de sabedoria os Padres e, como consequência da neipsis – a sobriedade e a vigilância – a atenção em tudo e a guarda do intelecto, lhes revelou como descobrir a graça, como uma maravilha, em verdade, no coração mesmo da ciência. Por outro lado, a prece continua a nosso Senhor Jesus Cristo Filho de Deus¹¹⁷, devo dizer, não apenas com o intelecto, nem só com os lábios (o que, com efeito, ocorre normalmente de forma espontânea em todos os que escolhem fazer ato de piedade, e do que qualquer um é capaz com facilidade). Esta oração é concedida aos que voltaram seu intelecto inteiramente para a interioridade do homem. E é um deslumbramento. Assim, por dentro, nas profundezas mesmas de seu coração, eles invocaram o santo nome do Senhor esperando a sua piedade, atentos às palavras cruas da oração e só a elas, não percebendo nada mais nem do exterior nem do interior, para manter o intelecto inteiramente sem forma e sem cor. As razões deste trabalho, e sua matéria, se podemos dizê-lo, provêm do ensinamento do Senhor, que tanto dizia: “O Reino dos céus está em vocês¹¹⁸”, como dizia: “Hipócrita, purifique antes o interior da taça e do prato, e então o exterior também será puro¹¹⁹”. Isto não deve ser tomado na ordem sensível, mas se aplica ao nosso homem interior. Como escreve com justeza o apóstolo Paulo aos Efésios: “É

¹¹⁶ Cf. Atos XIX, 2.

¹¹⁷ Cf. I Tessalonicenses V, 17.

¹¹⁸ Lucas XVII, 21.

¹¹⁹ Mateus XXIII, 26.

por isso que eu dobro o joelho diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de que ele lhes conceda ser em potência fortificados pelo seu Espírito, no seu homem interior, e que ele faça com que Cristo habite em seus corações.¹²⁰” Podemos encontrar testemunho mais claro? Em outra parte: “Cantando, disse ele, e celebrando o Senhor nos seus corações.¹²¹” Está ouvindo? Ele disse: “no coração”. O que é confirmado pelo Corifeu dos apóstolos: “Até que brilhe o dia, disse ele, e que a estrela da manhã se levante em seus corações¹²².” E isto, que é necessário a todo homem votado à piedade, o Espírito Santo o ensina igualmente em muitas páginas do Novo Testamento, como podem perceber os que se debruçam e refletem sobre elas.

Graças a este trabalho dedicado ao Espírito e à ciência, tanto quanto possível ligado à obra dos mandamentos e à ação das demais virtudes éticas, graças ao calor suscitado no coração à invocação do santo nome e pela energia espiritual que brota desta invocação, as paixões são consumidas. “Pois nosso Deus é um fogo que consome o mal.¹²³” Pouco a pouco o intelecto e o coração são purificados e unem-se um ao outro. Ora, quando eles estão purificados e unidos, é mais fácil conduzir-se conforme os mandamentos salutares. Logo os frutos do Espírito aparecem na alma, e abundam os bens. Numa palavra, é-nos permitido voltar rapidamente à graça perfeita do Espírito, que nos foi dada no batismo, que está em nós, mas que foi misturada às paixões, como uma brasa em meio às cinzas, e que se incendeia com todo o esplendor na alma, para que esta seja reconhecida, tenha sua inteligência iluminada e que, por conseguinte esteja terminada, e deificada.

A maior parte dos Padres menciona aqui e ali este trabalho em seus escritos. Eles o fazem para aqueles que conhecem a razão. Mas sem dúvida alguns deles previram que nossa geração ignoraria e negligenciaria este estudo salutar. Tendo explicado precisamente o modo prático do estudo por certos métodos naturais, eles não hesitaram em no-lo transmitir, a nós seus próprios filhos, como uma herança paterna. Eles honraram este estudo com diferentes nomes. Eles o chamaram de começo de todo trabalho que praz a Deus, de

abundância de bens, de sinal puríssimo do arrependimento, de ação que aproxima da verdadeira contemplação pelo intelecto. E todos eles nos exortam a que nos consagremos realmente a esta obra. Mas eu me lamento com o que acontece aqui, e o sofrimento me corta as palavras. Pois estes livros, e muitos outros ainda, que tratam da atenção e da nepsis e que são chamados de népticos, significam de fato, no amor da sabedoria, o trabalho da purificação, da iluminação e da perfeição, para falarmos como o Areopagita. Todos, da mesma forma, como outros tantos meios e órgãos necessários, vão na mesma direção e têm como único objetivo a deificação do homem. Mas, tanto devido à sua antigüidade como por sua raridade, eles fizeram falta. Permitam-me dizer que eles jamais foram editados. E, se alguns sobreviveram, foram comidos por vermes e deteriorados de todas as maneiras. Eles são mencionados quase como se nunca tivessem existido. Eu acrescentarei que a maior parte dos nossos caíram na negligência, e se ocupam de muitas coisas, quero dizer, das virtudes corporais, das virtudes ativas, ou, a bem dizer, somente dos instrumentos das virtudes, e passam toda a sua vida nisso. A única coisa necessária, a guarda do intelecto e a prece pura, eles sequer sabem que negligenciam, fora de toda ciência. O risco está aí, que falem totalmente a concisão e a doçura de tal trabalho, que a graça se ensombreça e se extinga, e que com ela seja subtraída a obra que nos une ao nosso Deus. (Como dissemos, esta união era a vontade anterior de Deus, em sua benevolência, desde o princípio. Quanto ao fim, que é o objetivo supremo – a criação em vista do ser, e a economia do Verbo que nos encaminha ao ser-no-bem, e ao ser-no-bem-eterno – isto é simplesmente o que Deus fez tanto no antigo como no novo Testamento).

Aonde, outrora, muitos dos que viviam no mundo, os próprios reis e todos os que passavam seu tempo nos palácios, a cada dia tomados por uma quantidade de encargos e preocupações inerentes aos seus cargos, não perseguiram senão uma única obra, a de orar continuamente em seus corações (como encontramos tantos nas Crônicas), atualmente, devido à negligência e à ignorância, tornou-se raro – e que vergonha! – e bem difícil encontrar tais homens, não apenas dentre os que vivem no mundo, mas mesmo entre os monges e aqueles que vivem em solidão. Uma vez que estão privados desta obra, e embora levem adiante o combate, cada qual como pode, cada qual esforçando-se pela virtude, estes não colherão porém nenhum fruto. Pois sem a lembrança contínua do Senhor, sem o coração grávido desta lembrança, sem o intelecto purificado de todo mal, é impossível

¹²⁰ Efésios III, 14-17.

¹²¹ Efésios V, 19.

¹²² II Pedro I, 19.

¹²³ Deuteronômio IV, 24.

dar fruto. Pois foi dito: “Sem mim vocês nada podem fazer”, e também: “Aquele que permanecer em mim dará muitos frutos¹²⁴”.

Eu o reconheço, então. Para o fato de faltarem os que se distinguem pela santidade e que vivem mesmo após a morte, para o fato de que são tão pouco os que se salvam nestes tempos¹²⁵, não há outra causa do que esta: nós negligenciamos esta obra que leva à deificação. Se a sua inteligência não for deificada, diz um Padre, é impossível ao homem ser santificado, e nem sequer salvo. O que o Sábio de Deus revela aqui é terrível, até para ser ouvido: ser salvo e ser deificado são uma só e mesma coisa. Mas o mais grave é que estamos privados até mesmo dos livros que poderiam nos levar lá. Ora, sem eles, é quase impossível alcançar o fim.

Mas eis que surge João Mavrogordatos, este homem bom, amante de Cristo, plenamente dotado de todas as qualidades mais importantes que conduzem à generosidade, ao amor pelos pobres, à hospitalidade e a todas as virtudes, continuamente ardente de zelo pelo bem comum.

Foi ele quem, inspirado pela graça de Cristo, que quer salvar e deificar todos os homens¹²⁶, transformou em alegria nossas lamentações e resolveu o insuperável. Com efeito, propondo a cada um os meios para a deificação, ele fez-se por assim dizer pés e mãos a fim de contribuir por meio desta obra ao aconselhamento eterno de Deus, como ele disse. Que glória e que grandeza! Pois aqui está o que jamais foi publicado antes. Eis o que estava oculto, destinado à obscuridade e ao abandono, estes textos esquecido, comidos de vermes, jogados e dispersos por aí. Ei-los aqui, eles que, pela via da ciência, conduzem à pureza do coração, à sobriedade e ao despertar do intelecto, à rememoração da graça que está em nós, e podemos acrescentar: à deificação. Reunindo-os num mesmo livro, João Mavrogordatos os edita à luz do dia. E era preciso. Era preciso que alguém expusesse tudo o que se refere à iluminação divina, e que o fizesse à luz de uma edição. Com isto, de um lado ele alivia aqueles que sabem quantas penas custam a transcrição dos manuscritos e, de outro, simultaneamente ele desperta o amor por sua aquisição, quero dizer o amor ao próprio ato, naqueles que não sabem. Você

¹²⁴ João XV, 5.

¹²⁵ Cf. Lucas XIII, 23.

¹²⁶ Cf. I Timóteo II, 4.

tem portanto em mãos, caro leitor, graças a ele, sem dificuldade e facilmente, o presente livro espiritual, este livro que é o tesouro da nepsis, a guarda do intelecto, o ensinamento místico da noera proseuchè – a prece espiritual – este livro que é uma admirável exposição da praktikè – a virtude ativa –, um guia da contemplação infalível, o Paraíso dos Padres, a áurea catena das virtudes, este livro que é uma conversa permanente com Jesus, a trombeta que anuncia a graça, em uma palavra o próprio órgão da deificação, o bem, mil vezes desejado acima de todos os outros, meditado e buscado desde muitos anos, porém inencontrável. É por isso que você, leitor, deve sentir-se obrigado pela necessidade e por toda a justiça, de orar ao divino com o coração ardente para seu benfeitor e seus colaboradores, a fim de que também eles, que se deram ao trabalho, alcancem a justa medida da deificação, e sejam os primeiros a provar seus frutos.

Mas aqui alguém poderá objetar que os testemunhos deste livro não deveriam ser publicados, uma vez que são estranhos ao entendimento da maioria das pessoas, e que estas coisas não são isentas de perigos. Responderemos em duas palavras. Também nós, caro amigo, não entramos nesta empresa por nossas próprias idéias, mas partindo do exemplo de outros. De um lado, temos o exemplo da Santa Escritura, que pede a todos os fiéis, sem distinção, que orem continuamente¹²⁷ e que tenham sempre o Senhor diante dos olhos: seria portanto ímpio dizer que existe um impedimento, ou que é impossível seguir os mandamentos do Espírito, segundo o grande Basílio. Por outro lado, temos o exemplo da tradição escrita dos Padres: de fato, Gregório o Teólogo pede a todos aqueles de quem estava encarregado que se lembrassem de Deus mais do que que respirassem. João Crisóstomo consagrou três sermões inteiros à prece contínua do intelecto, e em numerosas falas ele exorta todo mundo a orar sempre. Da mesma forma Gregório o Sinaíta, por onde passava, ensinava este trabalho salutar. E o próprio Deus, ao enviar milagrosamente um anjo do alto, selou esta verdade, fechando a boca do monge que contestava, como poderemos ver ao final deste livro. E que mais dizer, quando mesmo os que vivem no mundo, que passam seu tempo nos palácios imperiais, e que, como dissemos, possuem esta meditação como obra incessante, que dizer quando eles confirmam o fato, sendo capazes por si sós de fechar a boca dos contraditores? E se alguns se desviaram um pouco, o que há de espantoso

¹²⁷

Cf. I Tessalonicenses V, 17.

nisto? Na maior parte das vezes, foi por presunção que eles se perderam, como diz Gregório o Sinaíta. Quanto a mim, penso que a causa desta derivação é a seguinte: eles não seguiram rigorosamente e em tudo o ensinamento dos Padres sobre este trabalho. Mas a causa não estaria no próprio trabalho, longe disto. Pois este trabalho é santo, e é basicamente por meio dele que deveremos ser liberados de todo erro. De fato, diz Paulo, os mandamentos de Deus que conduzem à vida, aplicado segundo a lei, levaram alguns à morte. Mas isto não aconteceu por causa do mandamento. Mas como, então? Porque o mandamento é santo, justo e verdadeiro¹²⁸? Devido à perversidade das tramas do mal? Porque então? Devemos acusar o mandamento divino por causa do pecado de alguns? Devemos também negligenciar este trabalho salutar, porque alguns se perderam? Absolutamente. Nem um, nem outro. Mas, antes de mais nada, tenhamos confiança n'Aquele que disse: "Eu sou o caminho e a verdade"¹²⁹, e coloquemos mãos à obra, com toda a humildade e em estado de luto. Com efeito, se alguém se desembaraçou de sua presunção e do desejo de agradar aos homens, mesmo que seja agredido por toda uma falange de demônios, estes não conseguiriam se aproximar dele, conforme o ensinamento dos Padres.

Sendo as coisas assim, e como este livro expõe o irreprochável, em tudo e por tudo, e de todos os lados, como foi dito, este convite da Sabedoria será daqui para frente muito oportuno: tomá-lo nas mãos, e proclamar em alto e bom tom o apelo que a todos convoca para a mesa espiritual deste livro. Vocês que não desdenham o festim de Deus, vocês que não buscam pretexto alegando a colheita, os animais e as mulheres, como aqueles que se subtraíram ao convite no Evangelho, venham, venham. Comam neste livro o pão gnóstico da Sabedoria, e bebam o vinho que alegra o coração com toda a inteligência e que o separa de todo o sensível e de todo o inteligível, pela deificação no êxtase. Embriaguem-se da embriaguez que dá a verdadeira sobriedade. Venham, todos vocês que tomam parte da vocação ortodoxa, leigos e monges, vocês que se esforçam por encontrar o Reino de Deus em si mesmos, bem como o tesouro escondido no campo do coração, Jesus Cristo, doce e humilde, a fim de, com a seu intelecto libertado do cativeiro inferior e de sua perdição, e com o coração purificado das paixões pela invocação contínua de

¹²⁸ Cf. Romanos VII, 12.

¹²⁹ João XIV, 6.

nosso Senhor Jesus Cristo e pelas demais virtudes auxiliares que são ensinadas neste livro, vocês estejam unidos a si próprios e através de si próprios a Deus, conforme a oração do Senhor ao Pai, quando ele disse: "Para que todos sejam um como nós somos um"¹³⁰, e que, assim unidos a Ele e inteiramente transformados pela posse e o êxtase do Eros divino vocês sejam plenamente deificados na noera aisthesis – o sentido do intelecto – na plerophoria – a plena certeza indubitável – e que vocês cheguem ao objetivo último de Deus, glorificando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a Divindade única em sua divina Origem, a ela toda a glória, a honra e a adoração pelos séculos dos séculos. Amém.

¹³⁰ João XVII, 22.

ANTÔNIO O GRANDE

EXORTAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DOS HOMENS E A VIDA VIRTUOSA

Antônio o Grande

Antônio o Grande, nosso Pai, o Corifeu do coro dos ascetas, viveu no reino de Constantino, por volta do ano 330. Ele foi contemporâneo de Atanásio, que escreveu a história de sua vida. Ele levou ao extremo a virtude e a impassibilidade. Embora tenha sido um homem simples e iletrado, foi-lhe concedido do alto ensinar a sabedoria do Espírito, que instrui os pecadores e as crianças. Com seu intelecto iluminado pela graça desta sabedoria, ele explicou diversos e numerosos princípios espirituais, e aos que o interrogavam ele deu respostas muito sábias, para grande benefício da alma, como podemos ver nos escritos dos Padres do deserto. Além destes testemunhos, ele nos deixou 170 capítulos que estão reportados no presente livro. Que é ele o verdadeiro autor destes pensamentos, João Damasceno e outros o confirmam. A textura das frases exclui a dúvida. Entretanto, ela permite interpretações aos que as examinam minuciosamente. Seja como for, os pensamentos são contemporâneos de uma santa antigüidade.

Não é de espantar, assim, que as expressões procedam de uma escrita das mais simples, arcaica e sem pesquisas. O espantoso, é que tamanha simplicidade coloque o leitor no caminho da salvação e de tanto bem, a ponto de nele florescer a convicção, a ponto de nele instilar o regozijo. Direto ao ponto em que brilha a doçura e a certeza da vida evangélica. Aqueles que provarem deste mel em seu intelecto certamente alcançarão este prazer.

*

Estes 170 capítulos, atribuídos a santo Antônio, e que constituem o texto inicial da grande Filocalia grega, são a um tempo um paradoxo e um símbolo.

O Paradoxo é evidente. O texto, o mais antigo da antologia, possui toda uma fórmula. Ele anuncia os dados e o alcance do combate espiritual. Mas ele é cômico que estranho ao apoio bíblico e eclesiástico do *corpus* filocalico: nenhuma citação direta das Escrituras, nenhuma menção ao nome de Cristo, nenhuma referência à comunidade cristã. Apenas encontramos, no capítulo 141, e como uma breve interpolação, uma confissão das pessoas da Trindade.

Mas o símbolo não é menos claro. Existe aí como que um duplo enraizamento da tradição hesiquiasta no nome de santo Antônio e em suas “exortações” que, para a crítica moderna, não são mais do que uma compilação de escritos estoicos tardios revistos por um monge cristão. Ou então se trata da redação direta de um tratado cristão que utiliza premissas estoicas daquilo que os Padres chamarão mais tarde de “filosofia prática”. Em todo caso, a osmose é total. A esperança cristã repousa inteiramente na “conduta virtuosa”. Simplesmente Deus, a imortalidade, a vida eterna, a salvação, o Reino dos céus, constantemente invocados, mas como que separados do Evangelho, substituem aqui a ataraxia. Assim, a salvação depende menos da redenção do que do princípio da causalidade. O homem é imortal porque é dotado de intelecto e de razão, não porque tenha sido remido pela encarnação do Filho de Deus. Um abismo. Mas um abismo fecundo, cheio de palavras-chave do vocabulário hesiquiasta (o *logos* e o *nous*, a razão e o intelecto) que, para os Padres, são as próprias mediações que unem Deus e o homem, desde que a razão se faz carne em Cristo e que o intelecto se resolve em prece do coração e em deificação luminosa. A osmose total não é, assim, gratuita.

Mas nestas condições, a atribuição do texto a santo Antônio não poderia ser senão simbólica. Apenas as datas coincidem aproximadamente: do século I ao IV de nossa era para os 170 capítulos, e o II e IV para santo Antônio, que foi nos desertos do Egito o Pai do monaquismo cristão: assim, Antônio e suas exortações apenas têm em comum o fato de serem os primeiros testemunhos daquilo que iria se seguir depois.

O lugar dos 170 capítulos à frente da antologia filocalica, por paradoxal que seja, é, portanto, exemplar. Estes capítulos significam no mínimo que o estoicismo, esta esfera fechada em que a um tempo se refinava e petrificava a filosofia antiga, acabou por se abrir à esperança cristã, ou, em todo o caso, por lhe servir de suporte. Ele chegará aos monges, ao longo dos séculos, pelo exercício da humildade e da compaixão evangélicas, atribuindo a “filosofia prática” unicamente a prece do coração, portanto à pura espera da graça. Mas o símbolo está preservado. Na longa história do monaquismo cristão, este texto, a seu modo, corresponde exatamente àquilo que foi a experiência decisiva de santo Antônio: uma gestação.

EXORTAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DOS HOMENS E A VIDA VIRTUOSA

1. É abusivo dizer que os homens são dotados de razão. Não são racionais aqueles que se deixam ensinar pelas palavras e os livros dos sábios antigos. Mas são racionais aqueles cuja alma é dotada de razão e que são capazes de discernir o que é o bem e o que é o mal. Fugindo de tudo o que é mau e nocivo, eles se consagram ao estudo do que é bom e útil. São eles, e somente eles, que podemos chamar verdadeiramente de homens dotados de razão.

2. O homem dotado de razão na verdade não tem senão uma coisa no coração: obedecer e agradar ao Deus do universo, e conformar sua alma com a única preocupação de lhe ser agradável, dando-lhe graças pela realidade e a força de sua providência por meio da qual ele dirige todas as coisas, seja o que for que lhe aconteça durante a vida. De fato, seria fora de propósito agradecer pela saúde do corpo aos médicos que nos prescrevem remédios amargos e desagradáveis, enquanto recusamos a Deus a gratidão por coisas que nos parecem penosas, como se não soubéssemos que tudo o que acontece é como deve ser, e para nosso bem, pelos cuidados da providência. Pois o conhecimento de Deus e a fé nele são a salvação e a perfeição da alma.

3. A temperança, a resignação, a castidade, a perseverança, a paciência e similares, são as correspondentes potências virtuosas consideráveis que recebemos de Deus para resistir às dificuldades do momento, fazer-lhes frente e nos socorrer. Se exercermos e mantivermos estas potências, perceberemos que daí em diante nada mais de difícil, doloroso e intolerável nos acontece, com o pensamento de que tudo é humano e pode ser dominado pelas virtudes que estão em nós. Os que não têm a inteligência da alma não pensam assim, pois eles não compreendem que tudo acontece para o bem e como se deve, para nosso benefício, a fim de que brilhem as virtudes, e que sejamos coroados por Deus.

4. Se você pensa que ter dinheiro e mostrar opulência não passam de aparência ilusória e passageira, se você sabe que a vida virtuosa que agrada a Deus o resgata das riquezas, e se você refletir seriamente nisto e guardar na lembrança, você não mais gemerá, nem se lamentará, você não acusará ninguém, mas em tudo dará graças a Deus, vendo aqueles que são piores do

que você apoiarem-se sobre a eloquência e o dinheiro. Pois este é para a alma um mal tão grave como a cobiça, a ambição e a ignorância.

5. É examinando a si mesmo que o homem dotado de razão experimenta o que lhe convém e lhe é útil, o que é apropriado à alma e lhe é vantajoso, e o que lhe é estranho. E é assim que ele evita o mal que é nocivo à alma, por ser-lhe estranho e separá-la da imortalidade.

6. Quanto mais modestamente vive a pessoa, mais ela é feliz, porque tem poucas preocupações. Ela não precisa se inquietar com servidores e com trabalhadores, ela não procura possuir animais. Pois os que se deixam acossar pelas preocupações e tombam diante das dificuldades que elas lhes ocasionam acabam por desgostar-se de Deus. Mas então este ciúme que não está senão em nós irriga a morte, e ficamos a errar pelas trevas de uma vida de pecado, sem conhecermos a nós mesmos.

7. Não se deve dizer que é impossível ao homem alcançar uma vida virtuosa, mas sim que isto não é fácil. Esta vida não está ao alcance de qualquer um. Mas partilham a vida virtuosa aqueles, dentre os homens, que se consagram à piedade e cujo intelecto é amado por Deus. Pois o intelecto comum está voltado para o mundo, ele é mutante, ele nutre tanto bons como maus pensamentos, ele se altera por natureza e se dirige para a matéria. Mas o intelecto amado por Deus sabe preservar-se do mal que a negligência suscita no homem.

8. Os homens incultos e ignorantes transformam em zombaria as palavras dos outros e recusam-se a ouvi-la quando sua ignorância é repreendida; eles querem que todo mundo seja como eles. Da mesma forma, os homens depravados em sua vida e seu comportamento arrumam-se para que todo o mundo seja pior do que eles; eles imaginam que, em meio a tantos vagabundos, serão considerados irrepreensíveis. A alma descuidada se perde e se suja na malícia que lhe apresenta o deboche, o orgulho, a avidez, a cólera, a agressividade, a fúria, a brutalidade, os queixumes, a inveja, a cupidez, a rapacidade, a dor, a mentira, o prazer, a irresponsabilidade, a tristeza, a preguiça, a doença, a raiva, a vergonha, a fraqueza, o erro, a ignorância, as mentiras, o esquecimento de Deus. É por estes males, e por outros semelhantes, que a pobre alma que se separou de Deus é castigada.

9. Aqueles que desejam levar uma vida virtuosa, piedosa e louvável, não devem ser julgados por seu comportamento, que pode ser simulado, sem por sua conduta, que pode ser enganadora. Mas como os artistas, os pintores e os escultores, é por suas obras que eles revelam sua conduta virtuosa e amada por Deus, e que eles rejeitam como armadilhas todos os prazeres maus.

10. Aos olhos daqueles que possuem um juízo são, ser rico e bem nascido, mas possuir a alma inculta e a vida desprovida de toda virtude, equivale a ser infeliz, assim como é feliz aquele que a sorte fez nascer pobre e escravo, mas cuja vida é ornada de virtudes. Assim como os estrangeiros se perdem pelos caminhos, também os que não têm nenhum cuidado com a vida virtuosa se perdem deixando-se enganar pelas ilusões.

11. Devemos chamar “criador de homens” àquele que é capaz de domar as naturezas incultas a ponto de fazê-las amar a instrução e a cultura. Da mesma maneira, aqueles que transformam os desviados inspirando-lhes uma conduta virtuosa que agrada a Deus, também devem ser chamados “criadores de homens”, pois eles remodelam os homens. Pois a doçura e a temperança são para as almas humanas uma felicidade e uma boa esperança.

12. É preciso que os homens se conduzam em verdade como convém a seu comportamento e sua conduta. Uma vez operado este redirecionamento, torna-se fácil conhecer as coisas de Deus. Com efeito, aquele que venera a Deus com todo seu coração e com toda sua fé, recebe da providência divina a possibilidade de dominar a cólera e a cobiça. Ora, a cobiça e a cólera são a fonte de todos os males.

13. Que leve o nome de homem aquele que é dotado de razão ou aquele que aceita se corrigir. Quem não se corrige é chamado indigno do nome de homem: isto é próprio dos seres inumanos. Devemos fugir destes, pois é impossível àqueles que vivem no mal serem contados entre os imortais.

14. Se verdadeiramente a razão nos acompanha, ela nos torna dignos de sermos chamados de homens. Mas se abandonamos a razão, é apenas pela conformação dos membros e pela voz que diferimos dos animais sem razão. Que o homem inteligente reconheça assim que ele próprio é imortal, e ele terá aversão por toda cobiça desregrada, que é causa da morte para os homens.

15. Cada uma das artes, organizando a matéria que lhe é própria, revela sua virtude. Um trabalha a madeira, outro o bronze, outro o ouro e a prata. Do mesmo modo, nós que ouvimos falar da conduta feliz e virtuosa que agrada a Deus, devemos mostrar em verdade que somos homens dotados de razão por nossa alma, e não apenas pela conformação do corpo. Ora, a alma que é verdadeiramente dotada de razão e amada por Deus conhece no campo todas as coisas da vida. Ela ora a Deus com todo seu amor e lhe rende graças na verdade, dirigindo a ele todo seu desejo e todos os seus pensamentos.

16. Assim como os pilotos têm um vigia para dirigir o navio e não atirá-lo contra algum banco submarino ou um rochedo, também os que aspiram à vida virtuosa devem examinar cuidadosamente o que fazer e o que evitar. Que eles considerem que seu bem está nas verdadeiras leis, as leis divinas, cortando pela raiz as ambições prejudiciais da alma.

17. Assim como os pilotos e condutores de carros, à força de atenção e cuidados, chegam aonde querem, também os que cultivam a vida reta e virtuosa devem ter o cuidado de levar uma vida que convenha e agrade a Deus. Pois aquele que quer, e que compreende que pode se acreditar, toma o caminho da imortalidade.

18. Considere que são livres, não os que a sorte fez livres, mas os que o são por sua vida e seu comportamento. Pois não devemos chamar livres de verdade os príncipes que vivem no mal e no deboche: eles são escravos das paixões da matéria. A liberdade e a felicidade da alma é a pureza fiel e o desdém pelo que acontece.

19. Lembre-se de que é preciso sem cessar dar seu testemunho aos olhos dos outros, mas por sua conduta virtuosa e pelas próprias obras. É assim, não pelas palavras mas pelos atos, que os doentes descobrem e reconhecem, em seus médicos, os benfeitores e salvadores.

20. A marca da alma dotada de razão e virtuosa está no olhar, no caminhar, na voz, no riso, nas ocupações e nas conversas. Pois tudo se transforma e se readapta para se tornar mais nobre. O intelecto amado por Deus guarda suas portas, vigilante e sóbria, interditando a entrada à infâmia dos maus pensamentos.

21. Reflita você mesmo, e reconheça que os magistrados e as autoridades têm poder somente sobre os corpos, mas não sobre a alma. Guarde sempre consigo esta convicção. Se eles ordenam uma violência, ou um absurdo, ou uma injustiça nociva à alma, não devem ser obedecidos, mesmo que maltratem seu corpo, pois Deus criou a alma livre e capaz de decidir por si mesma se ela faz o bem ou o mal.

22. A alma dotada de razão dedica-se a se livrar da ambição, do orgulho, da arrogância, da falsidade, do ciúme, da rapacidade e dos vícios que lhes assemelham. Todos esses vícios são obra dos demônios e de uma vontade má. Mas um esforço e um cuidado perseverantes corrigem tudo isso no homem cujo desejo não se orienta para os prazeres fáceis.

23. Aqueles que vivem com pouco e não procuram tudo obter, escapam aos perigos e não precisam ser vigiados. Quanto aos que dominaram a cobiça em todas as coisas, estes encontram facilmente o caminho que leva a Deus.

24. Não é necessário que os homens dotados de razão possuam muitos relacionamentos. Eles só têm necessidade de relacionamentos úteis, dirigidos pela vontade de Deus. É assim que os homens retornam à luz e à vida eterna.

25. Os que aspiram a uma vida virtuosa amada por Deus devem afastar-se do orgulho e de toda glória falsa e vã, e se esforçar para bem endireitar sua vida e seus pensamentos. Pois o intelecto amado por Deus e sempre igual é o caminho que nos eleva a Deus.

26. A ninguém adianta saber falar se lhe falta a conduta da alma da alma que é agradável a apraz a Deus. Mas a fonte de todos os males é o erro, a mentira e a ignorância de Deus.

27. É o cuidado com a vida mais bela e com a alma que torna os homens bons e amados por Deus. Pois aquele que procura a Deus o encontra: ele domina toda cobiça e não se separa da oração. Este homem não teme os demônios.

28. Os que se perderam por causa das esperanças desta vida e não sabem senão em palavras levar a vida mais bela, são um pouco como pacientes que buscam os remédios e os instrumentos da medicina, mas que não sabem servir-se deles nem se inquietam com isto. É por isso que, quando estamos em

falta, não devemos jamais acusar nossos pais ou qualquer outra pessoa, mas apenas a nós mesmos. Pois se a alma se abandona à negligência, torna-se para ela impossível vencer.

29. A quem não sabe discernir o que é bom do que é mau, é impossível julgar quem é bom e quem é mau. Pois o homem é bom se ele conhece a Deus; mas se ele não é bom, ele de nada sabe e nunca terá este conhecimento. Pois o bem é o modo de conhecimento de Deus.

30. Os homens bons e amados por Deus não denunciam o mal de outrem senão na sua presença, e cara a cara. Eles jamais reprovam os ausentes. E eles não aceitam escutar os que assim acusam os outros.

31. Que em suas conversas seja banida toda duração. Pois a modéstia e a reserva ornaram o homem dotado de razão, mais ainda do que as virgens. O intelecto amado por Deus é a luz que ilumina a alma, como o sol ilumina o corpo.

32. Em todas as provas que couberem à sua alma, lembre-se de que aos olhos dos que têm o justo cuidado e a vontade de manter em ordem e em segurança o que lhes pertence, não é a posse perecível das riquezas que é considerada agradável, mas as doutrinas retas e verdadeiras: são elas que os fazem felizes. Pois o rico pode ser despossuído e pilhado pelos que são mais poderosos do que ele. Mas a virtude da alma é o único bem seguro e inviolável, o único também que, após a morte, salva a quem o possui. Os que pensam assim não serão arrastados pelos fantasmas da riqueza e dos prazeres.

33. Não convém que homens instáveis e incultos se tenham por eminências. O homem eminente é aquele que agrada a Deus, que se cala na maior parte das vezes, ou que fala pouco e não diz senão o que é preciso e agrada a Deus.

34. Os que aspiram a viver na virtude e no amor de Deus, cuidam das virtudes da alma como de um bem próprio, como de suas próprias delícias eternas. Quanto às coisas que passam, eles desfrutam delas na medida do possível, e conforme o que Deus dá e quer. A tudo eles usam com toda alegria e gratidão, mesmo se estas coisas lhes forem racionadas. Pois comer bem e bastante alimenta o corpo e sua matéria. Mas o conhecimento de Deus, a temperança, a bondade, a bem-aventurança, a piedade e a doçura deificam a alma.

35. Aqueles que, dentre os poderosos, obrigam a que sejam feitas ações deslocadas e nocivas, enquanto que a alma foi criada livre, não são, portanto, senhores. Eles podem aprisionar o corpo, mas não a vontade, pois o homem dotado de razão é seu senhor por Deus seu Criador, que é mais forte do que qualquer poder, qualquer imposição e qualquer potência.

36. Os que consideram como uma infelicidade a perda de dinheiro, de filhos, de servidores ou de qualquer outro bem, saibam que devemos antes de tudo contentarmo-nos com o que Deus dá, e devolver-lhe com entusiasmo e gratidão, quando preciso, sem sermos afetados por esta privação, ou antes por esta restituição, pois aqueles que se servem daquilo que não lhes pertence não cessam de devolver.

37. É obra do homem justo não vender sua liberdade em troca de bens que lhe sejam oferecidos, mesmo que sejam muitos. Pois as coisas da terra são como que um sonho, e a riqueza não passa de uma ilusão incerta e efêmera.

38. Que os que são verdadeiramente dignos de serem chamados de homens se dediquem a conduzir suas vidas no amor a Deus e à virtude a fim de que sua vida virtuosa brilhe no meio dos outros homens. Assim como a púrpura, por pouca que seja, salpicada sobre a brancura de uma vestimenta, a enfeita de beleza e a faz distinguir e reconhecer, também estes homens manterão com mais segurança o cuidado com as virtudes da alma.

39. Os homens sábios devotam-se a bem examinar sua força e os recursos da virtude que trazem na alma, se eles querem estar prontos para se opor a todas as paixões, na medida de suas possibilidades, que lhes são naturalmente dadas por Deus. Seus recursos, são a temperança face às seduções da beleza e a toda cobiça nociva à alma, a perseverança face às penas e privações, a paciência face ao insulto e à cólera, além das correspondentes virtudes.

40. É impossível que um homem se torne subitamente sábio e bom. É preciso um estudo assíduo, a perseverança, a experiência, o tempo, a ascese, e o desejo pela boa obra. O homem bom e amado por Deus, aquele que em verdade conhece a Deus, não cessa de fazer em abundância tudo o que agrada a Deus. Mas estes homens são raros.

41. Não convém aos menos dotados dos homens, os que se desesperam de si

mesmos, tratar com negligência e desdém a conduta virtuosa amada por Deus, sob pretexto de ser-lhes inacessível e fora de alcance. Ao contrário, eles devem colocar nisso todas as suas forças e cuidar de si, pois mesmo que não possam atingir os cumes da virtude e da salvação, entretanto, por seu esforço e seu desejo, ou eles se tornam melhores, ou ao menos não se tornam piores, o que para a alma não é pouco benefício.

42. Por sua natureza racional, o homem se liga a esta faculdade misteriosa e divina da razão. Mas por sua natureza corpórea, ele se aparenta aos animais. Alguns, pouco numerosos, verdadeiramente homens e verdadeiramente dotados de razão, de todo o coração dirigem ao seu Deus e Senhor seus pensamentos e afinidades, e o manifestam por seus atos e por uma vida virtuosa. Mas a maior parte dos homens, que não têm a inteligência da alma, desprezam esta filiação divina e imortal, para se voltar à afinidade com o corpo, afinidade morta, infeliz e passageira, e não pensam senão nas coisas da carne, como os animais sem razão, ligando-se aos prazeres. Assim eles se separam de Deus e, por efeito de sua vontade, separam a alma dos céus e a arrastam para o abismo.

43. O homem dotado de razão, lembrando-se de que participa do divino e que está unido a ele, jamais se apaixonará por seja lá o que for de terrestre e vil. Ele mantém seu intelecto voltado para o que é celeste e eterno. E ele sabe que a vontade de Deus é a salvação do homem, uma vez que Deus é para os homens a causa de todos os bens e a fonte da beatitude eterna.

44. Quando você tiver que se haver com alguém que disputa e combate a verdade e a evidência, corte imediatamente a disputa e afaste-se deste homem cuja inteligência está petrificada. Da mesma forma, com efeito, com que uma água ruim estraga os melhores vinhos, também as conversas sem sentido corrompe aqueles que consagram a vida e o pensamento à virtude.

45. Se nos esforçamos por todos os meios para escapar da morte do corpo, muito mais deveríamos fazer para escapar à morte da alma. Diante daquele que quer ser salvo, não existe, com efeito, outro obstáculo que a negligência e a irresponsabilidade da alma.

46. Aqueles que têm dificuldade em compreender o que lhes é vantajoso e o que lhes é dito a respeito do bem são considerados doentes. Mas quando

aqueles que compreendem a verdade discutem impudentemente, é a razão que está morta e seu comportamento é selvagem. Eles não conhecem a Deus e sua alma não está iluminada.

47. Deus, com sua palavra, destinou as espécies animais a diferentes usos sucessivos. Algumas devem ser comidas, outras devem servir. E ele criou o homem para contemplar suas vidas e suas obras e para reconhecê-las e interpretá-las. Que os homens se apliquem, assim, a não morrer sem antes contemplar e entender Deus e suas obras, como os animais desprovidos de razão. O homem deve saber que Deus tudo pode, e que nada se opõe Àquele que pode tudo. A partir do nada ele fez, e fez tudo o que quis com sua simples palavra, para a salvação dos homens.

48. O que está no céu é imortal, por causa da bondade inerente ao que é celeste. Mas o que está na terra tornou-se mortal por causa do mal terrestre inerente que está nela. E este mal, pela negligência e pela ignorância de Deus, atinge aqueles a quem falta a inteligência.

49. A morte, se o homem souber compreendê-la, é imortalidade. Mas para os ignorantes, que não a compreendem, ela é verdadeiramente a morte. Não é esta morte que devemos temer, mas a perdição da alma que está na ignorância de Deus. É isto, para a alma, que é temível.

50. O mal é uma afecção da matéria. Assim, não é possível que o corpo permaneça estranho ao mal. A alma dotada de razão, que compreende isto, ataca este peso da matéria que é o mal. Recusando-se a carregar tal peso, ela se volta para o conhecimento do Deus do universo, considera daí para diante o corpo como um inimigo e um adversário em quem não se pode confiar. É assim que a alma recebe a coroa de Deus, ao superar as provações do mal e da matéria.

51. Se a alma discerne o mal, ela toma aversão a ele como a um animal malcheiroso. Mas se o mal é ignorado, ele é amado por quem o ignora, e então ele captura a este. Pois o mal sujeita a quem o ama. Então o pobre infeliz não vê nem compreende aonde está seu bem, mas pensa que o mal o adorna de belezas, e então se regozija com isto.

52. A alma pura, que é boa, recebe de Deus a luz e o esplendor. Então o

intelecto compreende o que é bom e suscita palavras amadas por Deus. Mas quando a alma é suja pela lama do mal, Deus se afasta dela, ou melhor, ela se separa de Deus. Os demônios do mal então penetram em seu pensamento, e começam a lhe sugerir ações ímpias, adultérios, violências, roubos, sacrilégios e outros malfeitos, que são todos obras do demônio.

53. Aqueles que conhecem a Deus enchem-se de todas as bem-aventuranças da bondade. Aspirando às coisas do céu, eles desdenham as coisas desta vida. Tais homens não agradam à maioria, nem tentam agradá-la. Assim, muitos dentre os que não compreendem nada, não apenas os detestam, como zombam deles. Em sua pobreza, eles aceitam suportar tudo isso, sabendo que o que parece um mal à maioria, aos seus olhos é o bem. Pois aquele cujo intelecto se abre às coisas celestes, crê em Deus e compreende que todas as coisas são criações de sua vontade, enquanto que aquele cujo intelecto não se abre, jamais acreditará que este mundo é obra de Deus e que ele foi feito para a salvação do homem.

54. Aqueles que estão cheios do mal e embriagados pela ignorância não conhecem a Deus, pois suas almas não são nem sóbrias nem vigilantes. Ora, Deus é inteligível. Ele não é visível em si, mas ele se manifesta plenamente no visível, como a alma no corpo. É impossível que o corpo se mantenha sem a alma, assim como é impossível que todo o visível, tudo o que é, possa se manter sem Deus.

55. Porque o homem vem para a existência? Para que, meditando sobre as obras de Deus, ele o contemple e glorifique Aquele que as fez para o bem do homem. Mas é a inteligência que recebe o amor de Deus. Ela é o bem invisível, que Deus concede aos que dela são dignos, por sua conduta virtuosa.

56. Livre é quem não está sujeito aos prazeres, mas domina o corpo pela sabedoria e pela castidade, e se contenta, com toda a gratidão, com os bens que lhe são dados, ainda que sejam racionadíssimos. Pois o intelecto amado por Deus e a alma, quando estão de acordo, pacificam todo o corpo, mesmo conta a vontade deste. Se a alma o quer, todo levante do corpo é reabsorvido.

57. Quem não se satisfaz com o que possui presentemente para viver, mas quer sempre mais, sujeita-se às paixões que perturbam a alma e lhe impõem

pensamentos e imaginações. Pois possuir mais é um mal em si. Assim como uma túnica grande demais atrapalha quem disputa uma corrida, também o desejo de aumentar as riquezas impede a alma de combater e ser salva.

58. As condições nas quais nos encontramos malgrado nós mesmos e sem que o desejemos são uma prisão e um castigo. Assim, ame aquilo que você possui atualmente. Pois se você o assumir de má vontade, você estará punindo a si mesmo por sua própria conta. Na verdade, não existe senão um caminho: o desprezo pelas coisas do mundo.

59. Assim como recebemos de Deus a visão para que possamos distinguir, dentre as coisas que temos diante dos olhos, o que é branco do que é negro, também a razão nos foi dada por Deus para nos permitir discernir o que é bom para a alma. Mas a cobiça, separando-se da razão, engendra o prazer e não permite que a alma seja salva ou que ela se una a Deus.

60. O que é conforme a natureza não é pecado. O pecado é a escolha do mal. Comer não é pecado. Pecado é comer sem dar graças, sem decência nem temperança. Pois convém guardar em vida o corpo fora de toda imaginação perversa. O olhar, se é puro, tampouco é pecado. O pecado está em olhar com inveja, com orgulho ou com indiscrição. É não escutar pacificamente, mas com hostilidade. É não guardar a língua para a ação de graças e a prece, mas deixá-la dizer não importa o quê. É não usar as mãos para socorrer os outros, mas servir-se delas para matar e roubar. Desta forma, cada um dos nossos membros peca por si só, fazendo mal em lugar do bem, contra a vontade de Deus.

61. Se você duvida de que cada uma de suas ações é vista por Deus, considere que você, que é homem e poeira, é capaz de num instante observar e conhecer toda sorte de lugares. Com mais forte razão pode Deus, ele que vê o universo como um grão de mostarda, e que criou e alimentou todas as coisas como quis.

62. Quando você fecha a porta de sua casa e fica só, saiba que um anjo designado por Deus a cada homem estará com você. É este anjo que os gregos chamam de *daimon* interior. Ele não dorme jamais. É impossível enganá-lo. Ele está sempre com você, ele vê tudo e a escuridão não o atrapalha. Com ele, Deus está em toda parte. Pois não existe lugar nem matéria aonde Deus não

esteja, uma vez que ele é maior do que tudo e tem todos os seres em sua mão. 63. Se os soldados são fiéis a César porque César lhes garante o alimento, com muito mais razão devemos nos aplicar a dar graças com nossas bocas, sem jamais nos calarmos, e agradecer a Deus que a tudo criou para o homem.

64. A gratidão e a conduta virtuosa são os frutos do homem que mais agradam a Deus. Ora, os frutos da terra não amadurecem em uma hora: é preciso tempo, a chuva, cuidados. Da mesma forma, os frutos do homem não brilham senão pela ascese, o estudo, o tempo, a perseverança, a obstinação e a paciência. Mas mesmo que, ao ver em você estes frutos, alguns o considerem um homem, piedoso, desconfie sempre de si mesmo enquanto você viver em um corpo, e considere que nada daquilo que vem de você agrada a Deus. Saiba que, de fato, não é fácil um homem permanecer até o fim puro de toda falta.

65. Nada entre os homens é mais precioso do que a palavra. Assim é que a palavra permite servir a Deus rendendo-lhe graças. Mas se nos servimos dela para dizer o mal e blasfemar, nós condenamos nossa alma. Invocar seu nascimento ou qualquer outra razão, quando se está em falta, é assim obra de um homem insensato; foi livremente e por sua própria conta que ele permitiu uma palavra ruim ou uma má ação.

66. Se nos esforçamos para cuidar das paixões do corpo para evitar a zombaria daqueles com quem encontramos, com mais razão devemos nos esforçar para curar as paixões da alma, uma vez que seremos julgados na presença de Deus, para que não sejamos submetidos à desonra e ao ridículo. Pois nós somos livres. Assim, mesmo quando sentimos em nós o desejo de más ações, não querer fazê-las é possível, está ao nosso alcance levar uma vida que agrade a Deus. Jamais alguém poderá nos forçar a fazer algo de mal, se não quisermos. Combatendo assim, seremos de fato homens dignos de Deus, e viveremos como anjos no céu.

67. Se você quiser, você será escravo das paixões. Se você quiser, e você é livre, você não será sujeito às paixões. Pois Deus o criou livre. E aquele que sobrepuja as paixões da carne recebe a coroa da incorruptibilidade. Pois se não houvesse paixões não haveria virtudes, nem as coroas dadas por Deus aos homens que delas são dignos.

68. Aqueles que não vêem onde está seu benefício e não sabem aonde está o bem, são cegos na alma. Seu discernimento foi extinto. É melhor não nos ligarmos a estes, para não cairmos fatalmente nos mesmos erros, cegos e imprudentes.

69. Não devemos nos irritar com aqueles que estão em falta, mesmo se o que fizeram é reprovável e merece um castigo. Mas devemos endireitar os que tombam, em nome da própria justiça. Às vezes é preciso castigá-los, em sua pessoa ou de outro modo. Mas não devemos nos irritar nem nos deixar levar assim, pois a cólera age unicamente pela paixão, e não de maneira judiciosa e justa. Não devemos aprovar aqueles que se deixam levar indevidamente pela piedade. Mas é por causa do bem e da justiça que é preciso castigar os que fazem o mal, nunca pela paixão da cólera.

70. Somente os bens da alma são seguros e invioláveis. São a conduta e o conhecimento virtuosos, e o exercício das boas obras, que agradam a Deus. Pois a riqueza é um guia cego e um conselheiro sem inteligência. Aquele que usa a sua riqueza servindo-se dela para o prazer, perde sua alma insensível.

71. Os homens não devem adquirir nada de mais. Se por acaso eles têm muito, será bom para eles saber que tudo nesta vida é, por natureza, corruptível, tudo desaparece facilmente, se degrada e se destrói. Assim, eles não devem se inquietar com o que quer que aconteça.

72. Saiba que as dores físicas são naturais do corpo, uma vez que este é corruptível e material. Diante de tais sofrimentos, a alma instruída deve armar-se de perseverança e paciência, e não reprovar a Deus por haver criado o corpo.

73. Aqueles que participam dos Jogos Olímpicos não recebem a coroa por vencerem um, dois ou três adversários, mas após terem vencido a todos os que enfrentaram. O mesmo acontece com o homem que quer ser coroado por Deus. Sua alma deve dedicar-se à sabedoria, não somente nas coisas do corpo, mas em tudo o que se refere a perdas e ganhos, invejas, alimentos, a vanglória, as injúrias, a morte e as afecções análogas.

74. Não busquemos a boa conduta amada por Deus, pelo louvor dos homens. Devemos escolher a vida virtuosa para a salvação da alma. Pois a morte está

presente diante dos nossos olhos a cada dia, e as coisas humanas são cheias de incertezas.

75. Está em nosso poder viver sabiamente, mas não está em nosso poder enriquecer. Porque então é preciso condenar a alma, quando ela sonha por um instante com uma riqueza que não temos meios de adquirir? Mas se não desejamos senão a riqueza, porque corremos sem inteligência, ignorando que a humildade precede todas as virtudes, do mesmo modo como a gula e a cobiça das coisas desta vida precedem todas as paixões?

76. Os sábios devem lembrar-se continuamente: se suportamos nesta vida as pequenas penas passageiras, nós os homens usufruiremos após a morte de um imenso prazer e de delícias eternas. Desde logo, aquele que combate as paixões e que quer ser coroado por Deus, se ele cair, não deve se desencorajar, nem permanecer em sua queda desesperando de si. Mas é preciso que ele se levante, retome o combate, e busque novamente a coroa. Até o último suspiro é preciso lembrar-se desta queda que lhe sucedeu. Pois os golpes que o corpo recebe são a armadura das virtudes e asseguram a salvação da alma.

77. As dificuldades da vida propiciam aos homens dignos, aqueles que levam adiante o combate, ser coroados por Deus. É preciso assim que, ao longo de sua vida, eles façam morrer seus membros a todas as coisas do mundo. Pois um morto não se preocupará mais com estas coisas.

78. Não convém que a alma que é dotada de razão e que combate, se deixe ficar facilmente apreensiva e medrosa diante das provas que lhe acontecem, se ela não quiser ser ridicularizada por sua preguiça. Pois a alma perturbada pela imaginação das coisas do mundo esquece o que ela deve a si mesma. São as virtudes da alma que nos abrem o caminho aos bens eternos. A causa dos castigos está no mal que os homens fazem a si mesmos.

79. O homem dotado de razão é combatido pelos sentidos de sua natureza racional, por meio das paixões da alma. Ora, existem cinco sentidos no corpo: a vista, o olfato, a audição, o paladar e o tato. A infeliz alma é capturada pelos cinco sentidos quando ela se submete às quatro paixões que lhes correspondem. Estas quatro paixões são a vanglória, a alegria, a cólera e a lassidão. Portanto, a partir do momento em que, com prudência e reflexão, o

homem levou a bom termo o combate e dominou as paixões, ele não é mais combatido. Sua alma está em paz, e ele recebe a coroa de Deus por sua vitória.

80. Dentre aqueles que se encontram num albergue, alguns recebem um leito, outros não o obtêm e deitam-se no chão, onde roncam tanto quanto os que dormem em sua cama. Após passarem a noite e deixarem pela manhã os leitos, eles partem juntos, cada qual levando apenas o que possui. O mesmo acontece com todos os que chegam a este mundo. Tanto os que viveram pobremente quanto aqueles que passaram a vida entre a glória e a riqueza, todos saem da vida como do albergue. Eles não levam consigo nada daquilo que fazia as delícias e a riqueza do mundo. Eles não levam senão suas próprias obras, boas ou más: aquilo que fizeram durante a vida.

81. Só porque você possui um grande poder, não é razão para ameaçar alguém de morte por qualquer coisa. Saiba que, por natureza, também você está submetido à morte, e que a alma se despe do corpo como de sua última túnica. Reconheça isto com clareza. Seja doce, faça o bem, e dê graças continuamente a Deus. Pois aquele que não é complacente não tem em si a virtude.

82. É impossível e inconcebível escapar da morte. Isto bem o sabem os homens verdadeiramente dotados de razão, dedicados às virtudes e aos pensamentos amados por Deus. Eles recebem a morte sem gemidos, sem medo e sem luto, lembrando-se de que ela é inexorável e que ela liberta dos males desta vida.

83. Não devemos odiar aqueles que negligenciam a conduta virtuosa que agrada a Deus e não se preocupam com a justa doutrina amada por ele, mas lamentá-los, pois eles são privados de juízo, cegos de coração e de reflexão. Eles tomam o mal como bem, e esta ignorância faz com que se percam. Com sua alma sem inteligência, esses infelizes não conhecem a Deus.

84. Recuse-se a conversar sobre a piedade e a vida virtuosa com muitas pessoas. Não digo por maldade, mas porque, penso eu, você se arrisca a ser ridicularizado por pessoas irracionais. Pois o semelhante une-se ao semelhante. Ora, aqueles que se dispõem a escutar estas conversas são poucos. Na verdade, são raríssimos. Assim, é melhor não falar sobre nada,

senão daquilo que Deus quer para a salvação dos homens.

85. A alma se compadece do corpo, mas o corpo não se compadece da alma. Assim, quando o corpo está moribundo, a alma sofre com ele. E quando o corpo está vigoroso e se sente bem, a alma experimenta a mesma alegria. Mas quando a alma se põe a refletir o corpo não acompanha esta reflexão. Ele permanece abandonado a si mesmo. Pois a reflexão é um estado da alma, assim como a ignorância, o orgulho, a perfídia, a cupidez, o ódio, a inveja, a cólera, o desdém, a vanglória, a estima, a discórdia, o sentido do bem. Tudo isto é suscitado pela alma.

86. Conceba as coisas de Deus. Seja piedoso, sem inveja, bom, casto, doce, contente tanto quanto possível, afável, alheio às disputas. Possua estas virtudes e as que lhes assemelham. Pois esta é a fortuna inviolável da alma: agradar a Deus pelo exercício dessas virtudes, não julgar ninguém, não dizer de ninguém: “Fulano é mau, ele pecou”. É melhor nos ocuparmos de nossos próprios males e examinarmos se nossa própria conduta agrada a Deus. Porque afinal, que sentido faz nos preocuparmos se o outro é mau?

87. Um homem verdadeiramente digno deste nome dedica-se à piedade. Ora, é piedoso aquele que não deseja para si o que não lhe pertence. Mas todas as coisas criadas são alheias ao homem. Assim, despreze-as, porque você é a imagem de Deus; e o homem é a imagem de Deus quando sua conduta é reta e agrada a Deus. Mas é impossível ao homem tornar-se tal se ele não renunciar às coisas desta vida. Aquele que possui um intelecto amado por Deus sabe que todo o bem da alma e toda a piedade provêm daí. O homem amado por Deus não se apóia em ninguém quando ele próprio está em falta. Esta é a marca da alma que foi salva.

88. Aqueles que procuram adquirir pela força os bens passageiros, aqueles que acalentam o desejo pelas obras do mal, ignorando a morte e a perdição de suas almas, e que, infelizes, recusam-se a enxergar onde está seu benefício, estes não se dão conta daquilo que os homens deverão sofrer pelo mal que causaram, após sua morte.

89. O mal é uma afecção da matéria. Deus não está em causa. Ele deu aos homens o conhecimento, o saber, o discernimento do bem e do mal, e a liberdade. É a negligência e a irresponsabilidade dos homens que engendram as paixões do mal. Portanto, Deus não é sua causa. Os demônios caíram na

maldade depois de uma escolha deliberada. O mesmo acontece com a maior parte dos homens.

90. Aquele que faz da piedade a companhia de sua vida não permite ao mal entrar em sua alma. E se o mal não penetra nela, a alma permanece ao abrigo do perigo e da infelicidade. Nem as enganações do demônio, nem os golpes da sorte prevalecerão nestes homens. Pois Deus os livra do mal. Eles vivem sob sua guarda, longe de toda infelicidade, semelhantes a ele. Se os elogiarem, eles rirão de quem os elogia; se os ofenderem, não responderão aos insultos. Pois eles não se comovem com o que é dito ou não dito a respeito deles.

91. O mal anda de mãos dadas com a natureza, como a ferrugem com o ferro, ou as excreções com o corpo. Mas não foi o ferreiro quem fez a ferrugem, nem os pais que fizeram a excreção. Da mesma forma, Deus não criou o mal. Ao contrário, ele deu ao homem o conhecimento e o discernimento, para que ele pudesse fugir do mal, sabendo que este é nocivo e condenável. Assim, quando você ver alguém feliz por ser rico e poderoso, cuidado para não invejá-lo. É o demônio que cria esta ilusão. Mas tenha imediatamente a morte diante dos olhos, e você não cobiçará jamais nem o mal, nem as coisas deste mundo.

92. Nosso Deus deu a imortalidade às coisas do céu e fez mutáveis as coisas da terra. Ele colocou a vida e o movimento no universo. A tudo ele criou para o homem. Assim, não se deixe cativar pelas imagens deste mundo que lhe chegam pelo demônio, quando ele introduz em sua alma maus pensamentos. Mas procure imediatamente os bens celestiais, e diga a si mesmo: “Se eu quiser, eu tenho em mim o poder de rechaçar também este ataque da paixão. Mas se eu não o fizer, é porque quero satisfazer meu desejo.” Continue assim com este combate, que pode salvar sua alma.

93. A vida é a união e a conexão do intelecto, da alma e do corpo. A morte não destrói o que estava unido, mas dissolve seu conhecimento. Pois tudo é salvo por Deus, mesmo depois da dissolução.

94. O intelecto não é a alma, mas um dom de Deus para salvar a alma. O intelecto que agrada a Deus ultrapassa e aconselha a alma. Ele a incentiva a desdenhar tudo o que é efêmero, material e corruptível, e a se apegar aos bens

eternos, incorruptíveis e imateriais, a caminhar como um homem num corpo, observando e contemplando através dele as coisas celestes, as coisas de Deus, e todas as coisas deste tipo. O intelecto amado por Deus é assim o benfeitor e o salvador da alma humana.

95. Por meio da dor e do prazer, a alma que está no corpo é imediatamente exposta às trevas e à perdição. A dor e o prazer são como que humores do corpo. Para enfrentá-los, o intelecto amado por Deus aflige o corpo e salva a alma, como um médico que corta e cauteriza.

96. As almas que não são conduzidas pelas rédeas da razão nem governadas pela inteligência capaz de pressionar, atacar e vencer as suas paixões, ou seja, a dor e o prazer, como a animais irracionais, estas almas se perdem, a partir do momento em que a razão é arrastada pelas paixões, assim como o condutor do carro é derrubado pelos cavalos.

97. Não conhecer a Deus, que criou o universo para o homem e que lhe deu o dom da inteligência e da razão, para que o homem ganhe asas para se unir a Deus, concebê-lo e glorificá-lo, é uma grave enfermidade, é a ruína e a perdição da alma.

98. A alma está no corpo. A inteligência está na alma. E a razão está na inteligência. Quando é concebido e glorificado por ela, Deus imortaliza a alma atribuindo-lhe a incorruptibilidade e as delícias eternas, ele que por sua simples bondade fez existir todas as criaturas.

99. Em sua benevolência e bondade, Deus criou o homem livre e lhe deu o poder de agradá-lo, se ele quisesse. Ora, o homem agrada a Deus enquanto não existe mal nele. E se os homens louvam as belas obras e as virtudes de uma alma santa e amada por Deus, e se condenam as infâmias e as más ações, quanto mais Deus, que quer que o homem seja salvo.

100. Os bens, o homem os recebe da bondade de Deus. Para isto ele foi criado por Deus. Mas os males é o homem quem atrai para si. É dele que vem a malícia que está nele, a cobiça e a insensibilidade.

101. A alma que perdeu a razão, embora imortal e senhora do corpo, sujeita-se aos prazeres, sem compreender que as delícias do corpo lhe são nocivas.

Mas, insensível em sua loucura, ela só pensa nessas delícias.

102. Deus é bom, o homem é mau. Nada é mau no céu, nada é bom na terra. Mas o homem dotado de razão escolhe o melhor. Ele reconhece o Deus do universo. Ele lhe dá graças e o celebra. Diante da morte, ele tem aversão pelo seu corpo, ele não deixa falarem os sentidos, sabendo que eles trabalham para sua perdição.

103. O homem mau quer ter sempre mais, e despreza a justiça. Ele não considera que a vida é incerta, instável e passageira, e que a morte é inflexível e inexorável. Mas, desprovido da graça e sem inteligência, o velho, como madeira podre, não serve mais para nada.

104. É experimentando o que nos entristece que nos tornamos sensíveis aos prazeres e à alegria. Quem não tem sede não sente prazer em beber. Quem não tem sono não tem prazer em dormir. Quem nunca teve tristeza não conhece o sentido da alegria. Da mesma forma, não desfrutaremos dos bens eternos se não desdenharmos os bens passageiros.

105. A palavra é servidora do intelecto. Aquilo que a inteligência quer, a palavra interpreta.

106. O intelecto a tudo vê, mesmo o que está nos céus. Nada o ensombrece, senão o pecado. Mas se ele é puro, nada lhe é inacessível. O mesmo acontece com a palavra: nada lhe é indizível.

107. Pelo corpo, o homem é mortal. Mas pelo intelecto e pela palavra, ele é imortal. Mesmo se você se cala, você pensa. E se você pensa você fala. Pois é no silêncio que a inteligência engendra a palavra. E a palavra de reconhecimento dirigida a Deus é a salvação do homem.

108. Quem diz palavras desprovidas de razão não tem inteligência, pois fala sem compreender. Então considere o que é importante fazer para a salvação da sua alma.

109. A palavra dotada de inteligência e que secunda a alma é um dom de Deus. Do mesmo modo, os discursos cheios de palavrório, que buscam as dimensões do céu e da terra, ou as grandezas do sol e das estrelas, é uma

invenção do homem que desperdiça seu esforço. O homem bem falante procura em sua oratória vã o que não serve para nada. É como tirar água com uma peneira. Pois tais homens não poderiam jamais encontrar o que está em causa aqui.

110. Ninguém pode ver o céu nem compreender o que existe nele, a não ser o homem que tem o cuidado de manter a vida virtuosa, que conhece e glorifica Aquele que criou este céu para nossa salvação e nossa vida. Pois este homem amado por Deus sabe que nada existe sem Deus. Deus está em tudo e em toda parte, uma vez que ele é infinito.

111. Assim como o homem deixa o seio materno nu, também a alma deixa, nua, o corpo. Uma o deixa pura e luminosa. Outra coberta de marcas por suas faltas. Outra o deixa negra por todas as suas quedas. Desta forma, a alma dotada de razão e amada por Deus, lembrando-se dos males que se seguem à morte, leva uma vida de piedade, a fim de não cair condenado por suas faltas. Quanto aos que não crêem, estes vivem na impiedade e no pecado, e desprezam as coisas do além: sua alma é desprovida de inteligência.

112. Assim como, ao sair nu do seio materno, você não se lembra do que era este seio, também ao deixar o corpo, você não se lembrará de como era ele.

113. Assim como, depois de sair do seio materno, você se tornou mais forte e maior no seu corpo, também ao sair do corpo, puro e sem mácula, você se tornará mais forte, você será incorruptível, pois você viverá nos céus.

114. Assim como o corpo nasce quando termina sua gestação no seio materno, também é necessário que a alma saia do corpo, quando ela atinge o limite que lhe foi assinalado por Deus naquele corpo.

115. O que você fez da sua alma quando ela estava no seu corpo ela fará com você quando deixar o corpo. Pois quem, aqui em baixo, fez a alegria e as delícias do corpo, construiu sua própria infelicidade após a morte. Ele condenou sua alma por falta de inteligência.

116. Assim como o corpo não consegue sobreviver se deixar, imperfeito, o seio materno, tampouco a alma, se deixar o corpo sem ter alcançado o conhecimento de Deus por meio de uma conduta virtuosa, poderá ser salva e

unir-se a Deus.

117. O corpo unido à alma passa das trevas do seio materno à luz do dia. Mas a alma unida ao corpo permanece ligada às trevas do corpo. Assim, convém ter aversão e endireitar o corpo, na medida em que ele se mostra adversário e inimigo da alma. A abundância e o prazer das comidas despertam no homem as paixões do mal. Mas a temperança reabsorve as paixões e salva a alma.

118. Para o corpo, a visão são os olhos. Para a alma, a visão é a inteligência. Assim como o corpo sem olhos é cego, não vê o sol iluminar a terra e o mar e não pode usufruir da luz, também a alma que não tem uma boa inteligência e uma conduta virtuosa é cega: ela não conhece nem glorifica a Deus criador e benfeitor do universo, e ela não pode desfrutar de sua incorruptibilidade e de seus bens eternos.

119. A ignorância de Deus é uma anestesia e uma loucura da alma. Pois o mal nasce da ignorância. Mas o bem nos homens provém do conhecimento de Deus e salva a alma. Portanto, se você se dedica a não realizar suas vontades, se você é sóbrio e vigilante, e se você conhecer a Deus, você levará até as virtudes a sua inteligência. Mas se você se aplica a satisfazer as vontades perversas para não procurar senão o prazer, então, embriagado com sua própria ignorância de Deus, você vai se perder como os animais sem razão, pois você não pensa nos males que o aguardam após a morte.

120. A providência é aquilo que acontece por necessidade divina, como fato do sol nascer e se por todos os dias, ou de a terra dar frutos. Assim também é dito que a lei é aquilo que acontece por necessidade divina. Mas tudo é feito para o homem.

121. Tudo o que Deus faz em sua bondade, ele o faz pelo homem. Mas tudo o que o homem faz, ele o faz para si mesmo, tanto o bem como o mal. Não se espante com a felicidade dos bandidos, porque também as cidades alimentam seus carrascos sem por isto louvar seus maus pendoros, mas servindo-se deles para castigar os que merecem. Da mesma maneira, Deus permite que bandidos oprimam o mundo, a fim de por meio deles corrigir os ímpios. Mas depois, também eles serão entregues ao Juízo, porque não foi para servir a Deus, mas por se deleitarem em sua própria malícia, que eles fizeram mal aos homens.

122. Aqueles que veneram os ídolos não iriam, infelizes, se perder cada vez mais longe da piedade, se eles pudessem ver e saber com o coração o que de fato veneram. Mas, contemplando a harmonia, a ordem e a providência que presidem a tudo o que Deus fez e faz sempre, eles conheceriam Aquele que a tudo isto fez pelos homens.

123. Em sua desonestidade e sua injustiça, o homem pode matar. Mas Deus não cessa de dar a vida, mesmo àqueles que são indignos dela. Por repartir com abundância e por ser bom por natureza, ele quis que o mundo fosse, e o mundo existiu. E ele existe sempre, para o homem e para sua salvação.

124. Está ao alcance do homem compreender o que é o corpo, ou seja, que ele é corruptível e efêmero. E o mesmo homem compreenderá também o que é a alma, a saber, que ela é divina e imortal, criada pelo sopro de Deus, e unida ao corpo para ser provada e deificada. Ora, quem compreende o que é a alma adota a vida reta que apraz a Deus. Ele não obedece mais ao corpo. Mas ele vê a Deus por meio de sua inteligência, e nela ele contempla os bens eternos que Deus deu à alma.

125. Deus que é bom e reparte sempre em abundância deu ao homem o poder de fazer o bem e o mal, atribuindo-lhe uma consciência a fim de que, contemplando o mundo e o que está no mundo, ele possa conhecer Aquele que a tudo fez pelo homem. Mas o ímpio pode querer conhecer, e não compreender. Pois lhe é dado não crer, lhe é permitido não achar nada, lhe é facultado conceber o contrário da verdade, na medida mesma em que o homem tem o poder de escolher entre o bem e o mal.

126. Esta é a ordem de Deus: quando cresce a carne, a alma se enche de inteligência, a fim de que entre o bem e o mal o homem possa escolher o que quiser. Mas a alma que não escolhe o bem torna-se desprovida de inteligência. Assim, todos os corpos têm uma alma, mas não podemos dizer que toda alma tenha intelecto. Pois o intelecto amado por Deus cabe aos homens sábios, santos, justos, puros, bons, misericordiosos, e aos homens piedosos. E a presença do intelecto é para eles um socorro no caminho para Deus.

127. Uma única coisa não é possível ao homem: tornar-se imortal. O que lhe é

possível é unir-se a Deus, se ele compreende que pode. Se ele o quiser, com efeito, se o conceber, crer, amar, o homem, por uma conduta virtuosa, torna-se companheiro de Deus.

128. O olho contempla o visível, e o intelecto concebe o invisível. Pois o intelecto amado por Deus é a luz da alma. Aquele cujo intelecto é amado por Deus tem seu coração inundado de luz e vê a Deus com sua inteligência.

129. Ninguém é mau, se for bom. Mas quem não é bom, certamente está entregue ao mal e ama o corpo. Ora, a primeira virtude do homem é o desdém pela carne. Separar-se do efêmero, do corruptível e do material, se for de livre e espontânea vontade e não por necessidade, faz de nós os herdeiros dos bens eternos e incorruptíveis.

130. Quem possui inteligência sabe aquilo que é, a saber, que o homem é corruptível. Ora, aquele que conhece a si mesmo sabe que todas as coisas são criaturas de Deus e que foram criadas para a salvação do homem. Pois está ao alcance do homem ter uma justa concepção de todas as coisas e sobre todas elas possuir uma fé justa. Este homem sabe então com toda certeza que aqueles que desprezam as coisas do mundo não precisam fazer muito esforço, mas recebem de Deus antes da morte as delícias e o repouso eternos.

131. Assim como o corpo sem a alma é morto, também a alma que não é dotada de inteligência é estéril e não pode ser herdeira de Deus.

132. Deus só escuta o homem. É somente ao homem que Deus se revela. Deus ama o homem, até o ponto de fazer dele um deus. Somente o homem é digno de adorar a Deus. É para o homem que Deus se transfigura.

133. É para o homem que Deus fez o céu adornado de estrelas. Para o homem ele fez a terra. E os homens a cultivam para si mesmos. Os que não percebem esta providência de Deus têm a alma desprovida de inteligência.

134. O bem não é visível, assim como as coisas do céu. Mas o mal é visível, como as coisas da terra. O bem é aquilo que não se pode comparar. Assim, o homem que possui inteligência escolhe o melhor. Pois somente ao homem Deus e suas criaturas são inteligíveis.

135. O intelecto se manifesta na alma, e a natureza no corpo. A inteligência é a deificação da alma, mas a natureza do corpo é a dissolução. Assim, em todo corpo existe uma natureza. Mas nem toda alma possui inteligência, e é por isso que nem toda alma é salva.

136. A alma está no mundo, pois foi engendrada. Mas o intelecto está acima do mundo, pois ele não foi engendrado. A alma que conhece o mundo e que quer ser salva traz em si constantemente uma lei inviolável. Ela toma consciência de que o combate e a provação acontecem agora, de que não lhe é permitida uma conciliação no Juízo e de que ela se perde ou se salva por causa do menor prazer perverso.

137. Deus fundou sobre a terra o nascimento e a morte. E ele fundou no céu a providência e o destino. A tudo ele fez para o homem e sua salvação. Dispondo de todos os bens, Deus criou para os homens o céu a terra e seus elementos, por meio dos quais lhe é facultado o usufruto destes bens.

138. O que é mortal está subordinado ao que é imortal. Mas o que é imortal está a serviço do mortal, ou seja, os elementos do mundo estão a serviço do homem graças ao amor que em sua natural bondade leva ao homem o Deus criador.

139. Aqueles que nasceram pobres e que não têm o poder de prejudicar ninguém, não poderão ser contados dentre os que traduzem a piedade em obras. Mas aquele que tem o poder de prejudicar e se recusa espontaneamente a não empregá-lo para fazer o mal, e que, ao contrário, trata com doçura os mais humildes por amor a Deus, este receberá os bens em retorno, mesmo antes da morte.

140. Graças ao amor que leva o homem a Deus que nos criou, são numerosas as vias que levam o homem à salvação, que atraem as almas e as elevam até os céus. Pois as almas humanas recebem as recompensas pela virtude, e os castigos por suas faltas.

141. O Filho está no Pai, o Espírito Santo está no Filho, e o Pai está em um e no outro. É pela fé que o homem conhece tudo o que é invisível e inteligível. A fé é o assentimento voluntário da alma.

142. Aqueles a quem uma necessidade ou as circunstâncias obrigaram a se atirar num rio caudaloso serão salvos se forem sóbrios e vigilantes. Pois mesmo que estejam a ponto de se perder, e ainda que as correntes sejam violentas, eles poderão se salvar agarrando-se a qualquer coisa na margem. Mas os que estão embriagados, ainda que saibam nadar com perfeição, vencidos pelo vinho afogam-se na correnteza e desaparecem do mundo dos vivos. Da mesma forma, a alma atirada aos redemoinhos e aos turbilhões das correntezas desta vida, se ela não se conhece ao emergir do mal da matéria, se ela, que é divina e imortal, não sabe que não está ligada à matéria efêmera, frágil e mortal senão com o intuito de ser aí provada, e se em sua perdição ela se deixa arrastar pelos prazeres do corpo, então, desprezando a si mesma, ébria de ignorância, incapaz de se assumir, ela se perde e é levada para longe dos que se salvam. Como um rio, de fato, o corpo muitas vezes nos leva a prazeres que não têm cabimento.

143. A alma dotada de razão, que mantém firmemente sua boa resolução, conduz como um cavalo o ardor e o desejo, suas paixões privadas de razão. Se ela as domina, pressiona, se assenhora delas, ela é coroada e julgada digna da vida no céu. Ela recebe de Deus que a criou a recompensa por sua vitória e suas provas.

144. A alma verdadeiramente dotada de razão, quando vê a felicidade dos bandidos e a prosperidade dos indignos, não se perturba imaginando aquilo de que elas desfrutam nesta vida, como aqueles que, dentre os homens, são desprovidos de razão. Pois ela conhece claramente a instabilidade da fortuna, a incerteza da vida presente, a brevidade da existência e a integridade do Juízo. Esta alma crê que Deus não a esquecerá e lhe dará o alimento de que ela necessita.

145. A vida do corpo e o desfrute dos bens terrestres obtidos pelas riquezas e poder, são a morte da alma. Mas o sofrimento, a paciência, a pobreza assumida com ação de graças, estas são a vida e as delícias eternas da alma.

146. A alma dotada de razão não concebe senão desdém pela criação material e por esta vida efêmera. Ela escolhe as delícias do céu e a vida eterna, que ela recebe de Deus por sua conduta virtuosa.

147. Quem usa uma roupa suja de barro, suja assim a roupa de quem se

encosta nela. Da mesma forma, os desonestos cuja intenção e conduta não são direitos, quando se encostam nas pessoas simples e lhes dizem o que não deve ser dito, sujam suas almas como a lama, com aquilo que lhes fazem ouvir.

148. O começo do pecado é a cobiça com a qual se perde a alma dotada de razão. Mas o começo da salvação e do Reino dos céus é o amor que surge na alma.

149. Se o ferro é negligenciado e não recebe a manutenção devida, à força de permanecer sempre abandonado sem servir a nada, acaba comido pela ferrugem e já não tem mais nem utilidade nem beleza. O mesmo acontece com a alma. Se ela permanece inerte, se não se dedica a viver na virtude e a se voltar para Deus, se ela se priva da proteção divina por causa de suas más ações, em sua negligência ela se destrói sob o efeito do mal que ataca a matéria do corpo como o ferro se destrói sob o efeito da ferrugem, e não possui mais nem beleza nem utilidade em vista da salvação.

150. Deus é bom, impassível, imutável. Mas se nós consideramos razoável e verdadeiro que Deus não muda, podemos nos perguntar como ele se alegra com os bons e se zanga com os maus, como se irrita com os pecadores e é benevolente quando homenageado. A resposta é que Deus não se alegra nem se irrita, pois alegrar-se e entristecer-se são paixões. Da mesma forma, não há como homenageá-lo com presentes, pois então ele seria dominado pelo prazer. Ora, é impossível, a partir das coisas humanas, ver no divino o bem e o mal. Deus é bom, e ele não nos faz senão o bem, jamais o mal, pois em tudo isto ele permanece sempre igual. Também nós, se, por nossa semelhança, perseveramos no bem, também nós nos unimos a Deus. Mas se, por dissenso, nos entregamos ao mal, nós nos separamos de Deus. Vivendo na virtude, ligamo-nos a Deus; mas levados ao mal, fazemos dele nosso inimigo, cuja irritação não é gratuita, uma vez que os pecados impedem a Deus de brilhar em nós e nos atiram aos demônios que nos castigam. SE, pelas orações e pelo bem que fazemos, obtemos a absolvição de nossas faltas, não é por termos honrado a Deus ou tê-lo feito mudar, mas porque, curando nosso próprio mal com nossas ações e nosso retorno ao divino, desfrutamos novamente de sua bondade. Isto equivale a dizer então que Deus se afasta dos desonestos, e que o sol se esconde diante dos que são privados de visão.

151. A alma dotada de piedade conhece o Deus do universo. Pois a piedade não é outra coisa do que cumprir a vontade de Deus, vale dizer, conhecê-lo

sendo generoso, sábio, doce, benevolente tanto quanto possível, afável, cordato, em suma fazendo tudo o que agrada à sua vontade.

152. O conhecimento de Deus e o temor a Deus são o remédio para as paixões da matéria. De fato, quando a alma é habitada pela ignorância de Deus, as paixões não podem ser curadas; elas permanecem nela e a corrompem. É como uma ferida inveterada carcomida pelo mal. Mas Deus não é a causa disto, ele que transmitiu ao homem a ciência e o conhecimento.

153. Deus cumulou o homem de ciência e conhecimento. Pois ele se dedica a purificá-lo das paixões e do mal voluntário, e ele quer, em sua bondade, fazer o mortal alcançar a imortalidade.

154. Em uma alma pura cativa de Deus, o intelecto vê verdadeiramente o Deus que não foi engendrado, o Deus invisível e inefável, o único puro para os corações puros.

155. A coroa da incorruptibilidade, a virtude, a salvação do homem, consiste em suportar as adversidades com coragem e gratidão. Dominar a cólera, a língua, o ventre e os prazeres, é também um grande auxílio para a alma.

156. É a providência divina que dirige o mundo. Nenhum lugar está privado dela. A providência é a razão absoluta que modelou a matéria para dela fazer o mundo. Ela é o criador e o artesão de tudo o que existe. Pois é impossível que a matéria tenha sido organizada sem o poder decisivo da razão, que é a imagem, a inteligência, a sabedoria e a providência de Deus.

157. A cobiça consciente é a raiz das paixões daqueles aparentados às trevas. A alma que tem esta visão da cobiça não conhece a si mesma. Ela ignora ter sido formada pelo sopro de Deus. Ela assim é arrastada ao pecado, sem considerar, por falta de inteligência, os males que se seguirão à morte.

158. A recusa de Deus e o amor à vanglória são uma grave e incurável doença da alma, e sua perdição. Pois o desejo do mal é a privação do bem. Ora, o bem consiste em fazer abundantemente tudo o que é bom e agrada ao Deus do universo.

159. O homem é o único ser capaz de receber a Deus. Ele é o único, dentre os

seres vivos, com quem Deus conversa, à noite por meio dos sonhos, de dia através da inteligência. Assim, continuamente, ele anuncia e apresenta previamente aos homens que são dignos disto os bens que os esperam.

160. Nada é difícil para quem crê e quer compreender a Deus. Se você deseja contemplá-lo, observe a ordem do mundo e a providência que rege por meio da razão divina tudo o que foi criado e tudo o que existe. Observe que tudo foi feito para o homem.

161. É chamado de santo aquele que é puro de todo mal e de todas as faltas. Não haver nenhum mal no homem é de fato um alto grau de virtude, que agrada a Deus.

162. O nome designa o ser dentre todo os demais. Seria inconcebível que Deus, sendo um só, tivesse outro nome. Pois o nome de Deus significa: “Aquele que não teve começo e que a tudo fez para o homem”.

163. Se você tem más ações na consciência, expulse-as da alma, à espera do bem. Pois Deus é justo e ama o homem.

164. O homem conhece a Deus e é conhecido por Deus na medida em que se esforça para jamais separar-se dele. E o homem não se separa de Deus quando é bom e domina todo prazer, não por falta de recursos, mas por vontade e temperança.

165. Faça o bem a quem lhe fez o mal, e você terá a afeição de Deus. Não acuse seu inimigo diante de ninguém. Pratique a caridade, a reserva, a temperança, e as virtudes análogas. Pois nisto consiste o conhecimento de Deus: seguir seu exemplo, pela humildade e as virtudes desta ordem. Porém estas obras não estão ao alcance de qualquer um, mas apenas das almas dotadas de inteligência.

166. Por causa daqueles que, em sua impiedade, ousam dizer que existe uma alma nas plantas naturais e nas cultivadas, eu escrevo este capítulo endereçado aos mais simples. As plantas tem vida física, mas não alma. O homem é chamado de animal dotado de razão, porque ele possui o intelecto que é capaz de receber a ciência. Quanto aos outros animais, que vivem sobre a terra e nos ares, eles são dotados de voz, porque eles possuem um espírito e

uma alma. Todos os seres que crescem e declinam são seres vivos, a partir do momento em que vivem e crescem, mas nem todos possuem alma. Existem quatro espécies dentre os seres vivos. Us são imortais e possuem alma, como os anjos; outros possuem um intelecto, uma alma e um espírito, como os homens; outros possuem um espírito e uma alma, como os animais. E outros possuem apenas a vida, como as plantas. Nestas, a vida se organiza sem alma, nem espírito, nem intelecto, nem imortalidade. Mas as demais espécies não poderiam existir sem a vida. Por outro lado, toda alma, e inclusive toda alma humana, está em permanente movimento de um lugar para outro.

167. Quando a idéia de um prazer se apoderar da sua imaginação, vigie para não se deixar invadir por ela. Apresse-se a se lembrar da morte e observe o quanto será melhor para você saber que superou mais esta perdição do prazer.

168. Assim como a paixão é inerente ao nascimento – pois tudo o que vem à vida está destinado à corrupção – também o mal é inerente à paixão. Portanto, não diga que Deus não pode extirpar o mal: os que dizem isto não passam de insensatos e tolos. Pois seria preciso que Deus suprimisse a própria matéria, porque as paixões são feitas de matéria. Deus suprimiu o mal entre os homens dando-lhes o intelecto, a ciência, o conhecimento, o discernimento do bem, a fim de que, sabendo o quanto o mal nos é nocivo, possamos dele fugir. Mas se o homem corta seu intelecto, segue o mal e nele se glorifica, como se estivesse lutando apanhado numa rede, incapaz de levantar a cabeça, de ver e conhecer a Deus, que criou todas as coisas para a salvação e a deificação do homem.

169. Os seres mortais se recusam a conhecer antecipadamente sua morte. A imortalidade é dada à alma santa pelo bem que ela traz em si. Mas a alma insensata e infeliz encontra a morte por abrigar em si o mal.

170. Quando você se recolhe à sua cela dando graças, lembrando as benesses de Deus e de toda sua Providência, você se regozija por estar cheio de bons pensamentos, e o sono do seu corpo é a vigilância da sua alma. Fechar os olhos é uma verdadeira visão de Deus. E o seu silêncio, que é a gestação do bem, fazendo-o ouvir o louvor que você ergue a ele, dá glórias ao Senhor do universo. De fato, quando o homem se separa do mal, sua simples ação de graças agrada mais a Deus do que todos os sacrifícios preciosos. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

ISAÍAS O ANACORETA

CAPÍTULOS SOBRE A GUARDA DO INTELECTO

Nosso santo Padre Isaías o anacoreta viveu ao redor do ano 370. Ele foi contemporâneo do Abade Macário o Grande. Noite e dia ele meditava sobre as sagradas Escrituras e, bebendo das fontes da salvação a água abundante da sabedoria espiritual, ele redigiu muitos textos belíssimos que, sob diferentes aspectos sempre úteis à alma, constituem todo um livro. Tomando à parte este pequeno tratado, nós o propomos àqueles que desejam trabalhar a guarda de seu intelecto. Pois ele ensina em termos breves como refutar as sugestões dos pensamentos, como possuir uma consciência irreprochável, como meditar em segredo e manter em perfeita impassibilidade e conhecimento de causa as três partes da alma.

*

De todos os Isaías mencionados nas fontes monásticas egípcias dos séculos IV e V, o mais célebre é o autor de tratados ascéticos que se espalharam por todo o Oriente cristão. Infelizmente, não encontramos nestes tratados muitas informações autobiográficas. Sabemos apenas que o abade Isaías começou sua vida monástica no Egito, provavelmente em Sceta, aonde esteve em relação com diversos personagens mencionados nas *Sentenças dos Padres do Deserto*: João, Anoub, Poêmio, Paphnúcio, Amoun, Pedro, Lot, Agatão, Abrahão, Sisoés, Or, Atreu. Talvez tenha sido discípulo de Ammoés e Aquilas. Quando se tornou ele mesmo um ancião, já estava cercado de discípulos, dentre os quais destacou-se um de nome Pedro que recolheu cuidadosamente seus ensinamentos para por sua vez transmiti-los aos seus próprios discípulos. Do Egito, onde se achava ainda em 431, Isaías foi para a Palestina, vindo a morrer recluso num mosteiro perto de Gaza em 11 de Agosto de 491, sem haver aderido ao Concílio de Calcedônia¹³¹.

A obra escrita de Isaías é apresentada em seções ou capítulos denominados *logoi*, cujo número e ordem variam bastante nos manuscritos e edições. Também o conteúdo de cada qual às vezes varia de uma coletânea a outra. É porque a maior parte dos *logoi* são compilações de trechos díspares nos quais

¹³¹

Esta ao menos é a tese proposta por G. Krüger e normalmente admitida hoje em dia, apesar das objeções formuladas por R. Draguet.

reconhecemos sentenças, apoftegmas, exortações morais ou cartas endereçadas seja a um discípulo, seja a um grupo de monges. É provável que o conjunto que possuímos tenha sido reunido e colocado em ordem por Pedro no fim da vida do mestre ou logo após sua morte.

R. Draguet apontou na obra de Isaías diversos copticismos, mas se certas palavras do mestre foram pronunciadas em copta, é quase certo que o conjunto dos escritos tenha sido redigido em grego. Em todo caso, o *Ascéticon* copta que conhecemos foi seguramente traduzido do grego, assim como o *Ascéticon* siríaco.

Estreitamente ligada e aparentada a toda a literatura apoftegmática, a obra de Isaías é interessante, em primeiro lugar porque ela nos traz um eco fiel do ensinamento dos grandes monges do Egito, mas com um caráter mais didático e mais sintético. Através das diversas recomendações do ancião, percebemos como uma filigrana o motivo que os inspira e a preocupação essencial do anacoreta do deserto: como encontrar e manter continuamente a *hesychia*, a bem-aventurada quietude indispensável ao monge? Luta contra os pensamentos, leitura e meditação das Escrituras, trabalho manual e austeridades, todas as observâncias e ocupações prescritas são regradas e medidas de modo a assegurar ao solitário as condições mais favoráveis à verdadeira liberdade do coração. Isaías não desdenha descer até os detalhes mais minuciosos da vida cotidiana, mas tampouco teme abordar as realidades mais profundas da vida espiritual. Ele insiste constantemente nas disposições interiores: tudo deve ser feito “com ciência”, ou seja, com discernimento, retidão e pureza de intenções. A humildade, virtude primeira e fundamental, é mencionada muitas vezes, mas é mais freqüentemente designada por seus efeitos, em especial pela “não-estima” de si e o afastamento da vontade própria.

Tudo isto já constava do ensinamento dos Padres do deserto, mas encontramos-lo em Isaías sob uma forma original e com um cunho pessoal que revelam um discípulo que se tornou um mestre eminente da espiritualidade. Podemos admirar especialmente sua discrição e seu equilíbrio, seja nas relações entre o corporal e o espiritual ou nas exigências respectivas da vida solitária e da vida comunitária.

Enfim, notaremos o lugar central ocupado por Cristo na ascese, concebida

como uma imitação fiel de Jesus em sua vida, sua paixão e sua morte. O tema de “subir na cruz”, que parece ser uma descoberta de Isaías, pois não o encontramos em parte alguma antes dele, é ligado ao ensinamento de São Paulo sobre o batismo que nos identifica ao Cristo crucificado. Toda ascese leva a uma libertação das paixões que, em Isaías, nada tem de estóico, pois se trata do desabrochar pleno da vida do Espírito naquele que ama o Senhor Jesus com “inteiro amor”.

A obra de Isaías é o fruto de uma rica meditação das Escrituras com um recurso frequente às interpretações alegóricas. Além da influência predominante dos Padres do deserto, notaremos ainda a de Evagrio, que é inegável. Isaías certamente irradiou poderosamente em todas as Igrejas do Oriente. Quando em vida, ele teve amigos tanto nos meios que haviam aderido ao Concílio de Calcedônia como entre os que não o haviam aceitado. Para todos os cristãos, ele permanece um mestre da autêntica espiritualidade.

Todos os textos de Isaías inseridos na *Filocalia* acham-se na tradução grega de Augustinos.

CAPÍTULOS SOBRE A GUARDA DO INTELECTO
CAPÍTULOS SOBRE A GUARDA DO INTELECTO

1. Existe no intelecto a cólera conforme a natureza (que é perdoada) contra as paixões. Sem a cólera, não haveria pureza no homem, se ele não se irritasse contra tudo o que nele é semeado pelo Inimigo. Quando Jó passou por isto, ele injuriou seus inimigos dizendo-lhes: “Infames e desprezíveis, desprovidos de todo bem, vocês que eu considero indignos de se misturar aos cães de meus rebanhos.”¹³² Quem deseja obter a cólera conforme a natureza, deve afastar todas as suas vontades, até que ela se estabeleça no estado natural do intelecto.

2. Se, estando a ponto de afastar o Inimigo, você o vê fraquejar e bater em retirada, não deixe que seu coração se rejubile, pois a malícia dos demônios vem depois deles. De fato, eles preparam uma guerra pior do que a primeira: eles a deixam na retaguarda da cidadela, com ordens para não se mexer; se você se levantar para marchar de encontro a eles, eles fogem mostrando fraqueza. Se neste momento seu coração se gloria por tê-los perseguido, e se você deixar a cidadela, levantar-se-ão alguns que estavam na retaguarda e outros adiante, que cercarão a pobre alma sem fuga possível¹³³. A cidadela é a oração. A resistência, a resposta de Jesus Cristo. A marcha é a cólera.

3. Devemos nos manter, bem-amados, no temor a Deus, guardando e observando a prática das virtudes, sem escandalizar nossa consciência, mas vigiando-nos no temor a Deus, até que a própria consciência se liberte conosco para realizar a união entre ela e nós; então ela se tornará nossa guardiã, mostrando-nos cada ponto em que falhamos. Se não a obedecermos, ela se afastará de nós e nos abandonará, e nós cairemos nas mãos dos inimigos, que não terão mais piedade, como ensina nosso Mestre quando diz: “Entre em acordo com seu adversário enquanto você ainda está a caminho”¹³⁴, etc. Diz-se que a consciência é um adversário, porque ela se opõe ao homem quando ele quer satisfazer as vontades da carne, e se o homem não a escuta, ela o entrega aos seus inimigos.

¹³² Jó XXX, 1.

¹³³ Cf. Josué VIII.

¹³⁴ Mateus V, 25.

4. Quando Deus quer que o intelecto se submeta a ele com todas as suas forças e que ele não tenha outro sustento do que ele, ele o fortalece, dizendo: “Não tema, Jacó, meu filho, pequeno Israel¹³⁵”, e também: “Não tema, pois eu o resgatei, eu o chamei por seu nome, você é meu. Se você atravessar os rios, eu estarei com você, e as águas não o submergirão. Se você atravessar o fogo, você não será queimado, as chamas não o consumirão, pois eu sou o Senhor seu Deus, o Santo de Israel, Aquele que salva.¹³⁶”

5. Se então o intelecto escuta estas palavras de incentivo, ele desafiará o Inimigo, dizendo: “Quem é este que me dá combate? Que se apresente diante de mim! Quem é este que me julga? Que se aproxime de mim! Eis que o Senhor é meu socorro, quem me prejudicará? Pois todos se desgastarão, como uma roupa velha comida de vermes.¹³⁷”

6. Se seu coração realmente detesta o pecado, ele é um vencedor que se afastou de tudo o que faz nascer o pecado. Coloque o castigo diante de seus olhos e saiba que seu defensor permanece com você. Se você não o entristecer, mas chorar em sua presença dizendo: “Só você possui a misericórdia para me redimir, Senhor, pois eu sou incapaz de escapar das mãos dos inimigos sem seu auxílio”, e se você vigiar seu coração, ele o preservará de todo mal.

7. O monge deve fechar todas as portas de sua alma, ou seja, seus sentidos, para não cair por sua causa. E quando o intelecto percebe que ele não está mais sob o poder de ninguém, ele se prepara para a imortalidade reunindo seus sentidos e fazendo deles um só corpo.

8. Se o intelecto se liberta de todas as esperanças do mundo das coisas visíveis, é o sinal de que o pecado está morto em você.

9. Se o intelecto é libertado, aquilo que existe entre ele e Deus desaparece.

10. Se o intelecto é libertado de todos os seus inimigos e celebra o sétimo dia,

¹³⁵ *Isaías*, XLI, 14.

¹³⁶ *Isaías*, XLIII, 1-3.

¹³⁷ *Isaías*, L, 8-9.

ele está em outro mundo, pensando nas coisas novas e incorruptíveis. Daí em diante, “aonde o corpo estiver, aí se reunirão as águias.¹³⁸”

11. Os demônios contêm suas enganações por um tempo, esperando que o homem relaxe seu coração imaginando ter um descanso, e assim, de um só golpe, eles se precipitam sobre a pobre alma e a capturam como um pardal¹³⁹, e se apoderam dela humilhando-a sem piedade com todos os pecados cujo perdão é mais difícil do que aqueles pelos quais ela rogava inicialmente. Permanecemos assim no temor a Deus e vigiemos nosso coração, cumprindo com nossa ascese e guardando as virtudes que fazem obstáculo à malícia dos inimigos.

12. Nosso Senhor Jesus Cristo, conhecendo a grande crueldade [do demônio] e cheio de piedade pela raça dos homens, ordenou com firmeza de coração: “Estejam prontos a toda hora, pois vocês não sabem a que horas virá o ladrão¹⁴⁰, para que ele não os encontre adormecidos.¹⁴¹” E também: “Vigiem para que seus corações não fiquem pesados pela glotoneria, a embriaguez e as preocupações da vida, e para que a hora não chegue de surpresa.¹⁴²” Domine seu coração vigiando seus sentidos, e se sua memória estiver em paz com você, você capturará os ladrões que a roubam, pois aquele que examina rigorosamente seus pensamentos reconhece aqueles que querem entrar apenas para sujar tudo. Com efeito, eles perturbam o intelecto para torná-lo distraído e preguiçoso. Mas aqueles que compreendem sua malícia permanecem imperturbáveis, orando ao Senhor.

13. Se o homem não odeia toda atividade deste mundo, ele não poderá servir a Deus. Este serviço não é outra coisa do que não ter nada estranho no intelecto quando rezamos para ele, nenhum prazer sensível quando o louvamos, nenhuma malícia quando o cantamos, nenhum ódio quando o adoramos, nenhuma inveja má que nos entrave quando conversamos com ele ou quando nos lembramos dele. Pois todas estas trevas formam uma muralha que envolve a pobre alma impedindo-a de servir a Deus com pureza enquanto

¹³⁸ *Mateus*, XXIV, 28.

¹³⁹ *Lamentações*, III, 51.

¹⁴⁰ *Mateus*, XXIV, 42-43

¹⁴¹ *Marcos* XIII, 36.

¹⁴² *Lucas* XXI, 34.

permanecer aí. Elas a seguram no ar e não a deixam ir ao encontro de Deus, louvando-o em segredo, orando na suavidade do coração a fim de ser iluminada por ele. É por isso que o intelecto fica obscurecido e não consegue progredir segundo Deus, por não ter tido o cuidado de afastar estas coisas com ciência.

14. Quando o intelecto resgatar as faculdades da alma das vontades da carne e as fizer atravessar o mar, a coluna da divindade separará a alma das vontades da carne; então, se Deus quiser que a arrogância das paixões se lance sobre a alma tentando manter em pecado suas faculdades, e se o intelecto suplicar a Deus em segredo incessantemente, ele enviará seu socorro e dissipará tudo de um só golpe.

15. Eu lhe suplico, enquanto você viver num corpo, não relaxe o coração. Pois, assim como o cultivador não pode confiar na semente que cresce em seu campo, pois ele não sabe o que advirá antes de ter colhido e armazenado, também o homem não pode relaxar o coração enquanto houver um sopro em suas narinas¹⁴³. E assim como o homem ignora até o último suspiro se alguma enfermidade o afligirá, também é impossível a ele relaxar o coração enquanto respirar; assim, ele deverá sempre pedir a Deus com grandes lamentos para obter sua ajuda e sua misericórdia.

16. Quem não encontra socorro no momento do combate não pode confiar na paz.

17. Quando alguém se separa daqueles da mão esquerda, passa a conhecer exatamente todos os pecados que cometeu contra Deus, porque ninguém vê seus pecados se não estiver distanciado deles por uma dolorosa separação. São os que chegaram até aí que encontram as lágrimas, as súplicas e a vergonha diante de Deus lembrando-se de sua ligação perversa com as paixões. Lutemos, assim, na medida de nossas forças, irmãos, e Deus nos assistirá segundo a abundância de sua misericórdia. E se nós não guardamos nossos corações como nossos pais, ao menos façamos o possível para guardarmos nossos corpos sem pecado, como o quer Deus, acreditemos que, quando a fome nos assaltar, ele terá piedade de nós como teve de seus santos.

¹⁴³

Jó, XXVII, 3.

18. Aquele que entrega seu coração à verdadeira procura de Deus na piedade não pode pensar que ele agrada a Deus, pois enquanto sua consciência reprovar-lhe seja lá o que for contra a natureza, ele é estranho à liberdade. De fato, enquanto houver alguém que desaprova, existe alguém que acusa, e, enquanto houver uma acusação, não há liberdade. Se enfim você perceber que, enquanto você ora, absolutamente nenhuma malícia o acusa, então você está verdadeiramente liberto e penetrou no santo repouso segundo sua vontade. Se você perceber que o bom fruto se fortalece e que a embriaguez do inimigo não o sufoca mais¹⁴⁴, que os adversários recuaram, não por si mesmos, seguros de sua esperteza, porque você já não luta contra os sentidos, se a nuvem encobriu de tenda¹⁴⁵ e o sol já não o queima de dia nem a lua à noite¹⁴⁶, se você tem em si todo o necessário para erguer e manter a tenda segundo a vontade de Deus¹⁴⁷, então a vitória chegou a você vinda dele. E daqui em diante ele mesmo cobrirá a tenda, porque ela lhe pertence.

Enquanto durar a guerra, o homem permanecerá no temor e no tremor, vencedor ou vencido hoje, vencido ou vencedor amanhã, pois a luta aperta o coração. Ao contrário, a impassibilidade não tem mais o que combater, pois ela recebeu o prêmio, e ela não precisa mais se inquietar com a sorte dos três que são distintos, porque eles fizeram as pazes entre si graças a Deus. Estes três são o corpo, a alma e o espírito, segundo o Apóstolo¹⁴⁸. Assim, quando os três se tornam um pela operação do Espírito Santo, eles não podem mais ser separados. Não pense, portanto, que você está morto para o pecado enquanto você seguir sendo assaltado pelos inimigos, seja na vigília, seja no sono. Pois enquanto o pobre homem estiver neste estado, ele nunca estará seguro da vitória.

19. Quando o intelecto se fortalece e se prepara para acompanhar a caridade que extingue todas as paixões do corpo¹⁴⁹, ele não permite que nada contra a

¹⁴⁴ Mateus, XIII, 25.

¹⁴⁵ Números IX, 15.

¹⁴⁶ Salmo CXII, 6.

¹⁴⁷ Esdras II, 68.

¹⁴⁸ 1 Tessalonicenses VII, 14.

¹⁴⁹ “...a caridade que extingue todas as paixões da alma e do corpo, então esta se torna paciente e solícita, ela odeia a inveja e o orgulho, ela não pensa no mal, pois isto é o amor. A cólera se torna conforme à natureza no coração, ela não permite que nada contra a natureza oprima o espírito...” (texto de Augustinos)

natureza oprima o espírito, e, com sua força, o intelecto resiste às coisas que são contra a natureza, até conseguir separá-las da conformidade à natureza.

20. Examine-se a cada dia, irmão, observando seu coração: que paixões existem nele perante Deus? Rejeite tudo isso de seu coração, a fim de que nenhuma sentença nefasta caia sobre você.

21. Vigie assim seu coração, irmão, e tome cuidado com os inimigos, pois eles são espertos em sua malícia. E em seu coração fique certo destas palavras: “É impossível ao homem fazer o bem enquanto ele faz o mal, ao passo que o homem pode fazer o mal sob pretexto de fazer o bem.” Por isso nosso Salvador nos ensinou a vigiar, dizendo: “Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e são poucos os que o encontram.”¹⁵⁰

22. Portanto, vigie a si mesmo, para que nada da perdição o desvie do amor a Deus, e domine seu coração. Nas se deixe desencorajar, dizendo: “Como posso guardá-lo, sendo um pecador?” Pois quando um homem abandona seus pecados e se volta para Deus, sua penitência o regenera e o faz inteiramente novo.

23. Em toda parte a divina Escritura, a antiga como a nova, fala da guarda do coração. Primeiro Davi o Salmista exclama: “Filhos dos homens, até quando terão vocês o coração tão pesado?”¹⁵¹ E também: “Seu coração é vão.”¹⁵² De todos aqueles cujos pensamentos são vãos, ele diz: “Pois ele diz em seu coração: jamais estremecerei!”¹⁵³ E ainda: “Pois ele diz em seu coração: Deus esquece”¹⁵⁴, e outras coisas do tipo. Com efeito, o monge deve considerar o objetivo da Escritura, a quem ela fala e quando ela fala; ele deve sustentar continuamente o combate da ascese e tomar cuidado com os ataques do Adversário. Como um piloto, ele deve navegar sobre as ondas conduzido pela graça, sem se afastar da via reta, atento apenas ao caminho e entretendo-se com Deus na *hesychia*, com sua razão inquebrantável e o intelecto liberto de todas as confusões.

¹⁵⁰ Salmo IV, 3.

¹⁵¹ Salmo V, 10.

¹⁵² Salmo IX, 27.

¹⁵³ Salmo IX, 31.

¹⁵⁴ 2 Coríntios X, 5.

24. O tempo, com efeito, exige de nós a oração, como dos pilotos diante dos ventos, da tripla borrasca e das tempestades dos espíritos. Pois nós estamos expostos aos ataques dos pensamentos da virtude e do vício, e é dito que o mestre das paixões é o pensamento piedoso e amigo de Deus. De fato, convém aos hesiquistas que somos, discernir e separar com sabedoria, sobriedade e vigilância as virtudes dos vícios, nos aplicarmos a esta ou àquela virtude em presença dos irmãos e dos padres, a trabalhar uma ou outra quando estamos a sós; convém examinarmos qual é a primeira virtude, a segunda e a terceira; quais paixões são psíquicas, quais corpóreas; a partir de qual virtude o orgulho golpeia o intelecto; qual é acompanhada da vanglória, qual leva à cólera e qual engendra a gula. Devemos destruir “os pensamentos e toda potência altaneira que se levanta contra o conhecimento de Deus.”¹⁵⁵

25. A primeira virtude é a ausência de preocupações, ou seja, a morte a todos os homens e a todas as coisas. Então nasce o desejo por Deus e este engendra a cólera conforme a natureza, que vai opor-se a tudo o que o inimigo semeia. A partir daí o temor a Deus encontra no homem um lugar de eleição, e pelo temor manifesta-se a caridade.

26. É preciso rejeitar os assaltos do pensamento ao coração por uma recusa piedosa no momento da prece, para que não deixemos os lábios ocupados em falar com Deus enquanto o coração se dedica a coisas inconvenientes. Pois Deus não aceita uma prece suja e desprezível de um hesiquista. Assim é que Escritura atesta que devemos supervisionar os sentidos da alma. Se a vontade do monge está submetida à lei de Deus e se seu intelecto conduz segundo a lei tudo o que está em seu poder, vale dizer todos os movimentos da alma, em especial a cólera e a cobiça, submetendo-as à razão, então praticamos a virtude e cumprimos a justiça. A cobiça volta-se para Deus e para as suas vontades, a cólera é exercida contra o diabo e o pecado. O que estamos buscando? A meditação secreta.

27. Se uma obscenidade for semeada em seu coração, mantenha-se na sua cela e vigie para resistir à malícia, para que ela não se apodere de você. Aprese-se em se lembrar de Deus que o vê e diante de quem estão a descoberto os pensamentos de seu coração. Diga à sua alma: “Se você teme

¹⁵⁵

Salmo CXXIV, 1.

que pecadores como você vejam seus pecados, quanto mais a Deus, que tem os olhos sobre tudo?”; desta reflexão nascerá em sua alma o temor a Deus, e se você permanecer com ele, você se manterá bom, imperturbável em meio às paixões, segundo está escrito: “Aqueles que confiam no Senhor são como o monte Sião: aquele que habita Jerusalém jamais estremecerá.” Em tudo o que você fizer, lembre-se de que Deus vê tudo o que você pensa e você não pecará mais.

A ele a glória por todos os séculos. Amém.

Evagro o Pôntico

Evagro, este homem sábio e admirável viveu por volta do ano 350. Ele recebeu do grande Basílio o cargo de leitor. Ele foi ordenado diácono pelo irmão de Basílio, Gregório de Nice. Ele foi iniciado nos textos sagrados por Gregório o Teólogo, que fez dele arqui-diácono, quando ele recebeu a administração da Igreja de Constantinopla, segundo Nicéforas Calixto. Depois, tendo renunciado às coisas do mundo, ele mergulhou na vida solitária. Dotado de uma real sutileza de inteligência e de uma grande habilidade em expressar seu pensamento, ele deixou numerosos escritos, como o tratado dirigido aos hesiquistas e os capítulos, de grande valia, sobre o discernimento das paixões e dos pensamentos, que escolhemos para expor neste livro.

*

Evagro, dito o Pôntico por ser originário da província do Ponto na Ásia Menor, nasceu cerca de 345 em Ibora, não distante de Anésia aonde Basílio e Gregório iniciaram sua vida solitária em 357. Ordenado leitor por São Basílio, Evagro foi em seguida elevado ao diaconato por São Gregório de Nazianze, que o levou consigo para Constantinopla em 380. Mas logo, a fim de fugir a uma violenta paixão que teve pela esposa de um alto funcionário, ele se expatriou e foi para Jerusalém, onde Melânia a Velha o convenceu a renunciar ao mundo e se fazer monge no Egito. Depois de passar dois anos em Nitria, Evagro retirou-se para o deserto das Kellia, onde viveu até sua morte em 399. Ele foi discípulo de Macário de Alexandria e também se relacionou com o outro Macário, fundador de Sceta. Ele fez parte de um grupo de monges letrados que se distinguiram pela fervorosa aderência às doutrinas origenistas.

A obra escrita que ele deixou testemunha esta dupla herança. Os extratos que nos fornece a *Filocalia* foram tirados sobretudo dos tratados ascéticos, nos quais não encontramos nenhuma das opiniões controversas que levaram à condenação do autor das *Centúrias gnósticas* no Concílio de Constantinopla em 553.

Encabeçando esta antologia vem o *Esboço* ou *Hypotypose*, ou ainda, com

EVAGRO O PÔNTICO

ESBOÇO MONÁSTICO

SOBRE O DISCERNIMENTO DAS PAIXÕES

CAPÍTULOS NÉPTICOS

CAPÍTULOS SOBRE A ORAÇÃO

outro título, *Bases para a vida monástica*. Destinado, com efeito, aos iniciantes, este tratado descreve os traços específicos do estado monástico e de suas condições essenciais: celibato, renúncia do mundo, pobreza, solidão, trabalho manual e meditação sobre os fins últimos.

O livro seguinte, *Capítulos sobre o discernimento das paixões e dos pensamentos* ou *Dos diversos pensamentos*, trata do combate espiritual. Ele expõe com sutileza e profundidade a estratégia por meio da qual os demônios suscitam no monge os maus pensamentos e a maneira de detectar e repelir os ataques. Sob o título de *Capítulos Népticos*, a *Filocalia* acrescenta a seguir cinco extratos do *Tratado prático* ou *O monge*, dos quais dois se referem aos ensinamentos dos anciãos do deserto, em especial Macário.

A este florilégio apresentado na *Filocalia* grega sob o nome de Evagro, convém acrescentar o tratado *Da prece*, atribuído a são Nilo pela tradição grega e que deve ser restituído a Evagro, como I. Hausherr demonstrou de forma decisiva. Este tratado constitui uma das obras mais extraordinárias de Evagro, e nele encontramos os elementos mais valiosos de seu ensinamento místico.

ESBOÇO MONÁSTICO QUE ENSINA O MODO DE EXERCER A ASCESE E A HESÍQUIA

1. Está dito em Jeremias: “Você, não tome esposa neste lugar, pois eis o que o Senhor disse dos filhos e filhas engendrados neste lugar: ‘Eles perecerão de enfermidade mortal’¹⁵⁶”. Estas palavras mostram que, como diz o Apóstolo, “o homem casado se preocupa com as coisas do mundo, do modo de agradar à sua esposa, e ele fica dividido. A mulher casada também se preocupa com o mundo e com a maneira de agradar ao seu marido¹⁵⁷”. E é claro que o que diz o Profeta: “Eles perecerão de uma enfermidade mortal” não se refere apenas aos filhos e filhas nascidos da vida conjugal, mas também dos filhos e filhas engendrados no coração, ou seja, os pensamentos e os desejos carnaís; também eles perecerão por assim dizer no entendimento doentio, enfermo e lânguido deste mundo e não renascerão para a vida celeste. “Mas aquele que não é casado, diz o Apóstolo, preocupa-se com as coisas do Senhor e com o modo de agradar ao Senhor¹⁵⁸”, e este produzirá os frutos perpétuos e imortais da vida eterna.

2. Assim é o monge e é assim que ele deve ser: abster-se de esposa, não procriando nem filhos nem filhas neste lugar acima referido, acima de tudo um soldado de Cristo, imaterial e sem preocupações, desembaraçado de todos os cuidados com negócios e com atividades de qualquer tipo, como ainda diz o Apóstolo: “Ao se alistar no exército, ninguém se deixará envolver pelas questões da vida civil, se quiser satisfazer a quem o alistou no regimento¹⁵⁹”.

Que assim caminhe o monge, sobretudo o que abandonou toda a matéria deste mundo e corre para os magníficos e esplêndidos troféus da hesíquia. Como é magnífica e esplêndida a ascese da hesíquia, sim, verdadeiramente magnífica e esplêndida! Pois seu jugo é doce e seu fardo é leve¹⁶⁰. Doce é a vida e deleitosa a prática.

¹⁵⁶ Jeremias XVI, 2-4.

¹⁵⁷ 1 Coríntios VII, 33-34.

¹⁵⁸ 1 Coríntios VII, 32.

¹⁵⁹ 2 Timóteo II, 4.

¹⁶⁰ Cf. Mateus XI, 30.

3. Você quer mesmo, bem-amado, assumir a vida monástica tal como ela é e buscar os troféus [esplêndidos e magníficos] da hesíquia? Deixe para trás as preocupações do mundo, os príncipes e os poderes que dele se ocupam, ou seja, desembarace-se da matéria e das paixões, sem nenhuma concupiscência, a fim de que, tornado alheio a este embaraço, você possa bem praticar a hesíquia. Pois se não nos subtrairmos a tudo isso, não teremos como levar a bom termo esta vida.

Contente-se com uma alimentação frugal e barata, em pequena quantidade e fácil de achar. E se, sob pretexto de hospitalidade, lhe vêm ao pensamento alimentos mais caros, deixe-o ir-se e não o siga, pois com isto o Adversário coloca uma armadilha para desviá-lo da hesíquia. Você sabe como o Senhor Jesus condena a alma que se preocupa com essas coisas – Marta – dizendo a ela: “Porque perturbar-se com tantas coisas? Apenas uma lhe é necessária”, a saber, disse ele, escutar a palavra divina; e depois disto tudo fica fácil. É por isso que ele acrescenta a seguir: “Pois Maria escolheu a melhor parte, a que não poderá ser-lhe tirada¹⁶¹”. Você tem ainda o exemplo da viúva de Sarepta e dos alimentos que ela ofereceu ao Profeta¹⁶². Se você só tiver pão, sal e água, você poderá com isto obter a recompensa por sua hospitalidade. E se nem isto você possuir, receba seu hóspede com a melhor das disposições e ofereça-lhe uma palavra edificante, de maneira a obter a recompensa da hospitalidade. De fato, foi dito: “Uma palavra é melhor do que aquilo que se dá¹⁶³”. Eis o que você deve meditar a respeito da esmola.

4. Vigie, portanto, para não querer ter riquezas para distribuí-las aos pobres, pois esta é mais uma artimanha do Maligno, que muitas vezes conduz à vanglória e atira o intelecto numa multidão de preocupações. No Evangelho você encontra a viúva de quem o Senhor Jesus deu testemunho que, com duas moedinhas, superou os ricos no tocante à intenção e ao valor. Com efeito, “estes, disse o Senhor, tiraram um pouco do supérfluo de seus tesouros, enquanto que ela ofereceu toda a sua subsistência¹⁶⁴”.

Quanto às roupas, não deseje ter demais. Fique com aquelas que bastam para

¹⁶¹ Lucas X, 41-42.

¹⁶² Cf. 1 Reis XVII, 10-11.

¹⁶³ Eclesiástico XVIII, 16.

¹⁶⁴ Marcos XII, 44.

as necessidades do corpo. “Coloque todas as suas preocupações no Senhor e ele tudo fará para você¹⁶⁵”. “De fato, ele cuida pessoalmente de nós¹⁶⁶”.

Se você ficar sem comida nem vestes, não tenha vergonha de aceitar o que outros lhe oferecem, pois esta vergonha é uma espécie de orgulho. Mas se você tiver o bastante, dê a quem falta. É assim que Deus quer que suas crianças sejam providas. Eis porque o Apóstolo, escrevendo aos Coríntios, disse a respeito dos indigentes: “Que o seu supérfluo ajude na penúria destes, a fim de que o supérfluo deles remedie a sua penúria e que assim haja uma equanimidade, como está escrito: ‘Aquele que tinha muito não tem tanto, e o que tinha pouco não ficou sem’¹⁶⁷”.

Tendo assim o necessário para o presente, não se preocupe com o futuro, quer se trate de um dia, uma semana ou um mês. Quando amanhã chegar, ele mesmo fornecerá o que é necessário, se você, acima de tudo, buscar o Reino dos céus e a justiça de Deus. De fato, disse o Senhor: “Procurem o Reino de Deus e sua justiça, e tudo o mais lhes será dado em acréscimo.¹⁶⁸”

5. Não tenha servidor, para que através dele o Adversário não provoque um escândalo e não perturbe o seu pensamento com alimentos custosos, pois você não poderá mais, sozinho, cuidar dele. E se lhe ocorrer um pensamento relativo ao bem estar corporal, pense no que lhe é melhor, quero dizer o bem estar espiritual. Com efeito, e em verdade, o bem estar espiritual vale mais do que o corporal. E mesmo que o Adversário coloque em sua cabeça os benefícios que poderá auferir o rapaz, não o obedeça. De fato, não é trabalho para nós, mas para outros santos Padres que vivem em comunidade. Cuide apenas de seu próprio benefício e preserve a condição de hesíquia. Não queira viver com os homens que estão ligados às coisas materiais e amarrados de todos os lados. Viva só, ou com irmãos desembaraçados da matéria e que pensam como você. Pois quem vive com os homens que estão ligados às coisas materiais e tomados pelos negócios, partilhará necessariamente, ele também, dos embaraços e da escravidão das servidões humanas, tais como as conversas vãs e todas as outras calamidades: cólera, tristeza, loucura das

coisas materiais, medo e escândalo.

Tampouco se deixe prender pelos cuidados de famílias ou pelas afeições ao próximo, mas antes evite sua freqüentação, para que eles não o façam perder a hesíquia da cela e não o envolvem em seus próprios assuntos. Como diz o Senhor: “Deixe que os mortos enterrem seus mortos¹⁶⁹; você, venha e siga-me”. Inclusive, se sua própria cela é demasiado acessível, fuja e não a conserve, não relaxe por estar ligado a ela. Faça tudo o que puder, aja sempre de maneira a poder praticar a hesíquia e para ter tempo livre para se dedicar a fazer as vontades de Deus e a se manter em luta contra as potências invisíveis.

6. Se você não consegue alcançar a hesíquia nas suas redondezas, dirija sua intenção para o exílio e apresse-se em fixar aí seu pensamento. Faça como um bom homem de negócios, avaliando tudo em função da hesíquia e restando principalmente as coisas que seja úteis e coerentes com ela. Quanto ao mais, eu lhe digo, prefira o exílio. Pois ele o desembaraça dos incômodos de sua própria terra natal e tira partido apenas daquilo que aproveita à hesíquia. Evite as estadias nas cidades e persevere no deserto. “Eis, diz o santo rei, que fugi para longe e permaneci no deserto¹⁷⁰”. Tanto quanto possível, não vá nunca à cidade, pois você não verá ali nada que lhe convenha, nada útil nem aproveitável para seu modo de vida. “Eu vi, diz ainda o santo rei, a iniquidade e as disputas na cidade¹⁷¹”. Procure, portanto, os lugares afastados e tranquilos. Não tema o eco. Se você enxergar os espectros dos demônios, não tenha medo e não abandone o estado que é todo nosso benefício. Persevere sem temor e você verá “as maravilhas de Deus¹⁷²”, o socorro, a solicitude e todas as demais certezas de salvação. Com efeito, é o homem bem-aventurado que diz: “Eu esperei aquele que me salvou do desencorajamento e da tempestade¹⁷³”. Que nenhum desejo de agitação vença seu propósito. Pois “a inconstância com a cobiça solapa um espírito inocente¹⁷⁴”. Daí sobrevêm inúmeras tentações. Tema a queda e mantenha-se sedentário em sua cela.

¹⁶⁵ Salmo LIV, 23.

¹⁶⁶ 1 Pedro V, 7.

¹⁶⁷ 2 Coríntios VIII, 14-15, cit. Êxodo XVI, 18.

¹⁶⁸ Mateus, VI, 33.

¹⁶⁹ Mateus VIII, 22.

¹⁷⁰ Salmo LIV, 8.

¹⁷¹ Salmo LIV, 10.

¹⁷² Êxodo XIV, 13.

¹⁷³ Salmo LIV, 9.

¹⁷⁴ Sabedoria IV, 12.

7. Se você tem amigos, evite estar constantemente com eles. Pois, vendo-os poucas vezes, você extrairá mais proveito. Mas se você se der conta de que está se prejudicando por eles, não se aproxime mais. É preciso, com efeito, que seus amigos lhe sejam úteis e que compartilhem seu modo de vida. Fuja dos encontros com amigos perversos ou polêmicos e não more com nenhum deles. Mais do que isto, repila seus maus projetos, pois eles não estão ligados a Deus e não permanecem com ele. Que seus amigos sejam homens pacíficos, os irmãos espirituais e os santos Padres. É assim, realmente, que o Senhor os denominou quando disse: “Minha mãe, meus irmãos e meus pais são aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está no céu¹⁷⁵”. Não frequente pessoas agitadas nem vá festejar com elas, para que não o arrastem em suas ilusões e o desviem da disciplina da hesíquia, pois é a paixão quem se encontra neles. Não dê ouvidos aos seus propósitos e não acolha os pensamentos de seu coração, pois eles são verdadeiramente funestos. Que se deseje se volte para os fiéis da terra e que o desejo de seu coração seja o de invejar sua compunção. De fato, foi dito: “Meus olhos estão fixos nos fiéis da terra para fazê-los assentarem-se comigo¹⁷⁶”. Mas se um daqueles que vivem segundo o amor de Deus convidá-lo a comer com ele, e se você o quiser, faça-o, mas volte logo para a sua cela. Tanto quanto possível, jamais durma fora dela, a fim de que sempre permaneça com você a graça da hesíquia, e você poderá assim, sem empecilhos, permanecer fiel ao seu propósito.

8. Não seja amante de bons pratos nem das ilusões da fruição, pois, como diz o Apóstolo “quem vive da fruição está morto¹⁷⁷”. Não encha seu ventre como alimentos que são para os mundanos, para que sua concupiscência não o contamine e não o faça desejar a sua mesa. Com efeito, foi dito: “Não se perca locupletando o ventre¹⁷⁸”. E se você for constantemente convidado a deixar sua cela, recuse. Pois a permanência prolongada fora da cela é nociva, ela desfaz a graça, obscurece o entendimento, extingue o fervor. Veja como uma jarra de vinho que permanece por longo tempo em seu lugar, sem ser remexida, torna o vinho claro, decantado, perfumado. Se, ao contrário, ela é transportada de um lugar para outro, ela produzirá um vinho opaco, misturado e que mostra todas as desagregações da borra. Compare-se a esta jarra e faça

¹⁷⁵ Mateus XII, 50.

¹⁷⁶ Salmo C, 6.

¹⁷⁷ 1 Timóteo V, 6.

¹⁷⁸ Provérbios XXIV, 15.

esta experiência tão útil, rompa relações com a maioria das pessoas para que seu intelecto não seja distraído e para que não se perturbe sua condição de hesíquia.

Tenha o cuidado de trabalhar com as mãos noite e dia, se possível, a fim de não ser um peso para ninguém e mais ainda para distribuir, como o recomenda o santo apóstolo Paulo¹⁷⁹, para triunfar com isto também sobre o demônio da acídia e para eliminar toda a demais concupiscência do inimigo. Pois o demônio da acídia se faz acompanhar do ócio e encontra-se “na concupiscência”, como foi dito¹⁸⁰. Fazendo comércio, você não evitará o pecado. Vendendo ou comprando, ceda um pouco, para sua própria desvantagem, sobre o preço justo, para que não aconteça que, arrastado pelas negociações mesquinhas e minuciosas que a ganância comercial inspira, você não caia nas causas de dano para a alma, nas disputas, nos falsos juramentos, nos perjúrios, e que, por causa de tais procederes, você não se desonre e não cubra de vergonha a santa dignidade de nossa profissão. Adote esta idéia, evite comprar e vender por si mesmo. É preferível, se possível, atribuir este assunto a algum outro, a um homem confiável, a fim de que, estando com o espírito tranquilo, você desfrute das esperanças belas e felizes.

9. Tais são as vantagens que lhe trará a vida da hesíquia. Vou agora expor a série de coisas que ela contempla. Você, escute-me e faça o que eu lhe ordeno. Sentado em sua cela, recolha seu intelecto, lembre-se do dia de sua morte, veja o cadáver que será seu corpo, sinta suas penas, condene a vaidade deste mundo, encha-se de cuidado e zelo para poder permanecer sempre dentro do mesmo firme propósito da hesíquia sem fraquejar. Lembre-se também das condições presentes no inferno, observe como estão as almas lá embaixo, em que amargo silêncio, em que gemidos terríveis, em que horror, em que agonia, em que espera, a tortura interminável e as lágrimas da alma que não podem ser secadas. Mas lembre-se também do dia da ressurreição e do comparecimento diante de Deus. Imagine este julgamento apavorante e temível, evoque o que está reservado aos pecadores: a vergonha diante de Deus e de seu Cristo, dos anjos, dos arcanjos, das potências e de todos os homens, todos os suplícios, o fogo eterno, o verme que não morre, o tártaro, as trevas, e, além de tudo isto, o ranger de dentes, os terrores e os tormentos.

¹⁷⁹ 1 Tessalonicenses II, 9; Efésios IV, 28.

¹⁸⁰ Cf. Provérbios XIII, 4.

Mas evoque também os bens que estão reservados aos justos: a segurança diante de Deus pai e de seu Cristo, dos anjos, dos arcanjos, das potências e de todo o povo dos santos, o reino e seus dons, a alegria e a felicidade. Destas duas perspectivas, guarde em sua memória: sobre a condenação dos pecadores, chore, gema e coloque roupas de luto, temendo que também a você isto aconteça. Mas quanto aos bens reservados aos justos, rejubile-se, exulte e se alegre; esforce-se para poder desfrutá-los; quanto aos outros, trate de escapar deles. Vigie para nunca se esquecer disto, quer você esteja dentro ou fora de sua cela, não separe seu entendimento desta lembrança a fim de que, no mínimo, você evite os pensamentos impróprios e nocivos.

10. Jejue tanto quanto puder diante do Senhor. O jejum lava as transgressões e os pecados, embeleza a alma, santifica o entendimento, põe em fuga os demônios e predispõe à aproximação com Deus. Comendo uma vez ao dia, não deseje uma segunda refeição, para não ser perdulário nem perturbar o entendimento. Assim você terá em abundância para as obras de bem-aventurança e poderá mortificar as paixões do corpo. Mas se chegam irmãos e você se vê obrigado a comer uma segunda e uma terceira vezes, cuide para não gemer nem se afligir; regozije-se e submeta-se à realidade, e, comendo pela segunda ou pela terceira vez, dê graças a Deus por cumprir a lei da caridade e de ter o próprio Deus como administrador de nossas vidas. Pode acontecer que o corpo esteja enfermo e que seja preciso comer duas ou três vezes ou mesmo freqüentemente; [esteja pronto para esta eventualidade] e não se aflija. Não devemos permitir que os labores corporais do nosso estilo de vida sejam mantidos durante as doenças, mas podemos renunciar a algumas coisas para recuperar a saúde mais depressa e retomar os mesmos labores de nossa vida. A respeito da abstinência de alimentos, a palavra divina não proibiu comer nada, mas ela diz: “Eu lhes dei todas as coisas em forma de legumes¹⁸¹”, “comam indistintamente¹⁸²” e “Não é o que entra pela boca que suja o homem¹⁸³”. A abstinência de alimentos deve ser um trabalho de nossa livre vontade e de nossa alma.

11. Suporte alegremente a vigília, o sono em leito duro e todas as demais austeridades, considerando a glória futura que lhe será revelada com todos os

santos. É dito, com efeito, que “os sofrimentos do tempo presente não são nada comparados com a glória que será revelada em nós¹⁸⁴”. Se você estiver abatido, ore, como está escrito¹⁸⁵, mas ore com temor e com tremor, com esforço, sobriedade, vigilância e atenção. É assim que se deve rezar, sobretudo por causa dos inimigos invisíveis, perversos e enganadores, que querem sempre nos causar prejuízos. Cada vez que eles nos vêem em oração, apressam-se a vir sugerir ao nosso intelecto aquilo que não deve ser pensado nem meditado durante a prece, a fim de levar cativo nosso intelecto e de tornar vãs, inúteis e ineficazes a demanda e a súplica contidas na prece. Pois vãs e inúteis são a prece, a demanda e a súplica que não são feitas como foi dito, como temor, tremor, sobriedade, vigilância e atenção. De fato, se nos aproximamos de um rei mortal, tremendo, com temor e circunspecção para lhe apresentar um pedido, não seria conveniente sentirmos muito mais ao nos apresentarmos assim a Deus, mestre do universo, e a Cristo, Rei dos reis e Príncipe dos príncipes¹⁸⁶, e lhe dirigirmos igualmente nossas súplicas e demandas? Certamente, pois a ele também dirigem hinos incessantes toda a multidão de espíritos angélicos que o temem e adoram em coro, que tremendo o glorificam, tanto ao Pai sem começo quanto ao Espírito santíssimo e co-eterno, agora e para sempre, por todos os séculos. Amém.

¹⁸¹ Gênesis IX, 3..

¹⁸² 1 Coríntios X, 25-27.

¹⁸³ Mateus XV, 11.

¹⁸⁴ Romanos VIII, 18.

¹⁸⁵ Cf. Tiago V, 13.

¹⁸⁶ Cf. 1 Timóteo VI, 15; Apocalipse XIX, 16.

CAPÍTULOS SOBRE O DISCERNIMENTO DAS PAIXÕES E DOS PENSAMENTOS

[I]¹⁸⁷ 1. Dentre os demônios que se opõem à prática os primeiros a se apresentar ao combate são aqueles encarregados dos apetites da gula, os que nos sugerem a avareza e os que nos estimulam a procurar a glória humana. Todos os outros caminham atrás destes, recolhendo aqueles que eles feriram. Com efeito, não é possível cair nas mãos do espírito da fornicação, sem antes haver sucumbido à gula; não é possível deter a parte irascível se não a combatermos por via dos alimentos, das riquezas e da glória; não é possível fugir do demônio da tristeza se nos sentirmos privados de tudo isto ou se não os pudermos adquirir; tampouco escaparemos do orgulho, o primeiro broto do diabo, se não banirmos “a avareza, raiz de todos os males” porque, como disse o sábio Salomão, “a pobreza humilha o homem¹⁸⁸”. Em poucas palavras, não é possível que alguém sucumba ao demônio, sem antes ter sido ferido pelos assaltantes da primeira fileira (*protostátai*). É por isso que foram estes os três pensamentos que o diabo outrora apresentou ao Salvador, convidando-o primeiramente a transformar as pedras em pães, prometendo-lhe em seguida o mundo inteiro se ele se prosternasse para adorá-lo, e em terceiro lugar dizendo-lhe que, se ele o obedecesse, ele seria glorificado por não sofrer dano algum de tal queda¹⁸⁹. Mostrando-se superior a estas tentações, Nosso Senhor ordenou ao diabo que se retirasse; com isto ele nos ensina que não é possível afastar o diabo sem antes desprezar estes três pensamentos.

[II] 2. Todos os pensamentos demoníacos introduzem na alma representações de objetos sensíveis: impressionado com eles, o intelecto carrega em si as formas destes objetos; e assim é conforme o próprio objeto que ele pode reconhecer o demônio que se aproximou. Por exemplo, se em meu espírito forma-se o rosto de alguém que me fez mal ou que me desonrou, é a prova de que o pensamento do rancor e do ressentimento me fez uma visita; ou ainda,

¹⁸⁷ As indicações entre colchetes referem-se às divisões da P.G. (Patrística Grega) LXXIX, 1199-1234.

¹⁸⁸ *Provérbios* X, 14.

¹⁸⁹ Cf. *Mateus* IV, 1-10.

se sobrevierem lembranças de riquezas ou de glória, é evidente que será a partir destes objetos que poderá ser reconhecido aquele que nos atormenta. O mesmo acontece com relação aos outros pensamentos: partindo dos objetos você descobrirá quem está presente e faz essas sugestões. Não quero com isto dizer que todas as lembranças de tais objetos venham dos demônios – pois o próprio intelecto, por ser movido pelo homem, possui a faculdade natural de lembrar as imagens do que existe – mas apenas aquelas que forçam contra a natureza as partes irascíveis e concupiscentes. De fato, é por causa da perturbação destas potências que o intelecto comete em espírito o adultério e a violência, tornando-se incapaz de receber a imagem de Deus que lhe impôs sua lei, se é verdade que esta claridade se manifesta à faculdade diretora [da alma] no momento da prece com a supressão de todas as demais representações ligadas aos objetos.

[III] 3. O homem não pode desembaraçar-se das lembranças apaixonadas senão tomando cuidado com suas partes concupiscente e irascível, esgotando a primeira por meio dos jejuns, das vigílias e do sono sobre leitos duros, aprisionando a segunda através da longanimidade, da ausência de ressentimentos e das esmolas. Com efeito, é a partir destas duas paixões que se formam quase todos os pensamentos demoníacos que precipitam o intelecto “na ruína e na perdição”. Ora, é impossível a alguém triunfar sobre estas paixões se não desdenhar completamente as comidas, as riquezas e a glória, e até seu próprio corpo, por causa daqueles que tantas vezes tentam inflá-lo.

É assim absolutamente necessário imitar alguém que está em perigo no mar e que atira a carga pela amurada, devido à violência dos ventos e às ondas desenfreadas. Mas vigiem para não atirar a carga pela amurada diante dos homens, fazendo-lhes espetáculos; pois já receberam a paga, e um outro naufrágio, mais temível que o primeiro, seguir-se-á, com o demônio da vanglória insuflando o vento contrário. É por isso que Nosso Senhor, nos Evangelhos, instrui nestes termos o piloto, que é o intelecto: “Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu¹⁹⁰”; e ainda: “Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em

¹⁹⁰

Mateus VI, 1.

verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa¹⁹¹”; e ele diz também: “Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa.¹⁹²”

Mas é o médico das almas que devemos observar aqui: assim como pela esmola ele cura a parte irascível, pela prece purifica o intelecto, e pelo jejum extenua a parte concupiscente; desta maneira, “o homem novo renova-se à imagem de seu Criador¹⁹³”, e nele, graças à santa impassibilidade, “não existe mais homem nem mulher”, nele “não existe mais grego ou judeu, nem circuncisos ou incircuncisos, nem bárbaro, nem cita, nem escravo, nem homem livre, mas somente o Cristo, que será tudo em todos.¹⁹⁴”

[IV] 4. É preciso procurar como, nas imaginações do adormecer, os demônios deixam uma marca e uma figura em nossa faculdade diretora. Pois estas coisas, parece, produzem-se no intelecto, seja por intermédio dos olhos quando ele vê, seja pelo ouvido quando escuta, seja por um sentido qualquer, ou então pela memória, que deixa marcas na faculdade diretora, não por meio do corpo, mas colocando em movimento aquilo que ela obteve por intermédio do corpo. Pois bem, parece-me que é colocando em movimento a memória que os demônios deixam marcas na faculdade diretora, visto que o organismo se mantém inativo durante o sono. Mas vejamos agora como eles colocam em movimento a memória: não seria por intermédio das paixões? Sim, evidentemente, porque aqueles que são puros e impassíveis não experimentam nada disso. Entretanto existe também um movimento simples da memória, provocado por nós ou pelas santas potências, graças ao qual, durante nosso sono, possamos reencontrar os santos, conversarmos e comermos com eles. Para tanto é preciso lembrar que as imagens que a alma recebe por meio do corpo são postas em movimento pela memória, sem o corpo; a prova disto está no fato de que freqüentemente experimentamos essas coisas mesmo dormindo, enquanto o corpo está em repouso. Assim como é possível lembrarmo-nos da água quer estejamos ou não com sede, podemos lembrar do ouro com ou sem cupidez, e do mesmo modo qualquer

outra coisa. Que o intelecto encontre tais ou tais variedades de imagens será o indício do trabalho pernicioso daqueles lá. E é preciso ainda saber o seguinte: os demônios servem-se também de objetos exteriores para produzir uma imagem, como por exemplo o ruído das ondas para um navegador.

5. Quando arrastada contra sua natureza, nossa irascibilidade fornece uma enorme ajuda aos demônios para que atinjam seu objetivo, e se presta toda útil às suas odiosas maquinações. É por isso que, dia e noite, nenhum deles deixa um instante de perturbá-la; e quando eles a vêem enlaçada com a doçura, apressam-se a encontrar justos pretextos para separá-la o mais depressa possível, a fim de que, colocando-se em prontidão, ela sirva aos seus pensamentos ferozes. Também é preciso não provocá-la sob nenhum pretexto, justo ou injusto, e não atirar um funesto punhal contra os autores das sugestões. Conheço muitos que agem assim freqüentemente e se inflamam mais do que o necessário pelas razões mais fúteis.

[V] Em função de que, diga-me, “você se atira tão depressa numa discussão”, se é verdade que você desprezou alimentos, riquezas e glória? E porque você alimenta seu cão, se faz profissão de nada possuir? Se ele late e ataca as pessoas, é evidente que você possui alguns bens no interior, que ele deve guardar. De minha parte, estou convencido de que um tal homem está longe da oração pura, sabendo que a irascibilidade é um flagelo para esta oração. E é de espantar que ele esqueça assim os santos, como David que clama: “Põe fim à tua cólera e renuncie à irascibilidade¹⁹⁵”, como o Eclesiastes que proclama: “Afasta a cólera de teu coração e a malícia da tua carne¹⁹⁶”, e como o Apóstolo, que prescreve “erguer as mãos em todo lugar sem cóleras nem disputas¹⁹⁷”. Porque não nos instruímos pelo antigo costume dos homens, que consistia em expulsar da casa os cachorros no momento da oração? Isto significa em termos velados que a irascibilidade não deve estar presente entre aqueles que oram. Vejam ainda: “A cólera dos dragões é seu vinho¹⁹⁸”; ora, assim os Nazireus abstinham-se de vinho. Acrescento que um sábio pagão declarou que a vesícula biliar e a parte lombar não eram comestíveis pelos deuses, sem saber, penso eu, o que dizia. Para mim, são símbolos, a primeira

¹⁹¹ *Mateus VI, 5.*

¹⁹² *Mateus VI, 16.*

¹⁹³ *Cf. Colossenses III, 10.*

¹⁹⁴ *Cf. Gálatas III, 28.*

¹⁹⁵ *Salmo XXXVI, 8.*

¹⁹⁶ *Eclesiastes XI, 10.*

¹⁹⁷ *1 Timóteo II, 28.*

¹⁹⁸ *Deuteronômio XXXII, 33.*

da cólera e a segunda da concupiscência irrazoável.

Quanto ao fato de que não devemos nos preocupar com as vestes nem com a alimentação, penso que é supérfluo escrever a respeito, porque o próprio Salvador, nos Evangelhos, profere esta proibição: “Não vos preocupeis consigo mesmos, com o que comereis ou bebereis, ou o que vestireis¹⁹⁹”. Pois é isto o que fazem os pagãos e os descrentes que rejeitam a providência do Mestre e renegam o Criador, mas esta atitude é inteiramente estranha aos cristãos, uma vez que eles crêem que mesmo “os dois pardais que se vendem um centavo” estão sob a administração dos santos anjo. Entretanto os demônios têm também o hábito de enviar os pensamentos impuros da preocupação, para que Jesus se afaste devido à multidão de representações que ocupam o lugar do espírito e para que sua palavra se torne estéril, sufocada pelos espinhos da preocupação²⁰⁰.

[VI] Portanto, depois de nos havermos desembaraçado dos pensamentos que provêm das preocupações, “coloquemos nossas preocupações no Senhor²⁰¹”, contentando-nos com o que temos no presente²⁰²; e, adotando um modo de vida e vestimentas pobres, desnudemos em pleno dia os autores da vanglória. Se alguém pensa faltar à decência pela pobreza de suas vestes, que ele considere São Paulo que “no frio e na nudez²⁰³” alcançou a coroa da justiça²⁰⁴. E como o Apóstolo chamou de teatro e de estádio o mundo em que vivemos²⁰⁵, vejamos se é possível, vestido com os pensamentos da preocupação, correr “pelo prêmio do chamado do alto trazido por Cristo²⁰⁶” ou lutar contra “os principados, as potestades e as dominações destas trevas²⁰⁷”. Da minha parte não sei nada disto, uma vez que fui instruído pelo que se passa na realidade sensível: nela, com efeito, nosso lutador se verá atropelado por sua túnica e será facilmente batido. É o que acontecerá

¹⁹⁹ *Mateus VI, 25.*

²⁰⁰ *Cf. Mateus XIII, 22.*

²⁰¹ *1 Pedro V, 7; cit. Salmo LIV, 22.*

²⁰² *Cf. Hebreus XIII, 5.*

²⁰³ *Cf. 2 Coríntios I, 27.*

²⁰⁴ *Cf. 2 Timóteo IV, 8.*

²⁰⁵ *Cf. 1 Coríntios IV, 9; 1 Coríntios IX, 24.*

²⁰⁶ *Cf. Filipenses III, 14.*

²⁰⁷ *Cf. Efésios VI, 12.*

também com o intelecto, sob os efeitos dos pensamentos preocupados, se é verdadeira a palavra que diz que o intelecto é firmemente ligado ao seu tesouro: “Aonde estiver seu tesouro, ali estará seu coração²⁰⁸”.

[VII] 6. Dentre os pensamentos, há os que cortam e há os que são cortados: os maus cortam os bons e são cortados por eles. Sendo assim, o Espírito Santo permanece atento ao pensamento que primeiro foi colocado, e é a partir dele que ele nos condena ou aprova. O que quero dizer é o seguinte: eu tenho um pensamento de hospitalidade e o tenho por causa do Senhor, mas ele é cortado quando o tentador chega e sugere que eu seja hospitaleiro pela glória que isto traz. Outro exemplo: eu tenho um pensamento de hospitalidade tendo em vista mostrar-me aos homens, mas ele também é cortado, quando se introduz um pensamento melhor que orienta minha virtude para o Senhor constringendo-me a não agir assim em função dos homens. Se assim, por nossos atos, a partir daí permanecermos com nossos primeiros pensamentos, ainda que postos à prova pelos segundos, receberemos a paga pelos pensamentos colocados antes, porque, por sermos homens, e por lutarmos contra os demônios, não termos a força para guardar incólume um pensamento reto nem, inversamente, para mantermos um mau pensamento sem tentação, por termos em nós as sementes da virtude. Mas se um dos pensamentos que cortam se prolonga, ele se instala no lugar do que foi cortado, e será segundo este segundo pensamento que daí em diante o homem receberá o impulso que o fará agir.

7. Após uma longa observação, aprendemos a conhecer a diferença que existe entre os pensamentos angélicos, os pensamentos humanos e aqueles que provêm dos demônios. Os dos anjos, para começar, perscrutam a natureza das coisas e buscam suas razões espirituais. Por exemplo: porque o ouro foi criado, porque ele é terroso e está disseminado nas profundezas do solo, e porque ele não é descoberto sem muito esforço e pena; e como, uma vez descoberto, ele é lavado na água, colocado no fogo, e assim posto nas mãos dos artesãos que farão o candelabro da Tenda, o queimador de perfumes, o incensório, as taças²⁰⁹ nas quais, pela graça de nosso Salvador, já não é um rei da Babilônia que bebe²¹⁰, mas Cleófas, que traz um coração ardente destes

²⁰⁸ *Mateus VI, 21.*

²⁰⁹ *Cf. Êxodo XXXV, 4 ss.*

²¹⁰ *Cf. Daniel V, 2-3.*

mistérios²¹¹. O pensamento demoníaco não sabe nem quer saber de nada disto, mas sugere sem a menor vergonha a simples aquisição do ouro sensível e prediz o desfrute e a glória que resultarão disto. Quanto ao pensamento humano, ele tanto visa a aquisição quanto perscruta o simbolismo do ouro, mas introduz no espírito apenas a forma simples do ouro, fora de qualquer paixão de cupidez. O mesmo vale para outros objetos, exercendo-se mentalmente a mesma regra.

[VIII] 8. Existe um demônio a que chamamos de “vagabundo” e que se aproxima dos irmãos sobretudo nos começos da aurora; ele passeia o intelecto de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de casa em casa; este é levado assim a simples encontros, depois chega aos conhecidos, tagarela longamente, e deste modo arruina, no contato destes encontros, seu próprio estado, distanciando-se insensivelmente da ciência de Deus e da virtude, esquecendo-se até de sua profissão. É preciso assim que o anacoreta observe este demônio: de onde ele parte e aonde ele chega, pois não é ao acaso nem aventureiramente que ele cumpre este longo circuito, mas é com a intenção de arruinar o estado do anacoreta que ele age desta maneira, para que o intelecto, inflamado por tudo isso e embevecido por esses encontros, caia rapidamente sob o demônio da fornicação, ou sob o da cólera, ou da tristeza, que mais do que todos prejudicam a clareza de seu estado. Mas nós, que temos como objetivo conhecer exatamente a engenhosidade deste demônio, não lhe dirigimos a palavra em seguida nem lhe revelamos o que se passa: como ele produz os encontros em pensamento e de que modo ele arrasta insensivelmente o intelecto à morte, pois ele fugirá para longe: ele não admite ser visto enquanto faz estas coisas; e assim não saberemos nada daquilo que nos propomos a aprender. Mas deixemo-lo, dia após dia, chegar até o fim do seu jogo, para que, depois de termos aprendido a conhecer em detalhe suas maquinações, o coloquemos em fuga, desmascarando-o com uma palavra.

[IX] Mas, como acontece de no momento da tentação o intelecto achar-se confundido e não conseguir perceber com precisão o que se passa, eis o que você deve fazer após a retirada do demônio: sente-se e rememore para si mesmo os eventos que aconteceram, de onde você partiu e aonde você chegou, em que ponto você foi tomado pelo espírito de fornicação, ou de cólera, ou de tristeza, e como, ainda, aconteceu o que aconteceu; observe

estes detalhes e entregue-os à memória, a fim de poder desmascará-lo quando ele se aproximar; revele a ele o lugar secreto que ele guarda, e também que você não o seguirá mais até ali. Se você quiser enlouquece-lo de furor, desmascare-o assim que ele se apresente e, numa palavra, denuncie o primeiro lugar por onde ele entrou, e o segundo, e o terceiro: como ele não suporta a humilhação, isto será especialmente penoso para ele.

A fuga do pensamento para longe de você será a prova de que você lhe dirigiu a palavra correta, pois é impossível a este demônio permanecer depois de ter sido abertamente desmascarado. À retirada deste demônio sucede um sono pesado, uma espécie de morte acompanhada de um grande esfriamento das pálpebras e bocejos sem fim, costas pesadas e inchadas: todos fenômenos que, graças a uma intensa prece, o Espírito Santo dissipará.

[X] 9. A aversão que apresentamos aos demônios contribui de modo especial para a nossa salvação e favorece a prática da virtude; mas não temos a força para nutri-la em nós como uma espécie de bom embrião, porque os espíritos amigos do prazer a destroem e convidam a alma a voltar à sua amizade habitual; a esta amizade – ou melhor, esta gangrena dificilmente curável – o médico das almas cura com a solidão moral: de fato, ele permite que nós padeçamos certo terror com isto noite e dia, para que a alma retorne depressa à aversão primitiva, aprendendo com Davi a dizer ao Senhor: “Eu os odeio com uma aversão perfeita, eles se tornaram inimigos para mim.”²¹² Pois ele odiava seus inimigos com perfeita aversão, aquela que não peca nem em ato nem em pensamento, e que é o maior sinal da primeira impassibilidade.

[XI] 10. Quanto ao demônio que torna a alma insensível, preciso falar dele? Pois, de minha parte, temo até escrever a seu respeito: como a alma sai de seu próprio estado quando ele chega e rejeita o temor a Deus e a piedade; ela deixa de considerar o pecado como pecado, não mais estima a transgressão como transgressão; o castigo e o julgamento eternos são lembrados por ela como simples palavras e a alma “se ri”, realmente, “do cismo que abrasará tudo”. Ela se diz temente a Deus, mas ignora o que ele prescreve; você arranha o peito enquanto ela se volta para o pecado, mas ela permanece insensível; você argumenta a partir das Escrituras, e ela permanece insensível; você lhe expõe a culpa que vem dos homens, e ela não se dá conta da

²¹¹

Cf. Lucas XXIV, 32.

²¹²

Salmo CXXXVIII, 22.

vergonha que ela causa entre os irmãos; esta alma está privada de inteligência, como um porco com os olhos vendados que destrói seu chiqueiro. Este demônio é atraído por persistentes pensamentos de vanglória; é dele que foi dito: “Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma criatura se salvaria²¹³”. E, com efeito, ele se encontra entre aqueles que raramente visitam os irmãos, e a razão é evidente: diante do sofrimento de outros que são acossados por doenças, ou que vegetam nas prisões, ou sucumbem a uma morte súbita, este demônio se põe em fuga, pois a alma é pouco a pouco penetrada pela compunção e acede à compaixão quando a cegueira provocada por este demônio se dissipa. Tudo isto nos falta, por causa do deserto e porque os doentes são raros entre nós.

[XII] Foi principalmente este demônio que o Senhor quis por em fuga nos Evangelhos, quando ele prescreveu ver os doentes e visitar os que estão na prisão: “Eu estava doente, disse ele, e vocês vieram me visitar, estava preso e vieram até mim²¹⁴”. Mas é preciso também saber o seguinte: se um dos anacoretas que caiu diante deste demônio não concebeu pensamentos de fornicção, ou não deixou sua casa sob os efeitos da acídia, é porque este homem recebeu a castidade e a perseverança vindas do céu; bem-aventurado é ele por possuir uma tal impassibilidade! Quanto aos que fazem votos de piedade e escolhem habitar com os seculares, que se acautelem contra este demônio. Quanto a mim, eu ruborizo diante dos homens só de falar dele ou de escrever daqui para frente a seu respeito.

[XIII] 11. Todos os demônios ensinam a alma a gostar do prazer: apenas o demônio da tristeza não quer fazê-lo, e ele chega até a destruir os pensamentos dos outros que estão ali, destruindo e secando todo o prazer da alma por meio da tristeza, se é verdade que “os ossos do homem triste secam²¹⁵”. E se ele combate moderadamente, ele torna o anacoreta experiente, pois o convence a não se aproximar dos bens deste mundo e a evitar todo prazer; mas se ele se implanta daí para frente, ele engendra pensamentos que aconselham a alma a evadir-se, ou que a obrigam a fugir para longe. É o que o santo Jó sofreu e meditou, quando foi atormentado por este demônio: “Se eu pudesse, disse ele, dar a mão a mim mesmo, ou ao menos pedir a um outro

²¹³ *Mateus XXIV, 22.*

²¹⁴ *Mateus XXV, 36.*

²¹⁵ *Cf. Provérbios XVII, 22.*

que o fizesse por mim²¹⁶.” Este demônio é simbolizado pela víbora, este animal cuja substância natural, ministrada em dose suportável ao homem, destrói o veneno dos outros animais, mas se tomado em estado puro destrói o próprio ser vivo. É a este demônio que Paulo entregou o pecador de Corinto; é por isso que ele se apressou a escrever novamente aos Coríntios estas palavras: “Assim deveis agora perdoar-lhe e consolá-lo para que não sucumba por demasiada tristeza.²¹⁷” Mas ele sabia que este espírito que aflige os homens pode também trazer-lhes um bom arrependimento: é a razão pela qual são João Batista chamava aos que são picados por este demônio e se refugiam junto a Deus de “raça de víboras”, dizendo-lhes: “Ao ver, porém, que muitos dos fariseus e dos saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura? Dai, pois, frutos de verdadeira penitência. Não digais dentro de vós: Nós temos a Abraão por pai! Pois eu vos digo: Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos a Abraão.²¹⁸” Mas todo homem que, a exemplo de Abraão, deixou sua terra e sua família²¹⁹, este se torna mais forte do que este demônio.

[XIV] 12. Quem dominou a irascibilidade dominou os demônios, mas quem é escravo deles é totalmente estranho à vida monástica e está fora dos caminhos de nosso Salvador, pois o próprio Senhor disse “ensinar o caminho aos mansos²²⁰”. Assim o intelecto dos anacoretas se torna difícil de capturar, quando foge pelas planícies da doçura. Pois quase nenhuma virtude é tão temida pelos demônios como a doçura; é ela que o grande Moisés possuía, ele que foi chamado de “o mais doce dos homens²²¹”; e o santo Davi declarou ser digno da lembrança de Deus, ao dizer: “Lembre-se de Davi e de toda a sua mansidão.²²²” Por outro lado, o próprio Salvador nos ordenou sermos imitadores desta doçura, quando ele disse: “Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas.²²³” E se alguém se abstém de comidas e

²¹⁶ *Jó XXX, 24.*

²¹⁷ *2 Coríntios II, 7-8.*

²¹⁸ *Mateus III, 7-9.*

²¹⁹ *Cf. Gênesis XII, 1.*

²²⁰ *Salmo XXIV, 9.*

²²¹ *Números XII, 3.*

²²² *Salmo CXXXI, 1.*

²²³ *Mateus XI, 29.*

bebidas, mas excita sua parte irascível com maus pensamentos, este se parece com um barco que se faz ao largo tendo um demônio como piloto. Assim é preciso vigiar, tanto quanto possível, o cão que mora em nós e ensiná-lo a não atacar senão os lobos e a não devorar as ovelhas, mostrando toda a doçura para com todos os homens.

[XV] 13. Único dentre os pensamentos, o da vanglória possui muita matéria; ele abarca quase toda a terra habitada e abre as portas a todos os demônios, como o faria um reles traidor para uma cidade. Ele também humilha particularmente o intelecto do anacoreta, enchendo-o com uma multitude de palavras e de objetos e corrompendo suas orações, graças às quais ele se esforça por curar todas as feridas de sua alma. É este pensamento que faz crescer todos os demônios que haviam sido destruídos, e é graças a ele que eles todos encontram um acesso para as almas, tornando realmente o “novo estado pior do que o primeiro²²⁴”. Deste pensamento nasce também o do orgulho, que precipitou dos céus sobre a terra “o selo da semelhança e a coroa da beleza”. “Vamos! Deixemos sem tardança este lugar²²⁵”, de medo que abandonemos nossa vida a outros e nossa existência a pessoas sem piedade. Este demônio é afugentado por uma prece intensa e pela recusa em fazer ou dizer voluntariamente qualquer coisa que possa contribuir para a glória maldita.

14. Quando o intelecto dos anacoretas adquiriu um início de impassibilidade, então ele adquire o cavalo da vanglória e rapidamente desfila pelas cidades, locupletando-se com os elogios, vinho puro trazido pela glória. Por um desígnio providencial, o espírito da fornicção que vem ao seu encontro e que o encerra em alguma porcária o ensina a não deixar seu leito antes de haver recuperado a saúde perfeita, e a não imitar os doentes indisciplinados que, mesmo carregando em si as seqüelas da doença, metem-se em caminhadas e banhos inoportunos e têm recaídas. É por isso que, permanecendo sentados, estejamos mais atentos a nós mesmos; assim, progredindo na virtude, seremos difíceis de sermos arrastados pelo mal; renovando-nos na ciência²²⁶, receberemos por outro lado uma abundância de contemplações variadas; e também elevando-nos pela prece, receberemos uma visão mais clara da luz de

²²⁴ Cf. Mateus XII, 45.

²²⁵ Provérbios V, 9.

²²⁶ Cf. Colossenses III, 10.

nosso Salvador.

[XVI] 15. Não posso escrever sobre todas as maquinações dos demônios e tenho vergonha de enumerar seus estratagemas, temendo pelos meus leitores eventuais mais simplórios. Escutem no entanto como é a engenhosidade do demônio da fornicção. Quando alguém adquiriu a impassibilidade da parte concupiscente e fez com que os pensamentos vergonhosos sejam doravante um pouco esfriados, este demônio introduz homens e mulheres que se divertem juntos, e torna o anacoreta espectador de ações e atitudes condenáveis. Mas esta tentação não é das que mais duram, pois uma oração intensa e um regime estrito unido às vigílias e ao exercício das contemplações espirituais a expulsam “como uma nuvem sem água”. Às vezes, ele ataca a carne e faz o anacoreta ceder a um abrasamento animal. O maligno demônio inventa ainda mil outros estratagemas que não precisamos publicar e confiar à escrita.

Contra tais pensamentos é extremamente eficaz a ebulição da parte irascível dirigida contra o demônio, parte que ele teme mais do que tudo quando ela é perturbada a propósito de pensamentos e destrói suas representações. É isto que significa: “Encolerize-se e não peque mais.²²⁷” Aplicado à alma, é um remédio útil nas tentações. Mas o demônio da cólera também sabe imitar este outro: ele também inventa parentes, amigos e conhecidos maltratados por celerados, e induz a parte irascível do anacoreta contra aqueles que lhe aparecem em pensamento; é preciso estar atento a isto e arrancar rapidamente do intelecto tais imagens, de medo que, ligando-se a elas, ele não se torne na hora da prece um “tição fumegante”. Os irascíveis são vítimas destas tentações, pois estão acima de tudo sujeitos às inflamações da cólera; eles estão longe da prece pura e da ciência de Cristo nosso Salvador.

[XVII] 16. As representações deste século foram confiadas pelo Senhor ao homem como ovelhas a um bom pastor, pois foi dito: “Ele deu ao mundo o seu coração²²⁸”; para ajudá-lo, ele acrescentou-lhe a parte irascível e a parte concupiscente, a fim de que pela primeira ele afugente as representações que são os lobos, e pela segunda ele cuide das ovelhas, ainda que as chuvas e os ventos se abatam sobre ele. Ele lhe deu também “um pasto”, para que as

²²⁷ Salmo IV, 5.

²²⁸ Jeremias XXXI, 33.

ovelhas possam pastar, “um lugar de verdes pastagens e uma fonte de águas refrescantes²²⁹”, “uma harpa e uma cítara”, “um bastão e um cajado”, para que ele retire do rebanho alimento e vestes para que ele “pise as forrações nas montanhas”, pois foi dito: “Quem apascenta um rebanho e não se alimenta de seu leite?²³⁰” É preciso assim que o anacoreta guarde noite e dia este pequeno rebanho, de medo que uma das representações se torne presa das bestas selvagens ou caia nas mãos de algum ladrão, e se qualquer coisa semelhante acontecer neste “valezinho florido”, ele deve sem tardança arrancá-la “da goela do leão e do urso²³¹”. A representação concernente a um irmão se torna presa dos animais selvagens, se a fazemos pastar em nós com antipatia; a que concerne à mulher, se a nutrimos com concupiscência vergonhosa; a do ouro e da prata, se ela for guardada com cupidez; e as representações dos santos carismas, se a fizermos passear no espírito em companhia da vanglória. O mesmo acontecerá com as outras representações, quando se tornam vítimas das paixões.

[XVIII] O anacoreta não deve apenas vigiá-las de dia, mas ainda guardá-las à noite velando, pois ele pode também perder seu bem em imaginações condenáveis e más. É o que disse o santo Jacó: “Não lhe apresentei os animais despedaçados, mas eu os compensava com os meus. Você me pedia contas do que era roubado de dia e de noite. De dia, eu era devorado pelo calor, e de noite pelo frio, e não conseguia pegar no sono.²³²” Mas se, sob o efeito da fadiga, nos sobrevier uma certa acídia, refugiemo-nos por um momento sobre o rochedo da ciência, tomemos nossa harpa e toquemos com as virtudes as cordas da ciência; depois voltemos a apascentar nossa ovelhas ao pé do monte Sinai, a fim de que o Deus de nossos pais nos chame, a nós também, do interior do arbusto²³³ e nos faça, a nós também, a graça de conhecer as razões “dos sinais e dos prodígios”.

17. Pela contemplação de todos os mundos, Cristo devolve à vida a natureza racional que o pecado havia levado à morte. Mas a alma desta natureza morta pela morte de Cristo recebe do Pai a vida pelo conhecimento de si mesmo. É

229 Cf. *Salmo* XXII, 2.
230 1 *Coríntios* IX, 7.
231 Cf 1 *Samuel* XVII, 34 ss.
232 *Gênesis* XXXI, 39-40.
233 Cf. *Êxodo* III, 1-4.

o que diz são Paulo: “Se nós morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele²³⁴”.

18. Quando o intelecto, depois de despir-se do velho homem, reveste-se daquele da graça, então ele verá seu próprio estado no momento da oração semelhante à safira ou a uma cor celeste, aquilo que a Escritura denomina o Lugar de Deus, que foi visto pelos antigos sobre o monte Sinai²³⁵.

[XXI] 19. Dentre os demônios impuros, alguns tentam o homem enquanto homem, enquanto outros perturbam o homem enquanto animal não dotado de razão. Quando são os primeiros que nos visitam, eles jogam em nós representações de vanglória, de orgulho, de inveja ou de maledicência, todas coisas que não atingem os seres desprovidos de razão. Quando são os segundos que se aproximam, eles arrastam nossa irascibilidade e nossa concupiscência num movimento contrário à sua natureza; pois temos estas partes passionais em comum com os animais sem razão, embora dissimuladas por nossa natureza racional. É por isso que o Espírito Santo diz àqueles que sucumbem aos pensamentos humanos: “Eu declaro: Embora vocês sejam deuses, e todos filhos do Altíssimo, vocês morrerão como qualquer homem. Vocês, príncipes, cairão como qualquer outro²³⁶”. Aos que são arrastados num movimento animal, que diz ele? “Não seja como o cavalo ou o jumento, que não compreendem nem rédea nem freio: deve-se avançar para domá-los, sem o que eles não se aproximarão de você.²³⁷” Se é verdade que “a alma pecadora morrerá²³⁸”, é evidente que os homens que morrem como homens serão enterrados por homens, enquanto que os que morrem ou tombam como animais serão devorados por abutres ou corvos, cujos filhos tanto “invocam o Senhor²³⁹” como “refestelam-se no sangue²⁴⁰”. “Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça!²⁴¹”

234 2 *Timóteo* II, 11.
235 Cf. *Êxodo* XXIV, 10.
236 *Salmo* LXXXI, 6-7.
237 *Salmo* XXXI, 9.
238 *Ezequiel* XVIII, 4.
239 Cf. *Salmo* CXLVI, 9.
240 Cf. *Jó* XXXIX, 30.
241 *Mateus* XI, 5.

[XIX] 20. Quando um dos inimigos o visitar para feri-lo e você quiser, como está escrito, “voltar contra seu coração sua própria espada²⁴²”, aja da seguinte maneira. Divida em você o pensamento que ele enviou: o que é ele? De quantos elementos se compõe e dentre estes qual o que mais atormenta o intelecto? Eis o que quero dizer: admitamos que ele tenha enviado a você um pensamento de avareza; divida-o assim: o intelecto que o acolheu, a representação do ouro, o ouro em si e a paixão da avareza; pergunte a si mesmo qual destes elementos é um pecado. É o intelecto? Mas como? Ele é a imagem de Deus. Não seria a representação do ouro? Que homem sensato ousaria dizer-lo? Não seria o próprio ouro o pecado? Mas com que finalidade ele foi criado? Segue-se daí que é o quarto elemento a causa do pecado, o que não é nem um objeto subsistindo essencialmente, nem a representação de um objeto e muito menos o intelecto incorpóreo, mas um prazer inimigo do homem, engendrado pelo livre arbítrio, que constrange o intelecto a fazer um mau uso das criaturas de Deus: é este prazer que a lei de Deus está encarregada de circuncidar. No decurso de sua investigação, o pensamento, reabsorvido no seu próprio exame, será destruído, e o demoníaco fugirá para longe de você, pois seu espírito terá sido erguido nas alturas por esta ciência.

Se você não quiser utilizar a espada do inimigo, mas antes quiser abatê-lo com sua funda, lance, você também, uma pedra tirada de seu saco de pastor²⁴³ e faça o exame a seguir: como os anjos e os demônios visitam nosso mundo, mas nós não visitamos seus mundos, porque não podemos nem unir os anjos a Deus nem tornar os demônios mais impuros; como Lúcifer, que se levanta antes da aurora, caiu sobre a terra²⁴⁴ e como ele “considera o mar como um vidro de perfume e o Tártaro do abismo como um prisioneiro e faz ferver o abismo como uma caldeira²⁴⁵”, perturbando todos os seres com sua malícia e tentando dominar a todos. A contemplação dessas coisas fere gravemente o demônio e derrota todo seu acampamento. Mas isto só acontece aos que atingiram um certo grau de pureza e que começam a entrever as razões do seres. Quanto aos impuros, eles ignoram a contemplação dessas coisas, e ainda que eles as aprendam de outros e as repitam como um encantamento, eles não se farão ouvir, devido à espessa poeira e ao tumulto provocado pelas

²⁴² *Salmo XXXVI*, 15.

²⁴³ Cf. 1 *Samuel XVII*, 40.48 ss.

²⁴⁴ Cf. *Isaías XIV*, 12.

²⁴⁵ *Jó XLI*, 23

paixões nesta guerra. É preciso necessariamente que o acampamento dos estrangeiros esteja em calma, para que Golias saia sozinho ao encontro do nosso Davi²⁴⁶. Utilizemos do mesmo modo tanto a análise como esta forma de guerra em relação a todos os pensamentos impuros.

21. Quando certos pensamentos impuros são postos em fuga rapidamente, busquemos a causa: de onde ele veio? Será devido à raridade do objeto, pelo fato de ser difícil encontrar a matéria necessária, ou devido à impassibilidade presente em nós, que o inimigo nada pode fazer? Por exemplo: se um anacoreta que é atormentado por um demônio põe na cabeça que lhe será confiado o governo espiritual da capital, é evidente que ele não imaginará esta idéia por muito tempo, e a razão disto é fácil de ver a partir do que já dissemos. Mas se se tratar de qualquer cidade ou aldeia, e se ele ainda estiver na mesma disposição de espírito, feliz ele será por sua impassibilidade! Da mesma maneira, para os outros pensamentos, podemos encontrar um método semelhante a este que acabamos de experimentar. É necessário, para nosso ardor e nossa força, conhecer estas coisas, a fim de que saibamos se atravessamos o Jordão e estamos próximos da cidade das palmeiras²⁴⁷ ou se continuamos a viver no deserto, expostos aos ataques dos estrangeiros.

O demônio da avareza parece-me revestir-se de muitas formas e ser muito hábil em enganar²⁴⁸: encurralado pela suprema renúncia, ele finge ser econômico e amigo dos pobres; ele acolhe generosamente os hóspedes que não são tão pobres assim, envia auxílio a outros que são abandonados, visita as prisões da cidade, resgata os que foram postos à venda; ele não larga as mulheres ricas e lhes indica aqueles que devem ser bem tratados; aos que possuem uma bolsa rica ele exorta a que a abandonem. E assim, após haver pouco a pouco enganado a alma, ele a encerra em pensamentos de avareza e a entrega ao demônio da vanglória.

[XXIII] Este último introduz uma multidão de pessoas que louvam o Senhor por tal administração e, insensivelmente, introduz também algumas pessoas que começam a falar entre si de uma prelaia; a seguir ele prediz a morte do prelado e acrescenta que o homem não escapará [de ganhar a prelaia] depois

²⁴⁶ Cf. 1 *Samuel XVII*.

²⁴⁷ Cf. *Deuteronômio XXXIV*, 3.

²⁴⁸ Cf. P.G.: *eumèchanos*.

de todo o bem que fez. Assim, o infeliz intelecto, ligado nestes pensamentos, rechaça os que não aceitaram a idéia e apressa-se a cumular de presentes os que aceitaram, louvando-lhes o bom senso; aos que se revoltam, ele envia a lei e pede aos juizes que sejam banidos da cidade. Agora que estes pensamentos vão e vêm nele, eis que surge o demônio do orgulho que encena ininterruptos clarões no espaço da cela e envia dragões alados até finalmente provocar a perda do espírito. Quanto a nós, depois de termos pedido em nossas orações a desapareição desses pensamentos, vivamos na pobreza rendendo graças: pois “nós evidentemente não trouxemos nada a este mundo e dele nada levaremos; uma vez que temos alimentos e vestes, contentemo-nos com isto²⁴⁹”, lembrando-nos de Paulo, que disse que “a avareza é a raiz de todos os males²⁵⁰”.

22. Todos os pensamentos impuros que persistem em nós por causa das paixões fazem o intelecto decair “até a ruína e a perdição”. Pois assim como a representação do pão persiste no esfomeado por causa da fome e a representação da sede persiste no sedento por causa da sede, também as representações de riquezas e bens persistem devido à cupidez, e as representações das comidas e dos pensamentos condenáveis engendrados pelos alimentos persistem devido às paixões. A mesma evidência se impõe no que tange aos pensamentos da vanglória e a outras representações. Não é possível que um intelecto inchado por tais representações se apresente diante de Deus e cinja-se da coroa da justiça²⁵¹. É por ser puxado em todas as direções por esses pensamentos que este intelecto triplamente desafortunado, nos Evangelhos, recusa a refeição da ciência de Deus²⁵²; e ainda, aquele cujas mãos e pés foram amarrados e que foi atirado às trevas exteriores²⁵³, vestia uma roupa tecida com pensamentos: o que o convidara declarou que ele era indigno de tais bodas, pois a veste nupcial é a impassibilidade da alma racional que renunciou às ambições do mundo. A razão pela qual as persistentes representações de objetos sensíveis destróem a ciência será apresentada nos Capítulos sobre a oração.

[XXIV] 23. Dentre os demônios que se opõem à prática, existem três assaltantes de primeira linha, aos quais segue todo o destacamento dos estrangeiros: são os primeiros a se apresentar ao combate e convidam as almas ao mal por meio de pensamentos impuros: são os encarregados dos apetites da gula, os que nos sugerem a avareza e os que nos empurram a procurar a glória entre os homens.

Você que aspira à prece pura vigie sua irascibilidade e você que ama a continência domine seu ventre; não dê pão ao seu estômago até a saciedade e racione a água; vigie durante a oração e afaste de você o rancor; que as palavras do Espírito Santo não o abandonem e bata às portas da Escritura tendo as virtudes como mãos. Então levantar-se-á para você a impassibilidade do coração e você verá na oração seu intelecto semelhante a um astro.

²⁴⁹ 1 *Timóteo* VI, 7.

²⁵⁰ 1 *Timóteo* VI, 10.

²⁵¹ Cf. 2 *Timóteo* IV, 8.

²⁵² Cf. *Lucas* XIV, 18 ss.

²⁵³ Cf. *Mateus* XXII, 2-14.

CAPÍTULOS NÉPTICOS

1.²⁵⁴ [29] Eis o que dizia nosso mestre santo e prático: é preciso que o monge esteja sempre pronto, como se ele fosse morrer amanhã, e, inversamente, que ele use seu corpo como se tivesse que viver com ele por inúmeros anos. Isto, com efeito, dizia ele, afasta os pensamentos da acídia e torna o monge mais zeloso e, por outro lado, mantém seu corpo em boa saúde, e mantém sempre constante sua abstinência.

2. [32] Aquele que alcançou a ciência e que colheu o prazer que ela oferece não se deixará mais convencer pelo demônio da vanglória, mesmo que ele lhe proponha todos os prazeres do mundo. Com efeito, o que pode ser prometido de maior que a contemplação espiritual? Mas, desde que ainda não experimentamos a ciência, exerçamo-nos ardentemente à prática, mostrando a Deus que nosso objetivo é fazer tudo em vista da ciência.

3. [91] É preciso também consultar os caminhos dos monges que nos precederam no bem e nos regredimos por eles. Pois podemos encontrar muitas coisas bonitas ditas ou feitas por eles, como, por exemplo, isto: que um regime seco e regular unido à caridade conduz rapidamente o monge à impassibilidade.

4. [94] Fui visitar, em pleno meio-dia, o santo padre Macário e, queimando de sede, pedi para beber um pouco de água. “Contente-se com a sombra, disse-me ele, pois muitos dos que agora caminham ou navegam não tem sequer isto”. Em seguida, como eu lhe falasse da abstinência: “Coragem, meu jovem!, disse ele. Durante vinte anos inteiros, eu não tive o bastante nem de pão, nem de água, nem de sono. De fato, eu pesava o pão, media a água de beber e, apoiando-me contra a parede, roubava uma pequena parte do sono.”

5. [15] Quando o intelecto vagueia, a leitura, a vigília e a oração fixam-no. Quando a concupiscência se inflama, a fome, a provação e a anacorese a extinguem; quando a parte irascível está agitada, a salmódia, a paciência e a misericórdia a acalmam. Tudo isso no momento e na medida conveniente; pois o que é imoderado e inoportuno dura pouco, e o que dura pouco é mais nocivo do que útil.

²⁵⁴ Indicamos entre colchetes o capítulo correspondente no *Tratado Prático*.

CAPÍTULOS SOBRE A PRECE DE NOSSO SANTO PADRE NILO O ASCETA

Prólogo

Eu queimava com a febre das paixões impuras quando, como de hábito, o contato com sua piedosa carta me restabeleceu. Você reconfortou meu intelecto que era presa das maiores vergonhas e você imitou assim com grande felicidade o grande Preceptor e Mestre. Isto não é de espantar, pois a sua parte sempre foi excelente, como a de Jacó o bendito²⁵⁵. De fato, depois de haver trabalhado por Raquel e recebido Lia, você obteve também aquela a quem desejava, tendo cumprido os sete anos convencionados²⁵⁶. Quanto a mim, não negarei que, depois de haver penado toda a noite, não apanhei nada²⁵⁷. Mas, com suas palavras, atirei a rede e pesquei uma quantidade de peixes, não muito grandes, penso eu, mas em número de cento e cinquenta e três²⁵⁸, e eu os envio a você na coroa da caridade, em outros tantos capítulos, para cumprir as suas ordens.

Eu o admiro e invejo o excelente propósito que o fez desejar estes capítulos sobre a oração. Pois você não quer apenas os que estão ao alcance da mão e que existem, graças à tinta, nos pergaminhos, mas aqueles que a caridade e a ausência de ressentimentos fixam no intelecto. Como todas as coisas vêm aos pares, face a face, segundo o sábio Jesus²⁵⁹, receba o que eu lhe envio ao pé da letra e também conforme o espírito, dado que sempre a inteligência prevalece sobre a letra; se aquela faltar, a segunda nem chega a existir. Assim, portanto, a oração comporta dois modos, um ativo e outro contemplativo; como acontece com os números, existe aquilo que é palpável, a quantidade, e o significado, a qualidade.

²⁵⁵ Cf. *Gênesis* XXX, 43.

²⁵⁶ Cf. *Gênesis* XXIX, 20-30.

²⁵⁷ Cf. *Lucas* V, 5.

²⁵⁸ Cf. *João* XXI, 11.

²⁵⁹ *Eclesiástico* XLII, 24; trata-se de Jesus, filho de Sirac, autor do livro do *Eclesiástico* (cf. LI, 30).

De fato, nós dividimos o tratado sobre a oração em cento e cinquenta e três capítulos, oferecendo um conjunto bastante evangélico²⁶⁰. Você encontrará aqui o encanto de um número simbólico, uma figura triangular e uma hexagonal, que representam ao mesmo tempo o conhecimento da Trindade e a circunscrição do mundo presente. O número cem, em si mesmo, é quadrado; cinquenta e três, triangular e esférico; vinte e oito, à parte, é triangular, e vinte e cinco, esférico; pois cinco vezes cinco é vinte e cinco. Você tem então no número vinte e cinco não apenas a figura quadrada para o quaternário das virtudes, mas também o círculo para o conhecimento verdadeiro deste mundo, por causa do curso circular dos tempos. Pois eles se desenrolam semana após semana, mês após mês, ano após ano, estação após estação, como vemos pelo movimento do sol e da lua, da primavera, do verão, e assim por diante. O triângulo pode significar também o conhecimento da Santíssima Trindade. Segundo outra interpretação, se você tomar cento e cinquenta e três como triangular de uma multitude de números, você verá aí a prática, a contemplação natural e a teologia; ou ainda a fé, a esperança e a caridade, ouro, prata e pedras preciosas.

Isto quanto ao número. Quanto aos capítulos, você não os desdenhará por sua aparência humilde e saberá se adaptar tanto à abundância quanto à carência²⁶¹, lembrando-se daquele que não desprezou os dois vinténs da viúva e que os recebeu com mais contentamento do que a riqueza de muitos outros²⁶². Reconhecendo assim o fruto da bem-aventurança e da caridade, você os guardará para os seus verdadeiros irmãos, rogando-lhes que rezem pelo enfermo a fim de que ele se cure e que, carregando sua maca, ele caminhe daí por diante pela graça de Cristo [nosso verdadeiro Deus, a quem seja dada a glória pelos séculos dos séculos]. Amém.

Capítulos sobre a prece

1. Se quisermos preparar um perfume de bom odor, devemos misturar em partes iguais, conforme a lei²⁶³, o incenso diáfano, a canela, o ônix e a mirra.

²⁶⁰ Cf. *João XXI*, 11.

²⁶¹ Cf. *Filipenses IV*, 21.

²⁶² Cf. *Lucas XXI*, 3.

²⁶³ *Êxodo XXX*, 34.

Este é o quaternário das virtudes. Se elas forem completas e iguais, o intelecto não será traído.

2. A alma purificada pelo cumprimento dos mandamentos [pela plenitude das virtudes] torna inquebrável a atitude do intelecto, e apto a receber o estado estável desejado.

3. A prece é uma conversa do intelecto com Deus; quanta estabilidade não deve ter a inteligência para tender, sem volta atrás, constantemente para o Senhor e conversar com ele sem nenhum intermediário?

4. Se Moisés, quando tentou se aproximar da sarsa ardente, foi impedido até que tirasse as sandálias dos pés²⁶⁴, como pretende você ver Aquele que está acima de todo pensamento, sem se desembaraçar de todo e qualquer pensamento apaixonado?

5. Reze primeiro para receber o dom das lágrimas, a fim de amolecer pelo luto a dureza inerente à sua alma e para que, confessando contra você mesmo suas iniquidades ao Senhor, você obtenha o seu perdão.

6. Use as lágrimas para obter sucesso em todas as suas demandas, pois o seu Senhor se alegra quando você ora com lágrimas.

7. Quando você verte fontes de lágrimas em sua oração, não se coloque no alto, como se você estivesse acima da maior parte dos seus semelhantes; o que houve foi simplesmente que a sua oração recebeu uma ajuda para que você pudesse com ardor confessar seus pecados e agradar ao Senhor com suas lágrimas. Não transforme em paixão o antídoto das paixões, se você não quiser começar irritando o doador da graça.

8. Muitos daqueles que choraram sobre seus pecados, esquecendo-se do objetivo das lágrimas, enlouqueceram ou se perderam pelo caminho.

9. Mantenha-se valorosamente e reze energicamente; afaste as preocupações e as cogitações que aparecerem, pois elas perturbam e agitam para enervar o seu vigor.

²⁶⁴ Cf. *Êxodo III*, 5.

10. Quando os demônios o vêem cheio de ardor para a prece verdadeira, eles começam então a lhe sugerir idéias sobre certos objetos pretensamente necessários; logo eles excitam as lembranças ligadas a eles, forçando o intelecto a ir buscá-los; depois, como este não os encontra, ele se entristece e se lamenta. Então, no momento da prece, eles lhe rememoram os objetos de suas buscas e de suas lembranças, a fim de que o intelecto, levado a deter-se neles, perca a oração frutífera.

11. Esforce-se por tornar seu intelecto surdo e mudo no momento da prece, e você poderá orar.

12. Se lhe sobrevier alguma provocação ou contradição e você se sentir irritado e perceber a cólera se levantar para dar o troco ou replicar, lembre-se da oração e do julgamento que o aguarda nela, e logo o movimento desordenado se acalmará em você.

13. Tudo o que você fizer para se vingar de um irmão que lhe fez mal, se tornará uma pedra de tropeço no momento da oração.

14. A prece é um broto da doçura e da ausência de cólera.

15. A prece é o fruto da alegria e da ação de graças.

16. A prece é a exclusão da tristeza e do desencorajamento.

17. Vai, vende tudo o que você possui e dê aos pobres²⁶⁵; depois, tome a sua cruz e renegue a si mesmo²⁶⁶ para poder orar sem distração.

18. Se você quiser orar dignamente, renegue a si próprio todo o tempo; e se você suporta todo tipo de barulho e agitação, aceite isto sabiamente para a oração.

19. Para cada pena que você suportar com sabedoria, você colherá o fruto no momento da oração.

²⁶⁵ Cf. *Mateus* XIX, 21.

²⁶⁶ Cf. *Mateus* XVI, 24.

20. Se você quer orar como se deve, não contriste a ninguém, caso contrário será vã a sua corrida.

21. Deixe sua oferenda, como foi dito, diante do altar, e vá primeiro se reconciliar com seu irmão²⁶⁷, para que depois, ao voltar, você possa orar sem perturbação. Pois a raiva cega a razão daquele que ora e entenebrece sua oração.

22. Aqueles que acumulam interiormente penas e rancores [e que pensam rezar] assemelham-se a alguém que tenta encher com água um balde furado.

23. Se você for perseverante, você rezeirá sempre com alegria.

24. Enquanto você estiver orando como se deve, apresentar-se-ão a você coisas tais que você considerará justo o uso da cólera. Ora, não existe cólera justa contra o próximo, em hipótese alguma. Se você procurar, verá que sempre é possível arrumar as coisas sem cólera. Portanto, use de todos os meios para não se deixar explodir pela cólera.

25. Cuidado para que, sob pretexto de curar alguém, não se torne você mesmo incurável e não dê um golpe fatal à sua oração.

26. Se você se abster da cólera, você obterá a misericórdia; você provará que você é demasiado prudente para se deixar enganar, e poderá ser contado entre aqueles que verdadeiramente oram.

27. Armado contra a cólera, você não admitirá jamais a concupiscência; pois é ela que fornece o material para a cólera, e esta perturba o olho do intelecto, destruindo assim o estado de oração.

28. Não ore somente nas atitudes exteriores, mas coloque sua inteligência no sentimento da prece espiritual, com grande temor.

29. Às vezes, mal iniciada a oração, você estará orando bem; às vezes, ao contrário, malgrado todos os seus esforços, você não alcançará este objetivo.

²⁶⁷ Cf. *Mateus* V, 24.

É para que você procure sempre mais, pois, após obter este resultado, você o possuirá ao abrigo de todos os predadores.

30. Quando um anjo aparece, no mesmo instante todos aqueles que perturbavam desaparecem, e o intelecto encontra-se numa grande calmaria na qual ele reza alegremente. Às vezes, ao contrário, a guerra cotidiana nos acossa; o intelecto se debate sem poder erguer os olhos. É porque ele foi afetado pelas paixões. Porém, se procurar mais, ele encontrará; se bater vigorosamente, ser-lhe-á aberto.

31. Não ore para que se cumpram as suas vontades, pois elas não necessariamente coincidem com a vontade de Deus. Antes, conforme o ensinamento, reze dizendo: Que a sua vontade se cumpra em mim²⁶⁸; do mesmo modo, em todas as coisas, reze para que se faça a vontade de Deus, pois ele sempre quer o bem e o que for mais proveitoso para a sua alma, e você nem sempre busca a mesma coisa.

32. Muitas vezes, em minhas orações, eu pedi que se cumprisse aquilo que eu estimava bom para mim, e eu me obstinava em meu pedido, violentando tolamente a vontade de Deus, sem dirigir-me a ele para que a respeito ele ordenasse aquilo que soubesse ser o mais útil para mim; entretanto, ao receber a coisa, grande era minha decepção por não ter solicitado o cumprimento da vontade de Deus de preferência ao cumprimento do meu desejo, pois nada do que recebi de meu pleito era tal como aquilo que eu havia imaginado.

33. O que há de bom, senão Deus? Por conseguinte, deixemos com ele tudo o que nos concerne e ficaremos bem. Pois quem é bom, é necessariamente provedor de dons excelentes.

34. Não se aflija se você não receber imediatamente de Deus aquilo que você pede; é que ele quer ainda mais o seu bem, por sua perseverança em permanecer com ele na oração. De fato, o que existe de mais elevado do que conversar com Deus e recolher-se à sua intimidade?

35. A oração sem distração é a mais alta compreensão do intelecto.

36. A prece é uma ascensão do intelecto para Deus.

37. Se você quer orar, renuncie a tudo para obter o todo.

38. Reze primeiramente para ser purificado das paixões. Depois para ser libertado da ignorância e do esquecimento, e finalmente para se livrar de toda tentação e de todo o abandono espiritual.

39. Na oração, procure unicamente a justiça e o reino, ou seja, a virtude e a gnose, e todo o mais lhe será acrescentado²⁶⁹.

40. É justo orar não apenas por sua salvação, mas pela salvação de todo o seu povo, a fim de imitar uma postura angélica.

41. Verifique se você está realmente presente a Deus em sua oração, ou se você foi vencido pelos elogios humanos e levado pelo desejo de obtê-los, sob pretexto da duração de sua prece.

42. Quer você reze com os irmãos, quer só, esforce-se para rezar, não por hábito, mas com sentimento.

43. O sentimento [o caráter próprio] da prece é uma gravidade respeitosa acompanhada da compunção e da dor da alma no confessar as faltas, com gemidos secretos.

44. Se o seu intelecto divaga ainda durante o tempo da oração, é porque ele ainda não ora como monge, mas ainda permanece no mundo, ocupado em decorar a tenda exterior.

45. Ao rezar, vigie fortemente a memória, de modo a que, ao invés de lhe sugerir lembranças, ela o leve à consciência do seu exercício, pois o intelecto tem uma terrível tendência a se deixar confundir pela memória no momento da oração.

46. Quando você rezar, a memória lhe apresentará imagens de coisas antigas, ou de novos assuntos, ou o rosto de alguém que lhe fez mal.

47. O demônio é extremamente ciumento em relação ao homem que ora e ele usa de todos os artifícios para fazê-lo perder o objetivo. Ele não cessa de reavivar na memória o pensamento das coisas e de despertar na carne todas as paixões, a fim de entrar seu curso tão belo e seu êxodo para Deus.

48. Quando, depois de muitos gemidos, o demônio perverso não conseguiu entrar a oração do justo²⁷⁰, ele então se retira um pouco, mas logo toma a revanche sobre aquele que ora. Ele incendeia suas preces para destruir o estado excelente que se instalou nele pela oração, ou então ele o excita a algum prazer descabido para ultrajar o intelecto.

49. Depois que você rezou como convém, espere por aquilo que não convém; coloque-se virilmente em pé para vigiar o fruto da oração. A isto você foi predestinado desde o princípio: trabalhar e vigiar²⁷¹. Depois de haver trabalhado, portanto, não deixe sem guarda o seu trabalho, caso contrário ele não terá lhe servido para nada.

50. Toda a guerra travada entre nós e os demônios impuros não tem outra motivação do que a prece espiritual. Pois esta lhes é hostil e odiosa; mas para nós, ela é salutar e agradável.

51. O que têm em vista os demônios quando despertam em nós a gulodice, a impureza, a inveja, a cólera, o rancor e as outras paixões? Eles querem que a nosso intelecto, perturbado por elas, não possa rezar como deveria, porque as paixões da parte irracional assumem a liderança e o impedem de se mover segundo a razão; isto é, segundo as razões dos seres enquanto objeto de contemplação, que o intelecto deveria usar para atingir a Razão (o *Logos*: o Verbo) de Deus.

52. Nós atingimos as virtudes (primeiro grau: a vida ativa) em vista das razões dos seres criados (segundo grau: contemplação inferior), e estas em vista do Verbo que as estabeleceu (terceiro grau: teologia); quanto ao Senhor, ele costuma aparecer no estado de oração.

53. O estado de oração é um hábito impassível que, por um amor supremo, transporta aos cumes intelectuais a inteligência ávida de sabedoria espiritual.

54. Não é somente a cólera e a concupiscência que devem ser dominadas por quem aspira a orar verdadeiramente; é preciso ainda desembaraçar-se de todo pensamento apaixonado.

55. Aquele que ama a Deus conversa incessantemente com Ele como com um Pai, despojando-se de todo pensamento passional.

56. Não é por termos atingido a *apatheia* que iremos rezar verdadeiramente, pois podemos nos ater aos pensamentos simples e, mesmo assim, nos distrairmos em sua meditação, ficando, portanto, longe de Deus.

57. Digamos que o intelecto não se detenha nos pensamentos simples; nem por isto ele atingiu o lugar da oração, pois pode se encontrar na fase da contemplação dos objetos, divagando sobre suas motivações; ora, essas motivações, mesmo sendo expressões simples, imprimem, enquanto considerações de objetos, uma marca no intelecto que o afastam muito de Deus.

58. Suponhamos que o intelecto se eleve acima da contemplação da natureza corporal. Ainda assim ele não terá uma visão completa de Deus, pois ele pode se encontrar ainda sujeito à ciência das coisas inteligíveis, participando de sua multiplicidade.

59. Se você quiser orar, você precisará de Deus, que dá a oração a quem ora²⁷². Invoque-o, portanto, dizendo: Santificado seja o seu nome, venha a nós o seu reino²⁷³, vale dizer, o Espírito Santo e seu Filho único, pois é isto que ele ensinou quando ordenou adorar ao Pai em espírito e verdade²⁷⁴.

60. Aquele que reza em espírito e em verdade, não busca nas criaturas os louvores que dedica ao Criador: é em Deus mesmo que ele louva a Deus.

²⁷⁰ Cf. *Tiago* V, 16.

²⁷¹ Cf. *Gênesis* II, 15.

²⁷² Cf. 1 *Samuel* II, 9.

²⁷³ Cf. *Mateus* VI, 9.

²⁷⁴ Cf. *João* IV, 24.

61. Se você for um teólogo, rezará verdadeiramente; e se você rezar verdadeiramente, será um teólogo .

62. Quando o seu intelecto, tomado por um ardente amor a Deus, sai, por assim dizer, pouco a pouco da sua carne, quando ele rejeita todos os pensamentos que provêm dos sentidos, da memória ou do temperamento, ao mesmo tempo em que se enche de respeito e de alegria, então você pode se considerar próximo dos confins da oração.

63. O Espírito Santo, compadecido de nossa fraqueza, nos visita ainda que não estejamos purificados; se por acaso ele encontrar nosso intelecto orando com toda sinceridade, ele surgirá nele e dissipará toda a falange dos raciocínios e os pensamentos que o assediam e o transporta ao amor da prece espiritual.

64. Enquanto outros se servem das alterações do corpo para fornecer à inteligência raciocínios, conceitos e reflexões, ele, o Senhor, faz o contrário: ele se dirige diretamente ao intelecto para colocar aí a gnose conforme sua vontade; e, pelo intelecto, ele acalma o desequilíbrio do corpo.

65. Quem aspira à prece verdadeira mas explode em cólera ou guarda rancor, dá mostras de demência. Assemelha-se a alguém que quer ter uma visão aguda e para isto fura os olhos.

66. Não imagine que a divindade está em você quando estiver rezando, nem permita que seu intelecto aceite a impressão de uma forma qualquer; conserve-se imaterial diante do Imaterial, e assim, você compreenderá.

67. Tome cuidado com as armadilhas dos adversários: pode acontecer que, enquanto você estiver rezando com pureza e sem perturbação, se apresente repentinamente na sua frente uma forma desconhecida e estranha, para induzi-lo à presunção de nela localizar Deus e fazer com que você tome pela Divindade o objeto quantitativo que surgiu repentinamente aos seus olhos; ora, a Divindade não tem quantidade nem imagem.

68. Quando o demônio invejoso fracassa na tentativa de perturbar a memória durante a oração, ele tenta violentar a compleição do corpo para despertar na inteligência algum fantasma desconhecido e, assim, dar-lhe forma. O

intelecto, acostumado a ver tudo conceitualmente, é, assim, facilmente subjugado: aquele que tendia apenas ao conhecimento imaterial e sem forma, se deixa iludir e toma a fumaça pela luz.

69. Mantenha-se em guarda, defendendo seu intelecto de todo e qualquer conceito, no momento da oração, para que ele seja firme na sua tranqüilidade própria (de sua natureza original). Então, Aquele que se compadece dos ignorantes virá em seu auxílio, e assim você receberá um glorioso dom de oração.

70. Você não poderá possuir a pureza da oração se estiver sobrecarregado de coisas materiais e perturbado por preocupações contínuas, pois a oração é a supressão dos pensamentos.

71. É impossível correr travado. O intelecto submetido às paixões não consegue encontrar o lugar da oração espiritual porque é arrastado em todas as direções pelo pensamento apaixonado e não consegue se manter inflexível.

72. Uma vez que o intelecto atingiu a prece pura, desembaraçada das paixões, os demônios já não a atacam pela esquerda, mas pela direita. Eles lhe representam uma visão ilusória de Deus em alguma imagem agradável aos sentidos, de modo a fazê-lo acreditar ter obtido completamente a objetivo da oração. Ora, dizia um admirável gnóstico, esta é a obra da paixão da vanglória e de um demônio cujo toque faz palpar as veias do cérebro.

73. Eu penso que o demônio, ao tocar o local mencionado, configura à vontade a luz ao redor do intelecto, e assim a paixão da vanglória é posta em um raciocínio que o intelecto passa a moldar para localizar, aturdido, a ciência divina e essencial. E como a esta altura ele não é mais atacado pelas paixões carnis e impuras, mas ora verdadeiramente com pureza, ele imagina que nenhuma ação inimiga se exercerá mais obre ele. Assim, ele é levado a considerar como divina a aparição produzida nele pelo demônio por meio deste temível estratégia que consiste, como dissemos, em provocar no cérebro certas reações na luz que está ali presente, e assim apresentar uma forma ao intelecto.

74. O anjo de Deus, chegando subitamente, expulsa de nosso interior, com uma só palavra, toda ação adversa e devolve a luz do intelecto a uma

atividade sem desvios.

75. Quando o Apocalipse fala dos anjos que tomam incenso para colocá-lo nas orações dos santos²⁷⁵, creio que se trata desta graça operada pelos anjos. De fato, eles comunicam o conhecimento da oração verdadeira, de sorte que o intelecto permaneça daí em diante sem deflexões, desencorajamento ou acídia.

76. Os perfumes das taças são considerados como as preces dos santos oferecidas pelos vinte e quatro anciãos²⁷⁶.

77. Como taças, devemos entender o amor de Deus, ou seja, a caridade perfeita e espiritual na qual a oração se cumpre em espírito e em verdade.

78. Se lhe parece que em suas orações você não tem necessidade de lágrimas pelos seus pecados, considere o quanto você está afastado de Deus quando você deveria estar com ele sem cessar, e você chorará mais calorosamente.

79. Certamente, se você tiver consciência dos seus limites, a compunção lhe será mais fácil; você chamará a si mesmo de miserável, como Isaías²⁷⁷, porque, sendo impuro e tendo os lábios impuros, do meio do povo, quero dizer, do povo inimigo, você ousará se apresentar ao Senhor dos Exércitos.

80. Se você rezar verdadeiramente, atingirá uma grande plenitude, os anjos o escoltarão como a Daniel e o iluminarão quanto às razões dos seres.

81. Saiba que os santos anjos nos incitam à oração e que então eles se colocam ao nosso lado, felizes e orando por nós. Assim, se formos negligentes e acolhermos pensamentos estranhos, nós os irritaremos muito, porque, enquanto eles lutam bravamente por nós, nós sequer suplicamos a Deus por nós mesmos; desprezando seus serviços, nós abandonamos a Deus nosso Senhor para irmos ao encontro dos demônios impuros.

82. Reze como se deve e sem perturbação; salmodie com atenção²⁷⁸ e harmonia, e você será como uma pequena águia planando nas alturas.

83. O salmodiar acalma as paixões e apazigua a intemperança do corpo; a oração faz o intelecto exercer sua atividade própria.

84. A oração é a atividade que convém à dignidade o intelecto; ela é o seu hábito mais excelente, adequado e completo.

85. A salmódia depende da sabedoria multiforme²⁷⁹; a oração é o prelúdio do conhecimento (gnose) imaterial e uniforme.

86. O conhecimento (gnose) é excelente, pois ele colabora com a oração despertando a potência intelectual do intelecto à contemplação da gnose divina.

87. Se você não tiver ainda recebido o carisma da oração e da salmódia, persevere: você o receberá.

88. Ele lhes contou uma parábola para mostrar que se deve rezar sempre sem relaxar²⁸⁰. Portanto, não relaxe por esperar, não se desencoraje por não haver recebido; você receberá em seguida. E ele concluiu a parábola assim: “Embora eu não tema a Deus nem me preocupe com os homens, ao menos, por causa do embaraço que me faz esta mulher, eu lhe farei justiça. Assim, Deus também fará justiça aos que clamam por ele dia e noite, e prontamente.²⁸¹” Então, tenha coragem e persevere valorosamente na santa oração.

89. Não queira que aquilo que lhe diz respeito se arranje segundo as suas idéias, mas segundo o bel prazer de Deus; assim você não terá preocupações e estará cheio de gratidão nas suas orações.

90. Mesmo que lhe pareça estar com Deus, cuidado com o demônio da

²⁷⁵ Cf. *Apocalipse* VIII, 3.

²⁷⁶ *Apocalipse* V, 8.

²⁷⁷ Cf. *Isaías* VI, 5.

²⁷⁸ Cf. *Salmo* XLVI, 8.

²⁷⁹ Cf. *Eféssios* III, 10.

²⁸⁰ Cf. *Lucas* XVIII, 1-8.

²⁸¹ *Lucas* XVIII, 4.

luxúria, pois ele é muito enganador e extremamente ciumento. Ele é quase mais rápido do que o movimento, a sobriedade e a vigilância do intelecto, a ponto de arrastá-lo para longe de Deus ao mesmo tempo em que ele permanece ao lado deste último com temor respeitoso.

91. Se você se dedica à oração, prepare-se para os ataques dos demônios e suporte valorosamente seus golpes; pois eles se atirarão como feras sobre você e farão todo tipo de mal ao seu corpo.

92. Prepare-se como um lutador experiente para não vacilar, mesmo se de repente você vir um fantasma; para não se deixar perturbar, mesmo diante da figura de uma espada brandida contra você ou um relâmpago disparado contra seu rosto; para não deixar fraquejar minimamente sua coragem, mesmo diante de um espectro medonho e sangrento; mantenha-se firme e busque a bela profissão de fé²⁸², e você suportará com o coração leve a visão dos seus inimigos.

93. Quem suportar a agitação obterá também as consolações; e a quem for constante nos transe desagradáveis, não faltarão os agradáveis.

94. Tome cuidado para que os demônios enganadores não o enganem com alguma visão; esteja atento, recorra à oração e invoque a Deus, para que, se a representação vier dele, ela o esclareça por si só; se não, que ele se apresse a expulsar de você o sedutor. Tenha confiança: os cães não conseguirão ficar; se você se entregar a uma súplica ardente, sem voltar atrás, invisivelmente e sem se mostrar, o poder de Deus os fustigar e os expulsará para bem longe.

95. É bom que você não ignore o seguinte truque: às vezes, os demônios se dividem, e se você parece querer buscar auxílio [contra uns], os outros entram em cena sob formas angélicas e expulsam os primeiros, para que você se engane pensando serem verdadeiros anjos.

96. Esforce-se para adquirir muita humildade e muita coragem, e os insultos dos demônios não alcançarão a sua alma; nenhum flagelo se aproximará de sua tenda, porque ele dará ordens em seu favor aos seus anjos para que eles o

guardem²⁸³; e os anjos expulsarão invisivelmente para longe de você todas as empreitadas hostis.

97. Quem se dedica à oração pura escutará barulhos e agitações, vozes e insultos; mas ele não fraquejará, nem perderá o sangue frio, dizendo a Deus: “Eu nada temo, porque o Senhor está comigo”²⁸⁴, e outras coisas assim.

98. Quando você tiver tentações desse tipo, recorra a uma oração breve e veemente.

99. Se os demônios ameaçam aparecer subitamente nos ares, derrubá-lo e saquear seu intelecto, não se apavore; nem dê atenção às suas ameaça. Eles o amedrontam para ver se, decididamente, você ainda se ocupa com eles, ou se já conseguiu desprezá-los completamente.

100. Se é na presença de Deus, o Todo-Poderoso, Criador e Providência, que você está durante a prece, porque você traz a esta presença o absurdo de passar-lhe ao largo para ir ter medo de mosquitos e gafanhotos? Você não ouviu Aquele que disse: “Você temerá ao Senhor teu Deus”²⁸⁵? E também: “Ele, diante de cujo poder tudo treme e teme”²⁸⁶?

101. O corpo tem o pão como alimento, a alma, a virtude, o intelecto a oração espiritual.

102. Reze não como o fariseu, mas como o publicano no lugar sagrado da oração, para que também você seja justificado por Deus²⁸⁷.

103. Faça todos os esforços para nada dizer contra ninguém durante a oração; será demolir tudo o que você edificou, e tornará sua oração abominável.

104. Que o devedor de mil talentos lhe sirva de lição: se você não se acertar com seu devedor, você tampouco obterá a remissão, pois está escrito: “Ele o

²⁸² Cf. 1 Timóteo VI, 12.

²⁸³ Cf. Salmo XC, 10-11.

²⁸⁴ Salmo XXII, 4.

²⁸⁵ Deuteronômio VI, 13 e X, 20.

²⁸⁶ Cf. Daniel VI, 26-27.

²⁸⁷ Cf. Lucas XVIII, 10-14.

entregou aos torturadores²⁸⁸.

105. Não escute as exigências do seu corpo durante o exercício da oração; não deixe que a picada de uma pulga, de um mosquito ou de uma mosca o prive do maior benefício da oração.

106. Aconteceu que a um santo homem que orava, o maligno travou um combate tão furioso que, mal ele erguera as mãos e o inimigo travestiu-se em um leão que se levantou sobre as patas diante dele e cravou as garras nas pernas do atleta, sem deixar a presa para que abaixasse os braços. Mas ele não os abaixou até que tivesse terminado todas as suas orações habituais.

107. Algo assim aconteceu, como o sabemos, com João o Pequeno, ou melhor, o grandíssimo monge que levou a vida solitária num buraco: devido à sua intimidade com Deus, ele se tornou inalterável enquanto um demônio, sob a forma de um dragão enrolado a seu corpo, lhe torturava as carnes e arrotava em seu rosto.

108. Você também leu certamente as vidas dos monges de Tabenesa, aonde, diz-se, durante o sermão que o abade Teodoro fazia aos irmãos, duas víboras arrastaram-se sobre os seus pés; ele então, sem se perturbar, fez um arco sob o manto com as pernas para alojá-las até que terminasse a palestra. Então, ele as mostrou a todos, contando o que havia ocorrido.

109. A respeito de outro irmão espiritual, lemos que foi atacado por uma cobra durante o exercício da oração. Mas ele não se moveu até ter acabado suas orações habituais e não sofreu nada por isso, porque amou a Deus mais do que a si próprio.

110. Mantenha os olhos baixos durante a sua oração, renuncie à carne e à alma e viva segundo a sua inteligência.

111. Um outro santo que levava a vida solitária e orava corajosamente, foi assaltado por demônios que, por duas semanas, jogaram com ele como se fosse uma bola e molestaram-no lançando-o pelos ares e amparando-o numa rede. Mas nem por um instante eles lograram fazer seu intelecto descer de

sua prece inflamada.

112. Um outro santo, cheio do amor de Deus e de zelo pela oração, encontrou, quando andava pelo deserto, dois anjos que o ladearam e caminharam com ele. Porém ele não lhes deu a menor atenção para não perder o melhor, pois ele se lembrou da palavra do Apóstolo: “Nem anjos, nem príncipes, nem potências poderão nos separar da caridade de Cristo.”²⁸⁹

113. O monge se torna igual aos anjos pela prece verdadeira.

114. Você aspira ver a face do Pai que está no Céu²⁹⁰: não procure, por nada deste mundo, ver uma forma ou uma figura no momento da oração.

115. Não deseje ver sensivelmente os anjos, nem as potências, nem Cristo, para não perder totalmente o bom senso e não acolher o lobo ao invés do pastor, adorando os demônios inimigos.

116. A origem das ilusões do intelecto é a vanglória; é ela que incita o intelecto a tentar circunscrever a divindade em imagens e formas.

117. Quanto a mim, direi um pensamento meu que já expressei em outras ocasiões: feliz é o espírito desligado de toda forma, no momento da oração.

118. Feliz é o intelecto que, numa prece sem distração, adquire sempre novos aumentos no amor a Deus.

119. Bem-aventurado o intelecto que, no momento da oração, se torna imaterial e desligado de tudo.

120. Feliz o intelecto que, durante a oração, atinge a perfeita insensibilidade.

121. Feliz o monge que toma todos os homens por Deus depois de Deus.

122. Feliz é o monge que vê a salvação e o progresso de todos como se fossem seus, com toda a alegria.

²⁸⁸

Mateus XVIII, 24-35.

²⁸⁹

Romanos VIII, 38.

²⁹⁰

Cf. Mateus XVIII, 10.

123. Feliz o monge que se considera “o rejeito de todos”²⁹¹.

124. Monge é aquele que é separado de tudo e unido a todos.

125. É monge aquele que se sente um com todos, por ver a si mesmo em cada um.

126. Leva a oração à sua perfeição quem faz frutificar, para Deus, toda sua inteligência primordial [aquela do seu estado original].

127. Evite toda mentira e todo juramento se você quiser orar como monge; do contrário, é em vão que você prega o que não lhe convém.

128. Se você quiser orar “em espírito”, não tenha aversão por ninguém e você não terá nuvens a obscurecer sua vista durante a oração.

129. Deixe nas mãos de Deus as necessidades do corpo; será mostrar que nas mesmas mãos você também deixará as do espírito.

130. Se você entrar na posse das promessas, você será um rei; volte seu olhar para elas, e você carregará alegremente sua pobreza presente.

131. Não recuse a pobreza e a aflição, alimentos da prece que não pesam.

132. Que as virtudes corporais lhe sirvam para obter as da alma; que as da alma sirvam às do espírito; e estas para a gnose imaterial e essencial.

133. Quando você rezar contra um pensamento e ele ceder facilmente, examine de onde ele veio, para não cair numa emboscada e trair a si mesmo pelo erro.

134. Pode acontecer que os demônios lhe sugiram pensamentos e, de outro lado, o estimulem, como justo, a rezar contra eles e repeli-los; depois eles se retiram por contra própria para que, enganado, você seja crédulo imaginando que começou a vencer os pensamentos e a colocar em fuga os demônios.

²⁹¹ 1 Coríntios IV, 13.

135. Se você reza contra uma paixão ou contra um demônio inoportuno, lembre-se daquele que disse: “Persegui e alcancei meus inimigos e não me detive enquanto não se confessaram vencidos; eu os derrotei e eles não puderam se levantar, e caíram sob meus pés...”²⁹² Eis o que se deve dizer para se armar de humildade contra os adversários.

136. Não creia ter adquirido a virtude enquanto você não lutar por ela até sangrar; pois é preciso resistir ao pecado até a morte, como diz o divino Apóstolo, como um lutador irreprochável²⁹³.

137. Quando você tiver sido útil a alguém, outro o prejudicará, para que no sentimento de injustiça o faça dizer ou fazer algo de condenável contra o próximo, e que assim você dissipe em infelicidade tudo o que você conseguiu juntar de felicidade. Este é o objetivo dos demônios; é preciso vigiar sempre.

138. Receba sempre os temíveis assaltos dos demônios tentando sempre escapar à sua servidão.

139. À noite, os demônios chamam o mestre espiritual para o perturbar; de dia, eles se servem dos homens para rodeá-lo de vicissitudes, calúnias e perigos.

140. Não recuse os espinhos, se eles arranham os pés ao caminhar e se eles crescem para cardar; ao menos, assim, sua roupas se tornará de uma brancura brilhante.

141. Enquanto você não renunciar às paixões, enquanto seu intelecto se opuser à virtude e à verdade, você não sentirá em seu seio o perfume de bom odor.

142. Você deseja a oração? Emigre aqui e tome domicílio no céu daqui por diante²⁹⁴, não pela simples palavra, mas pela prática angélica e a gnose divina.

²⁹² Salmo XVII, 38-39.

²⁹³ Cf. Efésios VI, 11; Hebreus XII, 4.

²⁹⁴ Cf. Filipenses III, 20.

143. Se somente nas aflições você se lembra do Juízo, de como ele é apavorante e incorruptível, você ainda não aprendeu a servir ao Senhor com temor e a regozija-se nele com estremecimento²⁹⁵. Pois saiba que mesmo nos despertares e nos descansos espirituais, é preciso ainda mais prestar-lhe um culto cheio de piedade e reverência.

144. Prudente é o homem que, até alcançar a perfeita penitência, não se separa da lembrança dolorosa de seus próprios pecados e das sanções do fogo eterno que os castigará.

145. Aquele que, ainda cheio de pecados, ou de acessos de cólera, ousa impudentemente chegar ao conhecimento das coisas mais divinas [a um conhecimento mais divino das coisas], ou mesmo penetrar na oração imaterial, receba ele a reprimenda do Apóstolo e que compreenda que é perigoso para si orar com a cabeça descoberta, pois, está dito: uma alma assim deve levar sobre a cabeça o sinal da dominação, por causa dos anjos presentes²⁹⁶, cobrindo-se do pudor e da humildade convenientes.

146. Assim como de nada adianta, a quem está doente dos olhos, fixar a vista insistentemente no sol do meio dia, quando ele está no seu máximo abrasamento, tampouco de nada serve ao intelecto passional e impuro imitar a temível e eminentíssima oração em espírito e em verdade; ao contrário, ele provocará contra si a indignação da divindade.

147. Se aquele que leva uma oferenda ao altar não for recebido pelo mestre incorruptível que não precisa de nada, até que se reconcilie com o próximo que está contra ele²⁹⁷, considere quanta sobriedade, vigilância e discernimento são precisos para oferecer a Deus um incenso agradável sobre o altar imaterial.

148. Não seja amigo nem da verborragia nem da gabolice, porque assim não serão suas costas que serão lavradas pelos pecadores²⁹⁸, mas seu rosto; você servirá de diversão para eles no momento da oração, eles o seduzirão e o

arrastarão a pensamentos heteróclitos.

149. A atenção, em busca da oração, encontrará a oração, porque se a oração visa alguma coisa, é precisamente a atenção. Apliquemo-nos nisto.

150. A vista é o melhor de todos os sentidos; a oração é a mais divina de todas as virtudes.

151. A excelência da oração não está na simples quantidade, mas na qualidade, como testemunham os dois que subiram ao templo²⁹⁹, bem como a palavra: “Nas vossas orações, não multiplicai as palavras.”³⁰⁰

152. Enquanto você tiver ainda atenção para o que vem do corpo, enquanto sua inteligência estiver voltada para os atrativos exteriores, você não terá ainda vislumbrado o lugar da oração: estará mesmo longe do caminho bendito que o levará a ela.

153. Porque só quando você atingir, com suas orações, uma alegria acima de todas as outras, é que, enfim, verdadeiramente, terá encontrado a oração.

²⁹⁵ Cf. Salmo II, 11.

²⁹⁶ 1 Coríntios XI, 10.

²⁹⁷ Mateus V, 23.

²⁹⁸ Cf. Salmo CXXVIII, 3.

²⁹⁹ Cf. Lucas XVIII, 10.

³⁰⁰ Mateus VI, 7.

CASSIANO O ROMANO

**AO BISPO CASTOR SOBRE OS OITO
PENSAMENTOS DE MALÍCIA**

**AO HIGOUMENO LEÔNCIO, SERMÃO CHEIO DE
BENEFÍCIOS ESPIRITUAIS A RESPEITO DOS
PADRES DE SCETA E DO DISCERNIMENTO**

Cassiano o Romano
Cassiano o Romano

Nosso santo Padre Cassiano o Romano viveu no reinado de Teodósio, por volta do ano 430. Dentre as obras que ele escreveu, expomos aqui o tratado sobre os oito pensamentos e o tratado sobre o discernimento, que transpiram socorro e graça. Photius os menciona nos seguintes termos:

“O segundo tratado tem como título: “Sobre os oito pensamentos”. Ele trata da gula, da prostituição, da avareza, da cólera, da tristeza, da acídia, da vanglória e do orgulho. Mais do que quaisquer outros, estes textos vêm em auxílio daqueles que escolheram travar o combate da ascese; eu também li um terceiro pequeno tratado, no qual é ensinado o sentido do discernimento, que ele é a maior das virtudes, de onde nasce e o quanto ele representa o mais alto dom do alto.”

A Igreja celebra a memória de São Cassiano em 29 de fevereiro, honrando-o com muitos louvores.

*

Cassiano não era romano de nascença. De “nação cita”, segundo Gennade de Marselha, ele nasceu perto do ano 360. Vinte anos depois, nós o encontramos na Palestina num mosteiro em Belém, de onde ele partiu para o Egito, atraído pelo grande renome dos Padres do deserto. Com seu amigo Germano, ele visitou os principais centros monásticos do Baixo Egito, em especial Nitria e as Kellia, antes de se fixar por muitos anos no deserto de Sceta. Cerca do ano 400, as controvérsias origenistas que perturbaram o deserto obrigaram à sua partida para Constantinopla, aonde ele foi ordenado diácono por São João Crisóstomo. Em 404, quando este foi expulso de sua cadeira, Cassiano partiu para Roma para interceder em seu favor perante o papa Inocêncio.

Chegando a Marselha em 415, Cassiano fundou aí a abadia de Saint-Victor e um convento de freiras. Foi para estas comunidades e para todas as da Provence que ele se dispôs a compor suas duas obras mais célebres, as *Instituições cenobíticas* e as *Conferências* espirituais, nos quais ele reporta os usos e ensinamentos dos monges do Egito. Estas obras fizeram grande

sucesso não apenas no Ocidente mas também no Oriente. Temos razões para pensar que elas foram traduzidas ao menos parcialmente para o grego a partir do século V, pois, desde o século seguinte a compilação sistemática dos *Apophthegma Patrum* traduzida por Pelágio e João apresenta muitos extratos manifestamente traduzidos do grego. Os extratos contidos na *Filocalia* provêm, seja dos Livros V a XII das *Instituições*, seja das duas primeiras *Conferências*. O texto grego às vezes resume o original latino, às vezes o traduz por inteiro. É este texto grego da *Filocalia* que seguimos aqui.

DE SÃO CASSIANO O ROMANO AO BISPO CASTOR
SOBRE OS OITO PENSAMENTOS DE MALÍCIA³⁰¹

1. Após termos composto um primeiro sermão sobre as observâncias presentes nos mosteiros cenobíticos, apresentaremos agora, fortalecidos pelas preces de muitos de vocês, este texto sobre os oito pensamentos de malícia, a saber, a gula, a prostituição, o amor ao dinheiro, a cólera, a tristeza, a acídia, a vanglória e o orgulho.

Da continência do ventre

Trataremos primeiramente da continência do ventre que se opõe à gula, da medida dos jejuns, da qualidade e da quantidade dos alimentos. E não falaremos por nós mesmos, mas conforme a tradição dos santos Padres. Estes não nos legaram uma regra única para o jejum, nem um modo único de tomar a refeição, nem uma medida uniforme, pois nem todos possuem o mesmo vigor, nem a mesma idade, nem a mesma saúde, nem a mesma constituição física. Entretanto, o objetivo que foi transmitido a todos é o mesmo: fugir da saciedade e recusar absolutamente a repleção do ventre. Eles consideravam que o jejum cotidiano era mais benéfico e favorável à pureza do que um jejum prolongado de três ou quatro dias ou mesmo de uma semana. De fato, o prolongamento excessivo do jejum é, muitas vezes, pior do que o excesso de alimento. Pois na seqüência de uma abstinência imoderada o corpo está enfraquecido e não é mais assíduo das liturgias espirituais, enquanto que o corpo pesado pelo excesso de comida causa à alma a acídia e o relaxamento.

[5,2] Por outro lado, eles achavam que não convém a todos comer apenas legumes verdes ou secos e que nem todos podem se alimentar só de pão seco. Um, diziam eles, come duas libras de pão e ainda tem fome; outro fica saciado com uma libra ou mesmo com apenas seis onças. Assim, a todos, como foi dito, eles transmitiram uma única regra de continência: não ser traído pela saciedade do ventre³⁰², nem arrastado pelo prazer da boca. Pois

³⁰¹ Cf. *Instituições cenobíticas*, 5-12; P.G. 28, 872-905.

³⁰² Cf. *Provérbios* XXIV, 15.

não é somente a qualidade dos alimentos, mas também a quantidade que normalmente atça os tragos inflamados da prostituição.

[5,6] De fato, qualquer que seja o alimento com o qual o ventre foi preenchido, ele engendra uma semente de prostituição. E não é somente o excesso de vinho que embriaga a razão, mas também a superabundância de água e o excesso de qualquer comida a tornam pesada e sonolenta. A ruína dos Sodomitas não foi causada pela embriaguez do vinho e o excesso de comidas variadas, mas, segundo o profeta, pela saciedade de pão³⁰³.

[5,7] A fraqueza do corpo não é um obstáculo à pureza do coração, quando damos ao corpo o que a fraqueza exige, não o que o prazer deseja. É preciso utilizar os alimentos na medida em que são úteis para viver e não a ponto de nos tornarmos presas dos assaltos da concupiscência. A absorção moderada e razoável de alimentos, para manter a saúde do corpo, não destrói a pureza.

[5,8] Uma medida e uma regra exata da temperança nos foram transmitidas pelos Padres: quando comemos, devemos parar enquanto ainda temos apetite sem esperar estarmos saciados. Quando o Apóstolo diz que não devemos nos preocupar com a carne no sentido de satisfazer sua concupiscência³⁰⁴, ele não proíbe prover as necessidades da vida, mas condena a busca do prazer.

[5,10] Por outro lado, para uma perfeita pureza da alma, apenas a abstinência de alimento não é suficiente sem o socorro das demais virtudes. Assim, a humildade, pela prática da obediência e pelo labor que doma o corpo, nos traz grandes benefícios. Abster-se da avareza, não apenas das riquezas, mas até do desejo de adquiri-las, conduz à pureza da alma. A abstinência de cólera, de tristeza, de vanglória e de orgulho, tudo isto produz a pureza universal da alma. Mas para a pureza específica da alma que é obtida pela castidade, a abstinência e o jejum possuem uma eficácia notável. É de fato impossível a quem enche o ventre, de combater o espírito da prostituição em seu pensamento. Eis porque nosso primeiro combate deve ser o de dominar o ventre e reduzir o corpo à escravidão, não apenas pelo jejum, mas pelas vigílias, a prece, a leitura e a concentração do coração no temor da Geena e no desejo pelo Reino dos céus.

³⁰³ *Ezequiel* XVI, 49.

³⁰⁴ *Romanos* XIII, 14.

Do espírito da prostituição e da concupiscência da carne

2. [6,1] Nosso segundo combate é contra o espírito da prostituição e a concupiscência da carne, que começa a atormentar o homem desde a primeira idade. É um combate imenso e difícil, pois comporta uma dupla luta. Enquanto que os outros vícios são combatidos apenas na alma, este deve sê-lo simultaneamente na alma e no corpo: assim, é preciso travar contra ele um duplo combate. Com efeito, o jejum corporal não é bastante para adquirir a castidade perfeita e a verdadeira pureza, se não existir ao mesmo tempo também a contração do coração, uma prece dirigida a Deus com perseverança, uma meditação contínua das Escrituras, a fadiga e o trabalho manual, tudo aquilo que pode reprimir os impulsos flutuantes da alma e desviá-la das imaginações vergonhosas. Mas, sobretudo, é preciso a humildade da alma, pois, sem ela, não é possível dominar a prostituição, tanto quanto os outros vícios.

[6,2] É preciso, antes de mais nada, guardar com o maior cuidado o coração³⁰⁵ dos pensamentos impuros. Pois, como disse o Senhor, “é do coração que saem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição e todo o resto³⁰⁶”. De fato, o jejum não nos foi ordenado apenas para atormentar o corpo, mas também para manter o intelecto sóbrio e vigilante; este, obscurecido pelo excesso de comida, é incapaz de supervisionar os pensamentos. Certamente, é preciso mostrar o maior zelo no jejum corporal, mas também na guarda dos pensamentos e na meditação espiritual; senão é impossível elevar-se ao cume da castidade e da pureza. É preciso então, como diz o Senhor, purificar primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que o exterior fique puro³⁰⁷.

[6,5] É por isso que, se tivermos no coração a determinação, como diz o Apóstolo, de combater segundo as regras e sermos coroados³⁰⁸ por haver vencido o espírito da prostituição, não o confiemos à nossa própria força e à nossa ascese, mas ao auxílio de Deus nosso Senhor. Pois não haverá repouso

³⁰⁵ Cf. *Provérbios* IV, 23.

³⁰⁶ *Mateus* XV, 19.

³⁰⁷ *Mateus* XXIII, 26.

³⁰⁸ Cf. *2 Timóteo* II, 5; IV, 7.

para o homem atacado por este espírito enquanto ele não crer realmente que não será nem por sua aplicação nem por suas penas, mas pela proteção e a ajuda de Deus, que ele poderá se livrar desta doença e atingir o cume da castidade.

[6,6] A coisa está acima da natureza e se trata, de certa maneira, de sair da carne, mais do que pisotear os agulhões da carne e de seus prazeres sob seus pés. Eis porque, é, por assim dizer, impossível ao homem elevar-se com suas próprias asas até este cume e esta recompensa celeste, e tornar-se o imitador dos anjos; é preciso que a graça de Deus o arranque da terra e da lama. Com efeito, nenhuma outra virtude, tanto quanto a castidade, torna iguais os anjos e os homens ligados à carne. Por meio desta virtude, ainda que vivam sobre a terra, eles possuem, segundo o Apóstolo, “sua cidadania nos céus³⁰⁹”.

[6,10] O sinal de que você adquiriu esta virtude com perfeição é que a alma já não se volta para nenhuma imagem vergonhosa durante o sonho. Pois, ainda que este movimento não seja visto como um pecado, ele é considerado um sinal de que a alma ainda está enferma e não se libertou das paixões.

[6,11] Eis porque devemos crer que as representações vergonhosas que nos sobrevêm durante o sonho são provas de nossa negligência passada e de nossa enfermidade: a doença oculta nas profundezas da alma se manifesta num corrimento favorecido pelo sonho.

[6,12] É por isso que o médico de nossas almas colocou o remédio nas mesmas profundezas da alma, aonde se encontram, como ele bem o sabia, as causas da enfermidade: “Aquele que olhar uma mulher para desejá-la, cometeu adultério com ela em seu coração³¹⁰”. Ao falar assim, ele não condenava tanto os olhos curiosos e lascivos, quanto a alma que, escondida no interior, fez mau uso dos olhos dados por Deus para o bem. É por isso que o Sábio dos Provérbios não disse: “Vigie seus olhos”, mas “Vigie seu coração³¹¹”, impondo o remédio àquele que se serve dos olhos ao bel prazer.

[6,13] Eis, portanto, a primeira precaução que deve tomar nosso coração [o

³⁰⁹ *Filipenses* II, I 20.

³¹⁰ *Mateus* V, 28.

³¹¹ *Provérbios* IV, 23.

primeiro cuidado com nossa purificação]: quando, pela malícia do diabo, se introduzir em nosso pensamento a lembrança de uma mulher, seja da mãe, da irmã ou de uma mulher piedosa, devemos tirá-la o quanto antes de nosso coração, pois, se demormos um pouco só, o demônio enganador e mau precipitará o espírito do alto abaixo, destas imagens aos pensamentos funestos e vergonhosos. É por isso que Deus deu-nos no princípio o mandamento de tomar cuidado com a cabeça da serpente³¹², ou seja, ao surgimento dos maus pensamentos, por meio dos quais o diabo procura escorregar para dentro de nossas almas. Senão, uma vez que a cabeça penetrou, ou seja, o primeiro assalto do pensamento, acabamos por acolher o resto do corpo da serpente, a saber, o consentimento ao prazer, e a partir daí o espírito será obrigado a fazer o que não lhe é permitido. É preciso, ao contrário, dar morte “desde a manhã, como está escrito, a todos os pecadores que se erguem da terra³¹³”, ou seja, discernir à luz da ciência e exterminar da terra de nosso coração os pensamentos que só conduzem ao pecado, conforme o ensinamento do Senhor³¹⁴. E, enquanto ainda são pequenas, é preciso exterminar as crias da Babilônia, quero dizer os pensamentos perversos, e destroçá-las contra o rochedo³¹⁵ que é Cristo. Pois, se com nosso consentimento, elas chegarem a crescer, só as dominaremos à custa de muitos gemidos e penas.

[6,19] Além dessas palavras da divina Escritura, podemos também mencionar as palavras dos santos Padres. São Basílio, bispo de Cesaréia e da Capadócia, disse um dia: “Eu nunca conheci mulher, e, no entanto, não sou virgem³¹⁶”. Ele sabia muito bem que o dom da castidade não consiste tanto em se privar de mulher, como em guardar a pureza e a castidade da alma, o que normalmente se realiza pelo temor a Deus.

[6,18] Os Padres também disseram o seguinte: Não podemos adquirir com perfeição a virtude da pureza sem antes adquirir a verdadeira humildade em nosso coração Tampouco receberemos a verdadeira ciência enquanto

³¹² *Gênesis* III, 15.

³¹³ *Salmo* C, 8.

³¹⁴ Cf. *Mateus* XV, 19.

³¹⁵ Cf. *Salmo* CXXXVI, 9.

³¹⁶ Esta citação não se encontra tal e qual nas obras de São Basílio. Encontramos algo próximo (“Eu escapei ao ato da fornicção, mas manchei minha virgindade nos pensamentos de meu coração”) na *Carta* XVII, 4; porém, esta carta parece não ser de São Basílio, mas de São Nilo.

ocultarmos a paixão da prostituição nas profundezas da alma.

[6,16] E para mostrarmos também pelo testemunho do Apóstolo a recompensa da castidade, terminaremos citando uma única sentença: “Busquem a paz com todos e a santidade, sem as quais ninguém verá ao Senhor³¹⁷”. Que se trata da castidade, a sequência o mostra: “Que ninguém seja impudico ou profanador como Esaú³¹⁸”. E quanto mais o avanço da santidade é celeste e angélico, tanto mais ela é vítima de ataques cada vez mais violentos dos adversários. É por isso que devemos nos aplicar não somente à continência do corpo, mas também à contrição do coração e às penitências [orações] freqüentes com gemidos, a fim de que, pelo orvalho da presença do Espírito Santo, possamos extinguir a fomalha da nossa carne, que o rei da Babilônia atiza a cada dia com as tochas da concupiscência³¹⁹.

[6,23] Mas acima de tudo, a grande arma que está à nossa disposição para o combate, é a vigília com Deus. Pois, assim com a vigilância do dia prepara a santidade da noite, também a vigília noturna com Deus prepara a alma para a pureza durante o dia.

Da avareza

3. [7,1] Nosso terceiro combate é contra o espírito da avareza. Ele é manifestamente estranho à nossa natureza e, num monge, ele tem sua origem na falta de fé. De fato, os vícios que excitam as demais paixões, vale dizer, a cólera e a concupiscência, parecem ter seus princípios no corpo, eles são de certa forma inatos e começam já no nascimento; é por isso que é preciso muito tempo para vencê-los.

[7,2] A doença da avareza, que ao contrário provém do exterior, pode ser evitada com mais facilidade, se dermos provas de preocupação, sobriedade e vigilância. Mas, se a negligenciarmos, ela se tornará mais perigosa do que as outras paixões e mais difícil de ser rejeitada, pois ela é “a raiz de todos os males”, conforme o Apóstolo³²⁰.

³¹⁷ *Hebreus* XII, 14.

³¹⁸ *Hebreus* XII, 16.

³¹⁹ Cf. *Daniel* III, 19.49 ss.

³²⁰ Cf. 1 *Timóteo* VI, 10.

[7,3] Não vemos, com efeito, os movimentos naturais do corpo, não apenas em crianças que ainda não possuem o discernimento do bem e do mal, mas até nas menores que sequer desmamaram? Sem ter nelas o menor traço de voluptuosidade, elas entretanto mostram em sua carne estes movimentos naturais. Da mesma forma, podemos constatar nas crianças o aguilhão da cólera quando as vemos irritadas contra alguém que lhes fez mal. Digo isto, não para acusar a natureza como causa do pecado, que Deus não permita!, mas para mostrar que a cólera e a concupiscência, mesmo estreitamente unidas ao homem pelo Criador para seu bem, podem, por negligência, transformar de certa maneira os movimentos naturais do corpo em atos contra a natureza. Com efeito, o movimento do corpo foi dado por Deus para a procriação e o prolongamento da raça, não para a prostituição. A excitação da cólera também pode ser salutar, para a dirigirmos contra os vícios e não para que fiquemos furiosos com nosso irmãos.

[7,4] Não, é claro, que a natureza seja má e que possamos responsabilizar o Criador; da mesma forma, se dermos um pedaço de ferro a alguém para um uso necessário e útil, ele pode também usá-lo para cometer um crime.

[7,5] Dizemos tudo isso para mostrar que a paixão da avareza não extrai seu princípio dos elementos naturais, mas apenas da vontade má e corrompida.

[7,7] Com efeito, esta doença, quando encontra a alma morna e com pouca fé no início da renúncia, lhe sugere motivos justos e aparentemente razoáveis para que a pessoa guarde um pouco daquilo que ela possui. A avareza apresenta ao espírito do monge uma velhice longa e as enfermidades do corpo, alegando que o que é dado pelo mosteiro não é suficiente, não digo aos enfermos, mas até aos que gozam de boa saúde, que ninguém ali se preocupa muito com os doentes, que eles chegam a ser abandonados, e que se não tiverem um pouco de ouro guardado, morrerão de miséria. Finalmente, ela sugere ao monge que ele não conseguirá permanecer por muito tempo ainda no mosteiro, pela carga das observâncias e o rigor do superior. Quando ela logrou desorientar o espírito com estes pensamentos para que ele guarde ao menos alguns centavos, ela ainda persuade o monge a aprender, sem que o abade saiba, algum trabalho com o qual ele possa aumentar suas economias. Assim ela desvia o infeliz para esperanças incertas, sugerindo-lhe os ganhos com seu trabalho, o repouso e a despreocupação que ele tirará disso. Entregue

por completo à idéia de ganhar, ele não vê nada contra; nem a loucura furiosa que o tomará se lhe acontecer uma perda, nem as trevas da tristeza caso ele se veja privado dos ganhos com os quais contava. Para ele, o ouro tomou o lugar de Deus, assim como, para outros, o ventre³²¹. Assim, o bem-aventurado Apóstolo, sabendo disto, chamou a esta doença não somente de “raiz de todos os males³²²”, mas de “idolatria³²³”. Vemos com isto a que ponto de malícia esta doença arrasta o homem, até atirá-lo na idolatria.

[7,8] Depois que o avaro desviou seu intelecto do amor de Deus, ele começa a adorar as imagens dos homens gravadas no ouro. Cego por esses pensamentos e progredindo no mal, ele já não consegue se manter obediente mas se irrita, se indigna e resmunga por qualquer trabalho, opõe-se a ele e, não tendo mais nenhum respeito por ninguém, é arrastado ao precipício como um cavalo bravo. Descontente com a alimentação costumeira, ele protesta que não poderá mais suportar isto, que Deus não está apenas ali, que sua salvação não está ligada apenas àquele lugar e que ele vai se perder se não deixar o mosteiro.

[7,9] Tendo dinheiro reservado para apoiar sua opinião corrompida, ele é como que levado por suas asas e começa a ruminar sua despedida do mosteiro. A partir daí ele responde com insolência e azedume a todas as ordens que lhe são dadas e, comportando-se como um hóspede ou um estrangeiro, negligencia e despreza tudo o que, no mosteiro, precisa ser retificado, e condena tudo o que é feito. Depois ele começa a encontrar razões para se irritar ou se entristecer, a fim de não dar a impressão de deixar o mosteiro levianamente e sem razão. E ele pode fazer com que, por meio de enganações, cochichos e vãos propósitos, algum outro o acompanhe em sua saída, para que ele consiga ao menos um cúmplice em sua queda.

[7,10] Assim inflamado pelo fogo de suas próprias riquezas, o avaro já não poderá estar em paz no mosteiro e viver sob uma regra. Então o demônio, qual um lobo, o leva da comunidade, o separa da tropa e o agarra como uma presa fácil de devorar. Ele o estimula a negligenciar os trabalhos que se realizam em horários fixos no mosteiro e a fazê-los zelosamente em sua

³²¹ Cf. *Filipenses* III, 19.

³²² 1 *Timóteo* VI, 10.

³²³ *Colossenses* III, 5.

própria cela noite e dia. Ele não o deixa mais observar as orações habituais, nem a medida dos jejuns, nem a regra das vigílias, tendo-o laçado com a paixão da avareza, e o persuade a empenhar-se no trabalho manual.

[7,14] Esta doença apresenta três formas que as divinas Escrituras e os ensinamentos dos Padres reprovam da mesma maneira. A primeira leva os infelizes a adquirir e juntar riquezas que antes não possuíam neste mundo. A segunda traz o arrependimento pelas riquezas às quais se renunciou e incita a recuperar aquilo que foi oferecido a Deus. A terceira engaja o monge desde o início na falta de fé e de ardor, e o impede de se despojar completamente dos bens deste mundo, fazendo-o temer o despojamento e duvidar da providência de Deus. Ele se mostra assim infiel às promessas que fez ao renunciar ao mundo. Encontramos exemplos de condenação destas três formas da avareza nas Sagradas Escrituras. Giezi, pretendendo adquirir riquezas que não possuía antes, Foi privado do dom da profecia que seu mestre pretendia deixar-lhe em herança, e, em lugar da bênção, herdou uma lepra eterna por causa da maldição do profeta³²⁴. Judas, que quis reaver os bens aos quais havia renunciado ao seguir Cristo, não apenas chegou a trair a Cristo e perder sua posição de apóstolo, mas ainda pôs fim à sua vida física por uma morte violenta³²⁵. Ananias e Safira, por terem guardado uma parte dos seus bens, forma, foram punidos de morte pelas palavras do Apóstolo³²⁶.

[7,15] O grande Moisés dá esta advertência no *Deuteronômio*, no sentido espiritual, para aqueles que querem renunciar ao mundo, mas permanecem ligados às coisas terrestres pelo medo que lhes causa a falta de fé: “Se o homem é covarde e tem o coração medroso, é melhor que ele não parta para o combate; que ele retorne à sua casa, para não assustar o coração dos seus irmãos.³²⁷” O que pode haver de mais claro do que este testemunho? Não aprendemos com estas palavras que aqueles que renunciam ao mundo devem fazê-lo por completo e apresentar-se assim para o combate, para não desviar os outros da perfeição evangélica, inspirando-lhes medo com um começo fraco e corrupto?

³²⁴ Cf. 2 Reis V, 27.

³²⁵ Cf. Mateus XXVII, 5.

³²⁶ Cf. Atos V, 5 e 10.

³²⁷ Deuteronômio XX, 8.

[7,16] Bem que está dito na divina Escritura que “é melhor dar do que receber³²⁸”, mas o avaro entende erradamente a frase e distorce o texto com suas manobras e a cobiça de sua avareza, alterando o sentido das palavras e do ensinamento do Senhor, que diz: “Se você quiser ser perfeito, vá, venda tudo o que possui e dê aos pobres, e você terá um tesouro nos céus; depois, siga-me³²⁹”. Eles acham preferível usufruir de suas riquezas e dar o supérfluo aos pobres. Estes homens deveriam saber que eles ainda não renunciaram ao mundo nem abraçaram a perfeição monástica enquanto ainda ficarem vermelhos em assumir o despojamento do Apóstolo e de ajudar os indigentes com o trabalho das suas mãos. Se eles quiserem preencher realmente sua confissão monástica e, tendo distribuído toda sua riqueza anterior, glorificar-se com o Apóstolo “na fome e na sede, no frio e na nudez³³⁰”, eles conduzirão, com Paulo, o “bom combate³³¹”.

[7,17] Com efeito, se o mesmo Apóstolo achasse necessário para a perfeição manter seus antigos bens, ele não teria desdenhado de sua dignidade, ele que era de nascimento nobre e cidadão romano³³². E os que, em Jerusalém, eram “possuidores de mansões e campos e que deixavam aos pés dos apóstolos o dinheiro da venda³³³”, não teriam agido assim se soubessem que os apóstolos julgavam melhor subsistir de seus próprios recursos do que com o trabalho de suas mãos e as doações dos cidadãos. O Apóstolo ensina isto claramente quando escreve aos romanos: “Agora eu parto para Jerusalém para servir aos santos (de fato, ele pedira, na Macedônia e na Acácia, que se fizesse uma coleta para os santos de Jerusalém, ou seja, para os pobres). Ele lhes pediu e eles são seus devedores.³³⁴”

O próprio Apóstolo, muitas vezes encarcerado e cativo ou entravado pelos incômodos da viagem, e, por causa disto, incapaz de prover por suas próprias mãos sua subsistência, como estava acostumado, declarou haver recebido esta subsistência dos irmãos vindos da Macedônia: “Pois, disse ele, o que me

³²⁸ Atos XX, 35.

³²⁹ Mateus XIX, 21.

³³⁰ 2 Coríntios XI, 27.

³³¹ 2 Timóteo IV, 7.

³³² Cf. Atos XXII, 25-28.

³³³ Atos IV, 34-35.

³³⁴ Romanos XV, 25-27.

faltou foi suprido pelos irmãos vindos da Macedônia³³⁵; e ele escreveu aos Filipenses: “Também vocês sabem, Filipenses, que, quando eu parto da Macedônia, nenhuma igreja me amparou em termos de contribuição pecuniária, salvo a de vocês; pois quando eu estava em Tessalônica, por duas vezes vocês me enviaram aquilo de que eu estava necessitado³³⁶”. Teriam sido estes cristãos, na opinião dos avaros, mais felizes do que o Apóstolo, porque suprimam suas necessidades com seus próprios bens? Ninguém será louco de dizê-lo.

[7,18] É por isso que, se quisermos seguir o preceito evangélico e imitar toda a Igreja fundada desde a origem sobre os apóstolos, não devemos nos fiar em nossas próprias opiniões nem interpretar mal aquilo que foi expresso. Rejeitando a perspectiva morna e a falta de fé, sigamos exatamente o Evangelho. Assim poderemos caminhar sobre as pegadas dos Padres sem jamais nos distanciar da disciplina do mosteiro, e renunciar ao mundo com toda a verdade.

[7,19] É bom lembrar aqui as palavras de um santo. Diz-se que são Basílio, bispo de Cesaréia, dirigiu-se a um senador que havia renunciado ao mundo sem fervor e reservado para si um pouco de suas posses nestes termos: “Você perdeu o senador e não adquiriu o monge³³⁷”. É preciso, assim, que, com o maior cuidado, expulsemos de nossa alma a raiz de todos os males, vale dizer, a avareza, sabendo que, se a raiz permanecer, os ramos crescerão facilmente.

[7,29] É difícil adquirir esta virtude sem viver numa comunidade, pois aí estaremos livres de toda a preocupação em relação às coisas necessárias.

[7,30] Lembrando-nos do castigo de Ananias e Safira³³⁸, devemos temer guardar para nós seja o que for que possuímos. Temendo o exemplo de Gieze que, por sua avareza, foi punido com a lepra eterna³³⁹, evitemos juntar riquezas que não tínhamos antes neste mundo. Enfim, pensando na morte de

³³⁵ 2 Coríntios XI, 9.

³³⁶ Filipenses IV, 15-16.

³³⁷ Esta sentença, com a passagem das *Instituições* que a contém, é apresentada nas *Sentenças dos Padres do deserto*, Cassiano 7.

³³⁸ Cf. Atos V, 5 ss.

³³⁹ Cf. 2 Reis V, 27.

Judas por enforcamento³⁴⁰, vigiemos para jamais tentarmos recuperar algo a que já havíamos renunciado. E acima de tudo, mantendo sempre nos olhos a perspectiva da morte, cuidemos para que nosso Senhor não venha na hora menos esperada e não encontre nossa consciência contaminada pela avareza. Ele então poderá nos dirigir as palavras ditas ao rico no Evangelho: “Insensato, nesta mesma noite sua alma será levada; aquilo que você reservou para si, de que lhe servirá agora?³⁴¹”

Da cólera

4. [8,1] Nosso quarto combate é contra o espírito da cólera e é preciso que, com a ajuda de Deus, extirpemos das profundezas de nossa alma este veneno mortal. Pois, enquanto ele se mantiver em nosso coração e cegar os olhos do coração com perturbações tenebrosas, não seremos capazes de adquirir o discernimento das coisas convenientes, nem encontrar a compreensão da ciência espiritual, nem possuir a perfeição do bom conselho, nem participar da vida verdadeira, e nosso intelecto não será capaz de contemplar a verdadeira luz divina. De fato, foi dito: “Meu olho foi perturbado pela cólera³⁴²”. Não será possível participarmos da sabedoria divina, ainda que sejamos reputados sábios segundo a opinião de todos, pois está escrito: “A cólera repousa no seio dos insensatos³⁴³”. Nem poderemos adquirir os salutareos conselhos do discernimento, mesmo que os homens nos julguem prudentes pois também está escrito: “A cólera do homem não cumpre com a justiça de Deus³⁴⁴”. E tampouco poderemos adquirir a moderação e a gravidade tão estimadas dos homens, pois está escrito: “O homem colérico é indecente³⁴⁵”.

[8,5] Portanto, aquele que pretende alcançar a perfeição e que deseja levar adiante o combate conforme as regras, deve ser alheio a toda cólera e todo furor e escutar a recomendação do vaso de eleição: “Que toda cólera, disse

³⁴⁰ Cf. Mateus XXVII, 5.

³⁴¹ Lucas XII, 20.

³⁴² Salmo VI, 8.

³⁴³ Eclesiastes VII, 9.

³⁴⁴ Tiago I, 20.

³⁴⁵ Provérbios XI, 25.

ele, fúria, grito e blasfêmia sejam afastados de vocês, bem como toda malícia³⁴⁶”. Quando ele diz “toda”, ele não deixa nenhum pretexto de cólera que pudesse ser necessária ou razoável. Assim, quem quiser corrigir o irmão que pecou ou lhe infligir um castigo, deve tentar por todos os meios permanecer imperturbável, para que não lhe aconteça que, pretendendo curar o outro, não contraia ele próprio a doença, e que dele não se diga, conforme o Evangelho: “Médico, cure a si mesmo³⁴⁷”. E ainda: “Porque você critica a palha no olho do seu irmão e não percebe a trave no seu próprio olho?”³⁴⁸

[8,6] De fato, qualquer que seja a causa, o movimento da cólera, em sua ebulição, cega os olhos da alma e impede de contemplar o sol da justiça. Quem coloca sobre os olhos folhas de ouro ou de chumbo fica igualmente privado da visão, e o valor do metal não tem nenhuma relação com a cegueira. Da mesma forma, qualquer que seja a causa, razoável ou não, quando a cólera se inflama, ela obscurece a vista.

[8,7] Nós só usamos a cólera em conformidade com a natureza quando nos insurgimos contra os pensamentos passionais ou voluptuosos.

[8,8] É o que o Profeta nos ensina, ao dizer: “Encolerizem-se e não pequem mais³⁴⁹”.

[8,9] Isto significa: “Encolerizem-se contra as suas próprias paixões e contra os pensamentos perversos, e não pequem cumprindo as suas sugestões.” Este sentido aparece com mais clareza ainda no verso seguinte: “Aquilo que vocês dizem em seus corações, levem compungidos ao leito³⁵⁰”, ou seja: quando sobrevierem pensamentos perversos em seu coração, depois de rejeitá-los encolerizando-se contra eles, você encontrará uma grande paz, como num leito de repouso; sinta então a compunção pela penitência. O bem-aventurado apóstolo Paulo concorda com isto quando, com testemunho neste versículo, diz: “Que o sol não se ponha sobre sua cólera; não abram a porta ao diabo.”³⁵¹

³⁴⁶ *Efésios* IV, 31.

³⁴⁷ *Lucas* IV, 23.

³⁴⁸ *Mateus* VII, 3-5.

³⁴⁹ *Salmo* IV, 5.

³⁵⁰ *Salmo* IV, 5.

³⁵¹ *Efésios* IV, 26.

Dito de outro modo: não force o sol de justiça, Cristo, a se deitar sobre o seu coração irritando-o por sua convivência com os maus pensamentos, para que não lhe aconteça que, com sua partida, o diabo encontre um acesso a você.

[8,10] É deste sol que Deus fala pela boca do Profeta: “Para aqueles que temem meu nome erguer-se-á o sol de justiça, que cura com seus raios³⁵²”. Se levarmos ao pé da letra o versículo do Apóstolo, não poderíamos, de fato, guardar a cólera até o por do sol.

[8,11] Que diremos então daqueles que, pela selvageria e a loucura da paixão, não contentes em conservar sua raiva até o por do sol ainda a prolongam por dias a fio, abstendo-se de falar com os outros? Eles não exprimem sua cólera em palavras, mas através de seu mutismo para com os demais, eles aumentam o veneno do rancor, para sua própria perda.

[8,12] Eles ignoram que é preciso abster-se da cólera, não apenas em ato, mas também em pensamento, para evitar que o intelecto, cego pelas trevas do rancor, perca a luz do conhecimento e do discernimento e seja privado da presença do Espírito Santo.

[8,13] É para isto, com efeito, que o Senhor, no Evangelho, ordena deixar a oferenda perto do altar para ir reconciliar-se com seu irmão³⁵³. Senão, é impossível que a oferenda seja aceita, se estivermos presa da cólera e do rancor. Por outro lado, o Apóstolo ordena rezar sem cessar³⁵⁴, e em toda parte erguer as mãos puras, sem cólera nem [maus] pensamentos³⁵⁵; esta é uma lição para nós. Resta-nos, assim, seja não mais orar – mas então pecaríamos contra o mandamento do Apóstolo – seja nos apressarmos em seguir este mandamento e cessar imediatamente com a cólera e o rancor.

[8,14] Acontece muitas vezes desdenharmos dos irmãos sofrendores ou perturbados, dizendo que sua tristeza não foi causada por nós. É por isso que o médico de almas, querendo extirpar do coração até as raízes os pretextos da alma, nos ordena deixar a oferenda e irmos nos reconciliar, não somente se

³⁵² *Malaquias* IV, 2.

³⁵³ Cf. *Mateus* V, 23-24.

³⁵⁴ Cf. 1 *Tessalonicenses* V, 17.

³⁵⁵ Cf. 1 *Timóteo* II, 8.

fomos nós os ofendidos por um irmão, seja que tenhamos nós o ofendido, com ou sem razão. Primeiro devemos remediar a situação com desculpas, para em seguida fazermos nossa oferta.

[8,15] Mas não precisamos nos deter por mais tempo nos preceitos evangélicos, uma vez que a própria lei antiga, que parece ser menos rigorosa, nos ensina isto quando diz: “Não odeie seu irmão em seu coração³⁵⁶”, e também: “Os caminhos daquele que guarda rancor levam à morte³⁵⁷”. A lei proíbe não apenas o ato, mas o pensamento. É por isso que aqueles que seguem as leis divinas lutam com todas as suas forças contra o espírito de cólera e contra esta doença que existe dentro de nós.

[8,16] Que aqueles que se encolerizam contra seus irmãos não busquem a solidão e o isolamento, pensando que assim ninguém mais os levará à cólera, e que a virtude da paciência poderá ser mais facilmente adquirida na solidão. É por orgulho, e por não quisermos acusar a nós mesmos, nem reconhecer em nosso descuido a causa da perturbação, que desejamos nos separar dos irmãos. Mas enquanto imputarmos aos outros as causas de nossa fraqueza, será impossível conseguir a paciência.

[8,17] O essencial de nosso progresso e de nossa paz não pode provir da paciência do próximo para conosco, mas de nossa longanimidade para com o próximo.

[8,18] Se buscarmos o deserto e a solidão para fugirmos ao combate pela paciência, todos os vícios que carregamos conosco sem havê-los corrigido permanecerão escondidos, mas não suprimidos. E, com efeito, para quem não se libertou das paixões, a solidão e o retiro podem não apenas conservá-las, mas aumentá-las, a tal ponto que ele se acaba por não saber de qual paixão está sendo vítima. A solidão, ao contrário, lhe sugere a ilusão da virtude e o persuade de que ele adquiriu a paciência e a humildade, uma vez que não existe ninguém ali para provocá-lo e testá-lo. Mas basta que surja uma circunstância que o sacuda e o excite, e na mesma hora as paixões que se encontram nele e que estavam até então ocultas, como cavalos sem freio que, saindo da cocheira após um período de repouso e inatividade, arrastam o

³⁵⁶ *Levítico XIX, 17.*

³⁵⁷ *Provérbios XII, 28.*

condutor com mais ímpeto e ferocidade. De fato, as paixões são mais excitadas em nós quando não somos testados no meio dos homens. E perdemos esta sombra de paciência e longanimidade que fingimos possuir enquanto não nos misturamos aos irmãos, pelo desleixo causado pela falta de exercício e pela solidão.

[8,19] Assim como as mais venenosas bestas selvagens, em repouso no deserto e em suas covas, mostram toda a sua fúria contra qualquer um que se aproxime, também os homens que são presa das paixões, que são calmos não por disposição mas pela necessidade do deserto. Despejam seu veneno cada vez que colocam a mão em alguém que se aproxime e os provoque. É por isso que aqueles que buscam a perfeição da doçura devem tomar todo o cuidado para não se encolerizar contra os homens, mas também para não se irritar com os animais nem com as coisas. Eu me lembro, de fato, que, quando vivia no deserto, eu me irritava contra uma pena de escrever que eu considerasse muito grossa ou muito fina, contra um pedaço de madeira que eu não conseguia cortar com a facilidade imaginada, ou contra a pederneira quando eu estava com pressa de acender o fogo e a centelha custava a pegar. Assim eu descarregava a cólera contra as coisas sensíveis.

[8,20] Assim, se quisermos obter a beatitude do Senhor, devemos, como foi dito, evitar a cólera não apenas em ato, mas também em pensamento. Com efeito, não é tão útil dominarmos nossa língua para não proferir palavras de furor, quanto purificarmos o coração do rancor e não acalantar em si maus pensamentos contra o irmão. Pois o ensinamento evangélico ordena evitar antes as raízes dos pecados do que seus frutos. Se a raiz da cólera for extirpada do coração, nem o ódio nem a inveja conseguirão se traduzir em atos. Com efeito, aquele que odeia seu próximo é chamado de “homicida”³⁵⁸, porque ele o condena à morte pela disposição da raiva que existe em seu espírito. Os homens não o vêem verter sangue com seu gládio, mas Deus vê que ele o mata em espírito pela raiva que guarda em si, e o Senhor distribui a cada um as coroas e os castigos não somente por suas ações, mas também pelos pensamentos e os desejos, como diz o Profeta: “Eis que vim para reunir suas obras e seus pensamentos”³⁵⁹. E o Apóstolo diz também: “Seus pensamentos ora os acusarão, ora os defenderão, no dia em que Deus julgar

³⁵⁸ *Cf. 1 João III, 15.*

³⁵⁹ *Isaías LXVI, 18.*

os segredos dos homens³⁶⁰».

[8,12] O próprio Mestre nos ensina a renunciar a toda cólera quando diz nos Evangelhos: “Todo aquele que odeia seu irmão deverá ir a julgamento³⁶¹”. É de fato, o texto que fornecem os exemplos mais exatos. Segundo o contexto, o inciso “sem causa” parece ter sido acrescentado. Com efeito, o desígnio do Senhor é que evitemos, de todas as maneiras, a raiz e a centelha da cólera, sem guardar em nós o menor pretexto de irritação, para que, por nos enfurecermos por um bom motivo, não nos aconteça cairmos a seguir numa cólera furiosa e irracional. O remédio perfeito contra esta doença é o seguinte: devemos acreditar firmemente que jamais é permitido enfurecer-se, seja por coisas justas, seja por coisas injustas. Como o espírito da cólera obscurece o espírito, nem a luz do discernimento, nem a solidez do conselho justo, nem o sentido de justiça permanecerão em nós. Será impossível que nossa alma seja o templo do Espírito Santo se o espírito da cólera, tendo obscurecido nosso espírito, se apodere de nós. Enfim, a cima de tudo, é preciso que nos guardemos da cólera tendo sempre diante dos olhos a incerteza da hora da morte. E saibamos também que nem a castidade, nem a renúncia a todos os bens, nem os jejuns e as vigílias nos servirão se nos apresentarmos ao Juízo cheios de cólera e rancor.

Da tristeza

5. [9,1] Nosso quinto combate é contra o espírito da tristeza que rouba a luz da contemplação espiritual da alma e a impede de cumprir as boas obras. Com efeito, quando este espírito mau se apodera da alma ele a obscurece inteiramente, não a deixa mais fazer suas orações com fervor nem se dedicar frutiferamente às santas leituras. Ele não permite ao homem ser doce e conciliador com seus irmãos; ele lhe inspira raiva a todas as obras que se deve praticar e à própria vida que se abraçou. A tristeza perturba todos os desejos saudáveis da alma e dissolve seu vigor e sua constância, tornando-a como que mole e paralisada, até prendê-la finalmente ao pensamento do desespero.

³⁶⁰ Romanos II, 15-16.
³⁶¹ Mateus V, 22.

[9,2] É por isso que, se quisermos sustentar o combate espiritual e vencer com a ajuda de Deus os espíritos de malícia, devemos guardar com o maior cuidado nosso coração do espírito da tristeza, pois, assim como a traça nas roupas ou o cupim na madeira, a tristeza devora a alma do homem, quando o persuade a evitar os bons encontros e não permite receber o conselho dos melhores amigos, nem lhes dar uma resposta amável e pacífica. Ela se apodera da alma de todos os lados e a enche de amargura e de acídia. Enfim, ela instiga a fugir dos homens como se fossem eles os responsáveis pela perturbação em que se encontra. E ela não permite à alma reconhecer que sua enfermidade não provém de fora, mas nasce no seu interior, coisa que, aliás, aparece quando as tentações, surgindo inopinadamente pela prática, a fazem vir à luz. De fato, jamais um homem é prejudicado por outro, se não possuir em si mesmo as causas das paixões.

[9,7] Também Deus, criador e médico das almas, o único que conhece exatamente as feridas da alma, não nos ordena renunciar à freqüentação dos outros, mas a extirpar as causas do mal em nós mesmos. Ele sabe que a saúde da alma não é obtida separando-nos uns dos outros, mas vivendo e nos exercitando junto a homens virtuosos. Quando abandonamos os irmãos por supostos bons pretextos, não suprimimos as ocasiões de tristeza, mas apenas as alteramos, pois o mal está em nós e surgirá por outras razões.

[9,8] É por isso que todo o nosso combate deve ser contra as paixões que estão em nós. Uma vez que sejam expulsas de nosso coração com a graça e a ajuda de Deus, viveremos com tranqüilidade, já não digo entre os homens, mas mesmo entre os animais selvagens, como diz o bem-aventurado Jó: “Os animais selvagens viverão em paz com você³⁶²”.

[9,9] É preciso então combater primeiro contra o espírito da tristeza que lança a alma no desespero, a fim de tirá-lo de nossa alma. Foi este espírito, de fato, que impediu Caim de se arrepender após o assassinato de seu irmão³⁶³, e também Judas, após ter traído o Mestre. Só podemos manter a tristeza trazida pelo arrependimento dos pecados que cometemos, mas que é acompanhada da boa esperança. Da qual diz o Apóstolo: “A tristeza conforme a Deus causa

³⁶² Jó V, 23.
³⁶³ Cf. Gênesis IX, 4-16.

uma penitência duradoura para a salvação³⁶⁴”. Com efeito, a tristeza conforme a Deus, que nutre a alma com a esperança da penitência, é mesclada de alegria. É por isso que ela torna o homem cheio de ardor para submeter-se às boas obras, afável, humilde³⁶⁵, doce, esquecendo-se das injúrias, paciente para suportar todas as penas e aflições, tudo o que vem de Deus. Desta tristeza enfim nascem no homem os frutos do Espírito Santo, a saber, “a alegria, a caridade, a paz, a longanimidade, a bondade, a fé, a temperança³⁶⁶”. Da outra tristeza, ao contrário, reconhecemos os maus frutos, que são a acídia, a impaciência, a cólera, a raiva, a contrariedade, o desencorajamento, a negligência na oração.

[9,12] Assim, devemos nos afastar desta tristeza assim como fazemos com a prostituição, a avareza, a cólera e as demais paixões. Ela é curada pela prece, pela esperança em Deus, pela meditação nas palavras divinas e pela freqüentação dos homens piedosos.

Da acídia

6. [10,1] Nosso sexto combate será contra o espírito da acídia que caminha e trabalha junto com o espírito da tristeza. Este demônio terrível e opressor está sempre em guerra contra os monges.

[10,2] É ele que ataca o monge na sexta hora, tornando-o lânguido e entorpecido, fazendo-o sentir aversão pelo lugar em que vive, pelos irmãos que vivem com ele, pelas ocupações e até pela leitura das divinas Escrituras. Ele lhe sugere que mude de lugar, pensando que, se não partir para outras paragens, estará perdendo seu trabalho e seu tempo.

[10,3] Em primeiro lugar, por volta da sexta hora, ele o faz sentir fome, como se tivesse passado três dias sem comer, percorrido um longo caminho ou cumprido alguma pesada tarefa. Então ele lhe sugere o pensamento de que esta enfermidade poderá ser tratada se ele sair continuamente a ver os irmãos, sob pretexto de benefício espiritual ou para visitar os enfermos. Se não

consegue fazer com que o monge caia em suas armadilhas, este demônio o mergulha num profundo sono, tornando-se assim mais forte e mais poderoso contra ele, e então ele só poderá ser expulso pela prece, a fuga da tagarelice, a meditação sobre as palavras divinas e a paciência nas provas.

[10,6] Com efeito, quando não o encontra munido destas armas, ele toma as rédeas ao monge, tornando-o instável, errante, negligente e ocioso, fazendo-o circular de mosteiro em mosteiro sem se preocupar com outra coisa do que encontrar comida e bebida. Pois o espírito do monge que é presa da acídia não imagina outra coisa do que distrações deste gênero; e, a partir daí, a acídia o prende às coisas do mundo e pouco a pouco o atira às suas ocupações nocivas, até que ele decaia totalmente de sua profissão monástica.

[10,7-8] O divino Apóstolo, sabendo e desejando, como bom médico, arrancar de nós esta doença extremamente grave, mostra-nos em primeiro lugar as causas das quais ela decorre: “Nós lhes ordenamos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vocês se separem de qualquer irmão que viva na desordem e não na tradição recebida de nós. E vocês sabem, com efeito, como é preciso nos imitar, porque nunca vivemos ociosamente entre vocês, jamais comemos de graça o pão de quem quer que fosse; ao contrário, trabalhamos noite e dia, pensando até o esgotamento, para não sermos um peso para ninguém.”

[10,10] “Não que não possuíssemos este direito, mas quisemos nos tornar um exemplo vivo para vocês.”

[10,11] “Da mesma forma, enquanto estivemos entre vocês, nós lhes prescrevemos que, se alguém não trabalhar, que também não coma! Ora, ficamos sabendo que entre vocês alguns vivem ociosamente, sem nada fazer mas sempre parecendo atarefados. A estes, nós pedimos e exortamos em Jesus Cristo a que trabalhem em calma para comer um pão que seja seu.”³⁶⁷

³⁶⁸ Vejamos como o Apóstolo nos mostra com sabedoria as causas da acídia. De fato, ele chama de rebeldes aos que não trabalham; com uma única palavra, ele desvela toda a grande malícia. Pois quem é rebelde não teme a

³⁶⁴ 2 Coríntios VII, 10.

³⁶⁵ Existe aqui uma lacuna no texto da P.G. 28, 897D.

³⁶⁶ Gálatas V, 22-23.

³⁶⁷ 2 Tessalonicenses III, 6-12.

³⁶⁸ Aqui retoma o texto após a lacuna em P.G. 28,897D.

Deus, é levado por suas próprias palavras e está sempre inclinado às injúrias, sendo, portanto, incapaz de recolhimento e tornando-se escravo da acídia. O Apóstolo ordena que nos separemos destes, como nos afastamos de uma moléstia pestilenta. Ao dizer a seguir que eles não caminham “segundo a tradição recebida de nós”, ele indica que eles são orgulhosos, desdenhosos e violadores das tradições apostólicas. E, acrescenta ele, “jamais comemos de graça o pão de quem quer que fosse; ao contrário, trabalhamos noite e dia, penando até o esgotamento, para não sermos um peso para ninguém.”

[10,8] O doutor das nações, o arauto do Evangelho, aquele que foi elevado até o terceiro céu, aquele que disse que o Senhor declarou que os que preditam o Evangelho devem viver do Evangelho, ele próprio trabalha noite e dia penando até o esgotamento para não se tornar um peso para ninguém. Que faremos nós então, que sentimos desgosto pelo trabalho e não buscamos senão o bem estar do corpo? Nós não recebemos nem o encargo de anunciar o Evangelho, nem o de administrar a Igreja, mas apenas o de cuidar de nossas almas. Depois, mostrando claramente o prejuízo causado pelo ócio, ele acrescenta: “sem fazer nada e sempre parecendo atarefados”. Pois do ócio nasce a ingerência nos negócios alheios, daí a desordem e da desordem todos os males. Preparando em seguida o remédio, ele prossegue: “A estes, nos exortamos a trabalhar em calma para comer um pão que seja seu”. E depois ele declara ainda mais severamente: “Se alguém não trabalha, que também não coma!”

[10,22] Instruídos por estes mandamentos apostólicos, os santos Padres do Egito decretaram que os monges não deveriam ficar ociosos nem por um momento, sobretudo os jovens. Eles sabiam que pela perseverança no trabalho se expulsa a acídia, se ganha a subsistência e se vem em socorro dos indigentes. Com efeito, eles não trabalhavam apenas para suas necessidades, mas seu trabalho lhes dava o suficiente para amparar os estrangeiros, os pobres e os prisioneiros. Eles estavam persuadidos de que esta benemerência era uma santa oferenda agradável a Deus. E os Padres diziam o seguinte: quem trabalha luta contra um demônio e é atormentado por ele; mas quem é ocioso está sujeito a milhares de demônios.

[10,25] Por outro lado, é bom lembrar as palavras que o abade Moisés, o mais experiente dentre os Padres, me disse pessoalmente. Naquela ocasião eu me encontrava há pouco tempo no deserto e fui tomado pela acídia. Fui procurá-

lo para dizer que, na véspera, eu estivera muito atormentado pela acídia e, no fim das forças, só consegui libertar-me dela procurando o abade Paulo. Então o abade Moisés me respondeu: “Na verdade, você não se libertou, mas escravizou-se ainda mais. Saiba então que este demônio o atacará com mais força ainda como desertor, a menos que você se dedique a vencê-lo pela perseverança, a prece e o trabalho manual.”

Da vanglória

7. [11,1-3] Nosso sétimo combate é contra o espírito de vanglória, paixão que se reveste de diversas formas e que é muito sutil. Mesmo os mais experientes não conseguem dominá-la facilmente. De fato, os ataques das outras paixões são mais manifestos e podemos combatê-los com certa facilidade, pois a alma reconhece o inimigo e o afasta rapidamente pela réplica da oração. Mas a malícia da vanglória, revestindo-se de numerosas formas, como dissemos, é difícil de combater. Com efeito, ela se mostra em todas as ocupações, [nas roupas, no modo de andar], na voz, na palavra, no silêncio, na ação e na vigília, nos jejuns, na prece, na leitura, no recolhimento e na paciência. Em tudo isso, ela se esforça por ferir o soldado de Cristo.

[11,4] Aquele a quem a vanglória não consegue enganar com a suntuosidade das vestimentas, ela busca tentar com um vil uniforme. Aquele a quem ela não conseguiu abater com as honrarias, ela tenta empurrar para o orgulho de suportar a desonra. Aquele a quem ela não conseguiu bajular pela arte das palavras, ela busca seduzir com um silêncio que se faz passar por recolhimento. A quem ela não conseguiu convencer de se glorificar por um bom regime alimentar, ela atrai com um jejum feito para ser louvado. Numa palavra, qualquer obra, qualquer ocupação fornece a este mau demônio uma ocasião para atacar.

[11,14] Ademais, ele sugere também ao monge imaginar-se nas altas patentes clericais.

[11,6] Lembro-me de um ancião, quando eu morava em Sceta. Dirigindo-se à cela de um irmão para visitá-lo, ao aproximar-se da porta, ouviu alguém falando no interior. Pensando tratar-se de alguma passagem da Escritura, ele parou para escutar. Ele então percebeu que o irmão era presa da vanglória,

que ele imaginava ser diácono e acabava de despachar alguns catecúmenos. Após ouvir isto, ele bateu à porta e entrou. O irmão veio ao seu encontro, saudou-o segundo o costume e lhe perguntou se ele estava há muito tempo diante da porta. O ancião lhe respondeu calmamente: “Eu cheguei bem no momento em que você despachava os catecúmenos”. Diante destas palavras, o irmão caiu aos pés do ancião pedindo-lhe que rezasse por ele, a fim de que fosse libertado da ilusão.

[11,17] Lembrei-me deste acontecimento para demonstrar a que ponto de inconsciência este demônio consegue levar o homem.

[11,19] Aquele que quiser combater à perfeição e conquistar a coroa da justiça deve se esforçar por todos os meios para vencer esta besta multiforme, tendo sempre em mente as palavras de Davi: “O Senhor reduzirá a pó os ossos dos que seduzem os homens³⁶⁹”. Que ele não faça nada pelo desejo de ser louvado pelos homens, mas busque seu salário apenas diante de Deus e, sempre rejeitando os pensamentos bajuladores que surgem em seu coração, desdenhe de si mesmo em presença de Deus. Assim ele poderá, com a graça de Deus, ser libertado do espírito da vanglória.

Do orgulho

8. [12,1] Nosso oitavo combate será contra o espírito do orgulho. Ele é mais terrível e mais cruel do que todos os precedentes, atacando sobretudo os perfeitos e esforçando-se por derrubar aqueles que estão quase alcançando o cume das virtudes.

[12,3] Tal como uma doença infecciosa e fatal que destrói não um membro mas o corpo inteiro, também o orgulho não destrói uma parte, mas a alma inteira. Cada um dos outros vícios, mesmo perturbando a alma, atacam apenas a virtude que lhes é oposta tentando vencê-la; eles não visam nem perturbam a alma como um todo. Somente o vício do orgulho a obscurece totalmente e a leva à ruína completa. Para melhor captar o que quero dizer lembremos que a gula se contrapõe à temperança, a prostituição à castidade, a avareza ao despojamento, a cólera à mansidão, e as demais espécies de

malícias às suas virtudes contrárias. Mas a malícia do orgulho, quando se apodera da infeliz alma, como o mais feroz dos tiranos que toma uma grande cidade elevada, a destrói inteiramente e a arrasa até as suas fundações.

[12,4] Testemunho disto é este anjo caído do céu por seu orgulho: ele, que havia sido criado por Deus e dotado de toda a virtude e sabedoria, não quis atribuir a graça ao Senhor, mas à sua própria natureza. Por isso ele se considerou igual a Deus. É esta pretensão que o Profeta reprova quando declara: “Você disse em seu coração: ‘Eu me sentarei sobre uma montanha elevada, colocarei meu trono sobre as nuvens e serei semelhante ao Altíssimo’. Mas você é um homem, não um Deus.³⁷⁰” Outro profeta disse: “Porque você se glorifica no mal?³⁷¹”, e o resto do Salmo: “Você está o dia todo planejando ciladas; sua língua é navalha afiada, autora de fraudes. Você prefere o mal, e não o bem, a mentira, e não a franqueza. Você gosta de palavras corrosivas, ó língua fraudulenta. Por isso Deus destruirá você para sempre, o abaterá e o varrerá da sua tenda; arrancará suas raízes do solo fértil. Os justos verão isso e temerão, e rirão à custa dele, dizendo: Eis o homem que não colocou Deus como sua fortaleza. Confiou em sua grande riqueza e se fortaleceu com ciladas!³⁷²”

[12,9] Sabendo disso, enchamo-nos de temor e com toda vigilância guardemos nosso coração isento do espírito fatal do orgulho, repetindo-nos sempre as palavras do Apóstolo, quando houvermos adquirido esta virtude: “Não eu, mas a graça de Deus em mim³⁷³”, e também as palavras do Senhor: “Sem mim vocês nada podem³⁷⁴”, assim como as do Profeta: “Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os construtores³⁷⁵”, e: “Isto não depende da vontade nem do esforço do homem, mas da misericórdia de Deus³⁷⁶”.

[12,10] Com efeito, qualquer que seja o fervor de seu zelo e o ardor de seu

³⁶⁹ *Salmo* LII, 5.

³⁷⁰ *Isaías* XIV, 13.

³⁷¹ *Salmo* LI, 3.

³⁷² *Salmo* LI, 4-9.

³⁷³ *1 Coríntios* XV, 10.

³⁷⁴ *João* XV, 5.

³⁷⁵ *Salmo* CXXVI, 1.

³⁷⁶ *Romanos* IX, 16.

desejo, aquele que está ligado à carne e ao sangue não poderá atingir a perfeição a não ser pela misericórdia e a graça de Cristo. Como diz são Tiago, “todo dom excelente vem do alto³⁷⁷”, e o apóstolo Paulo: “O que você possui que não tenha recebido? E se você recebeu, porque glorificar-se como se não tivesse recebido³⁷⁸”, e vangloriar-se dos dons de outro como se fossem seus?

[12,11] Que a salvação nos chega pela graça e a misericórdia de Deus³⁷⁹, é testemunha este lutador que não recebeu o reino dos céus como recompensa pela virtude, mas pela graça e misericórdia de Deus.

[Cf. 12,31-33] Sabendo disso, nossos Pais nos transmitiram este ditame, de que não é possível atingir a perfeição da virtude de outro modo que não a humildade, a qual decorre naturalmente da fé, do temor a Deus, da doçura e do total despojamento. Obtém-se assim a caridade perfeita pela graça e a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, glória lhe seja dada por todos os séculos. Amém.

³⁷⁷ *Tiago I, 17.*

³⁷⁸ *1 Coríntios IV, 7.*

³⁷⁹ *Cf. Lucas XXIII, 43.*

DO MESMO CASSIANO AO HIGOUMENO LEÔNCIO
DISCURSO CHEIO DE BENEFÍCIO ESPIRITUAL
SOBRE OS PADRES DE SCETA E O DISCERNIMENTO
DO MESMO CASSIANO AO HIGOUMENO LEÔNCIO
DISCURSO CHEIO DE BENEFÍCIO ESPIRITUAL
SOBRE OS PADRES DE SCETA E O DISCERNIMENTO

[Pref.] Decidi cumprir agora com a promessa feita ao bem-aventurado bispo Castor a respeito da vida dos santos Padres e de seus ensinamentos, que já quitei parcialmente quando lhe escrevi e enviei, ó santo Leônicio, alguma coisa quanto à forma de vida cenobítica e os oito principais pensamentos viciosos. Tendo notícia de que este bem-aventurado pontífice nos deixou para ir-se a Cristo, pensei em endereçar-lhe, a você que herdou sua virtude e os cuidados de seu mosteiro, o restante de meu relato.

[1,1] Nós nos dirigimos ao deserto de Sceta aonde se encontravam os Padres mais renomados, eu e o santo abade Germano, a quem me ligava um amizade vinda desde a escola, a milícia e a vida monástica. Lá encontramos o abade Moisés, homem santo, que se distinguia não apenas pelas virtudes ascéticas, mas também pela contemplação, Nós lhe pedimos com lágrimas um sermão edificante por meio do qual pudéssemos atingir a perfeição. Depois de muitas preces, ele disse:

[1,2] “Meus filhos, todas as virtudes e ocupações têm um só objetivo: aqueles que mantêm os olhos fixos neste objetivo, em tudo conformando-se a ele, obterão o fim desejado. O trabalhador, por exemplo, suportando tanto o calor do sol como o frio do inverno, trabalha a terra com zelo; ele quer desembaraçar a terra dos espinheiros e das ervas daninhas, mas o fim que ele persegue é a colheita dos frutos. Da mesma forma, aquele que se dedica ao comércio, enfrentando os perigos marítimos e terrestres, dedica-se com ardor aos seus negócios, tendo em vista o ganho que obterá; o fim, para ele, será usufruir deste ganho. E também o soldado não teme nem os perigos do combate nem as misérias do exílio, tendo por objetivo subir na carreira impulsionado por sua coragem; seu fim são as honras que receberá.”

Também nossa profissão tem seu objetivo e seu fim específico, pelo qual nós suportamos voluntariamente todos os trabalhos e fadigas. É por isso que a

fome dos jejuns não nos cansa; a fadiga das vigílias se torna um prazer; a leitura e a meditação das Escrituras são feitas de bom coração. As penas do trabalho, a obediência, a privação de todas as coisas terrestres e a vida neste deserto são facilmente assumidas. Vocês mesmos, desprezaram pátria, família e todos os prazeres do mundo para partir para longe e vir até nós que não passamos de rústicos e ignorantes. Digam-me: qual é o seu objetivo? Que fim vocês perseguem ao fazer isto?

[1,3] Nós lhe respondemos: “Pelo reino dos céus”.

[1,4] Então o abade Moisés falou: “Muito bem, vocês me indicaram o fim. Mas o objetivo que devemos ter em vista, sem nos afastarmos da via reta, para obter o reino dos céus, isto vocês não disseram”. Depois que confessamos nossa ignorância, o ancião retomou a palavra:

“O fim da nossa profissão é, realmente, como vocês disseram, o reino de Deus; mas o objetivo, é a pureza do coração, sem a qual é impossível alcançar este fim. Então, que nosso intelecto esteja sempre orientado para este objetivo. Mesmo que aconteça às vezes do coração se afastar da via direita, é preciso reconduzi-lo imediatamente, nos orientando para este objetivo por meio de uma regra.”

[1,5] Sabedor disto, o bem-aventurado apóstolo Paulo disse: “esquecendo-me do que fica para trás avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo³⁸⁰”. É em vista deste objetivo que devemos, também nós, tudo fazer. É em vista deste objetivo que desdenhamos tudo, pátria, família, riquezas e o mundo inteiro, a fim de adquirir a pureza do coração. E, se esquecermos este objetivo, é inevitável que, caminhando nas trevas e deixando a via reta, façamos inúmeras voltas e desvios.

[1,6] É o que aconteceu a muitos que, no começo de sua renúncia, desprezaram a riqueza, os bens e o mundo inteiro, mas se deixavam tomar de cólera e furor por uma foice, uma agulha, uma pena ou um livro. Eles não precisariam passar por isso, se se lembrassem do objetivo pelo qual desprezaram aquelas coisas. É de fato por amor ao próximo que desprezamos

a riqueza, para não entrar em querelas a respeito e perdermos a caridade dando lugar à cólera. Então, se por bagatelas manifestamos irritação contra um irmão, afastamo-nos do objetivo e não tiramos nenhum benefício de nossa renúncia. É por isso que o Apóstolo dizia: “Mesmo que eu atire meu corpo ao fogo, se não for pelo amor, isto de nada servirá³⁸¹”. Aprendemos assim que não se atinge a perfeição de uma só vez pelo despojamento e pela renúncia às coisas, mas pelo crescimento do amor, cujas características o Apóstolo descreve: “O amor, diz ele, não tem inveja, não se enche de orgulho, não se irrita, não denigre, não faz nada que seja frívolo, jamais pensa o mal³⁸²”. Tudo isto assegura a pureza do coração.

[1,7] É por ela que tudo deve ser feito: desprezar os bens terrestres, sofrer com facilidade os jejuns, dedicar-se à leitura e à salmódia. Não quer dizer que a negligenciemos, se, por qualquer necessidade ou por algum assunto de Deus, sejamos impedidos de fazer o jejum e a leitura habitual. Porque menos se ganha com o jejum do que se perde com a cólera, e o benefício de uma leitura não iguala o dano produzido se desprezarmos ou contristarmos nossos irmãos. Com efeito, como eu disse, nem os jejuns, nem as vigílias, nem a meditação das Escrituras, nem o despojamento das riquezas, nem a renúncia ao mundo constituem a perfeição, mas instrumentos da perfeição. E como a perfeição não se encontra nestas práticas, mas vem por meio delas, é em vão que glorificamos o jejum, a vigília, a pobreza e a leitura das Escrituras se não observamos o amor a Deus e ao próximo. Pois quem tem amor tem Deus em si, e seu intelecto estará sempre com Deus.

[1,12] Diante dessas palavras, Germano disse: “Que homem, ligado a esta carne, pode ter o intelecto sempre em Deus, sem jamais pensar em outra coisa? Não existem doentes a visitar? Hóspedes a receber? E o trabalho manual e as outras necessidades que são indispensáveis e que o corpo exige? Finalmente, como pode a razão do homem ver sempre a este Deus invisível e incompreensível e nunca se afastar dele?”

[1,13] Moisés respondeu: “Ver sempre a Deus e jamais afastar-se dele, da maneira como você diz, sim, isto é impossível ao homem revestido de carne e ligado à fragilidade. Mas de uma outra maneira, é possível ver a Deus.”

³⁸¹ 1 Coríntios XIII, 3.
³⁸² 1 Coríntios XIII, 4-5.

[1,15] Com efeito, a contemplação de Deus pode ser entendida e encarada de muitas maneiras. Pois Deus não pode ser conhecido apenas em sua essência bem-aventurada e incompreensível, o que está reservado aos santos do século futuro, mas ele pode ser conhecido também a partir da grandeza e da beleza de suas criaturas, de seu governo e de sua providência que se exercem a cada dia, de sua justiça e de suas maravilhas que ele revela aos santos de geração em geração. Quando pensamos na imensidão de seu poder e na continuidade de seu olhar ao qual não podem se esconder os segredos do coração nem nenhum outro, como o coração cheio de temor, nós o admiramos e adoramos. Quando imaginamos que ele conhece o número de gotas de água e de grãos de areia do mar³⁸³, e dos astros no céu, ficamos estupefatos diante da grandeza de sua natureza e de sua sabedoria. Quando refletimos em sua sabedoria inefável e indescritível, na bondade e na paciência incansável com que ele suporta as faltas sem número dos pecadores, nós lhe rendemos graças. Quando pensamos no grande amor que ele nos demonstra, sem nenhum mérito de nossa parte, ao se fazer homem, ele que era Deus, para nos salvar de nossa perdição, somos levados a aspirar por ele. Quando consideramos que após termos vencido em nós nosso adversário o diabo, como prêmio pelo simples assentimento de nossa boa vontade, ele nos gratifica com a vida eterna, nós nos prosternamos diante dele. E existem ainda inumeráveis considerações que nascem em nós na medida de nossa conduta e conforme o grau de nossa pureza, pelas quais Deus pode ser visto e conhecido.

[1,16] Então Germano colocou uma nova questão: “Como é possível que frequentemente, contra nossa vontade, muitas idéias e maus pensamentos nos assaltem e nos enganem quase sem que percebamos, introduzindo-se em nós discreta e furtivamente, de tal sorte que é muito difícil, não apenas impedir a sua entrada, mas até reconhecê-los? Também queremos saber se é possível que nosso pensamento seja completamente libertado e não se perturbe mais?”

[1,17] “É impossível, respondeu Moisés, que o pensamento não seja perturbado por tais idéias, mas é permitido a qualquer um acolhê-los e deter-se neles ou rejeitá-los. Pois sua chegada não depende de nós, mas está em noso poder afastá-los, e a retificação de nosso pensamento dependem de nosa vontade e de nosso zelo. Se meditarmos atenta e continuamente na lei de

³⁸³ Jó, XXXVI, 27.

Deus, se nos dedicarmos ao canto dos salmos e dos hinos, se não cessarmos de praticar os jejuns e as vigílias, se nos lembrarmos constantemente do reino dos céus, da geena de fogo e de todas as obras de Deus, os maus pensamentos cederão e não encontrarão lugar em nós. Mas se, ao contrário, nos dedicamos às coisas do mundo e às coisas carnis, se nos dedicamos a propósitos frívolos e inúteis, os baixos pensamentos se multiplicarão em nós.”

[1,18] Assim como um moinho de água não pode ser detido, mas está no poder do moleiro moer trigo ou cevada, também nosso pensamento, sendo móvel, não pode permanecer vazio de idéias, mas cabe a nós fornecer-lhe uma meditação espiritual ou uma ocupação carnal.

[1,23] O ancião, vendo-nos cheios de admiração e animados por um insaciável ardor por suas palavras, calou-se por um instante, depois retomou:

“Como sua sede me fez prolongar este discurso e mesmo assim vocês permanecem ávidos da doutrina da perfeição, eu vou lhes falar da excelência da virtude do discernimento que, dentre todas, é a cidadela e a rainha. E eu lhes mostrarei sua preeminência, sua grandeza e sua utilidade não apenas por palavras, mas pelos antigos oráculos dos Padres, com a graça do Senhor que inspira aqueles que falam segundo o mérito e o desejo dos que escutam.”

[2,1] De fato, a virtude do discernimento não é pequena, ao contrário, ela é contada entre os mais nobres carismas do Espírito Santo, do qual diz o Apóstolo: “A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a um terceiro, a fé, no mesmo Espírito; a outro, o carisma das curas; a um quinto, o discernimento dos espíritos.”³⁸⁴ Logo, após terminar a lista dos carismas, ele acrescenta: “Tudo isto é produzido por um só e mesmo Espírito”³⁸⁵.

Como vocês vêem, o dom do discernimento não é nem terrestre nem pequeno, mas um grande presente da graça divina. Se o monge não puser todos os seus esforços e seu zelo em obter e adquirir o discernimento seguro dos espíritos que lhe sobrevêm, segue-se forçosamente que, como alguém perdido na noite, não apenas ele cairá nos horríveis precipícios, mas

³⁸⁴ 1 Coríntios XII, 8-9.

³⁸⁵ 1 Coríntios XII, 10.

estrebuchará até nos caminhos retos e planos.

[2,2] Isto me lembra quando, nos meus anos de juventude. Eu me encontrava na região de Tebaida, aonde vivia o bem-aventurado Antônio. Alguns anciãos, reunidos com ele, se perguntavam sobre qual seria a virtude mais perfeita, qual dentre todas poderia melhor proteger o monge ao abrigo das armadilhas e das ilusões do diabo. Cada qual emitia sua opinião, segundo a concepção de seu pensamento. Uns diziam ser o jejum e a vigília, pois, pela sua observação, o pensamento, tornado mais leve e puro, pode se aproximar de Deus mais facilmente. Outros pensavam ser o despojamento e o desprezo por todas as coisas pessoais, na medida em que o pensamento, liberado dos múltiplos laços das preocupações do mundo, pode se aproximar de Deus com mais comodidade. Outros ainda julgavam ser a virtude da esmola, porque o Senhor disse no Evangelho: “Venham, benditos de meu Pai, entrem na posse do reino que lhes foi reservado desde a origem do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer”³⁸⁶, etc.

É assim que cada um dava sua opinião sobre as diferentes virtudes pelas quais o homem poderia se aproximar cada vez mais de Deus, e a maior parte da noite passou-se nesta pesquisa. O último de todos, o bem-aventurado Antônio, tomou a palavra: “Todas essas práticas de que vocês falaram são certamente necessárias e úteis aos que buscam a Deus e aspiram alcançá-lo. Mas não me parece que devamos dar o primeiro prêmio a essas virtudes, pois todos conhecemos muitos que se extenuaram em jejuns e vigílias, que se retiraram para o deserto, que levaram o despojamento ao ponto de não reservarem sequer o alimento cotidiano, que praticaram a esmola até distribuir tudo o que tinham e, depois disso tudo, caíram miseravelmente da virtude e escorregaram para o mal. O que os fez se desviarem da via reta? Não foi outra coisa, segundo meu sentimento e minha opinião, do que a falta de discernimento. Pois é o discernimento que ensina o homem a caminhar sobre a via real mantendo-se à distância de dois excessos: ele impede de se perder à direita por uma temperança exagerada e de se deixar levar à esquerda pela negligência e o relaxamento.”

O discernimento é, com efeito, como que o olho e a lâmpada da alma, segundo estas palavras do Evangelho: “A lâmpada do corpo é o olho. Se seu

³⁸⁶ Mateus XXV, 34-35.

olho for puro, todo seu corpo será luminoso; mas se seu olho é tenebroso, todo seu corpo será tenebroso³⁸⁷. O discernimento examina todas as idéias e ações do homem, rejeita e dispensa o que é mau e o que desagrada a Deus, protegendo-nos assim da perdição.

[2,3] Podemos também aprender essas coisas pelos relatos das santas Escrituras. Pois Saul, o primeiro a receber a realeza em Israel, não possuía o olhar do discernimento, e por isso seu pensamento estava obscurecido e não conseguia discernir se era mais agradável a Deus oferecer um sacrifício ou obedecer ao mandamento do profeta Samuel. Quando ele pensava estar honrando a Deus, na verdade ofendeu-o e perdeu a realeza³⁸⁸.

É também o discernimento que o Apóstolo chama de “sol” quando diz: “Que o sol não se ponha sobre a sua cólera”. Podemos vê-lo também como o leme de nossas vidas, segundo o que está escrito: “Aqueles que não têm direção caem como as folhas³⁸⁹”. A Escritura também o designa como prudência, sem a qual nos é proibido fazer seja lá o que for, até mesmo beber o vinho espiritual que alegra o coração do homem³⁹⁰, conforme as palavras: “Beba o vinho com prudência³⁹¹”. E também é dito: “Uma cidadela com as muralhas derrubadas e sem defesa, assim é o homem que faz qualquer coisa sem prudência.³⁹²” No discernimento cresce a sabedoria, o intelecto e o juízo, sem os quais não podemos construir nossa moradia interior nem juntar as riquezas espirituais, conforme as palavras: “É pela sabedoria que uma casa se ergue e pelo intelecto que ela se torna firme, pelo juízo que seus cofres se enchem de riquezas.³⁹³” Ela é o alimento sólido dos homens feitos, cujo senso é exercitado pelo hábito de discernir o bem do mal³⁹⁴. Todos esses textos mostram claramente que, sem o carisma do discernimento, uma virtude não consegue se estabelecer nem permanecer firme até o fim, pois é o discernimento que engendra e protege todas as virtudes.

³⁸⁷ *Mateus VI, 22-23.*

³⁸⁸ *Cf. 1 Samuel XV, 17-23.*

³⁸⁹ *Provérbios XI, 14.*

³⁹⁰ *Cf. Salmo CIII, 15.*

³⁹¹ *Provérbios XXXI, 3.*

³⁹² *Provérbios XXV, 28.*

³⁹³ *Provérbios XXIV, 3-4.*

³⁹⁴ *Hebreus V, 14.*

[2,5] Todos os Padres concordaram com esta opinião e este julgamento de Antônio. E podemos confirmar a sentença de santo Antônio por exemplos recentes acontecidos em nosso tempo. Vocês se lembram da miserável queda do velho Heron, que aconteceu a poucos dias debaixo de nosso olhos: de que maneira, pela ilusão do diabo, ele se atirou do alto de sua prática virtuosa para as goelas da morte. Nós nos lembramos, com efeito, que ele passou cinquenta anos no deserto próximo daqui, vivendo numa grande austeridade e numa severa temperança, buscando e procurando mais do que todos os lugares mais desertos e solitários. E depois de tantas penas e lutas, tornado juguete do diabo, ele se deixou escorregar para o abismo e lançou num luto inconsolável todos os Padres e irmãos deste deserto. Ele não teria sofrido isto se tivesse observado a virtude do discernimento, ele que aprendera a não se fiar no seu próprio julgamento, mas no conselho dos Padres e dos irmãos. Pois foi seguindo seu próprio julgamento que ele prolongou seu jejum e seu isolamento até durante os festejos da santa Páscoa, não aceitando encontrar os Padres e os irmãos na igreja para comer com eles, pois seria constrangido a tomar sua parcela de legumes ou de algum outro alimento apresentado à mesa e assim pareceria ter renunciado a seu propósito e à sua regra. Por longo tempo separado dos demais por sua própria vontade, ele recebeu o anjo de Satanás e o venerou como se fosse um anjo de luz³⁹⁵. Este lhe ordenou que se atirasse no meio da noite dentro de um poço profundo para que soubesse pela própria experiência que ele daí por diante estava protegido de todos os perigos por sua grande virtude e seu perseverante trabalho por Deus. Não discernindo mais em seu pensamento o inspirador deste desígnio, com o espírito entenebrecido, ele se atirou em plena noite no poço. Pouco depois os irmãos se deram conta do acontecido e resgataram-no com muito trabalho, já semimorto. Dois dias depois ele expirou, deixando os irmãos e o abade Paphnúcio num luto inconsolável. Este, movido por sua grande bondade e lembrando-se dos numerosos trabalhos e de tantos anos que o ancião passara no deserto, não o separou da lembrança e da oferenda que fazemos para todos os defuntos, a fim de que ele não fosse contado entre os suicidas.

[2,6] E que dizer destes dois irmãos que habitavam para além do deserto de Tebaida, lá aonde o bem-aventurado Antônio havia residido, e que, levados pela falta de discernimento, decidiram-se a marchar para o interior do deserto,

³⁹⁵

Cf. 2 Coríntios XI, 14.

imenso e estéril, sem receber alimento dos homens, mas contentando-se apenas com aquilo que o Senhor lhes fornecesse milagrosamente? Perdidos no deserto e morrendo de fome, eles foram vistos de longe pelos Maziques. Este povo é o mais selvagem e cruel de todos quantos existem. Mas mudando, pela providência divina, sua selvageria e crueldade em benevolência, eles foram ao encontro dos irmãos com pães. Um deles, inspirado pelo discernimento, recebeu os pães com alegria e reconhecimento, dizendo para si mesmo que se homens tão cruéis e selvagens, que tinham prazer em derramar sangue, foram movidos pela compaixão diante de seu esgotamento e lhes ministraram alimento, isto só poderia ser por impulsão divina. Mas o outro, recusando o alimento oferecido por homens e permanecendo provado de discernimento, morreu de fome. Todos os dois, de início, haviam tomado uma decisão errônea, partindo de uma opinião irracional e funesta. Entretanto o primeiro, lembrando-se do discernimento, fez bem em renunciar ao seu propósito temerário e imprudente. O segundo, ao contrário, obstinado em sua tola presunção e em sua falta de discernimento, entregou-se à morte da qual Deus tentara desviá-lo.

[2,7] Que dizer ainda deste outro, que não nomearei porque vive ainda? Ele acolheu por inúmeras vezes o demônio como se fosse um anjo, recebendo dele revelações e vendo brilhar continuamente em sua cela a luz de uma lâmpada. Finalmente, ele recebeu do anjo a ordem de imolar a Deus em sacrifício seu filho que habitava com ele no mesmo mosteiro, para compartilhar do mérito de Abraão. Esta sugestão o iludiu de tal maneira que ele teria matado o próprio filho se este, vendo-o afiar seu cutelo de forma inusitada e preparar as cordas com as quais iria amarrá-lo como vítima, não tivesse assegurado sua salvação pela fuga.

[2,8] Para terminar contarei ainda a ilusão daquele monge da Mesopotâmia que praticava uma extrema temperança, recluso por anos a fio em sua cela, e que, finalmente, enganado por revelações e sonhos diabólicos que depois de anos de trabalho e virtudes que o haviam elevado acima de todos os monges da região, converteu-se ao judaísmo e se fez circuncidar. Para enganá-lo, o diabo lhe mostrou em diversas ocasiões verdadeiras visões, a fim de torná-lo mais disposto a crer nas falsidades que ele lhe iria apresentar. Ele lhe mostrou então, numa noite, de um lado o povo cristão com os apóstolos e os mártires como tenebrosos e cheios de vergonha, mergulhados na tristeza e no luto; e de outro lado o povo judeu, com Moisés e os profetas, irradiando uma luz

deslumbrante e vivendo na alegria e na felicidade. O sedutor lhe propôs, caso quisesse partilhar da alegria e da beatitude do povo judeu, que se fizesse circuncidar. E assim iludido, o monge se fez circuncidar. É evidente que, de todos estes monges, nenhum teria sucumbido tão triste e miseravelmente à ilusão, se possuíssem o carisma do discernimento.

[2,9] Neste momento, Germano disse: “Tanto os exemplo recentes como as sentenças dos antigos Padres mostram suficientemente que o discernimento é a fonte, a raiz, a cabeça e a ligação de todas as virtudes. Mas como podemos adquiri-la, é o que queremos saber: como reconhecer o verdadeiro discernimento que vem de Deus daquele que é falso, enganador e diabólico?”

[2,10] Então o abade Moisés respondeu: “O verdadeiro discernimento só é dado, ao preço de uma verdadeira humildade, a quem revela aos Padres não apenas suas ações, mas também seus pensamentos, e que jamais confia em seu próprio senso, mas segue em tudo as palavras dos antigos, só considerando como bom o que foi aprovado por eles. Esta prática não só permite ao monge permanecer sem prejuízo no caminho reto através do verdadeiro discernimento, mas o protege ao abrigo de todas as armadilhas do diabo. De fato, é impossível a alguém que regrou sua vida sobre os conselhos e a opinião dos que o antecederam, cair na ilusão dos demônios. Pois mesmo antes de obter o carisma do discernimento, o fato de manifestar e confessar aos Padres os maus pensamentos, faz com que estes se consumam e percam toda a força. Assim como uma serpente que é levada das profundezas de seu antro tenebroso até a luz apressa-se em fugir e desaparecer, também os pensamentos perversos, postos à luz pelo excelente reconhecimento da confissão, apressam-se em se afastar do homem. A fim de que vocês aprendam mais facilmente esta virtude por meio de um exemplo, eu lhes contarei um fato que o próprio abade Serapião contava àqueles que o vinham ver, para colocá-los em guarda.”

[2,11] Eis o que ele dizia: Quando eu era jovem, eu morava com meu abade. Quando levantávamos da mesa após o repasto, por ação do demônio, eu roubava um pão para comê-lo depois, sem que o abade soubesse. Tendo feito isto por muito tempo, chegou um momento em que eu não mais dominava esta paixão; minha consciência me condenava, mas eu tinha vergonha de contar ao ancião. Por uma disposição da bondade de Deus, aconteceu de alguns irmãos virem ver o ancião para sua edificação e eles o interrogaram

sobre seus pensamentos. O ancião lhes respondeu: Nada prejudica mais os monges, nada alegra mais os demônios, do que esconder os pensamentos dos pais espirituais. E ele lhes falou da temperança. Ao ouvir estas palavras, eu caí em mim e pensei que Deus havia revelado minhas faltas ao ancião; movido pela compunção, comecei a chorar e tirei da algibeira o pão que havia roubado conforme meu mau hábito. Atirando-me por terra, pedi perdão aos que me rodeavam e solicitei suas orações para não cair novamente no futuro. Então o ancião disse: “Sem que eu tivesse dito uma só palavra, sua confissão o libertou, e você estrangulou este demônio que o feria graças ao seu silêncio ao revelar os segredos de seu coração. Até o presente, você o fizera seu mestre, por não contrapor-se a ele nem denunciá-lo; agora ele não terá mais lugar em você, pois você o expulsou do seu coração em pleno dia.” Mal ele acabara de falar e a potência demoníaca apareceu como uma lâmpada de fogo saindo de meu peito e enchendo o ambiente com um odor infecto, de tal modo que os presentes acharam que o que queimava era uma porção de enxofre.

Então o ancião retomou a palavra: “Agora o Senhor demonstrou com este sinal a verdade das minhas palavras e da sua libertação”. Foi assim que a confissão expulsou de mim o vício da gulodice e esta ação diabólica, a tal ponto que nunca mais eu tive complacência para com este desejo.

Dessas palavras do abade Serapião, aprendemos que não iremos obter o carisma do discernimento senão fiando-nos não nos critérios de nosso próprio pensamento, mas no ensinamento e no exemplo dos Padres. Pois não existe caminho mais fácil para o diabo precipitar o monge no abismo do que persuadindo-o a rejeitar as lições dos Padres e a confiar em seu próprio julgamento e em sua vontade própria. Se considerarmos o exemplo das artes e das ciências humanas, vemos realmente que é impossível adquiri-las por nós mesmos, utilizando-nos apenas de nossas mãos, olhos e ouvidos: temos necessidade de um mestre e de uma regra. Que loucura, então, imaginar que não precisamos de mestre para a prender a arte espiritual, que é a mais difícil de todas! Ela é, com efeito, invisível, escondida e percebida apenas pela pureza do coração, e nesta arte o fracasso não conduz apenas a um prejuízo temporário, mas à perda da alma e à morte eterna.

[2,12] “Parece-me, disse Germano, que habitualmente, uma causa da vergonha e um pretexto a uma piedade nociva vêm do fato de que muitas vezes certos Padres que ouvem os pensamentos dos irmãos não apenas não os

curam como ainda os condenam e os levam ao desespero, fato que aconteceu na Síria, como todos sabemos. Um irmão foi revelar seus pensamentos a um ancião de lá com toda a simplicidade e verdade, revelando sem falsa vergonha os segredos de seu coração; o ancião, ao ouvi-lo, começou a se indignar e a levantar-se contra ele, repreendendo-o por ter tido tais maus pensamentos, a tal ponto que o irmão, tendo ouvido tudo, deixou de manifestar seus pensamentos aos anciãos.”

[2,13] O abade Moisés respondeu então: “É bom, como eu disse, não esconder os pensamentos dos Padres, mas não a qualquer um. É preciso revelá-los a anciãos espirituais que tenham discernimento, não àqueles cujos cabelos embranqueceram com o tempo. Com efeito, muitos, iludidos pela idade e revelando seus pensamentos, caíram no desespero por causa da inexperiência dos que os ouviram.”

Havia, com efeito, um irmão muito fervoroso que era violentamente atormentado pelo demônio da prostituição. Ele foi procurar um ancião e lhe revelou seus pensamentos. Este, que era inexperiente, indignou-se ouvindo-o e o tratou como um miserável e indigno do hábito monástico por ter tido tais pensamentos. Ao ouvir estas coisas, o irmão caiu em desespero, e, abandonando sua cela, retornou ao mundo. Mas, pela providência divina, o abade Apolo, o mais experiente dos anciãos, o encontrou e, vendo-o perturbado e abatido, perguntou-lhe: “Meu filho, qual é a causa de tamanha tristeza?” Primeiro o irmão nada respondeu, tal era seu desencorajamento. Longamente instado pelo ancião, ele acabou por dizer o que era: “Certos pensamentos me atormentavam freqüentemente e eu fui confessá-los a tal ancião, e pelo que ele me disse, não tenho mais esperança de salvação. Desencorajado, preferi voltar para o mundo.” Ao ouvir isto, a padre Apolo o consolou e animou, dizendo: “Não fique transtornado, meu filho, nem perca a esperança. Pois até eu, com minha idade e meus cabelos grisalhos, continuo muito atormentado por esses pensamentos. Não se inquiete com esta febre, não será tanto o esforço humano que irá curá-la, mas a bondade de Deus. Dê-me apenas um dia e retorne para sua cela.” E assim fez o irmão.

Depois de deixá-lo, o abade Apolo foi até a cela do ancião a quem o irmão havia feito sua confissão e, ficando do lado de fora, pediu com lágrimas a Deus: “Senhor que envia as tentações para o benefício de cada um, faça passar o combate daquele irmão para este velho, para que ele aprenda com a

experiência, em sua velhice, aquilo que ele não aprendeu em tantos anos de vida: a ser compassivo com aqueles que têm contra quê lutar.”

Mal ele terminara sua prece e viu um etíope hediondo perto da cela, lançando raios contra o velho. Tendo sido atingido, logo ele começou a caminhar apressadamente em todas as direções como um homem ébrio. Incapaz de permanecer no lugar, ele deixou sua cela e dirigiu-se para o mundo pelo mesmo caminho do irmão. Vendo o que acontecia, o abade Apolo foi ao seu encontro e lhe disse: “Aonde vai você assim? Qual é a causa do transtorno que o tomou?” Dando-se conta de que seu estado era conhecido pelo santo, ele se encheu de vergonha e não dizia nada. Então o abade Apolo lhe disse: “Volte para sua cela e daqui em diante reconheça a sua fraqueza; reconheça que se até o presente você foi ignorado ou desdenhado pelo diabo, é porque você não era digno de lutar contra ele. Mais do que isto: você não conseguiu sustentar sequer um dia seu assalto. Isto aconteceu porque, ao receber um jovem irmão atacado pelo inimigo comum, ao invés de alentá-lo para o combate, você o atirou ao desespero sem levar em conta a consideração do Sábio: “Liberte os condenados à morte e resgate os que são levados ao suplício³⁹⁶”. Você tampouco se lembrou das palavras do nosso Salvador, de “não esmagar a cana quebrada, nem apagar o pavio que ainda fumeja³⁹⁷”. Pois ninguém é capaz de sustentar os ataques nem extinguir os ardores da natureza, se a graça de Deus não o proteger da fraqueza humana. Convencidos portanto da providência salutar que vela por nós, unamos nossas orações a Deus a fim de que ele o libere do castigo que lhe foi enviado. Pois “aquele que aflige é o mesmo que restaura, ele fere mas suas mãos curam³⁹⁸”; “ele rebaixa e ele ergue; ele faz morrer e faz viver; ele conduz aos infernos e de lá resgata³⁹⁹”. Ao pronunciar estas palavras, ele imediatamente liberou o ancião da combate que deveria sofrer, e o exortou a pedir a Deus uma língua que soubesse dizer a palavra certa no momento oportuno.

De tudo isto, aprendemos que não existe outro caminho de salvação que o de revelar seus pensamentos aos Padres que têm mais discernimento e deles receber a regra da virtude, antes de seguir seu próprio julgamento e seu

³⁹⁶ *Provérbios XXIV, 11.*

³⁹⁷ *Mateus XII, 20.*

³⁹⁸ *Isaías I, 4.*

³⁹⁹ *1 Samuel II, 6-7.*

próprio senso. E se acontecer de, por acaso, cairmos nas mãos de um ancião demasiado simples e sem grande experiência, esta não é uma razão para nos abstermos de revelar os pensamentos aos mais experientes dentre os Padres e de desprezar a tradição dos antigos. Pois não foi de sua própria iniciativa, mas foi de Deus e das santas Escrituras que eles transmitiram aos que vieram depois deles a prática de interrogar os antecessores.

[2,14] Podemos aprender isto a partir de muitas outras passagens da Escritura inspirada, em especial da história de Samuel⁴⁰⁰. Consagrado a Deus por sua mãe desde a sua infância e admitido a conversar com Deus, Samuel jamais confiava em seu próprio julgamento, mas, chamado por Deus uma e duas vezes, ele correu ao velho Eli e com as instruções deste pode responder a Deus adequadamente. Aquele a quem Deus considerara digno de ser chamado por ele, Deus também quis que fosse dirigido pelo exemplo e as ordens do ancião, a fim de que fosse conduzido à humildade.

[2,15] E Cristo, que havia chamado Paulo e falado com ele, poderia ter-lhe aberto os olhos logo e lhe mostrado o caminho da salvação. Mas ele o enviou a Ananias e lhe ordenou expressamente que aprendesse com ele o caminho da verdade: “Levante-se, entre na cidade e lá lhe será dito o que fazer⁴⁰¹”. Assim ele nos ensina a nos deixarmos guiar pelos que nos antecederam, para que não sejam mal interpretadas as coisas ditas de Paulo e para que elas não se tornem um exemplo de presunção para seus descendentes, cada qual pretendendo ser conduzido diretamente à verdade por Deus, quase como são Paulo, e não por intermédio dos Padres. Vemos isto claramente, não só pelo que foi dito, mas pelo que o próprio Apóstolo escreve: “voltei a Jerusalém (...) Expus a eles o Evangelho que anuncio aos pagãos, mas o expus reservadamente às pessoas mais notáveis, para não me arriscar a correr ou ter corrido em vão⁴⁰²”. E no entanto a graça do Espírito Santo caminhava ao seu lado, pelo poder dos milagres que ele fazia.

Quem será assim tão orgulhoso e tão pretensioso para ousar se fiar em seu próprio senso e julgamento, quando este vaso de eleição atesta ter tido necessidade do conselho daqueles que eram apóstolos antes dele? Fica

⁴⁰⁰ Cf. *1 Samuel, 3.*

⁴⁰¹ *Atos IX, 6.*

⁴⁰² *Gálatas II, 2.*

claramente provado com isso que o Senhor não revela a ninguém o caminho da perfeição se não for por meio dos Padres espirituais que marcham sobre a via. É como foi dito pelo Profeta: “Interrogue seu pai, e ele lhe ensinará; aos anciãos, e eles lhe dirão.”⁴⁰³

[2,16] Esforcemo-nos, portanto, com todas as nossas forças e todo nosso ardor para adquirirmos para nós o carisma do discernimento, que poderá nos guardar imunes aos dois excessos opostos. De fato, como dizem os Padres, tanto num como noutro sentido, os excessos são prejudiciais: tanto o jejum excessivo como a saciedade do ventre; as vigílias imoderadas e o exagero no sono, e assim todos os demais excessos. Nós conhecemos alguns que não foram vencidos pela gula, mas que tombaram em decorrência de jejuns exagerados, tendo então sido arrastados à mesma gula devido à fraqueza causada pelo jejum excessivo.

[2,17] Eu recordo também, de minha parte, de ter praticado tamanha abstinência que sequer me lembrava mais do desejo de comer, e depois de ter passado dois ou três dias sem comer, nem ao menos pensar em comida, a menos que algum outro monge me trouxesse. Aconteceu-me ainda que, por instigação do diabo, o sono se foi dos meus olhos, a ponto de que por noites a fio tive que suplicar ao Senhor que me concedesse um pouco de sono. Assim foi que eu me expus a um perigo muito maior pela privação excessiva de alimento e sono do que pela gula e o excesso de sono.

Com estes ensinamentos e muitos outros, o abade Moisés nos encheu de alegria, de modo que pudemos glorificar ao Senhor que deu tamanha sabedoria àqueles que temem. A ele a honra e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

MARCOS O ASCETA

DUZENTOS CAPÍTULOS SOBRE A LEI ESPIRITUAL

SOBRE OS QUE PENSAM SER JUSTIFICADOS PELAS OBRAS

CARTA AO MONGE NICOLAS

Marcos o Asceta

Nosso bem-aventurado Padre Marcos o Asceta viveu por volta do ano 430. Segundo Nicéforo Calisto, ele foi discípulo de João Crisóstomo, e contemporâneo de São Nilo e de Isidoro de Pelúsia, renomados ascetas. Dedicado à ascese e à meditação da santa Escritura, ele escreveu numerosos tratados, instrutivos e de grande ajuda. Nicéforo Calisto menciona trinta e dois tratados, que ensinam todos os caminhos da vida ascética. Porém, só oito foram conservados, citados por Calisto e Photius.

O primeiro é o tratado sobre a lei espiritual. O terceiro é o tratado sobre aqueles que pensam ser justificados pelas obras, e o oitavo é a carta ao monge Nicolas. Eles foram inseridos aqui, na medida em que são mais úteis do que os outros e na medida em que estão ligados à lei espiritual. Pedro Damasceno, Gregório de Tessalônica, Gregório o Sinaíta, Calisto o Patriarca, Paulo Evergetinos e muitos outros Padres mencionam estes textos. Eles os leram e nos convidam a lê-los.

A santa Igreja de Cristo honra e celebra a memória de Marcos o Asceta em 5 de março, lembrando seus combates ascéticos, a sabedoria dos seus escritos e a graça dos milagres que ele recebeu do alto.

*

Nada sabemos de Marcos o Asceta senão a partir das indicações contidas em sua obra. Seu próprio nome varia: Marcos o Monge nos manuscritos mais antigos, depois Marcos o Eremita no Ocidente, enfim Marcos o Asceta na antologia filocalica, nome que de certo modo corresponde ao próprio sentido de sua obra. Marcos viveu nos séculos V e VI. Mas onde? Talvez para os lados da Ásia Menor. E como? Foi ele eremita, foi hígoumeno? Sem dúvida um e outro, sucessivamente; em todo caso, seus textos mostram que ele possuía experiência nos dois estados. Mas o essencial permanece sendo seu lugar na transmissão do testemunho hesiquiasta, que é verdadeiramente fundamental. Como Diádoco de Foticeia, de quem se aproxima por seu papel de mediador entre as fontes egípcias e a expansão do monaquismo na Ásia e na Europa. Marcos o Asceta defende e ilustra a via estreita do radicalismo

evangélico. A Filocalia grega adotou três de suas obras,, justamente aquelas que significam a condição e a manutenção da ascese radical: os 200 capítulos “sobre a lei espiritual”, os 226 capítulos “sobre os que pensam ser justificados pelas obras” e a carta a Nicolas.

A lei espiritual é para Marcos uma lei de liberdade. Ela implica o conhecimento das Escrituras e a prática das virtudes, mas não poderia ser alcançada apenas pelas obras espirituais. Mesmo boas, as obras não podem conduzir a mais do que à humildade. E a humildade reclama a compaixão de Cristo. A salvação depende em última instância da graça. Assim, o monge torna-se livre, mas com uma condição, a da ascese: recusar as três paixões cardinais (o amor pelo dinheiro, pela vanglória e pelos prazeres), jamais considerar outra coisa que o Reino dos céus e o século do porvir, mantendo-se continuamente no mais baixo degrau, e jamais ligar a mínima para a importância das obras. Pois se a condição da ascese não é preenchida, sua importância é nula, ou ilusória. Aqui só importa a condição da ascese. Antes de abrir para a salvação, a lei espiritual leva ao arrependimento e permite o livre acesso ao seu umbral: a lembrança de Deus e a prece pura. Marcos não vai além.

Os 226 capítulos “sobre aqueles que pensam ser justificados pelas obras” detêm-se no mesmo umbral. A ascese é necessária. Mas sozinha ela não seria suficiente para cumprir a lei. O servidor é sempre inútil. O Reino dos céus é uma graça, diz Marcos, ele não é salário para obras. Inicialmente não recebemos de Deus mais do que a liberdade e a responsabilidade. Nem o testemunho das obras, nem mesmo a experiência da graça, colocam alguém acima dos outros – bem ao contrário. O respeito pelo outro, portanto o amor ao próximo, seja este ignorante, descrente, injusto, é a face humana do amor de Deus. A ascese não pode ser mais do que o exercício contínuo, e gratuito, da humildade e do amor. Somente uma amorosa humildade permite o estado de oração. E somente este permite o estado de graça, que Marcos define como: “Ter no coração a obra do Espírito Santo”. E ele sublinha: “Aquele que quer fazer o bem e espera disto uma recompensa, não serve a Deus mas à sua própria vontade”. Marcos prega a confiança nua.

A carta a Nicolas ilustra justamente a maneira, delicada e rigorosa, como se transmite a confiança na via monástica: de coração a coração. A mais profunda solidão (Marcos afirma mesmo estar no deserto ao escrever a carta)

se alia à mais alta fraternidade. O princípio da vocação monástica, e daí o de toda a vida cristã, é a gratidão. Tudo recebemos de Deus por pura graça, e tudo lhe devolvemos em ações de graças, para daí para frente vivermos gratuitamente, guardando-nos da ignorância, do esquecimento e da negligência, e então descer com Cristo – “observar sua humildade”, diz Marcos. E ele acrescenta: “Quem não se colocar abaixo de todos não pode se tornar um verdadeiro cristão”. Marcos não impõe nada: ele recomenda, ele aconselha. Ele diz a Nicolas: “Deixamos à sua escolha fazer o que quiser”. Nenhum poder existe, exceto o do amor: a regra de ouro da transmissão hesiquiasta.

Marcos é aqui um testemunho da via estreita. Ele combate em duas frentes: à esquerda, todas as faltas que desagregam e desarticulam a união entre a alma e o corpo; e à direita, a ostentação. Sobretudo, como Diádoco, ele previne contra os transbordamentos de um testemunho que, se buscasse e pregasse o fim antes do começo, a chave de abóboda antes das fundações, ou, como ele próprio diz, “as energias do Espírito Santo antes da observação dos mandamentos”, arriscaria se perder. A glória de Deus – a luz incriada – não pode ser, antes de tudo, senão a esperança e o remédio do coração partido. A meditação de Marcos o Asceta é realmente fundamental.

DUZENTOS CAPÍTULOS SOBRE A LEI ESPIRITUAL
DUZENTOS CAPÍTULOS SOBRE A LEI ESPIRITUAL

1. Como você desejou tantas vezes saber em quê a lei é espiritual, como diz o Apóstolo, e quais são o conhecimento e a prática daqueles que a querem observar, então eu vou lhe dizer, na medida em que estiver ao meu alcance.
2. Em primeiro lugar, sabemos que Deus é o começo, o meio e o fim de todo bem. Quanto ao bem em si, é impossível fazê-lo ou recebê-lo, se não for por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo.
3. Todo bem nos é dado pelo Senhor como por um bom intendente, e Aquele que no-lo confia assim não o deixará perecer.
4. A firmeza da fé é uma torre sólida. Para quem crê, Cristo é tudo.
5. Seja a fonte dos seus desejos Aquele que é a fonte de todo o bem, para que seus projetos se realizem conforme a Deus.
6. Aquele que é humilde e que cumpre a obra espiritual dedica-se inteiramente a si mesmo, quando lê as divinas Escrituras.
7. Peça a Deus para abrir os olhos do seu coração, para que você possa ver, por sua própria experiência, a utilidade da prece e da leitura.
8. Aquele que desfruta de um carisma espiritual e se compadece dos que não o têm, resguarda o dom pela compaixão. Mas quem se vangloriar o perderá, assaltado por pensamentos que lhe vêm da ostentação.
9. A boca do humilde profere a verdade. Mas aquele que contradiz a verdade é semelhante ao guarda que esbofeteou a face do Senhor⁴⁰⁴.
10. Não se torne discípulo daquele que faz seu próprio elogio, para não aprender o orgulho em lugar da humildade.

11. Não se orgulhe do seu conhecimento das Escrituras, a fim de não cair sob o espírito da blasfêmia.

12. Não tente enfrentar um assunto tortuoso pela contestação, mas pelos meios indicados pela lei espiritual: a paciência, a prece, uma esperança simples.

13. O cego gritou: “Filho de Davi, tem piedade de mim⁴⁰⁵”. Sua oração foi corporal. Ele ainda não tinha o conhecimento espiritual.

14. Aquele que um segundo antes era ainda cego ergueu os olhos e, vendo o Senhor, não mais o proclamou filho de Davi, mas Filho de Deus, e prosternou-se para adorá-lo⁴⁰⁶.

15. Não se orgulhe das lágrimas que verter durante suas orações. Pois foi Cristo quem tocou seus olhos, e daí para frente você verá com o seu intelecto.

16. Quem, a exemplo do cego, se desfaz de seu manto e se aproxima do Senhor, passa a segui-lo e se torna mensageiro dos mais perfeitos ensinamentos.

17. A malícia entretida pelos pensamentos endurece o coração. Mas afastada pela esperança e pela temperança, ela o rompe.

18. Existe uma aflição do coração, doce e benfazeja, que leva à compunção. E existe outra, violenta e perigosa, que tende a destruí-lo.

19. As vigílias, a oração, a paciência diante dos eventos partem o coração sem feri-lo e lhe fazem muito bem, com a única condição de que sua ajuda não seja recusada pelo espírito da concupiscência. Quem nelas perseverar será ajudado em todo o demais; mas quem as negligenciar e se dispersar experimentará, ao partir deste mundo, um sofrimento intolerável.

20. Um coração que ama o prazer é uma prisão e uma cadeia para a alma na hora da morte. Mas o coração que ama o sofrimento é uma porta aberta.

⁴⁰⁵ Lucas XVIII, 38.

⁴⁰⁶ Cf. João IX, 38.

21. Um coração duro é uma porta de ferro que interdita a cidade. Mas diante daquele que foi provado e dedicado, a porta se abrirá sozinha, como diante de Pedro⁴⁰⁷.

22. São numerosos, e muito diferentes uns dos outros os modos da oração. Mas nenhum deles é nocivo, pois do contrário não seria uma oração, mas uma obra de Satanás.

23. Um homem, que tinha intenção de fazer algo errado, começou a orar em seu coração, como de hábito. Providencialmente sobreveio-lhe um obstáculo, e no final ele teve que dar graças.

24. Davi havia resolvido matar Nabal do Carmelo; mas, lembrando-se de que a retribuição é obra de Deus, ele renunciou ao seu desígnio e rendeu graças⁴⁰⁸. Ao contrário, sabemos também o que ele fez quando esqueceu a Deus: ele perseverou, até que Natã o profeta o reconduzisse à lembrança de Deus⁴⁰⁹.

25. No momento em que você se lembrar de Deus ore imediatamente, para que o Senhor se manifeste à sua lembrança quando você o esquecer.

26. Quando você ler as santas Escrituras, considera o que está oculto nelas. Pois se diz que aquilo que foi escrito antes de nós, o foi para nossa instrução⁴¹⁰.

27. A Escritura diz que a fé é o fundamento daquilo que se espera⁴¹¹, e ela chama de reprovados aqueles que não reconhecem que o Cristo reside em nós⁴¹².

28. Assim como o pensamento se manifesta pelas obras e as palavras, também a retribuição futura se manifesta pelas boas ações do coração.

29. É evidente que será feita misericórdia ao coração misericordioso; mas o contrário pedirá uma resposta contrária.

⁴⁰⁷ Cf. Atos XII, 10.

⁴⁰⁸ Cf. 1 Samuel, XXV.

⁴⁰⁹ Cf. 2 Samuel, XII,

⁴¹⁰ Cf. Romanos XV, 4.

⁴¹¹ Cf. Hebreus XI, 1.

⁴¹² Cf. 2 Coríntios XIII, 5.

30. A lei da liberdade nos ensina toda a verdade. A maior parte a descobre como um conhecimento. Poucos a compreendem a partir de sua prática dos mandamentos.

31. Não procure a perfeição da lei da liberdade nas virtudes humanas; ninguém é tão perfeito. A perfeição destas virtudes se esconde na cruz de Cristo.

32. A lei da liberdade é descoberta a partir do conhecimento verdadeiro. Mas ela só é compreendida pela prática dos mandamentos, e ela se cumpre pelas compaixões de Cristo.

33. Quando nossa consciência nos obrigar a nos orientar segundo todos os mandamentos de Deus, então compreenderemos que a lei do Senhor é irreprochável⁴¹³: ela atua naquilo que fazemos de bem, mas ela não poderia cumprir-se entre os homens sem as compaixões de Deus.

34. Aqueles que pensam não ter obrigação para com todos os mandamentos de Cristo, fazem uma leitura carnal da lei de Deus. Eles não compreendem nem o que dizem, nem o que afirmam⁴¹⁴. É por isso que eles imaginam cumprir a lei pelas obras.

35. Uma ação qualquer é feita com toda a aparência de bem, mas a intenção com que é feita não é dirigida para o bem. Outra parece ser má, mas a intenção daquele que a pratica é dirigida para o bem. E isto não concerne apenas as ações que as pessoas realizam, mas também as palavras que elas pronunciam. Uns, com efeito, distorcem o sentido de sua ação por inexperiência ou ignorância; outros têm o desejo de fazer o mal. Enfim, existem outros que são movidos pela piedade.

36. Os simples têm dificuldade em ver tal como é aquele que, por trás dos louvores esconde a calúnia e a vergonha, assim como aquele que esconde a vanglória debaixo de uma aparência humilde. Mas os que passam a maior parte do tempo transformando a verdade em mentira com seus sofismas, cedo ou tarde serão denunciados e refutados por suas ações.

⁴¹³ CF. *Salmos* XIX, 8.

⁴¹⁴ Cf. 1 *Timóteo* I, 7.

37. Alguém que faz uma ação aparentemente boa ofende seu próximo. Outro, abstendo-se de fazer tal ação, recebe em seu coração um bem ainda maior.

38. Existem reprimendas inspiradas pela falsidade e a vingança. E existem outras inspiradas no temor a Deus e na verdade.

39. Deixe de censurar aquele que renunciou ao pecado e agora se arrepende. E se você diz que o repreende conforme a Deus, comece por confessar suas próprias faltas.

40. Deus está na origem de todas as virtudes, como o sol está na origem da luz do dia.

41. Se você pretende trabalhar a virtude, lembre-se Daquele que disse: “Sem mim vocês nada podem”⁴¹⁵.

42. Os bens vêm aos homens pelas aflições⁴¹⁶; da mesma forma, o mal lhes chega pela vanglória e o prazer.

43. Quem é vítima da injustiça dos homens escapa ao pecado; e ele encontrará um socorro igual à sua aflição.

44. Aquele que se remete a Cristo para a retribuição suporta corajosamente todas as injustiças, na medida de sua fé.

45. Que ora pelos homens que lhe fizeram mal expulsa os demônios; mas quem se opõe aos primeiros será morto pelos segundos.

46. Melhor a ofensa dos homens do que a dos demônios. Mas quem agrada ao Senhor domina uns e outros.

47. Todo bem vem do Senhor segundo sua providência; misteriosamente ela evita os ingratos, os inconscientes e os preguiçosos.

⁴¹⁵ *João* XV, 5.

⁴¹⁶ Cf. *Atos* XIV, 22.

48. Todo vício leva a um prazer proibido, mas toda virtude conduz ao consolo espiritual. Se você for levado pelo primeiro, ele estimulará sempre aquilo que lhe é próprio; se for levado pela última, ela também desenvolverá em você o que lhe é natural.

49. Os ultrajes dos homens suscitam a aflição no coração, mas purificam quem os suporta.

50. A ignorância leva a opor-se ao que é útil; e, em sua insolência, ela agrava a dimensão do mal.

51. Se você não experimenta nenhum dano, aguarde as aflições. E, como você deverá prestar contas⁴¹⁷, evite a cupidez.

52. Se você pecou em segredo, não tente esconder. Pois tudo está a nu aos olhos do Senhor⁴¹⁸, a quem deveremos prestar contas.

53. Mostre-se aos Mestre revelando a ele seus pensamentos. Pois os homens vêem o rosto, mas Deus vê o coração⁴¹⁹.

54. Não faça nem pense nada sem ter a Deus como objetivo. Pois quem viaja sem objetivo perde seu esforço.

55. Aquele que peca sem necessidade terá o mal para se arrepender, pois nada escapa à justiça de Deus.

56. Na mesma medida em que um evento penoso suscita no homem sensato a lembrança de Deus, ele oprime aquele que se esquece de Deus.

57. Que todo sofrimento involuntário o ensine a se lembrar, e você terá sempre uma razão para se arrepender.

58. O esquecimento não tem em si mesmo nenhum poder, mas ele tira sua força de nossa negligência.

⁴¹⁷ Cf. *Hebreus* XIII, 17.

⁴¹⁸ Cf. *Hebreus* IV, 13.

⁴¹⁹ Cf. 1 *Samuel* XVI, 7.

59. Não diga: “Que fazer? Aquilo que eu não queria me acontece.” Mas lembre-se de que você faltou com seu dever.

60. Lembre-se de fazer o bem que você lembra, e você descobrirá o bem que você esqueceu. Não abandone seu pensamento à confusão e ao esquecimento.

61. A Escritura diz: “O inferno e a perdição estão a descoberto diante do Senhor”⁴²⁰; ela se refere à ignorância e ao esquecimento do coração.

62. De fato, o inferno é a ignorância, pois ambos são invisíveis. E a perdição é o esquecimento, pois ambos escapam ao que existe.

63. Ocupe-se com suas faltas, não com as do próximo. Assim você não se afastará do lugar em que trabalha a sua inteligência.

64. A negligência jamais poderia se prestar ao bem que podemos fazer; mas a esmola e a oração reanimam os negligentes.

65. Toda aflição suportada conforme a Deus é fundamentalmente uma obra de piedade. Pois o amor se prova nas adversidades.

66. Não diga que a virtude pode ser adquirida sem aflição, pois ela não se prova nas facilidades.

67. Examine a saída para toda aflição involuntária, e você verá a desapareição do pecado.

68. Os conselhos do próximo são frequentemente úteis. Mas nada convém tanto ao homem quanto seu próprio discernimento.

69. Se você pretende se curar, esteja atento à sua consciência. Faça tudo o que ela lhe disser, e aí você encontrará o seu bem.

70. Deus conhece os segredos de cada um, e a consciência também. Que cada qual se corrija graças a ambos.

⁴²⁰ *Provérbios* XV, 11.

71. O homem faz o que quer, na medida de sua vontade. Mas é Deus quem fornece as saídas, segundo o que é justo.

72. Se você quiser ser louvado pelos homens com toda justiça, queira primeiro ser condenado por suas faltas.

73. Os ultrajes que suportamos pela verdade de Cristo será retribuída ao cêntuplo quando formos glorificados pelas multidões. Mas é melhor praticarmos as boas obras tendo em vista o século futuro.

74. Se um homem vem em socorro de outro com palavras ou atos, ambos devem reconhecer que é graças a Deus que está atuando ali. Quem não compreender isto será ultrapassado por quem entender.

75. Quem louva o próximo com hipocrisia há de ultrajá-lo no momento seguinte, e então ele se cobrirá de vergonha.

76. Quem ignora as armadilhas do inimigo é imolado sem dificuldade. Quem não conhece as causas das paixões tomba nelas com facilidade.

77. Do amor ao prazer nasce a negligência, e da negligência o esquecimento. Pois Deus deu a todos o conhecimento daquilo que nos é bom.

78. O homem aconselha seu próximo na medida dos seus conhecimentos. Mas Deus trabalha com aquele que o escuta, na medida de sua fé.

79. Já vi ignorantes que se fizeram verdadeiramente humildes, e assim tornaram-se mais sábios do que os sábios

80. Outro ignorante, ouvindo elogiá-los, não imitou sua humildade; ao contrário, gloriando-se de sua ignorância, cobriu-se de orgulho.

81. Quem despreza o intelecto e se vangloria de nada saber, não apenas é ignorante em suas palavras, como também em seu julgamento⁴²¹.

82. Assim como uma coisa é a eloquência e outra coisa a inteligência, também uma coisa é a simplicidade do discurso e outra coisa a estupidez.

83. A ignorância das palavras não será prejudicial ao que é verdadeiramente piedoso, e a eloquência não será prejudicial ao que é humilde.

84. Não diga: “Como não sei o que devo fazer, não posso ser culpado por não fazê-lo”. Pois se você fizer tudo o que você já sabe que é certo, o resto lhe será revelado na sequência. Você compreenderá as coisas uma a uma, como quem passa de uma sala a outra. Antes de por mãos à obra não se preocupe com o que virá. Porque a ciência infla quando nada faz, mas o amor edifica, porque ele suporta tudo⁴²².

85. Entenda seus atos diretamente a partir das palavras da sagrada Escritura, e não espalhe discursos vãos, inflado apenas pelos seus próprios pensamentos.

86. Aquele que abandona a prática e pretende apoiar-se apenas sobre o conhecimento toma um ramo de junco por uma espada de duplo corte. No momento do combate, o junco cortará e penetrará na sua mão, diz a Escritura, injetando aí seu veneno natural, ao invés de ser lançado contra os inimigos⁴²³.

87. É na presença de Deus que todo pensamento tem sua medida e seu peso. O pensamento, seja passional ou simples, é sempre o mesmo.

88. Quem cumpre um mandamento deve esperar pela prova que está ligada a ele. Com efeito, o amor a Cristo se prova na adversidade.

89. Jamais tenha a presunção de negligenciar os pensamentos, pois nenhum pensamento escapa a Deus.

90. Quando você vê um pensamento inspirar a glória humana, saiba claramente que ele lhe prepara a perturbação.

91. O inimigo conhece muito bem a justiça da lei espiritual, e ele só busca o consentimento do intelecto. Desta forma, ou ele submeterá às duras penas do

arrependimento aquele que está em seu poder, ou atormentará com seus ataques, para obrigá-lo, aquele que não se arrepende. Às vezes ele o dispõe a resistir aos ataques, para aumentar seu sofrimento e provocar, na hora da morte, pela perda da paciência, a falta de fé.

92. Diante dos acontecimentos, muitos resistem com todas as suas forças. Mas fora da oração e do arrependimento, ninguém escapa ao perigo.

93. Os males reforçam-se mutuamente. Da mesma forma, os bens estimulam o crescimento uns dos outros, e levam cada vez mais adiante aquele que os partilha.

94. O diabo leva a negligenciar a pequenas faltas. De outro modo, ser-lhe-ia impossível conduzir a um mal maior.

95. A raiz dos maus desejos está nos louvores dos homens. Da mesma forma, a raiz da castidade é a vergonha da malícia, não apenas quando ouvimos, mas também quando a consentimos.

96. De nada serve renunciar a tudo e atirar-se ao prazer. Equivale a continuar fazendo, agora que nada se tem, o mesmo que se fazia de posse de riquezas.

97. Inversamente, o asceta, quando adquire suas riquezas, é irmão daquele, mas em espírito. Eles têm a mesma mãe, que é o prazer experimentado pelo intelecto. Mas o pai é diferente, por causa da transformação da paixão.

98. Alguém que desenraíza uma paixão apenas para se entregar a um prazer ainda maior é glorificado por aqueles que ignoram seu objetivo. E sem dúvida também ele ignora que aquilo que ele faz não lhe serve de nada.

99. A fonte de toda malícia é a vanglória e o prazer. Quem não os detestar não alcançara o fim das paixões.

100. Foi dito que a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro⁴²⁴. Mas também é claro que este existe para aqueles.

101. O intelecto é cegado por estas três paixões, a saber, o amor ao dinheiro, o amor à vanglória e o prazer.

102. Estas paixões são as três filhas da sanguessuga de que fala a Escritura, que são ternamente amadas por sua mãe, a loucura⁴²⁵.

103. O conhecimento e a fé, que acompanham a nossa natureza, não são embotados por outra coisa que não estas três paixões.

104. É por meio destas três paixões que o furor e a cólera, as guerras, os assassinatos e outros males dominaram tudo entre os homens.

105. Assim, devemos odiar o amor ao dinheiro, o amor à vanglória e o prazer, como mães dos vícios e madrastas das virtudes.

106. É por causa delas que recebemos a ordem de não amar o mundo nem o que existe no mundo⁴²⁶, não para odiar sem discernimento as criaturas de Deus, mas para cortar rente as causas dessas três paixões.

107. Foi dito que ninguém parte para o combate sem antes se desembaraçar dos seus negócios do dia-a-dia⁴²⁷. Quem, debaixo de tamanho embaraço, pretende vencer as paixões assemelha-se a alguém que pretende extinguir um incêndio com uma palha.

108. Aquele que por uma questão de dinheiro, de glória ou de prazer se levanta contra seu próximo, está longe de entender que Deus dirige as coisas com justiça.

109. Quando você ouve o Senhor dizer: “Se alguém não renunciar a tudo o que possui, este não é digno de mim”⁴²⁸, compreenda que ele não fala apenas do dinheiro, mas de tudo o que conduz ao mal.

110. Quem não conhece a verdade tampouco será capaz de crer verdadeiramente,

⁴²⁴ Cf. 1 Timóteo VI, 10.

⁴²⁵ Cf. Provérbios XXX, 15-16.

⁴²⁶ Cf. 1 João II, 15.

⁴²⁷ Cf. 2 Timóteo II, 4.

⁴²⁸ Lucas XIV, 33.

porque o conhecimento precede naturalmente a fé.

111. Assim como Deus assinalou a cada coisa visível aquilo que lhe é próprio, também ele assinalou o que é próprio aos pensamentos humanos, quer queiramos quer não.

112. Se um homem, que vive abertamente no pecado e que não se converte, sem nada sofre até a hora da morte, esteja certo de que o Juízo será impiedoso para com ele.

113. Quem ora com toda consciência suporta o que vier. Mas quem guarda a lembrança do mal ignora a prece pura.

114. Quando você for lesado, contrariado, expulso por alguém, não considere o presente, mas volte-se para o futuro, e você descobrirá que este homem foi para você a fonte de inúmeros bens, não apenas no século presente, mas no futuro.

115. Assim como o amargo absinto faz bem aos que não têm apetite, também é bom para os que se conduzem mal que conheçam um pouco de sofrimento. Estes remédios ajudam alguns a se comportar e outros a se arrepender.

116. Se você não quer sofrer o mal, renuncie a fazê-lo, pois uma coisa nunca vem sem a outra. Cada qual recolherá o que semeou⁴²⁹.

117. Nós que semeamos nosso próprio mal e que colhemos o que não queremos, deveríamos nos admirar da justiça de Deus.

118. Assim como existe um tempo entre a semeadura e a colheita, também aguardamos entre incertezas a retribuição.

119. Quando você pecar, não incrimine o ato, mas o pensamento. Pois se o intelecto não fosse na frente, o corpo não o teria seguido ali.

120. Quem se esconde para fazer o mal é ainda pior do que aquele que pratica a injustiça abertamente. Por isso ele será castigado mais duramente.

121. Aquele que trama intrigas e se esconde para fazer o mal é, segundo a Escritura, uma serpente que se coloca à beira do caminho para morder o calcanhar dos cavalos⁴³⁰.

122. Quem ao mesmo tempo louva seu próximo na frente de uns e o critica na frente de outros, está sob o domínio da vanglória e da inveja. Com os elogios, ele tenta disfarçar a inveja; e pelas críticas, ele tenta ser mais considerado do que o outro.

123. Assim como é impossível apascentar juntos cordeiros e lobos⁴³¹, também aquele que engana seu próximo não pode conhecer a compaixão.

124. Aquele que secretamente mistura suas próprias vontades à ordem recebida se torna adúltero, como o mostra a Sabedoria⁴³², e por irracionalidade se expõe ao sofrimento e à desonra.

125. Assim como unir água e fogo é uma contradição, também são contraditórias a justificação de si e a humildade.

126. Quem procura o perdão dos seus pecados ama a humildade. Mas quem condena o outro reafirma suas próprias faltas.

127. Não deixe sem apagar nem as menores faltas, para que elas em seguida não o arrastem a males maiores.

128. Se você quiser ser salvo, ame a palavra verdadeira, e jamais rejeite uma pequena reprimenda.

129. Foi a palavra verdadeira que converteu a raça de víboras, e lhe mostrou a ira que a esperava⁴³³.

130. Quem recebe as palavras de verdade recebe Deus o Verbo, pois foi dito: “Quem recebe a vocês, recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me

enviou”⁴³⁴.

131. O parálítico que foi descido do teto⁴³⁵ representa o pecador que os fiéis recuperam em nome de Deus, e que, graças à sua fé, recebe o perdão.

132. Valer mais rezar com piedade pelo próximo do que condenar a cada um por suas faltas.

133. Quem se arrepende de verdade é motivo de riso para os insensatos; para ele, isto é a prova de que seu arrependimento agrada a Deus.

134. Aquele que mantém o combate tem autodomínio em tudo, e ele não cessará enquanto o Senhor não tiver exterminado toda a raça da Babilônia⁴³⁶.

135. Lembre-se de que existem doze paixões da infâmia. Se você adquirir voluntariamente uma delas, esta tomará facilmente o lugar das outras onze.

136. O pecado é uma fogueira acesa: se você o privar de madeira, ele se extinguirá; se você alimentá-lo, ele queimará.

137. Se você se deixar levar por elogios, receba também a desonra. Pois foi dito: “Quem se eleva será rebaixado”⁴³⁷.

138. Quando rejeitamos do intelecto toda malícia voluntária, então deveremos combater, além das paixões, também nossas tendências.

139. A tendência é uma reminiscência involuntária das faltas passadas. Quem a combate impede-a de se tornar uma paixão. Quem a domina rejeita mesmo a simples sugestão.

140. A sugestão é um movimento do coração independente de qualquer imagem. Aqueles que possuem esta experiência evitam-na antecipadamente, como a encosta de uma montanha.

⁴³⁴ *Mateus X, 40.*

⁴³⁵ *Cf. Lucas V, 19.*

⁴³⁶ *Cf. Isaías XIV, 22 e XXVII, 16.*

⁴³⁷ *Lucas XIV, 11.*

141. Quando as imagens se seguem a um pensamento, isto é um consentimento. Pois um movimento independente de qualquer imagem é uma sugestão que não é imputável; existem os que escapam dela como uma brasa retirada do fogo⁴³⁸, mas há os que não se desviam até serem inteiramente queimados.

142. Não diga: “Eu não queria, mas as coisas aconteceram”, pois mesmo que você não quisesse que elas acontecessem você apreciou suas causas.

143. Quem busca elogios ama a paixão; quem deplora a aflição que o assalta ama o prazer.

144. O pensamento daquele que se entrega ao prazer oscila como no prato de uma balança. Tanto ele chora e se lamenta por causa dos seus pecados, como ele agride e se opõe ao próximo para defender seus próprios prazeres.

145. Quem experimentou tudo e só reteve o que é bom⁴³⁹ evita desta maneira todo o mal.

146. O homem paciente é cumulado de inteligência, assim como o que dá ouvidos às palavras sábias.

147. Sem a lembrança de Deus, não existe conhecimento verdadeiro. Pois, sem a primeira, o segundo é bastardo.

148. O coração empedernido pode tirar proveito de um discurso ligado ao conhecimento. Pois, sendo-lhe estranho o temor, ele não aceita as penas do arrependimento.

149. O homem humilde pede um discurso de confiança. Pois ele não coloca à prova a paciência de Deus, nem se expõe a frequentes transgressões.

150. Não censure a vanglória ao homem poderoso, mas mostre-lhe a desonra que o espera no século futuro; se ele for prudente, ele se deixará repreender.

⁴³⁸ *Cf. Zacarias III, 2.*

⁴³⁹ *Cf. 1 Tessalonicenses V, 21.*

151. Quem detesta ser admoestado persegue deliberadamente a paixão. Mas aquele que aceita a admoestação mostra que foi levado pela tendência.

152. Não dê ouvidos quando lhe contarem as más ações de outros. Se você o fizer, estas más ações deixarão traços em você.

153. SE você for compelido a ouvir mentiras, atenha-se apenas a você mesmo, e não àquele que lhe falou. Quando o que se ouve é mau, quem o registra torna-se mau ele também.

154. Se você encontrar com homens que falam muito sem dizer nada, considere que você é responsável por suas palavras. Mesmo que você não seja responsável no caso, você se torna devedor de uma dívida antiga.

155. Se você vê alguém que o elogia com hipocrisia, espere, porque a qualquer momento você será caluniado por ele.

156. Tenha sempre diante dos olhos as aflições presentes e os bens futuros. Assim, jamais a negligência o fará relaxar o combate.

157. Se você elogia alguém que lhe fez um serviço material, e o chama de bom sem referência a Deus, o mesmo homem lhe parecerá mau depois.

158. Todo bem procede providencialmente do Senhor. E os que trazem os bens são seus servidores.

159. Acolha de uma alma semelhante a mistura de bens e males, e Deus corrigirá o equilíbrio das coisas.

160. A instabilidade dos pensamentos transforma aquilo que nos pertence. Pois Deus atribui naturalmente aquilo que não depende de nós ao que provém da nossa vontade.

161. A realidade sensível é filha da atividade intelectual. Ela traz o que nos é necessário, da maneira como decidiu Deus.

162. Os pensamentos e as palavras de um coração atirado aos prazeres se propagam, como a peste. Pela fumaça que se desprende se conhece a madeira.

163. Permaneça na sua reflexão, e você não perderá seu esforço nas tentações; mas se você a deixar, suporte o que viera acontecer.

164. Reze para a tentação não venha sobre você⁴⁴⁰. Mas se ela vier, receba-a como sua, não como estranha a você.

165. Retire de seu pensamento toda concupiscência, e então você poderá ver os artifícios do diabo.

166. Quem diz conhecer todos os artifícios do diabo se imagina perfeito sem sabê-lo.

167. Quanto mais o intelecto se afasta das necessidades do corpo, tanto mais ele distingue as mentiras dos inimigos.

168. Quem se deixa levar pelos pensamentos é cegado por eles; ele vê as obras do pecado, mas não consegue ver suas causas.

169. Existem alguns que aparentemente observam um mandamento, ao mesmo tempo em que estão sujeitos à paixão, e que desperdiçam uma boa ação com maus pensamentos.

170. Quando você se aproximar dos umbrais do pecado, não diga: “Ele não me vencerá”. Pois quanto mais você se aproxima, mais será vencido por ele.

171. Tudo o que existe começa pequeno e, alimentando-se paulatinamente, se torna grande.

172. As mentiras da malícia são como uma rede com milhares de malhas: quem se deixa prender um pouco, se não prestar atenção, será inteiramente enredado.

173. Não tente ouvir o relato das infelicidades dos homens que são seus inimigos. Quem escuta essas palavras recolhe os frutos de sua própria disposição.

174. Não pense que todas as aflições chegam aos homens pelo pecado, pois existem alguns que agradam a Deus e que são testados. Pois está escrito: “Os ímpios e os iníquos serão expulsos⁴⁴¹”, mas também está escrito: “Os que querem viver piedosamente em Cristo serão perseguidos⁴⁴²”.

175. Quando você estiver afligido, cuidado com a sugestão do prazer, pois temos a inclinação a aceitá-la facilmente, uma vez que ela nos consola da aflição.

176. Alguns dizem que são sábios os que sabem discernir as coisas sensíveis. Porém, mais sábios são os que dominam suas próprias vontades.

177. Não escute seu coração até ter retirado dele o mal. Pois ele defende os interesses de tudo aquilo que lhe confiamos.

178. Assim como existem serpentes que encontramos na floresta e outras que se escondem nas casas, também existem paixões que se formam na razão e outras que se põem em movimento na ação, mesmo se elas passam de uma forma a outra.

179. Quando você perceber impulsos ocultos agindo no seu interior, atraindo para as paixões o intelecto em estado de hesíquia, saiba que foi o próprio intelecto que as suscitou algum dia, as pôs em movimento e as guardou no coração.

180. Uma nuvem não se forma sem o sopro do vento, e a paixão não pode nascer sem o pensamento.

181. Se não fizermos mais as vontades da carne, como diz a Escritura⁴⁴³, os impulsos escondidos no fundo de nós cessarão facilmente no Senhor.

182. As imagens nascidas fundamentalmente do intelecto são mais nocivas e mais resistentes; mas as imagens saídas da razão as suscitam e precedem.

183. Existe uma malícia que penetra no coração, quando a tendência existe em

⁴⁴¹ Salmos XXXVII, 28.

⁴⁴² 1 Timóteo III, 12.

⁴⁴³ Efésios II, 3.

nós há muito tempo. E existe uma malícia que nos combate no nível da razão, nas coisas cotidianas.

184. Deus julga os atos conforme as intenções. Com efeito, foi dito: “Que o Senhor lhe dê conforme seu coração⁴⁴⁴”.

185. Quem não persevera em examinar sua consciência tampouco acolherá as penas do corpo com piedade.

186. A consciência é o livro da natureza; quem a lê assiduamente recebe a experiência do socorro divino.

187. Quem não escolhe sofrer voluntariamente pela verdade será instruído mais duramente por sofrimentos que não pediu.

188. Quem conhece a vontade de Deus e a cumpre na medida de suas possibilidades, pelos pequenos sofrimentos escapará dos grandes.

189. Aquele que pretende vencer as tentações sem a prece e a paciência, não as conseguirá expulsar, mas antes será destruído por elas.

190. O Senhor está oculto em seus próprios mandamentos. É na medida de sua observância que o encontram aqueles que o buscam.

191. Não diga: “Eu observei os mandamentos, mas não encontrei o Senhor”. Pois a Escritura diz: “Muitas vezes você encontrou o conhecimento com justiça. E aqueles que com retidão procuram o Senhor encontrarão a paz⁴⁴⁵”.

192. A paz é a libertação das paixões. Ela não pode ser encontrada sem a energia do Espírito Santo.

193. Uma coisa é a prática dos mandamentos, outra a virtude, mas elas tiram uma da outra a origem dos seus bens.

194. Foi dito que a prática dos mandamentos consiste em fazer o que foi

⁴⁴⁴ Salmos XX, 5.

⁴⁴⁵ Provérbios XVI, 8.

ordenado, e que a virtude está presente quando o que se faz é conforme a verdade.

195. Assim como a riqueza material é uma, mas se reparte em múltiplas posses, também a virtude é uma, mas suas obras tomam formas numerosas.

196. Quem raciocina sem obras e não faz mais do que falar, é rico em iniquidades. Os frutos de suas penas, diz a Escritura, irão para casas desconhecidas⁴⁴⁶.

197. Foi dito que tudo obedece ao ouro⁴⁴⁷, e que tudo o que é concebido pelo intelecto é regido pela graça de Deus.

198. A boa consciência é obtida pela oração, e a oração pura pela consciência; uma, de fato, está naturalmente ligada à outra.

199. Jacó mandou fazer para José uma túnica de todas as cores⁴⁴⁸. Assim o Senhor dá ao homem doce o conhecimento da verdade, conforme está escrito: “O Senhor ensinará aos homens mansos seus caminhos⁴⁴⁹”.

200. Faça sempre o bem, tanto quanto puder, e quando puder fazer mais, não faça menos. Foi dito, com efeito, que aquele que olha para trás não é digno do Reino dos céus⁴⁵⁰.

⁴⁴⁶ Cf. *Provérbios* V, 10.

⁴⁴⁷ Cf. *Eclesiastes* X, 19.

⁴⁴⁸ Cf. *Gênesis* XXXVII, 3.

⁴⁴⁹ *Salmos* XXV, 9.

⁴⁵⁰ Cf. *Lucas* IX, 2.

DUZENTOS E VINTE E SEIS CAPÍTULOS SOBRE
OS QUE PENSAM SER JUSTIFICADOS POR SUAS OBRAS
DUZENTOS E VINTE E SEIS CAPÍTULOS SOBRE
OS QUE PENSAM SER JUSTIFICADOS POR SUAS OBRAS

1. Nos escritos a seguir, a má fé daqueles que estão de fora será refutada por aqueles cuja fé é segura e que reconhecem a verdade.
2. Querendo demonstrar que somos obrigados a observar os mandamentos, mas que a filiação adotiva é uma graça concedida aos homens pela efusão de seu próprio sangue, o Senhor disse: “Quando vocês tiverem feito tudo o que lhes foi ordenado, digam: Nós somos servidores inúteis, nós só fizemos o que devíamos fazer⁴⁵¹”. Assim o Reino dos céus não é o salário das obras, mas uma graça do Mestre preparada para os servidores fiéis.
3. O servidor não reclama a liberdade como salário: ele quer ser devedor, e então a recebe como uma graça.
4. Cristo, diz a Escritura, morreu pelos nossos pecados⁴⁵², e ele concede a liberdade aos que o servem bem. Com efeito, ele diz: “Muito bem, servidor bom e fiel. Você foi fiel sobre as pequenas coisas, e eu lhe estabalecerei sobre muitas. Entre na alegria de seu Senhor⁴⁵³”.
5. O servidor fiel não é aquele que se mantém no simples conhecimento, mas sim aquele que, pela obediência, se entrega a Cristo que dá o conhecimento.
6. Quem honra seu mestre faz aquilo que ele ordenou; mas também assume a responsabilidade pelo que lhe acontecer, caso lhe falte ou desobedeça.
7. Se você ama o estudo, ame também o sofrimento; porque o simples conhecimento infla o homem⁴⁵⁴.

⁴⁵¹ Lucas XVII, 10.

⁴⁵² Cf. 1 Coríntios XV, 3.

⁴⁵³ Mateus XXV, 21.

⁴⁵⁴ Cf. 1 Coríntios VIII, 1.

8. As provas que nos acontecem de improviso nos ensinam providencialmente a amar as penas e, mesmo que não o queiramos, nos levam ao arrependimento.
9. As aflições que nos acontecem são da mesma geração de nossas próprias faltas. Se as suportamos através da prece, encontraremos em retorno nelas uma plêiade de bens.
10. Alguns se comprazem com elogios dedicados à sua virtude e têm como grande consolo o prazer de sua vanglória. Outros, condenados por seus pecados, sofrem e consideram que este sofrimento é obra do mal.
11. Aqueles que, com base na autoridade de seus próprios combates, acusam os negligentes, pensam ser justificado por suas obras corporais. E nós que, nos prevalecendo de nosso simples conhecimentos, desprezamos os ignorantes, somos ainda mais insensatos do que eles.
12. Independente de suas obras o conhecimento não é ainda certo e seguro, embora verdadeiro. Assim, em todas as coisas, é a obra que é a confirmação.
13. Muitas vezes, quando a prática é negligenciada, o conhecimento também fica obscurecido. Pois mesmo a lembrança daquilo que deixamos de fazer pouco a pouco se apagará.
14. É por isso que a Escritura nos ensina a ver a Deus pelo conhecimento, a fim de que o sirvamos corretamente pelas obras.
15. Quando cumprimos abertamente os mandamentos, recebemos do Senhor aquilo que nos convém, na medida de nossas obras. Mas o bem que extraímos disto depende do objetivo que temos em vista.
16. Aquele que quer fazer uma coisa e não faz é como se houvesse feito, aos olhos de Deus que conhece os corações.
17. Sem o corpo, o intelecto executa muitas coisas boas e más. Mas sem o intelecto o corpo não consegue executar estas coisas. É por isso que a lei de liberdade se manifesta antes dos nossos atos.

18. Alguns, que não seguem os mandamentos, imaginam ter uma fé reta. Outros, que os seguem, aguardam o Reino como um salário que lhes é devido. Tanto uns como outros se afastam da verdade.

19. O mestre não deve salário aos servidores; mas os que não o servem corretamente tampouco obterão a liberdade.

20. Se Cristo morreu por nós, conforme as Escrituras⁴⁵⁵, e se vivemos, não por nós mesmos, mas por Cristo que morreu e ressuscitou por nós⁴⁵⁶, é claro que devemos servi-lo até a morte. Portanto, como podemos pensar que uma filiação adotiva nos seja devida?

21. Cristo é nosso Mestre em essência e nosso mestre na administração da salvação. Pois não não éramos, e ele nos fez; nós estávamos mortos e ele nos resgatou com seu próprio sangue. Àqueles que assim crêem, ele concedeu o dom de sua graça.

22. Quando você ouve a Escritura dizer que ele retribuirá a cada um segundo suas obras⁴⁵⁷, não devemos entender com isto as obras que merecem a geena ou o Reino, mas sim que Cristo retribuirá a cada um segundo suas obras de incredulidade ou fé, não como estabelecendo uma troca, mas como nosso Deus Criador e Redentor.

23. Nós, que fomos considerados dignos do banho do novo nascimento, juntemos-lhe as boas obras, não para promover uma troca, mas para manter a pureza que nos foi concedida.

24. Toda boa obra que fazemos por meio de nossa natureza nos afasta do mal contrário, mas sem a graça não consegue suscitar o acréscimo da santificação.

25. Quem tem temperança se precavê contra a gula. Quem renuncia às posses evita a cupidez. Quem vive na hesíquia se guarda de falatórios. Quem é puro se protege do amor ao prazer. Quem é casto se guarda da prostituição. Quem é doce se guarda da perturbação. Quem é humilde, da vanglória. Aquele que obedece

evita a contestação, e o que examina se guarda da hipocrisia. Do mesmo modo, quem ora se protege do desespero, e quem é pobre, do excesso de bens. Quem confessa se guarda do remorso. Você vê que toda virtude praticada até a morte não é mais do que a abstenção do pecado? Ora, abster-se do pecado é a obra da natureza, não uma moeda de troca tendo em vista o Reino.

26. O homem considera penosos os deveres da sua natureza. É Cristo que, pela cruz, lhe concede a graça da filiação adotiva.

27. Existe um mandamento relativo e um mandamento absoluto. O mandamento relativo diz que devemos dar a quem não tem⁴⁵⁸; o outro ordena renunciar a tudo o que possuímos⁴⁵⁹.

28. Existe uma energia da graça que o noviço ignora. E existe uma outra energia, do mal, que se confunde com a verdade. É melhor não perscrutar estas energias, por causa do erro, nem tampouco as rejeitar, por causa da verdade. Mas tudo devemos remeter a Deus com esperança. Com efeito, ele conhece a utilidade das duas.

29. Quem quiser atravessar o mar da hesíquia necessitará de constância, humildade, vigílias e temperança. Se ele se esforçar por atravessar sem estas virtudes, ele perturbará o coração, mas não atravessará.

30. A hesíquia é um retiro que se corta e se separa do mal. Acrescentando-se à oração as quatro virtudes, não há meio mais rápido de se obter a impassibilidade.

31. É impossível ao intelecto conhecer a hesíquia sem o corpo, bem como destruir o muro que os separa sem a hesíquia e a oração.

32. Os desejos da carne se opõem ao espírito, e os do espírito se opõem à carne⁴⁶⁰. Assim, os que caminham segundo o espírito não seguem os desejos da carne⁴⁶¹.

⁴⁵⁵ Cf. *Romanos* V, 8.

⁴⁵⁶ Cf. *2 Coríntios* V, 15.

⁴⁵⁷ Cf. *Mateus* XVI, 27.

⁴⁵⁸ Cf. *Lucas* III, 11.

⁴⁵⁹ Cf. *Lucas* XIV, 33.

⁴⁶⁰ *Gálatas* V, 17.

⁴⁶¹ Cf. *Gálatas* V, 16.

33. Não existe prece perfeita sem a invocação do intelecto. O Senhor escuta o intelecto que não cessa de chamar.

34. O intelecto que ora continuamente aflige o coração. Ora, Deus não despreza um coração partido e humilhado⁴⁶².

35. A oração também é chamada de virtude, embora ela seja mais a mãe da virtude. Pois é ela que as gera, por sua união com Cristo.

36. Aquilo que fazemos sem a oração e sem a boa esperança logo se revelará nocivo e imperfeito.

37. Quando você ouve que os últimos serão os primeiros e que os primeiros serão os últimos⁴⁶³, entenda que se trata dos que compartilham as virtudes e o amor. O amor, com efeito, é a última das virtudes pela ordem, mas a primeira em dignidade, mostrando assim que as virtudes que o precedem são as últimas.

38. Se você experimenta a acídia durante a prece, se você é afligido de todas as maneiras pelo mal, lembre-se da morte e dos duros castigos. Mas é melhor agarrar-se a Deus pela prece e a esperança⁴⁶⁴ do que ter pensamentos estranhos, por mais úteis que sejam.

39. Nenhuma virtude é capaz de abrir as portas de nossa natureza, se todas as demais não a seguirem sustentando-se mutuamente.

40. Quem se nutre de pensamentos não possui temperança. Por úteis que eles sejam, não o são mais do que a esperança.

41. Todo pecado é mortal, se não for seguido de arrependimento. Mesmo que um santo rezasse por outro, ele não seria atendido.

42. Quem se arrepende corretamente não procura resgatar com suas penas as faltas passadas. Mas, com seu sofrimento ele implora a compaixão de Deus.

⁴⁶² Cf. *Salmos* LI, 19.

⁴⁶³ Cf. *Mateus* XIX, 30.

⁴⁶⁴ Cf. *Salmos* LXXIII, 28.

43. Se devemos fazer todos os dias o máximo bem de que é capaz nossa natureza, quanto devemos a Deus por todo o mal que já fizemos?

44. Por mais alto que seja o grau de virtude que atingimos hoje, ela não passa da sentença de nossa negligência passada, não é uma compensação.

45. Quem é afligido no intelecto e se refugia no corpo é semelhante ao que é afligido no corpo mas possui um intelecto disperso.

46. Conformar-se com esta ou aquela aflição trará um remédio para a outra. A aflição do intelecto remedia a do corpo, e a aflição do corpo remedia a do intelecto. O mais penoso é quando elas coincidem.

47. É uma grande virtude suportar o que nos acontece, e amar o próximo que nos odeia, conforme a palavra do Senhor⁴⁶⁵.

48. Perdoar as injustiças é um sinal de amor verdadeiro. Foi assim que o Senhor amou o mundo.

49. É impossível perdoar do fundo do coração as faltas de alguém, sem o conhecimento verdadeiro. Ele mostra, de fato, a cada um, que o que lhe acontece é aquilo que lhe cabe.

50. Você não perderá nada do que abandonou pelo Senhor; pois, a seu tempo, tudo lhe será retribuído ao cêntuplo.

51. Quando o intelecto perde de vista o objetivo da piedade, então a obra aparente da virtude é vã.

52. Se a maldade é prejudicial a qualquer homem, fazer o mal prejudica ainda mais aqueles que negligenciaram o rigor.

53. Filosofe por meio da prática sobre a vontade do homem e a retribuição de Deus. Pois a palavra não é mais sábia nem mais útil do que as obras.

54. Depois das penas suportadas pela piedade vem o socorro. Mas é preciso

⁴⁶⁵ Cf. *Mateus* V, 44.

saber disto pela lei divina e pela consciência.

55. Um homem recebe um pensamento e o acolhe sem examiná-lo. Outro recebe o mesmo pensamento, e o confronta com a verdade. É preciso se perguntar qual dos dois foi melhor inspirado pela piedade.

56. O verdadeiro conhecimento consiste em ser paciente nas aflições, e não responsabilizar os homens pelas próprias infelicidades.

57. Quem faz o bem esperando uma recompensa, não serve a Deus, mas à sua própria vontade.

58. É impossível àquele que peca escapar da retribuição, senão for através de um arrependimento proporcional à sua falta.

59. Alguns dizem: “Não poderíamos fazer o bem se não recebêssemos, com sua energia própria, a graça do Espírito”.

60. Aqueles que se atiram deliberadamente aos prazeres recusam-se a fazer o que poderiam, como se não tivessem ajuda.

61. A graça foi dada secretamente àqueles que foram batizados em Cristo. Mas ela só age na medida em que cumprimos os mandamentos. Ela não cessa de nos ajudar em segredo, mas cabe a nós fazer o bem o quanto pudermos.

62. A graça começa por despertar divinamente a consciência. Mesmo os que fizeram o mal e se arrependeram agradam a Deus.

63. Mas a graça se esconde também naquilo que o próximo nos ensina. Às vezes até, durante a leitura, ela assiste à reflexão e, por uma consequência natural, ensina sua própria verdade ao intelecto. Se nós não enterrarmos a aptidão para esta progressão, entraremos efetivamente na beatitude do Senhor⁴⁶⁶.

64. Quem procura as energias do Espírito antes mesmo de por em marcha os mandamentos, assemelha-se o escravo comprado por dinheiro que, no momento da compra, exige que lhe passem por escrito seu aceite e sua alforria.

65. Quem descobre que as infelicidades que nos vêm de fora derivam da justiça de Deus, encontra de uma só vez o conhecimento e a justiça, buscando a Deus⁴⁶⁷.

66. Se você considera, conforme a Escritura, que os julgamentos do Senhor cobrem toda a terra⁴⁶⁸, cada acontecimento lhe ensinará o conhecimento de Deus.

67. Cada qual enfrenta seu dever segundo sua própria inteligência. Somente Deus conhece a diversidade da convergência harmoniosa.

68. Quando você sofre com o desprezo dos homens, considere antes a glória que lhe virá de Deus. Assim você não ficará triste nem perturbado com o desprezo, e permanecerá fiel e irreprochável perante a glória, quando ela vier.

69. Se a bem-aventurança divina permite que a multidão o louve, não mescle nenhuma ostentação à providência o Senhor, para que uma reviravolta não o atire para o lado oposto.

70. A semente não pode crescer sem terra e sem água. Também o homem não encontrará aquilo que lhe é útil sem assumir suas penas e sem o socorro divino.

71. A chuva não cai se não houver nuvens. Da mesma forma, é impossível agradar a Deus sem uma consciência boa.

72. Nunca recuse aprender, por mais sábio que você seja. Pois a providência de Deus é mais útil do que a nossa sabedoria.

73. Quando, para se entregar ao prazer, o coração deixa de amar o sofrimento, dominá-lo é mais difícil do que deter um rochedo rolando numa vertente.

74. O pequeno novilho sem experiência que corre pelas pradarias acaba de repente num lugar cheio de precipícios. O mesmo acontece com a alma que se deixa pouco a pouco levar pelos pensamentos.

75. Quando o intelecto consolidado no Senhor luta por desenraizar um hábito antigo, o coração é como que torturado por dois carrascos, o intelecto e a razão, que o puxam de um lado para outro.

76. Assim como os olhos dos que ganham sua vida no mar suportam o ardor do sol sem queixa, também aqueles que odeiam o mal amam as penas. É por isso que uns enfrentam os ventos e outros, as paixões.

77. A fuga no inverno ou em dia de sábado⁴⁶⁹ é sofrimento para o corpo e profanação para a alma; o mesmo acontece com a irrupção de paixões num corpo envelhecido e numa alma consagrada.

78. Ninguém é tão bom e complacente como o Senhor; mesmo assim, até ele não perdoa quem não se arrepende.

79. Nós somos muitos a nos afligir por nossos pecados. Mas aceitamos de bom grado as suas causas.

80. Cavando sob a terra e cega, a toupeira não é capaz de ver as estrelas. Também aquele que não se confia a Deus nas coisas do tempo não poderá confiar nele no que toca à eternidade.

81. Graça anterior à graça, o verdadeiro conhecimento foi dado aos homens por Deus. Acima de tudo, aos que a receberam e compartilharam, ela ensina a confiar-se Àquele que a concedeu.

82. Quando uma alma em pecado não acolhe as aflições que lhe chegam, os anjos dizem dela: “Nós curamos Babilônia, mas ela não sarou”⁴⁷⁰.

83. O intelecto que perde de vista o verdadeiro conhecimento se bate com os homens por aquilo que lhe é prejudicial, como se fosse útil.

84. Assim como o fogo não pode perdurar na água, também os pensamentos vergonhosos não conseguem permanecer num coração que ama a Deus. Pois todo homem que ama a Deus ama também o sofrimento, e o sofrimento

assumido é por natureza inimigo do prazer.

85. Uma paixão que, pela vontade, fez seu trabalho e se apoderou de um campo, logo desencadeará violência, mesmo se aquele que a recebeu e acolheu não o queira.

86. Nós amamos as causas dos pensamentos involuntários, e é por isso que eles nos chegam. Quanto aos pensamentos voluntários, está claro que amamos também as suas conseqüências.

87. A presunção e arrogância são as causas da blasfêmia. O amor ao dinheiro e a vanglória são as causas da dureza impiedosa e da hipocrisia.

88. Quando o diabo percebe que o intelecto reza do fundo do coração, ele o assalta com tentações cheias de violência e mentiras. Quanto às pequenas virtudes, não é com grandes ataques que ele tenta destruí-las.

89. Um pensamento persistente denuncia uma tendência do homem. Mas um pensamento rapidamente destruído significa combate e oposição.

90. Em sua evolução, o intelecto passa por três estágios: segundo a natureza, acima da natureza e contra a natureza. Quando ela passa pelo estágio, ela se descobre responsável por seus maus pensamentos e confessa a Deus seus pecados, em si reconhecendo as causas das suas paixões. Quando ele se encontra no estágio contrário à natureza, ele esquece a justiça de Deus e combate os homens, como se fossem nocivos. Enfim, quando ele é levado ao estado acima da natureza, ele encontra os frutos do Espírito Santo de que fala o Apóstolo: o amor, a alegria, a paz, e assim por diante⁴⁷¹. Então ele percebe que, se preferir os cuidados do corpo, ele não poderá permanecer aí. Se ele deixar este lugar cairá no pecado e em suas terríveis conseqüências, senão de imediato, ao menos com o tempo, como o quer a justiça de Deus.

91. O verdadeiro conhecimento se encontra em cada um de nós, na medida em que o confirmem a doçura, a humildade e o amor.

92. Todo homem batizado na fé ortodoxa recebeu misteriosamente toda a graça.

⁴⁶⁹ Cf. Mateus XXIV, 20.

⁴⁷⁰ Jeremias XXVIII, 9.

⁴⁷¹ Cf. Gálatas V, 22.

Mas ele não obterá logo a plena certeza senão cumprindo os mandamentos.

93. Quando cumprido conscientemente, o mandamento de Cristo traz um consolo proporcional às numerosas aflições do coração. Entretanto, para cada uma delas, o consolo só chega a seu tempo.

94. Em todas as coisas, ore continuamente. Pois você não pode nada sem o socorro de Deus.

95. Nada é mais poderoso do que a oração para nos dar a energia divina. E nada mais útil do que ela para obtermos a bem-aventurança de Deus.

96. Toda a prática dos mandamentos está na oração. Pois não há nada mais elevado do que o amor de Deus.

97. A prece sem distração é um sinal do amor de Deus por aquele que persevera. Mas a negligência e a distração durante a prece denunciam o amor ao prazer.

98. Aquele que vela, persevera e ora sem esforço recebe visivelmente e compartilha do Espírito Santo. Mas quem sofre com tudo isso e mantém sua resolução, também recebe rapidamente o socorro.

99. Um mandamento difere do outro. Por isso também uma fé pode ser mais consolidada do que outra.

100. Existe uma fé que provém daquilo que ouvimos⁴⁷², como diz o Apóstolo, e existe uma fé que é o fundamento daquilo que se espera⁴⁷³.

101. É bom dizer palavras úteis aos que estão aprendendo. Mas ainda melhor é vir em seu auxílio com orações e com a virtude. Pois quem se oferece a Deus por meio delas ajuda seu próximo com o socorro que ele próprio recebe.

102. Se você quiser, em poucas palavras, prestar um serviço àquele que deseja aprender, mostre-lhe a prece, a fé reta, a paciência nas provações. É por meio destas três virtudes que se obtém todas as demais.

⁴⁷² Cf. *Romanos* I, 17.

⁴⁷³ Cf. *Hebreus* XI, 1.

103. Aonde se espera Deus, não se combate mais o próximo.

104. Se tudo o que é involuntário tem sua fonte naquilo que desejamos, como diz a Escritura⁴⁷⁴, ninguém é tão inimigo do homem quanto ele mesmo.

105. A ignorância está na cabeça de todos os males, e logo a seguir vem a falta de fé.

106. Fuja das tentações pela paciência e a oração. Se você pretender combatê-las sem estas virtudes, elas o atacam cada vez mais.

107. Quem é manso conforme Deus é mais sábio do que os sábios, e quem é humilde de coração é mais poderoso do que os poderosos, pois eles carregam o jugo de Cristo com conhecimento de causa.

108. Tudo o que podemos dizer ou fazer sem a prece se revelará mais tarde perigoso ou inútil, e seremos contra nossa vontade condenados pelos fatos.

109. É por seus atos, pensamentos e palavras que cada qual é justo. Mas é pela fé, a graça e o arrependimento que muitos encontram a justiça.

110. Assim como o orgulho é estranho àquele que se arrepende, também é impossível que seja humilde o que peca deliberadamente.

111. A humildade não é uma condenação que a consciência carrega, mas o reconhecimento da graça de Deus e de sua compaixão.

112. O intelecto dotado de razão está para a graça divina assim como uma casa material está para o espaço que a envolve. Quanto mais matéria você retirar dela, mas se irá; quanto mais fizer entrar, mais virá.

113. A matéria da casa são os móveis e os alimentos; a matéria do intelecto são a vanglória e o prazer.

114. Aquilo que dilata o coração é a esperança em Deus. Aquilo que oprime são

⁴⁷⁴ Talvez referência a *Romanos* VII, 14-20.

os cuidados do corpo.

115. Uma e imutável é a graça do Espírito, mas ele age sobre cada um da maneira como quiser⁴⁷⁵.

116. Assim como a chuva que cai sobre a terra fornece às plantas sua propriedade natural, a doçura às doces e o amargor às amargas, também a graça, espalhando-se, sempre a mesma, no coração dos fiéis, lhes dispensa as energias que combinam com suas virtudes.

117. A graça se torna alimento para quem tem fome por amor a Cristo, bebida doce para o que tem sede, vestes para o que tem frio, repouso para o que sofre, certeza plena para o que ora, consolo para o que chora.

118. Quando você ouve a Escritura dizer que o Espírito Santo pousou sobre cada um dos apóstolos⁴⁷⁶, que ele desceu sobre o profeta⁴⁷⁷, ou que ele age⁴⁷⁸, ou que ele se entristece⁴⁷⁹, ou que ele se apagou⁴⁸⁰, ou que ele se irrita, ou ainda que alguns recebem dele as primícias⁴⁸¹ e que outros estão cheios dele⁴⁸², não pense que o Espírito se divida, mude ou se altere, mas creia, como dissemos, que ele é imutável, invariável e todo-poderoso. É por isso que, nas suas energias, ele permanece sendo aquilo que ele é, e ele assegura divinamente a cada um aquilo que lhe é necessário. Com efeito, como o sol, ele se espalha plenamente sobre os batizados. Mas cada um de nós será iluminado na medida em que detestar e dissipar as paixões que o entenebrece. Mas na medida em que as amar e se ligar a elas, o homem permanecerá nas trevas.

119. Quem detesta as paixões cuida de suprimir-lhes as causas. Mas quem permanece ligado às causas será atacado pelas paixões mesmo contra sua vontade.

⁴⁷⁵ Cf. 1 *Coríntios* XII, 11.
⁴⁷⁶ Cf. *Atos* II, 3.
⁴⁷⁷ Cf. 1 *Samuel* XI, 6 e XVI, 13.
⁴⁷⁸ Cf. 1 *Coríntios* XII, 11.
⁴⁷⁹ Cf. *Efésios* IV, 30.
⁴⁸⁰ Cf. 1 *Tessalonicenses* V, 19.
⁴⁸¹ Cf. *Romanos* VIII, 23.
⁴⁸² Cf. *Atos* II, 4 ou IV, 8 ou VI, 3 etc.

120. Quando somos submetidos aos maus pensamentos, atribuamos a nós mesmos, e não ao pecado de nosso primeiro pai.

121. As raízes dos pensamentos são os vícios manifestos. Não cessemos de nos defender deles, com os pés, as mãos e a boca.

122. É impossível ligar-se em pensamento a uma paixão sem amar-lhe as causas.

123. Quem se liga à vanglória, se desdenha a vergonha? Quem é perturbado pela desonra, se ama ser considerado como nada? Quem acolhe o prazer da carne, se seu coração está partido e humilhado? Quem se inquieta com o combate das coisas passageiras, se crê em Cristo?

124. Quem foi ofendido e não disputou com o ofensor nem em palavras nem em pensamentos, possui o verdadeiro conhecimento e dá provas de uma fé segura no Mestre.

125. Os filhos dos homens são as mentiras sobre a balança da justiça⁴⁸³. É Deus quem dispensa a cada um aquilo que é justo.

126. Se aquele que comete uma injustiça não é mais, e aquele que a sofre não é menos, o homem passa como uma sombra e ele se preocupa em vão⁴⁸⁴.

127. Se você vê alguém que se aflige pelos numerosos ultrajes que recebeu, saiba que ele está cheio de pensamentos de vanglória, e que ele recolhe sem alegria aquilo que ele semeou em seu coração.

128. Quem desfruta dos prazeres do corpo além da conta pagará seus excessos com cem vezes mais penas.

129 O mestre não deve dizer ao discípulo o que este deve fazer, nem mostrar-lhe as faltas, se ele não o escutar.

130. Aquele que foi ofendido por alguém e não cobra desculpas de seu ofensor,

⁴⁸³ Cf. *Salmos* LXII, 10.
⁴⁸⁴ Cf. *Salmos* XXXIX, 7.

por isso mesmo se remete a Cristo. Ele receberá o cêntuplo no século presente, e herdará a vida eterna⁴⁸⁵.

131. A lembrança de Deus é a pena que confere a si mesmo o coração pela piedade. Mas os que esquecem Deus entregam-se aos prazeres e se tornam insensíveis.

132. Não diga que o impassível não pode ser afligido. Pois se ele não é afligido por si mesmo, será pelo seu próximo.

133. Quando o inimigo guarda numerosos escritos nos quais aquele que esqueceu seus pecados reconhece suas dívidas, ele obriga seu devedor a cometê-las na memória, aproveitando-se normalmente da lei do pecado.

134. Se você quiser se lembrar continuamente de Deus, não rejeite as provações como se elas fossem injustas, mas suporte-as como sendo justo que lhe tenham sido enviadas. Pois a paciência em todos os acontecimentos desperta a lembrança. Mas a recusa apequena a memória inteligente do coração e, pelo relaxamento, suscita o esquecimento.

135. Se você quiser que seus pecados permaneçam encobertos diante do Senhor⁴⁸⁶, não exponha diante dos homens suas virtudes, se as tiver. Pois aquilo que fizermos com nossas virtudes, Deus fará com nossos pecados.

136. Se você esconde suas virtudes, não se orgulhe, como se você cumprisse com a justiça. Pois a justiça não consiste apenas em esconder o bem, mas antes jamais sequer conceber o que é proibido.

137. Não se alegre quando você fizer o bem a alguém, mas quando você suportar sem ressentimento a hostilidade que virá. Como a noite segue o dia, também o mal sucede a benemerência.

138. A vanglória, o amor ao dinheiro e o prazer jamais deixam sem mancha a benemerência, se não forem previamente arrasados pelo temor a Deus.

⁴⁸⁵ Cf. *Marcos* X, 30.

⁴⁸⁶ Cf. *Salmos* XXXII, 1.

139. A piedade de Deus se esconde nos sofrimentos involuntários. Ela conduz quem as suporta ao arrependimento, e o preserva do castigo eterno.

140. Dentre os que observam os mandamentos, alguns esperam que na balança estes façam contrapeso aos seus pecados, enquanto outros esperam obter o perdão d'Aquele que morreu por nossos pecados. É preciso ver quais deles têm razão.

141. O medo da geena e o desejo do Reino liberam paciência nas aflições. Não em si, mas pela graça d'Aquele que conhece nossos pensamentos⁴⁸⁷.

142. Quem crê no século futuro por si só se abstém dos prazeres do século presente. Mas quem não crê se entrega ao prazer e se torna insensível.

143. Não diga: “Como pode um pobre atirar-se aos prazeres, se ele não possui os meios para tanto?” Pois é possível entregar-se aos prazeres em pensamento, e da maneira mais miserável ainda.

144. Uma coisa é o conhecimento das coisas e outra é o reconhecimento da verdade. Tanto quanto difere o sol da lua, tanto o segundo é mais útil do que o primeiro.

145. Adquire-se o conhecimento das coisas na medida em que observa os mandamentos. Mas o reconhecimento da verdade se obtém na medida de nossa esperança em Cristo.

146. Se você quiser ser salvo e alcançar o conhecimento da verdade⁴⁸⁸, esforce-se sem cessar para ultrapassar o sensível e agarrar-se a Deus apenas com sua esperança. Pois quando você for desviado contra sua vontade, você encontrará as potências e os poderes que irão combatê-lo com suas sugestões. Mas você os vencerá pela prece, você manterá a boa esperança, e você receberá a graça de Deus, que o salvará da ira que virá.

147. Quem compreende o sentido místico das palavras de são Paulo, quando ele

⁴⁸⁷ Cf. *Mateus* V, 22.

⁴⁸⁸ Cf. 1 *Timóteo* II, 4.

diz que o combate é levado contra os espíritos do mal⁴⁸⁹, compreenderá também a parábola em que o Senhor afirma que é preciso orar continuamente e jamais relaxar⁴⁹⁰.

148. A lei ordena simbolicamente trabalhar seis dias e repousar no sétimo⁴⁹¹. É por isso que a obra da alma passa pelas riquezas, ou seja pela própria fruição das coisas. Mas o laser e o repouso da alma consistem em tudo vender e dar aos pobres, conforme a palavra do Senhor⁴⁹², para depois, uma vez alcançado o repouso, dedicar-se à esperança espiritual. É também neste repouso que Paulo nos exorta insistentemente a entrar, quando ele diz: “Esforcem-se para entrar em repouso⁴⁹³”.

149. Mas não dizemos isto para excluir o século futuro, nem para limitar ao século presente a retribuição universal, mas porque é preciso antes de tudo possuir a graça do Espírito Santo na obra do coração, para daí entrar no Reino dos céus. É o que mostrou claramente o Senhor, quando disse: “O Reino dos céus está dentro de vocês⁴⁹⁴”. E o Apóstolo diz também: “A fé é o fundamento daquilo que se espera⁴⁹⁵”; e ainda: “Corram de maneira a ganhar o prêmio⁴⁹⁶”; e: “Provem a si mesmos, para saber se estão na fé. Não reconhecem que Jesus Cristo reside em vocês? A menos que sejam reprovados⁴⁹⁷”.

150. Quem reconheceu a verdade não se revolta contra as infelicidades que o possam afligir, pois ele sabe que elas conduzem o homem a Deus.

151. As faltas passadas, quando recordadas em detalhe, prejudicam aquele que possui uma boa esperança, pois elas suscitam a tristeza e enfraquecem a esperança. E se elas se deixam representar sem tristeza, elas trazem de volta as impurezas.

489 Cf. *Efésios* VI, 12.
490 Cf. *Lucas* XVIII, 21.
491 Cf. *Êxodo* XX, 9.
492 Cf. *Mateus* XVIII, 21.
493 *Hebreus* IV, 11.
494 *Lucas* XVII, 1.
495 *Hebreus* XI, 1.
496 1 *Coríntios* IX, 24.
497 2 *Coríntios* XIII, 5.

152. Quando o intelecto, pela renúncia a si mesmo, liga-se à única esperança, então o inimigo, sob pretexto de confissão, lhe apresenta as faltas passadas, com o fim de reanimar nele as paixões que a graça de Deus lhe fizera esquecer, para assim prejudicar o homem contra sua vontade. Ainda que luminoso e avesso às paixões, o intelecto é então necessariamente envolto em trevas, e mais uma vez misturado aos seus erros passados. Perdido em meio às brumas e o amor ao prazer, o intelecto retrocede e se entrega passionalmente às paixões, de tal maneira que a lembrança se mostra uma tendência, e não uma confissão.

153. Se você quiser oferecer a Deus uma confissão irreprochável, não repasse na memória seus fracassos, mas resista corajosamente aos seus ataques.

154. As provas nos chegam a partir das faltas passadas; elas nos trazem aquilo que resulta naturalmente de toda ofensa.

155. O gnóstico, aquele que conhece a verdade, confessa-se perante Deus não pela lembrança daquilo que fez, mas pela paciência naquilo que lhe acontece.

156. Se você rejeita as penas e a desonra, não anuncie que irá se arrepender por meio de outras virtudes. Pois a vanglória e a insensibilidade naturalmente levam à escravidão do pecado, mesmo pelos caminhos retos.

157. De fato, assim como a pena e a desonra costumam engendrar as virtudes, o prazer e a vanglória engendram os vícios.

158. Todo prazer do corpo provém de um relaxamento interior. A falta de fé é que engendra este relaxamento.

159. Quem está submetido ao pecado é incapaz de sozinho superar as necessidades do corpo. Por esta razão ele nunca deixa de estar excitado em seus membros.

160. Quando estamos presas da paixão, é preciso orar e se conhecer. Pois é difícil, mas possível, com socorro, combater as tendências.

161. Aquele que, pela obediência e a oração, luta contra sua própria vontade, é um atleta competente. Por sua renúncia ao sensível, ele expõe claramente seu

combate espiritual.

162. Quem não confia a Deus sua vontade, fracassa no que faz e cai em poder dos adversários.

163. Quando você vê a amizade entre dois malfeitores, saiba que eles concordam um com o outro no que satisfazer suas vontades.

164. O orgulhoso e o vaidoso concordam de bom grado. Um elogia o vaidoso, que se submete servilmente. O outro louva o orgulhoso, que não cessa de elogiá-lo.

165. O discípulo que ama a Deus tem benefícios nas duas direções. Aprovado naquilo que faz de bem, ele se torna ainda mais fervoroso. Condenado pelo que faz de mal, obriga-se ao arrependimento. É preciso orientarmos nossa vida na direção de nosso progresso. E devemos oferecer a Deus orações no sentido de nossa vida.

166. É bom deter-se no primeiro mandamento, de não ter nenhuma necessidade em especial, de não rezar por nenhuma intenção particular, de não buscar senão o Reino dos céus e a palavra de Deus⁴⁹⁸. Se nos inquietamos por cada uma de nossas necessidades, devemos igualmente orar por elas. Pois aquele que age, inquieta-se mas não ora, perde o bom caminho para atingir seu objetivo. É o que diz o Senhor: “Sem mim vocês nada podem⁴⁹⁹”.

167. As desobediências mais inusitadas esperam aquele que se engana sobre o mandamento da oração; uma coisa arrasta a outra como que por um laço.

168. Quem acolhe as aflições presentes com vistas ao século por vir, encontrou o conhecimento da verdade. Ele se livrará facilmente da cólera e da tristeza.

169. Quem, por amor à verdade, escolhe a vida dura e a desonra, caminha sobre a via apostólica, toma sua cruz e carrega suas cadeias⁵⁰⁰. Mas aquele que, não aderindo a esta escolha, tenta guardar seu coração, se perde no intelecto e cai nas

⁴⁹⁸ Cf. *Mateus* VI, 33.

⁴⁹⁹ *João* XV, 5.

⁵⁰⁰ Cf. *Mateus* XVI, 24 e *Atos* XXVIII, 20.

tentações e armadilhas do diabo⁵⁰¹.

170. É impossível a quem combate vencer os maus pensamentos sem atacar suas causas, e vencer as causas, sem atacar os pensamentos. Pois quando rejeitamos uns separadamente, logo somos capturados pelo outro por sua vez.

171. Quem ataca os outros homens por medo dos sofrimentos e dos ultrajes, ou bem sofrerá ainda aqui em baixo por causa de seus males, ou será castigado impiedosamente no século por vir.

172. Quem quiser evitar toda agressão do mal deve por meio da prece confiar tudo o que fizer a Deus, guardar seu intelecto na sua esperança e, na medida do possível, desligar-se de todo cuidado com o sensível.

173. Quando o diabo encontra alguém ocupado sem necessidade com as coisas do corpo, primeiro ele o despoja de seu conhecimento, depois ele corta, como se fosse a cabeça, sua esperança em Deus.

174. Se algum dia você alcançar o lugar fortificado da oração pura, evite neste instante de acolher o conhecimento das coisas suscitadas pelo inimigo, a fim de não perder o mais importante. É melhor perfurá-lo com as flechas da oração, enquanto ele está como que trancado abaixo de nós, do que entreter-se com ele, que vem nos oferecer suas mentiras e que tenta, com sua astúcia, nos separar da prece que nos afasta dele.

175. O conhecimento das coisas ajuda o homem no momento da tentação e da acídia. Mas normalmente ela é prejudicial no momento da oração.

176. Se você está encarregado de ensinar no Senhor e não o escutam, aflija-se em espírito, mas não se perturbe ostensivamente. Aflito, você não será condenado junto com aquele que não o escuta. Mas se você se deixar perturbar, você será tentado em sua própria perturbação.

177. Quando você ensinar, não esconda dos que o escutam aquilo que eles devem fazer. Exponha claramente aquilo que for mais fácil, mas o que for mais difícil coloque em enigmas.

⁵⁰¹ Cf. 1 *Timóteo* II, 7 e VI, 9.

178. Não reprove na frente dele quem não estiver ligado a você pela obediência, pois isto tem mais a ver com a autoridade do que com o conselho.

179. Aquilo que é repetido muitas vezes torna-se útil a todos, e cada qual reterá em sua consciência aquilo que lhe disser respeito.

180. Aquele que fala com retidão deve receber suas próprias palavras como provindas de Deus. Pois a verdade não pertence ao que fala, mas a Deus que age nele.

181. Não discuta com aqueles que se opõem à verdade e que não estão ligados a você pela obediência, a fim de não despertar seu ódio, como diz a Escritura⁵⁰².

182. Quem cede a seu discípulo naquilo que não deveria o desorienta quanto à questão e o prepara para transgredir as com dições de obediência.

183. Quem adverte ou corrige o pecador no temor de Deus adquire a virtude oposta à falta. Mas quem guarda rancor e censura com maledicência cai na mesma paixão, segundo a lei espiritual.

184. Quem conhece bem a lei teme o legislador., e quem teme o legislador afasta-se do mal⁵⁰³.

185. Não tenha duas linguagens: não se mostre um nas palavras e outro em sua consciência. A Escritura enche de maldições tal pessoa⁵⁰⁴.

186. Existem os que dizem a verdade e são vítimas da raiva dos insensatos, como diz o Apóstolo⁵⁰⁵. E existem os que a dissimulam, e que por isso mesmo são amados. Mas a retribuição, nos dois casos, não tardará, pois o Senhor dá a cada um o que lhe é devido.

187. Quem quer escapar das penas futuras deve suportar de boa vontade os

sofrimentos presentes. Trocando desta maneira em espírito uma coisa por outra, pelos pequenos sofrimentos evitará os grandes castigos.

188. Evite a ostentação nas palavras e a presunção do pensamento, a fim de não ceder e de não fazer o contrário do bem. Pois não é o homem sozinho que faz o bem, mas Deus que vê tudo.

189. Deus, que tudo vê, concede frutos dignos às nossas obras, às nossas intenções e aos nossos pensamentos voluntários.

190. Os pensamentos involuntários nascem de um pecado anterior, mas os pensamentos voluntários nascem de uma vontade livre. Daí serem os segundos causa dos primeiros

191. Aos maus pensamentos que vêm de encontro às nossas intenções segue-se a tristeza; por isso eles se desvanecem rapidamente. Mas aos pensamentos que vão na mesma direção de nossas intenções segue-se a alegria; assim, eles não se deixam dissipar facilmente.

192. Aquele que ama o prazer aflige-se entre as condenações e a miséria. Mas quem ama a Deus se aflige em meio aos elogios e ao sucesso.

193. Quem não conhece os juízos de Deus segue em espírito por uma via bordejada de precipícios, e a menor brisa basta para desequilibrá-lo. Elogiado, ele se orgulha. Censurado, lamenta-se. Mimado, torna-se impudente. Afligido, se prostra. Se ele compreende, vangloria-se. Se não entende, finge. Rico, glorifica-se. Pobre, dissimula. Se está saciado, torna-se arrogante. Se jejua, faz disso motivo de vaidade. Discute com quem o censura. E considera tolos os que o perdoam.

194. Assim, se não adquirirmos o conhecimento da verdade e o temor a Deus pela graça de Cristo, seremos duramente mortificados, não apenas pelas paixões, mas também pelos acontecimentos.

195. Quando você quiser corrigir um assunto pessoal complicado, procure aquilo que agrada a Deus no caso e você encontrará a solução mais útil.

196. Toda a criação concorre para a obra que agrada a Deus, mas resiste à obra

⁵⁰² Cf. *Provérbios* IX, 8.

⁵⁰³ Cf. *Provérbios* XV, 27.

⁵⁰⁴ Cf. *Eclesiástico* XXVIII, 13.

⁵⁰⁵ Esta frase não se encontra nos escritos apostólicos.

da qual Deus se desvia.

197. Quem se opõe aos acontecimentos penosos combate sem o saber as ordens de Deus. Mas quem os aceita, porque tem o verdadeiro conhecimento, conforme a Escritura, este espera o Senhor⁵⁰⁶.

198. Quando sobrevém uma provação, não pergunte porque, nem por quem, ela aconteceu; procure apenas o modo de suportá-la dando graças, sem tristeza e sem ressentimento.

199. O mal que os outros nos fazem não nos impõem nenhum pecado, se o acolhermos sem maus pensamentos.

200. Se é difícil encontrarmos alguém que agrade a Deus sem ter sido provado, devemos dar graças a Deus por todos os acontecimentos penosos.

201. Se Pedro não tivesse perdido a pesca noturna⁵⁰⁷, ele não teria tido sucesso na pesca diurna. Se Paulo não tivesse sido cegado nos seus sentidos⁵⁰⁸, ele não teria recuperado a visão de seu intelecto. E se Estevão não tivesse sido acusado de blasfêmia caluniosamente, os céus não teriam se aberto para ele, e ele não teria visto a Deus⁵⁰⁹.

202. Assim como agir segundo Deus se chama virtude, também uma aflição imprevista se chama provação.

203. Deus testou Abraão⁵¹⁰, ou seja, ele o afligiu para seu próprio bem, não para saber como ele era (pois ele o sabia, ele que conhece todas as coisas antes que elas aconteçam), mas para permitir-lhe alcançar a fé perfeita.

204. Toda aflição indica o lado para o qual pende a vontade, se para a direita ou para a esquerda. É por isso que a aflição imprevista se chama prova. Ela revela as vontades ocultas daquele que a recebe e acolhe.

⁵⁰⁶ Cf. *Salmos* XXVII, 14.

⁵⁰⁷ *Lucas* V, 5.

⁵⁰⁸ Cf. *Atos* IX, 8.

⁵⁰⁹ Cf. *Atos* VI, 15.

⁵¹⁰ Cf. *Gênesis* XXII, 1 e ss.

205. O temor a Deus nos obriga a combater o mal. E quando o combatemos, a graça de Deus o combate junto.

206. A sabedoria não consiste apenas em conhecer a verdade em suas conseqüências naturais, mas também em suportar como nosso próprio bem a desonestidade daqueles que cometem injustiças. Os que se contentam com o primeiro grau crescem em orgulho; os que chegam ao segundo, adquirem a humildade.

207. Se você não quiser ser dominado por maus pensamentos, aceite ser humilhado em sua alma e afligido em sua carne. E isto, não eventualmente, mas em todo tempo, todo lugar, todas as coisas.

208. Quem se deixa instruir voluntariamente pelas aflições não será dominado por pensamentos involuntários. Mas quem não aceita aquelas será cativo destes, mesmo contra sua vontade.

209. Quando, sob o impacto de uma injustiça, suas entranhas e seu coração se endurecem, não se entristeça. Pois esta emoção, que revela o que você trazia dentro de si, é providencial. Desvie com alegria os pensamentos que se levantam, sabendo que se eles forem destruídos logo ao nascer, o mal será destruído naturalmente com eles, antes da emoção surgir. Mas se os pensamentos perdurarem é normal que o mal também continue a crescer.

210. Sem a contrição do coração é impossível escapar ao mal. Ora, aquilo que parte o coração é a tripla abstinência, ou seja, a abstinência de sono, de alimento e de relaxamento corporal. O excesso destas três coisas leva, com efeito, ao amor pelo prazer. E o amor pelo prazer acolhe os maus pensamentos: ele se opõe à prece e ao serviço que nos é imputado.

211. Se acontecer de você ser encarregado de comandar seus irmãos, assumo seu cargo e não se cale, por causa dos seus contraditores, quanto àquilo que deve ser feito. Nos que lhe obedecerem estará sua recompensa, para virtude deles. Quanto aos que não o escutarem, perdoe-lhes do mesmo modo, e você receberá o perdão d'Aquele que disse: “Perdoe e será perdoado⁵¹¹”.

⁵¹¹ *Mateus* VI, 14.

212. Todo acontecimento é como um mercado: quem sabe negociar ganhará muito; quem não sabe, perderá.

213. Não force quem não obedece logo de início, e não discuta com ele, mas tome para si o ganho que ele rejeitou. Você ganhará mais tendo paciência do que o corrigindo.

214. Quando o prejuízo sofrido por um recai sobre muitos, então não é preciso mais ter paciência, nem buscar o próprio bem, mas o bem de todos, a fim de que todos sejam salvos. É por isso que uma virtude múltipla é mais útil do que uma virtude singular.

215. Se cairmos num pecado, qualquer que seja, e não nos afligirmos na medida correspondente, cairemos outra vez facilmente na mesma armadilha.

216. Assim como uma leoa não se aproxima afetuosamente de uma novilha, também a impudência não é capaz de acolher com alegria a tristeza segundo Deus.

217. Assim como a ovelha não cruza com o lobo para ter cordeirinhos, também as penas do coração não podem unir-se à saciedade para engendrar as virtudes.

218. Ninguém consegue experimentar a pena e a tristeza segundo Deus se primeiro não amar aquilo que as suscita.

219. O temor a Deus e a condenação inclinam à tristeza. A temperança e as vigílias combinam com o sofrimento.

220. Aquele que não se deixa corrigir pelos mandamentos e as exortações da Escritura será conduzido com o chicote do cavalo e a espora da mula⁵¹². E se os recusar será levado pelas rédeas e com os freios nos maxilares⁵¹³.

221. Quem sucumbe facilmente às pequenas tentações, será facilmente sujeitado pelas grandes. Mas quem resiste às pequenas resistirá às grandes, com a ajuda do

⁵¹² Cf. *Provérbios* XXVI, 3.

⁵¹³ Cf. *Salmos* XXXI, 9.

Senhor.

222. Não tente, censurando-o, ser útil ao que se glorifica de suas virtudes. Pois o mesmo homem não consegue amar ao mesmo tempo a ostentação e a verdade.

223. Toda palavra de Cristo manifesta a misericórdia, a justiça e a sabedoria de Deus. Aqueles que se regozijam em ouvir recebem seu poder. É por isso que aqueles que são desprovidos de sua misericórdia e de sua justiça e que não têm nenhum prazer em escutar, não puderam compreender a sabedoria de Deus e chegaram a crucificar Aquele que a ensinava a eles. Também nós, examinemos se nos regozijamos em escutá-lo⁵¹⁴. Pois ele próprio disse: “Quem me ama, observará meus mandamentos; meu Pai o amará e também eu o amarei e me revelarei a ele⁵¹⁵”. Podemos ver assim como ele escondeu sua revelação nos mandamentos. O mais fundamental dos mandamentos é o amor a Deus e ao próximo, que é suscitado pela abstenção das coisas materiais e pela hesíquia dos pensamentos.

224. O Senhor, sabendo disto, nos prescreveu: “Não se inquietem pelo amanhã⁵¹⁶”, e com razão. Pois como é possível a alguém que não se livrou das coisas materiais e das preocupações que elas trazem livrar-se dos maus pensamentos? Como alguém que está presa de pensamentos poderá ver o pecado que eles encobrem? Este pecado é na alma trevas e brumas, e tem sua origem nos pensamentos e nas más ações. Com efeito, o diabo tenta o homem por meio de sugestões, sem violência, permitindo-lhe entrever a origem do pecado. E o homem se deixa prender com complacência, por amor ao prazer e à vanglória. Pois mesmo que, pelo discernimento, ele não o queira, ele se atirá ao prazer e o consentirá. Quanto àquele que não vê o pecado que o envolve, como poderá ele orar para ser purificado? E se ele não for purificado, como encontrará o lugar da natureza pura? E, se ele não o encontrar, como poderá ver a mansão interior de Cristo, ainda que sejamos nós a morada de Deus, como dizem os profetas, os evangelistas e os apóstolos⁵¹⁷?

225. É preciso, portanto, buscar a morada em questão, e perseverar pela oração

⁵¹⁴ Cf. *Marcos* XII, 37

⁵¹⁵ *João* XIV, 21.

⁵¹⁶ *Mateus* VI, 34.

⁵¹⁷ Cf. *Hebreus* III, 6.

em bater à sua porta⁵¹⁸, a fim de que então, ou quando de nossa morte, o Mestre nos abra, e não nos diga, como aos negligentes: “Eu não sei de onde são vocês⁵¹⁹”. E nós devemos não apenas pedir e receber⁵²⁰, mas também conservar o que nos foi dado. Pois existem aqueles que perdem depois de haver recebido. Aqueles que foram instruídos tarde e os noviços não possuem mais do que um conhecimento simples ou mesmo uma experiência acidental das coisas de que tratamos. Quanto à prática assídua e paciente, até os anciãos cheios de piedade e experiência a possuem com dificuldade. Muitos a perderam por negligência, a buscaram novamente, esforçaram-se e a reencontraram. É isto que, também nós, jamais devemos deixar de fazer, até que a tenhamos obtido indefectivelmente.

226. Estes são, dentre muitos outros, alguns dos preceitos da lei espiritual que aprendemos, estes preceitos que o grande Salmista não se cansa de ensinar⁵²¹, a fim de que aqueles que cantam continuamente ao Senhor os guardem e sigam. A Ele a glória, o poder e a adoração, agora e por todos os séculos. Amém.

CARTA AO MONGE NICOLAS CARTA AO MONGE NICOLAS

Há algum tempo, preocupado com sua salvação e zeloso quanto à maneira como convém levar a vida segundo Deus, você veio nos ver para nos confiar seu estado e nos perguntar por quais penas deveria você passar para agarrar-se ao Senhor com um coração fervoroso, com todo o rigor de conduta e de temperança, como em toda ascese, e conduzindo o combate com vigílias freqüentes e uma ardorosa oração. Você nos contou quais as guerras e os enxames de paixões da carne que se levantavam na sua natureza corporal, dirigidas contra a alma, sendo a lei do pecado sempre contrária à lei de nosso intelecto⁵²². E você deplorou ainda ser perturbado pelas paixões da cólera e da concupiscência. Você buscava um método e conselhos para descobrir por meio de que penas e de que combates você seria capaz de superar estas paixões mortais.

Naquele instante, de viva voz, nós o exortamos à caridade, e lhe demos conselhos e regras de sabedoria para o bem de sua alma, mostrando-lhe por meio de quais penas e de quais esforços ascéticos voltados para o discernimento e para a luz do conhecimento espiritual, a alma que se conduz de acordo com os Evangelhos pode, pela fé e com a ajuda da graça, superar os vícios do mal que nascem no coração, e especificamente as paixões de que falamos.

Pois contra as paixões a alma deve levar uma luta tanto mais ardente e constante na medida em que elas tentam manejá-la por meio de suas tendências e hábitos, e tentam arrastá-la cada vez mais, até que ela se submeta às energias carnis e irracionais da malícia, às quais ela obedecerá daí por diante, energias que a tomarão e capturarão pela lembrança contínua dos pensamentos e pela meditação do mal, uma vez que a alma consinta na entrada destes pensamentos no coração.

Uma vez que, desde há algum tempo, estivemos distantes de você, separados de corpos mas não de coração⁵²³, e partimos para o deserto, para junto de verdadeiros operários e atletas de Cristo, a fim de lutarmos, também nós, por pouco que fosse, e combatermos junto com os irmãos que enfrentem as

⁵¹⁸ Cf. Mateus VII, 7.
⁵¹⁹ Lucas XIII, 25.
⁵²⁰ Cf. Mateus VII, 8.
⁵²¹ Cf. Salmos I, 2; CXIX, 16, 23, 71, 112 etc.

⁵²² Cf. Romanos VII, 23.
⁵²³ Cf. 1 Tessalonicenses II, 17.

potências contrárias e que resistem corajosamente às paixões, afastemos a preguiça, rejeitemos para longe de nós toda negligência, e vistamo-nos de fervor e solicitude, desejosos de agradar a Deus. É assim que decidimos traçar por escrito e enviar à sua nobreza alguns breves conselhos e recomendações, para o bem de sua alma, a fim de que, a respeito das questões de que já lhe falei face a face, se você ler atentamente o pouco que escrevemos em nossa exortação, você possa dar os frutos espirituais, como se estivéssemos presentes.

Eis, meu filho, o que você deverá fazer para começar aquilo que lhe será útil para viver segundo Deus. É preciso, sem jamais os esquecer e deles lembrando-se sempre, recordar por meio de uma meditação contínua os dons providenciais e as benesses que Deus, em seu amor pelo homem, lhe concedeu e lhe concede para a salvação da sua alma. Não esqueça, cobrindo-se com o véu da malícia, tantas e tais benesses, e não perca a sua lembrança por negligência, pois do contrário você passará o tempo que lhe resta a viver privado de todos os privilégios e de todo reconhecimento.

Estas recordações incessantes, picando o coração como um ferrão, o levarão continuamente à confissão, à humildade, à ação de graças de uma alma partida, a todo bom fervor e à resposta que ele deve dar em retribuição ao Senhor por meio dos comportamentos e das condutas, e por meio de todas as virtudes dignas de Deus, sem jamais cessar de meditar com toda a consciência as palavras do profeta: “Que retribuirei eu ao Senhor por tudo o que ele me deu?”⁵²⁴

Com efeito, quando a alma se recorda das benesses com que foi cumulada por Deus que ama os homens desde seu nascimento, ou de todos os perigos dos quais tantas vezes ela foi preservada, ou de todos os males nos quais ela tombou, ou das faltas voluntárias em que ela se deixou levar tantas vezes, ela lembra que não foi abandonada aos espíritos malfeitores, como o seria pela justiça, para sua perdição e morte, mas que, ao contrário, com sua paciência, o Mestre que ama os homens a guardou, passando por cima de suas faltas, acolhendo seu retorno, e que ele próprio a alimentou, protegendo-a e prevendo tudo, mesmo quando, ligada à paixão, ela voluntariamente pôs-se a serviço dos seus inimigos, os espíritos do mal. E ela se recorda de que no final, por uma decisão de sua bondade, ele a conduziu sobre a via da salvação, colocou em seu coração o encanto da vida ascética, lhe deu forças para abandonar o mundo e as ilusões dos

prazeres e da carne com alegria, vestiu-a com o hábito angélico da ordem dos ascetas, e lhe permitiu ser recebida pelos homens santos na comunhão de sua fraternidade. Quem, recordando estas benesses na pureza de sua consciência, não guardaria constantemente um coração partido? Prevenido pelas garantias de tantas benesses, sem ter feito antecipadamente nada de bom, não manterá ele sempre uma firme esperança?

Eu digo a mim mesmo que se, sem que eu próprio tenha feito nada de bom, mas ao contrário tendo cometido diante dele numerosos pecados e vivido em meio às impurezas da carne e a tantos outros males, ele não me viu segundo as minhas faltas nem me tratou de acordo com as minhas iniquidades⁵²⁵, mas, em vista da salvação, dotou-me de tão grandes dons e tão grandes graças, se eu daqui em diante me consagrar inteiramente a servi-lo com toda a pureza da conversão e toda a retidão das virtudes, de quantos outros bens e graças espirituais não me julgará digno ele, dando-me a força para realizar a boa obra sobre este caminho pelo qual me conduz?

É por isso que quem guarda sempre em si tal pensamento e jamais esquece as benesses de Deus, desconfia de si mesmo, se corrige e se engaja com ardor em todas as boas asceses da virtude e em todas as obras de justiça, sempre disposto, sempre pronto a fazer a vontade de Deus.

Filho bem-amado, que pela graça de Deus foi dotado de compreensão natural, guarde sempre em si mesmo esta meditação e este bom estudo. Não se deixe ensombrecer pelo esquecimento maléfico. Não permita que a distração esvazie seu intelecto e o desvie da vida. Não deixe a ignorância, causa de todos os males, entenebreça seu pensamento. Recuse ser seduzido pela despreocupação, arrastado pelo prazer da carne e vencido pela gulodice. Não deixe que a concupiscência capture seu intelecto, nem que o suje o consentimento dos pensamentos de prostituição, nem se deixe vencer pela cólera que engendra o ódio ao irmão. E não vá, sob algum pretexto miserável e digno de pena, entristecer os outros ou a si mesmo, cultivar a lembrança dos maus pensamentos contra o próximo, desviar-se da prece pura dedicada a Deus, reduzir seu intelecto à servidão, e suspeitar do próximo que possui uma alma igual à sua. Não acorrente sua consciência às expressões irracionais dos cuidados da carne. Não se atire aos maus espíritos aos quais você cedeu para que eles o instruissem até

que, desprovido de toda certeza, arrasado pela tristeza e pela negligência, incapaz de progredir em Deus devido às faltas anteriores, o intelecto se pôs novamente a buscar, em profunda humildade, o começo da via da salvação. Assim, aceitando os muitos sofrimentos das orações e vigílias noturnas, apagando suas faltas pela confissão diante de Deus e do próximo, ele reencontrará a sobriedade e a vigilância e, pela graça de Deus, o flamejar das iluminações do conhecimento evangélico, sabendo que quem não se entrega inteiramente à cruz, com um sentimento de humildade e autonegação, quem não se coloca abaixo de todos os outros para ser pisado, desdenhado, desprezado, ultrajado, ofendido, abandonado, a tudo suportando com alegria no amor ao Senhor, quem não busca jamais as coisas humanas nem a glória, nem as honras, nem os elogios, nem os prazeres da comida, da bebida e das vestimentas, não pode se tornar um verdadeiro cristão.

Uma vez que nos propusemos a estes combates, lutas e coroas, até quando, sob a cobertura de uma piedade formal, iremos nos rir do mundo, deixando-o acreditar que estamos a serviço do Senhor, nós que não somos julgados pelos homens da mesma forma como aparecemos aos olhos d'Aquele que conhece os segredos dos corações? Pois muitos nos consideram santos, enquanto que ainda agora nos comportamos como selvagens. Na verdade, temos a aparência de piedade, mas diante de Deus ainda não adquirimos aquilo que dá força a ela⁵²⁶. Muitos nos consideram virgens e puros, quando para Aquele que conhece os segredos dos corações somos internamente sujos das impurezas do consentimento aos pensamentos de prostituição, mergulhados no lodaçal aonde se ativam as paixões, e por causa de nossa ascese sempre formal, o intelecto cego, somos ainda mais arrastados para trás pelos elogios dos homens.

Até quando caminharemos na vaidade do intelecto sem tomarmos sobre nós a sabedoria evangélica, sem reconhecermos aonde se encontra a conduta consciente, a fim de buscá-la com fervor e descobriremos a liberdade que esta consciência dá? Mas nós permanecemos ainda naquilo que acreditamos ser a única justiça do homem exterior. Na falta de um verdadeiro conhecimento, nós nos enganamos a nós mesmos seguindo observações que não são mais do que exteriores, pretendendo agradar aos homens e perseguindo a glória de suas honras e de seus elogios.

Mas certamente ele virá, Aquele que desvela os segredos das trevas e revela os desígnios dos corações, o Juiz que ninguém engana, Aquele que não se deixa levar nem pelo temor diante do rico, nem pela piedade diante do pobre, Aquele que ergue o hábito exterior e mostra a verdade escondida lá dentro, Aquele que junto a seu Pai, em presença dos anjos, coroa os verdadeiros combatentes e os verdadeiros atletas, que se conduzem segundo sua consciência. Mas os que portam o hábito mas se revestem da piedade formal, aqueles que expõem diante dos homens uma conduta puramente aparente, que assim se mantêm vaidosamente e enganam a si mesmos⁵²⁷, a estes ele levará cativos diante da Igreja do alto, a Igreja dos santos, e de toda a assembleia celeste. E ele os devolverá assim, cobertos de vergonha, às trevas exteriores, como as virgens tolas⁵²⁸. Estas haviam guardado a virgindade exterior, mas não é por isso que foram consideradas culpadas. Elas também possuíam uma parte de óleo em suas vasilhas, ou seja, elas haviam também recebido conjuntamente algumas virtudes, algumas ações exteriores corretas e algumas graças. É por isso que suas lamparinas ainda permaneceram algum tempo acesas. Mas pela negligência, pela ignorância, pelo descuido, elas faltaram com a prudência e não reconheceram precisamente o enxame de paixões escondido no interior e dirigido pelos espíritos do mal. Elas deixaram suas reflexões se corromperem sob as energias contrárias. Elas se sujaram ao consentir os pensamentos, secretamente seduzidas e vencidas pela pior inveja, pelo ciúme inimigo do bem, as discórdias, as disputas, a raiva, a cólera, o azedume, o rancor, a hipocrisia, a irritação, o orgulho, a vanglória, a preocupação em agradar aos homens, a autossuficiência, o amor ao dinheiro, a acídia, os desejos da carne que suscitam o prazer em pensamento, a perfídia, a presunção, o desencorajamento, a tristeza, a preguiça, o sono, a ostentação, a pretensão, a insolência, o autoelogio, a avidez, o deboche, a cupidez, o desespero mais duro que tudo, e até os menores efeitos do mal. Quanto às suas boas obras e à sua conduta casta, também aí eles fizeram de tudo para aparecer diante dos homens e recolher seus elogios. Se elas tivessem compartilhado certas graças, as teriam vendido aos espíritos da vanglória e do desejo de agradar e, entregando-se às outras paixões, teriam misturado seus bons hábitos aos maus pensamentos da carne. É por isso que o que elas fizeram era inaceitável e impuro, como o sacrifício de Caim⁵²⁹. Elas foram privadas da alegria do Esposo e excluídas do lugar celeste das bodas.

Eis, portanto, aquilo que é preciso considerar, discernir, experimentar, para saber e compreender em que estado estamos, e nos corrigirmos enquanto temos ainda tempo para arrependimento e conversão. Também nossas boas obras, cumpridas com toda a pureza, serão verdadeiras e límpidas, e não se misturarão às coisas da carne, para que não sejam rejeitadas como um sacrifício defeituoso, por desrespeito a Deus, negligência e falta de verdadeiro conhecimento. Após havermos suportado as penas da virgindade, da temperança, das vigílias, dos jejuns e da hospitalidade, quando terminarmos nossos dias, evitaremos deste modo que, por causa das paixões de que falamos, aquilo que considerávamos como obras de justiça não se mostre um sacrifício defeituoso que não será recebido por Cristo, o sacerdote mais alto do que o céu.

É preciso assim, meu filho, que quem quiser tomar a cruz e seguir a Cristo vigie em primeiro lugar para adquirir o conhecimento e a inteligência, sondando continuamente em si mesmo os pensamentos, pensando sempre na salvação, cultivando a consciência, esforçando-se por ir em direção a Deus, interrogando os servidores de Deus que estão com ele de coração e alma e que levam adiante o mesmo combate, se não quiser, ignorando por onde caminha, andar pelas trevas sem a luz da lamparina. Pois quem vive como quer, na idiorritmia⁵³⁰, sem o conhecimento evangélico, e vai pelo caminho sem ninguém que o guie, encontrará muitos obstáculos, cairá em muitos grotões e armadilhas do maligno, se perderá frequentemente, correrá múltiplos perigos, e não saberá que fim lhe aguarda. São numerosos, com efeito, os que passaram por muitas penas e asceses, que suportaram por Deus a vida dura e muitas aflições, mas que, pela idiorritmia, a falta de discernimento, a recusa à ajuda do próximo, viram anulados e tornados inúteis tantos sofrimentos.

Portanto você, filho bem-amado, como já lhe disse no início desta exortação, não vá, levado pelas enganações da malícia e da negligência, esquecer as benesses com que o cumulou o Deus adorado que ama os homens. Mas os bens que você recebeu desde seu nascimento até agora, sejam corporais ou espirituais, conserve-os diante dos seus olhos, medite sobre eles, repasse-os na memória, como foi dito: “Não esqueça nenhum de seus benefícios⁵³¹”, a fim de que seu

⁵³⁰ Idiorritmia: designa a independência irresponsável do monge que não possui outra medida senão sua própria conveniência.

⁵³¹ *Salmo* CIII, 2.

coração seja tranqüilamente levado a temer e amar a Deus, a ele respondendo, o quanto for possível, com uma vida rigorosa, uma conduta virtuosa, uma consciência pia, palavras afáveis, uma fé direita, um coração humilde, numa palavra, consagrando-se inteiramente a ele, cheio de pudor à lembrança dos bens que lhe confiou o bom Mestre que ama os homens. Então, dele próprio, ou melhor, com a ajuda e o impulso do alto, seu coração se abrirá à ferida do amor e do desejo⁵³², porque as maravilhas que ele não fez por outros muito melhores do que você, ele as fez para você em seu inefável amor pelo homem.

Portanto, esforce-se para manter sempre na memória estes bens que lhe foram concedidos por Deus. Em especial, lembre-se sempre desta grande e maravilhosa graça e deste benefício que ele lhe concedeu, como você nos contou, quando, juntamente com sua mãe, você fazia o périplo pelos Lugares Santos a caminho de Constantinopla, e uma terrível e irresistível tempestade se levantou em plena noite, desencadeando ondas enormes, tendo perecido no abismo todos os passageiros, os marinheiros e até sua própria mãe, enquanto que, pela incompreensível potência divina, apenas você, junto com outros dois, foram lançados à praia e salvos. Lembre-se como a providência lhe permitiu ir a Ancora, aonde você foi recebido por um homem livre com amor paternal, que o uniu numa mesma afeição a Epifânio, seu piedoso filho, de tal maneira que, conduzidos os dois por um santo homem, vocês alcançaram o caminho da salvação e foram acolhidos pelos santos servidores de Deus como crianças nobres.

A todas estas benesses que lhe vieram de Deus, o que tem você de digno para responder Àquele que atraiu sua alma para a vida eterna? Pois daqui para diante, o que é justo, é que você não viva mais para si mesmo, mas para Cristo que morreu e ressuscitou por você⁵³³, esforçando-se para alcançar todas as virtudes da justiça, a observação dos mandamentos, procurando sempre a vontade de Deus, aquilo que é bom, que o agrada, aquilo que é perfeito⁵³⁴, com todas as suas forças.

Meu filho, submeta apenas a sua juventude à palavra de Deus, como ela própria

⁵³² Desejo: tradução de *epithymia*, a primeira das três partes da alma. Trata-se da tensão que gera o amor do criado pelo incriado, ou do criado por si mesmo.

⁵³³ Cf. 2 *Coríntios* V, 15.

⁵³⁴ Cf. *Romanos* XII, 2.

lhe pede. Ofereça seu corpo em sacrifício vivo, santo, que agrade a Deus, como o culto espiritual⁵³⁵. Moderando suas necessidades, bebendo pouco, passando as noites em vigília, você esfriará e secará a umidade dos desejos da carne, a fim de que também você possa dizer: “Eu me tornei como gelo, não esqueci seus mandamentos⁵³⁶”.

Sabendo que você é de Cristo, crucifique sua carne, como diz o Apóstolo, juntamente com suas paixões e desejos⁵³⁷, e mortifique seus membros que estão sobre a terra⁵³⁸, não apenas o ato da prostituição, mas toda impureza que age na carne sob o impulso dos maus espíritos. Pois não é somente até lá que aquele que quer receber a verdadeira virgindade, pura e perfeita, deve conduzir seu combate. Pois, segundo o ensinamento do Apóstolo, ele deve lutar para destruir até a marca e o movimento da própria paixão. E mesmo assim ele ainda não terá a plena certeza de estar recebendo em sua morada corporal, pela força de seu amor, a pura e angélica virgindade. Que ele reze para que desapareça até mesmo a lembrança do simples desejo do pensamento, lembrança que, independente do movimento e da energia corporal da paixão, vem como um sopro perturbar o intelecto. Mas não é possível chegar lá a não ser com o socorro do alto, o poder e os dons do Espírito, e no mínimo sendo julgado digno de receber tais graças.

É assim que aquele que recebeu a coroa da virgindade pura e imaterial crucifica sua carne pelas penas da ascese e mortifica seus membros que estão sobre a terra pela tensão e a paciência da temperança. Ela destrói o homem exterior, o afina e extenua, ela o seca, a fim de que, pela fé, pelos combates e pela energia da graça, o homem interior se renove a cada dia⁵³⁹, progrida para o melhor, cresça em amor e se vista de doçura, feliz pela exultação do Espírito, recompensado pela paz de Cristo, conduzido pela obrigação, guardado pela bondade, cercado pelo temor a Deus, iluminado pela consciência e pelo conhecimento, esclarecido pela sabedoria, guiado pela humildade. Renovado por meio de tais virtudes, o intelecto, sob a ação do Espírito, descobre em si mesmo a marca da imagem divina, compreende a inefável beleza espiritual de sua semelhança com o Mestre, e torna sua a riqueza da sabedoria da lei interior, que instrui e ensina por

535 Cf. Romanos XII, 1.

536 Salmos CXIX, 83.

537 Cf. Gálatas V, 24.

538 Cf. Colossenses III, 5.

539 Cf. 2 Coríntios IV, 16.

si só.

Portanto, meu filho, afine esta carne ainda jovem. Alimente a alma imortal, como dissemos. E por meio das virtudes de que falamos, renove o intelecto na sinergia do Espírito. Pois a carne embebida em sua juventude pelas comidas e o vinho é como um leitão pronto para ser imolado. Também a alma é imolada pelo fogo dos prazeres do corpo. E o intelecto, incapaz de resistir aos prazeres da carne, torna-se cativo do calor dos desejos maus. Pois o afluxo de sangue provoca o refluxo do Espírito. É preciso, sobretudo, que a juventude não toque no vinho, que ela ignore até mesmo seu odor. Senão, pelo duplo incêndio, provocado de dentro pela energia da paixão e de fora pelo vinho entornado e consumido, o prazer da carne expulsará para longe o prazer espiritual fornecido pela pena e a compunção, e trará para o coração a perturbação e a dureza. Mais ainda, que, pelo desejo espiritual, a juventude recuse mesmo beber água até a saciedade. Pois a privação de água em muito ajuda a manter a castidade. Experimente isto na prática. É pela própria experiência que você receberá a plena certeza.

Pois não estamos lhe dando estas leis e regras porque queremos lhe impor o jugo do constrangimento, mas nós as recomendamos e aconselhamos afetuosamente, como um bom projeto e um bom método para alcançar a verdadeira virgindade e uma castidade rigorosa. Deixamos a você a liberdade de fazer o que quiser.

E agora falemos um pouco a respeito desta paixão irracional da cólera, que devasta a alma por inteiro, a coloca em confusão e trevas, e que, quando se levanta e se mostra, torna o homem, sobretudo aquele que se deixa levar facilmente, semelhante às feras. Singularmente, é no orgulho que esta paixão se enraíza, se reconstitui e se fortifica. Na medida em que a árvore diabólica do rancor, da cólera e da fúria é regada pela água pernicioso do orgulho, ela floresce, cresce e dá em abundância os frutos da iniquidade. Assim se edifica na alma a moradia inefável do maligno, que tem seu apoio e sua força nas fundações do orgulho. Assim, se você notar que a árvore da iniquidade – quero dizer, a paixão do rancor, da cólera e da fúria – seca em você e se torna estéril, a fim de que o machado do Espírito venha cortá-la e atirá-la ao fogo, segundo as palavras do Evangelho⁵⁴⁰, e destruí-la junto com todos os males; se você quiser que seja destruída a moradia da iniquidade, que o maligno edificou

540

Cf. Mateus III, 10.

maldosamente em sua alma, trazendo para ela, por qualquer motivo, por nossos atos e palavras, em nossos pensamentos, diferentes pretextos racionais e irracionais que são outras tantas pedras, preparando assim na alma sua morada de malícia, fundamentando-a a consolidando-a por meio dos pensamentos de orgulho; se, digo eu, você quiser que esta casa seja destruída e arruinada, tenha constantemente, sem esquecê-la jamais, a humildade do Senhor em seu coração: quem ele é, o que ele se tornou para nós, de que alturas ele desceu, estas alturas de divina luz tanto quanto possível revelada às essências do alto e glorificada nos céus por todas as naturezas espirituais, anjos, arcanjos, tronos, dominações, principados, poderes, querubins e serafins, e outras potências intelectuais inefáveis cujo nome não chegou a nós, conforme o enigma do Apóstolo⁵⁴¹. Lembre-se em que abismo de humilhação dos homens ele desceu por sua indizível bondade, em tudo fazendo-se semelhante a nós que estávamos nas trevas e nas sombras da morte⁵⁴², cativos desde a transgressão de Adão, e submetidos ao domínio do inimigo pelo efeito das paixões.

Enquanto estávamos infelizes em tal cativeiro, sob o império amargo da morte que não podíamos ver, o Mestre de toda criação visível e invisível não teve opróbrio. Ele humilhou a si mesmo, assumindo o homem submetido às paixões da infâmia e da concupiscência e condenado pela sentença do Mestre. Em tudo ele se fez semelhante a nós, mas sem o pecado⁵⁴³, ou seja, sem as paixões da infâmia. Pois as penas infligidas ao homem pela sentença do Mestre depois do pecado da transgressão – a morte, o sofrimento, a fome, a sede e as demais – ele as tomou todas sobre si, tornando-se aquilo que somos, para que nos tornemos aquilo que ele é. O Verbo se fez carne⁵⁴⁴, para que a carne se torne Verbo. De rico ele se fez pobre, para nos enriquecer com sua pobreza⁵⁴⁵. Em seu grande amor pelo homem, ele se fez semelhante a nós, a fim de que sejamos semelhantes a ele em todas as virtudes. Com efeito, depois que Cristo esteve entre nós o homem criado à imagem e semelhança se renovou verdadeiramente, pela graça e o poder do Espírito, alcançando enfim a medida do amor perfeito, que atira fora todo temor⁵⁴⁶ e que não pode mais estar submetido ao golpe da

queda, pois o amor não tomba jamais⁵⁴⁷. “Deus é amor, disse João, e quem permanece no amor permanece em Deus⁵⁴⁸”. Os apóstolos foram considerados dignos desta medida do amor, como também o foram aqueles que se dedicaram às virtudes e que foram levados diante do Senhor até a perfeição, seguindo a Cristo por toda a vida num desejo perfeito.

É preciso então que você recapitule continuamente, sem nada esquecer, a enorme humilhação de que se revestiu o Senhor por afeição a nós, em seu amor pelo homem: a moradia do Verbo no seio de Deus, sua assunção como homem, seu nascimento de uma mulher, o progressivo crescimento de seu corpo, as repreensões, os ultrajes, os insultos, as gozações, as injúrias, o chicote, as cusparadas, o abandono espiritual, a ironia, o manto púrpura, a coroa de espinhos, a sentença das autoridades contra ele, os gritos dos Judeus iníquos, os homens de sua raça: “Levem-no, levem-no, crucifiquem-no⁵⁴⁹”, a cruz, os pregos, a lança, a bebida de vinagre com fel, o triunfo dos pagãos, a ironia daqueles que passavam dizendo: “Se você é filho de Deus, desça da cruz e acreditaremos em você⁵⁵⁰”, e todos os outros sofrimentos que ele suportou por nós: a crucificação, a morte, o enterro por três dias num túmulo, a descida aos infernos. E depois os frutos destes sofrimentos, e que frutos! A ressurreição dentre os mortos, o inferno e a morte abandonados pelas almas que retornaram com o Senhor, a subida aos céus, o assento à direita do Pai, a honra e a glória acima de toda autoridade, de todo poder, de todo nome que seja possível pronunciar⁵⁵¹, a adoração de todos os anjos ao primeiro nascido de entre os mortos⁵⁵², em razão de seus sofrimentos, segundo as palavras do Apóstolo: “Que haja em vocês os mesmos sentimentos que em Jesus Cristo, ele que, embora de condição divina, não guardou para si aquilo que o igualava a Deus, mas se despojou de tudo para assumir a condição de escravo. Ele se tornou igual aos homens e se comportou como um homem. Depois ele humilhou a si mesmo, obediente até a morte, e morte sobre a cruz. É por isso que Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus Cristo

541 Cf. *Efésios* I, 21.

542 Cf. *Isaías* IX, 2.

543 Cf. *Hebreus* IV, 15.

544 *João* I, 14.

545 *2 Coríntios* VIII, 9.

546 Cf. *1 João* IV, 18.

547 Cf. *1 Coríntios* XIII, 8.

548 *1 João* IV, 16.

549 *Mateus* XXVII, 39-40.

550 *Mateus* XXVII, 39-40.

551 Cf. *Efésios* I, 21.

552 Cf. *Hebreus* II, 6-10.

todo joelho se dobre, nos céus, na terra e nos infernos⁵⁵³”.

Eis, segundo a justiça divina, a que glória e a que altura as razões que mencionamos levaram o Homem-Deus. Portanto, se em seu desejo e em suas disposições, você guardar em seu coração estas lembranças sem jamais as esquecer, você não será dominado pela paixão do rancor, da cólera e da fúria. A partir do momento em que os fundamentos da paixão do orgulho foram transformados pela humildade de Cristo que você recapitular em si, todo o edifício da iniquidade, da fúria, da cólera e da tristeza ruirá sem dificuldade, como que por si só. Pois qual coração de pedra, por mais duro que seja, não será partido, trespassado, humilhado, se guardar constantemente em seu intelecto esta humilhação que a divindade do Filho único assumiu por todos nós, e a lembrança dos sofrimentos de que falamos? Não fará ele de si mesmo terra e cinzas⁵⁵⁴, não se deixará ele pisotear por todos os homens, como diz a Escritura⁵⁵⁵? E se a alma é humilhada e partida à força de considerar assim a humildade de Cristo, que furor poderá dominá-la, que cólera, que rancor poderão carregá-la?

Mas naturalmente o esquecimento desses pensamentos que nos assistem e nos vivificam, sua irmã a negligência e seu auxiliar e parelha a ignorância, estas paixões da alma mais profundas e mais interiores, mais difíceis de descobrir e de corrigir, que velam e entenebrece a alma sob uma perigosa inconseqüência, preparam as paixões do mal para operar e se ocultar na alma, levando para aí o desrespeito e a negligência do bem, e permitindo a cada paixão entrar e se exercer sem perigo e sem dificuldade. Com efeito, uma vez recoberta a alma pelo esquecimento mau, pela negligência fatal e pela ignorância, a mãe e nutriz de todos os males, o infeliz intelecto, cegado, é facilmente acorrentado a tudo o que vê, pensa e escuta. Se, por exemplo, ele enxerga a beleza de uma mulher, ele é imediatamente atingido pela concupiscência da carne. E se depois disto ele rememora o que viu, escutou ou tocou com paixão ou com prazer, as lembranças gravarão nele imagens, pela impressão que aí deixam os pensamentos e a má meditação. Desta maneira elas sujam, sob a influência do espírito da prostituição, o pobre intelecto vítima da paixão.

⁵⁵³ *Filipenses* II, 6-10.

⁵⁵⁴ Cf. *Gênesis* XVIII, 27; *Jó* XLII, 6; *Eclesiástico* XVII, 32.

⁵⁵⁵ Cf. *2 Reis* XIX, 26.

A partir do momento em que a carne, se está cheia de saúde, de juventude, de seiva, é rapidamente levada à paixão por tais lembranças, e, estimulada pela concupiscência, faz seu trabalho, seja em sonhos, seja acordada, o homem se atira à impureza, mesmo se aparentemente ele não teve relação com uma mulher. Tal homem pode ser considerado por muitos como casto, virgem e puro, e até mesmo tido como santo, mas para Aquele que enxerga os segredos do coração, ele é considerado impuro, debochado, adúltero. E será com toda justiça que ele será condenado neste dia, se ele não se lamentar, não tomar seu luto, não ressecar a carne pelo jejum, as vigílias e as orações constantes, e se, curando e corrigindo o intelecto com santas recordações e a meditação da palavra divina, ele não oferecer um justo arrependimento a Deus, diante de quem ele pensou e cumpriu o mal. Pois jamais morre a palavra: “Em verdade vos digo, todo homem que olhar uma mulher com desejo já cometeu adultério com ela em seu coração⁵⁵⁶”. É por isso que convém, sobretudo aos jovens, se possível, jamais entreter-se com mulheres, mesmo que elas sejam consideradas santas. Se é possível igualmente viver separado dos homens, aquele que puder viver assim levará adiante um combate mais leve e sentirá mais claramente seu próprio progresso, sobretudo se for rigorosamente atento a si mesmo, se moderar suas necessidades, se se contentar em beber apenas água, e pouca, se velar muito e se consagrar à oração, dedicando-se inteiramente ao combate, esforçando-se por freqüentar pais espirituais experientes, vivendo e se deixando guiar por eles.

Pois é perigoso viver isolado, em idiorritmia, sem testemunhas, e com homens sem experiência no combate espiritual. Estes homens estão dedicados a outra espécie de combate. Pois são numerosos os embustes e as enganações ocultas do mal, e variadas as armadilhas colocadas de todos os lados pelo inimigo. Então, é preciso se esforçar e se impor viver, se possível, com homens de conhecimento, ou no mínimo de encontrá-los regularmente. Assim, mesmo que você não possua em si a lâmpada do verdadeiro conhecimento, por ser ainda uma criança e não ter atingido a perfeição da idade espiritual, se você fizer o caminho com alguém que tenha a lâmpada, você não caminhará nas trevas, você não estará exposto ao perigo das redes e armadilhas, e não cairá diante das feras espirituais que, escondidas nas pastagens das trevas, assaltam e despojam aqueles que andam no escuro, sem a lâmpada espiritual da palavra divina.

Se então, meu filho, você quiser adquirir sua própria lamparina de luz e de

⁵⁵⁶

Mateus V, 28.

conhecimento espirituais, para poder avançar sem tropeços na noite profunda deste século, e obter do Senhor que ele dirija sua marcha, para possuir a firme vontade de seguir o caminho do Evangelho, segundo as palavras do profeta⁵⁵⁷, ou seja, de abraçar com ardente fé os preceitos evangélicos mais perfeitos, e partilhar dos sofrimentos do Senhor pelo desejo e a oração, eu vou lhe mostrar um método maravilhoso e uma via espiritual que não requer nem penas nem combates corporais, mas que pede somente as penas da alma, a atenção do intelecto, uma reflexão contínua, com o recurso da assistência do temor e do amor a Deus. Seguindo este caminho, você poderá facilmente colocar em fuga a falange dos inimigos, a exemplo do bem-aventurado Davi que, pela fé e a confiança em Deus, foi ao encontro de um gigante estrangeiro⁵⁵⁸ e derrotou assim facilmente, junto com seu próprio povo, a multidão de inimigos.

Este é o tema fundamental de nosso discurso: imagine que existem três gigantes estrangeiros, poderosos e fortes. É sobre eles que está apoiado o poder hostil do Holofernes espiritual. E será após sua destruição e morte que todo o poder dos espíritos do mal naufragará enfim. Os que são considerados como estes três gigantes do maligno são a ignorância, a mãe de todos os males, o esquecimento, seu irmão, auxiliar e associado, e por fim a negligência, que tece dentro da alma um véu tenebroso de nuvens negras, que consolida e fortalece os dois outros, dando-lhes consistência e enraizamento e mantendo o mal na alma cada vez mais descuidada. É sob o efeito da negligência, do esquecimento e da ignorância que se fortalece e cresce aquilo que sustenta as demais paixões. Pois os três se ajudam mutuamente e não são capazes de se sustentar uns sem os outros. Eles surgem assim como a força das potências adversárias e o vigor dos príncipes do maligno. É por meio deles, de fato, que toda a armada dos espíritos do mal se insinua, se instala e se coloca para cumprir seus desígnios. Mas sem eles, nada do que mencionamos consegue se manter.

Se então você pretende obter a vitória contra as paixões de que falamos, e expulsar a falange dos estrangeiros espirituais, pela prece e com a ajuda de Deus, penetre em si mesmo, mergulhe nas profundezas de seu coração e siga as pegadas destes três poderosos gigantes do diabo, o esquecimento, a negligência e a ignorância, que sustentam os estrangeiros espirituais, e por meio dos quais as outras paixões se insinuem, agem, vivem e se fortalecem nas almas ignorantes e

⁵⁵⁷ Cf. *Salmo XXXVII*, 23.

⁵⁵⁸ Cf. *1 Samuel XVII*, 45.

nos corações que amam o prazer. Estes males, que a maior parte ignora até a própria existência, e que entretanto são mais perigosos do que os outros, você os descobrirá agora por uma atenção redobrada, pela aplicação de seu intelecto, pela graça do alto e pelas armas da justiça que se opõem ao mal, ou seja, a boa memória, causa de todos os bens, o conhecimento iluminado, pelo qual a alma desperta expulsa as trevas da ignorância, e por fim, pelo desejo mais nobre, o desejo de salvação que prepara e apressa a alma.

É revestido com estas armas da virtude, e com o poder do Espírito Santo, que, com todas as preces e suplicações, nobre e corajosamente, você vencerá o combate contra os três gigantes dos estrangeiros espirituais. Pela boníssima memória de Deus, considerando continuamente o que é verdadeiro, o que é nobre, o que é justo, o que é puro, tudo o que existe de bom na virtude e no louvor⁵⁵⁹, você afastará de si o esquecimento que está no fundo de todo mal. Pelo conhecimento celeste iluminado, você anulará a ignorância perniciosa que fundamenta as trevas. Enfim, pelo desejo pleno de virtude e de beleza, você expulsará a negligência atéia que enraíza o mal na alma. Porém você não adquirirá estas três virtudes pelo esforço da pura e simples vontade, mas pelo poder de Deus e a sinergia do Espírito Santo, graças a uma forte concentração e à prece. Assim você poderá escapar aos três poderosos gigantes do maligno que mencionamos.

Com efeito, é pela graça ativa que a obriga a permanecer na alma e guardá-la atentamente, que a harmonia do verdadeiro conhecimento, da lembrança das palavras de Deus e do bom desejo apagará da alma e reduzirá a nada os traços do esquecimento, da ignorância e da negligência. A partir de então, nela reinará a graça, em Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

⁵⁵⁹ Cf. *Filipenses IV*, 8.

